

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

LUÍS DE CAMÕES
OBRAS
COMPLETAS

COM PREFÁCIO
E NOTAS DO PROF.
HERNÂNI CIDADE.

VOLUME III
AUTOS E CARTAS



LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORIA LISBOA

OBRAS COMPLETAS
DE
LUÍS DE CAMÕES

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses Autores estrangeiros

A venda :

SA DE MIRANDA — Obras completas, 2 volumes
F. MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*
JOAO DE BARROS — Panegíricos
TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES — Discurso do Método, Tratado das Paixões da Alma
DIOGO DO COUTO — O Soldado Prático
FREI LUÍS DE SOUSA — Anais de D. João III, 2 volumes
HOMERO — Odisseia, 2 volumes
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*
M.^{me} DE SEVIGNÉ — Cartas Escolhidas
ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, 2 volumes
HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, 4 volumes
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*
FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*
LA BRUYÈRE — Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *selecção*
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*
GIL VICENTE — Obras Completas, 6 volumes
BOCAGE — Poesias, *selecção*
AMADOR ARRAIS — Diálogos
HOMERO — Ilíada, 3 volumes
JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*
DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldela
JOAO DE BARROS — Décadas, *selecção*, 4 volumes
DIOGO BERNARDES — Obras Completas, 3 volumes
CANCIONEIRO DA AJUDA — volume I
CAMÕES — Obras Completas, 5 volumes
FREI LUÍS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, 3 volumes
DIOGO DO COUTO — Décadas, 2 volumes
HOMERO — Poemetos e Fragmentos
FONTES MEDIEVAIS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — volume I
LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar — 5 volumes
BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas, 2 volumes
P.^o ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — 12 volumes
JOÃO DE BARROS — Crónica do Imperador Clarimundo, 3 volumes
DANTE — A Divina Comédia, 3 volumes (II e III no prelo)
FRANCISCO DE HOLANDA — Diálogos de Roma.
DEMÓSTENES — Oração da Coroa.

A seguir :

Outras obras em preparação.

Cada volume 25\$00 — Tiragem especial de 100 ou 200 exemplares, numerados e rubricados. 90\$00

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA



Luís de Camões

OBRAS COMPLETAS

com prefácio e notas do
prof. **Hernani Cidade**



VOLUME III

AUTOS E CARTAS

2.^a edição



LIVRARIA SÁ DA COSTA—EDITORIA

Rua Garrett, 100-102

LISBOA

*Desta obra tiraram-se 200 exemplares
em papel Leorne, da Companhia do Pa-
pel do Prado, numerados e rubricados.*

*Todos os exemplares são autenticados
com a rubrica dos editores*

**PROPRIEDADE DA
LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA**

**1 9 5 6
Composto e impresso na
Tipografia Bertrand (Irmãos), Lda.
Trav. da Condessa do Rio, 7
L I S B O A**

PREFÁCIO

Os três autos que constituem o teatro de Luís de Camões foram, como quase toda a Lírica, pòstumamente publicados.

Em 1587, os Enfatriões e Filodemo, incluídos na Primeira Parte dos Autos e Comédias Portuguezas feitas por António Prestes & por outros Autores Portuguezes, cujos nomes vão no princípio de suas obras. Agora novamente juntas & emendadas nesta primeira impressão, por Afonso Lopez, moço da Capela de sua Magestade & à sua custa.

O texto de El-Rei Seleuco foi pela primeira vez incluído na publicação que da obra de Camões fez Paulo Craesbeck em 1644-1645 (1). Saiu no 2.º tomo, em 1645.

(1) Juromenha (IV, 48), como T. Braga (ed. do Auto), no encalce do P. Tomás J. de Aquino, recuam esta data erradamente para 1616.

Supôs Teófilo Braga que o Auto dos Enfatriões haja sido escrito nos tempos de escolaridade em Coimbra, sob o estímulo dos costumes universitários. Não deveriam eles diferir entre aquela cidade e Salamanca, onde aos colégios cumpria fazer representar anualmente uma Comédia de Plauto ou Terêncio. Mais directa prova será o facto de em 1546 tornar a nossa Universidade obrigatórias as representações clássicas (aliás já anteriormente realizadas no Colégio de Santa Cruz) e ali António Ferreira, ainda moço escolar, fazer representar a sua comédia Cioso, por ele e pela mesma Universidade oferecida ao príncipe D. João, pai de D. Sebastião. Aponta nele Storck, todavia, nos Anfatriões, a alusão aos de Alfama:

*Que não digam os de Alfama
Que não tenho namorada,*

do que parece dever depreender-se que, se em Coimbra recebeu a sugestão ou mesmo escreveu a peça, em Lisboa é que ela foi representada. Mas não será expressão corrente no tempo, como, por outro lado, talvez se deva concluir da sua repetição na pág. 264 —

... não digam os de Alfama que não tenho guardador...?

Quanto ao Auto del-Rei Seleuco, consta do próprio conteúdo ter sido representado em Lisboa, em casa do cavaleiro-fidalgo Estácio da Fonseca, reposteiro de D. João III, a quem deveu a nomeação de almoxarife dos Paços da Alcáçova e recebedor dos dinheiros das aposentadorias da corte. Como logo na apresentação do auto (pág. 77) o Mordomo ou Dono da Casa aluda à festival noite que está decorrendo, e, na pág. 126, em que ao auto põe remate o mesmo Dono da Casa, agora já designado por seu nome

— Estácio da Fonseca—Martim Chinchorro convide os assistentes a festejar os noivos, julgou Storck ser finalidade da festa a celebração, não da noite de Natal, como pensou Teófilo Braga, mas dum noivado. E os noivos seriam chamados, ele Mendes e ela Gonçalves, precisamente os dois patronímicos daquela cantiga — Com vossos olhos Gonçalves... / Este meu coração Mendes — que mais tem suscitado a lucubrações os exegetas camonianos.

Esta hipótese tem sobretudo o mérito de dar àquele discutidíssimo problema uma solução de simplicidade aliciante. O que é

pena é que seja a cantiga tão desligada de comentários que possam aproveitar-se em favor de tal hipótese. Ergue-se tão alheia à acção e às circunstâncias como a que a antecede:

Enforquei minha esperança,
E o Amor foi tão madraço,
Que lhe cortou o braço.

Mas vale a pena insistir e perder tempo em tais nugas por outro motivo que não seja o gostoso exercício da fantasia?

Outros problemas de maior importância estão ligados a este auto: Alude Camões a sua prima Isabel Tavares, a Menina dos olhos verdes, na grossaria da pág. 91? Refere-se à rainha D. Catarina, na pág. seguinte, ao falar de Catarina Real, semeando parvos de sua joeira? E, sobretudo, a intriga do auto — um rei que renuncia à esposa a quem ama, a favor do filho que por ela se define — pretende acaso ser uma censura, pelo contraste do exemplo, ao procedimento de D. Manuel, casando com a noiva destinada ao filho D. João?

A primeira hipótese implica da parte de Camões tão grosseira incontinência nos des-

pejados despeitos, que, para a aceitarmos, seria necessário que nos fosse imposta pela evidência — e não apenas buscada pelo biografismo indiscreto.

A segunda suposição também não parece de mais sólido fundamento. Aquele Rei D. Sancho que entra bailando os machatins, ao mesmo tempo que Catarina Real semeia parvos, afigura-se absolutamente irreduzível à exegese histórico-literária — e destinge para a outra possível alegoria o negrume da própria ininteligibilidade.

E quanto à hipótese da intenção política do auto?

Tem-se por ventura esquecido, nas congeminações acerca do assunto, a data do casamento de D. Manuel com D. Leonor de Austria, a infanta primeiro destinada ao filho primogénito do Venturoso. Foi em 1518 que D. Manuel casou, falecendo três anos depois. Um e outro acontecimento precederam o nascimento do Poeta. Com que interesse macabro, passado aproximadamente um quarto de século, morta certamente a questão e já de todos quase deslembrada, Camões haveria de revolver cinzas de sepulcro, nem sequer o levando a isso a lembrança de qualquer emoção pessoal? E se Estácio da Fonseca

*permitia a representação do auto em sua casa — e nela tomava parte — não era porque a peça não melindrava os seus sentimentos de áulico? Não seria com uma sátira ao pai, a distância da vida que dele apagava todos os defeitos e delia as recordações penosas que tinha deixado, que escudeiro e cavaleiro-fidalgo — Camões e Fonseca — podiam lisongear a sensibilidade do filho. Depois, no auto, figura-se uma paixão doentia do príncipe pela madrasta. Na realidade da história, D. João III recusara casar com a viúva de seu pai, não obstante ser a isso aconselhado pela Câmara de Lisboa, apoiada por D. Jaime, duque de Bragança, no sentido de evitar que D. Leonor desviasse de Portugal para Espanha suas valiosíssimas arras. Além de tudo, o tema interessava no tempo a moralistas e a médicos, pelo processo do diagnóstico posto em prática pelo físico do príncipe, e sobre ele haviam escrito, quando Camões teria os seus quinze anos, o médico António Luís, traduzindo obras de Galeno, e o humanista Jorge Coelho, em seu livro *De patientia christiana*.*

O local da representação deste auto não permite estabelecer a sua data, senão na época de esplendor palaciano da vida do

Poeta. Alude-se nele aos Apóstolos, designação por que eram conhecidos os Jesuítas, vindos para Portugal em 1540. Camões julga-se ter vindo de Coimbra para Lisboa em 1542, iniciando então a sua frequentação da Corte e dos salões aristocráticos. Será assim este o termo a quo, devendo fixar-se o termo ad quem no ano da sua partida para a Índia, senão no da partida para Ceuta. Prazo largo, de vagos limites, mas... não há possibilidade de mais o encurtar nem melhor precisar.

Quanto à representação do Auto de Filodemo, diz a nota do Ms. de Luís Franco: Comédia feita por Luís de Camões — Representada na Índia a fr.^{co} de barreto.

Foi Francisco Barreto investido no cargo de Governador em 1555, e seria a representação do auto nos festejos que celebraram o acontecimento. Se foi escrito então, no caminho para a Índia ou ainda em Lisboa, não se sabe. Nada se poderá dizer senão que o ambiente físico em que a acção decorre e o ambiente espiritual que parece implicar, são europeus.

Também a intriga deste auto levou o Prof. José Maria Rodrigues a suspeitar não ter sido estranho à sua inspiração o amor de Camões pela Infanta D. Maria, filha de D. Manuel.

Uma princesa que se entrega a um fidalgo português, não podia deixar de confirmar a conjectura da situação amorosa atribuída ao Poeta... Lembremos, todavia, em primeiro lugar, que o episódio, por seu trágico desenlace, mais parece concebido por pai de filha requestada para amor desigual, do que por namorado pobre que põe seu sonho em tão grande altura. Depois, ocorrem no auto versos destes, que, tendo a significação que lhes foi atribuída, seriam mais do que inconvenientes, de atrevidos — desvairadamente provocadores:

Bofé, que estava cuidando
Que é muito pera haver dó
Da mulher que vive amando.

.....

O homem tem ocupações várias;

Mas a coitada
Da mulher sempre encerrada,
Que não tem contentamento,
Não tem desenfadamento
Mais que agulha e almofada ?

Então isto vem parir
Os grandes erros da gente,
Em que já antigamente
Foram mil vezes cair
Princesas de alta semente.

Lembra-me que ouvi contar
De tantas afeiçoadas
Em baixo e pobre lugar,
Que as que agora vão errar
Podem ficar desculpadas.

Se atribuirmos a estas estrofes intenção alheia à que as integra na situação a que correspondem no auto, logo assumem o cunho de cínico descaro ou estouvamento delirante, pouco conciliáveis com o nosso conceito do Poeta — cavaleiro, tanto, pelo menos, como namorado.

★★

São conhecidas as obras que sugeriram a Camões estes autos. Os Enfatriões imitam, mas com grande liberdade de criação pessoal, a comédia de Plauto — Amphitruo.

As diferenças são, na verdade, grandes e já Bouterwek escreveu:

«Quem não conhece o Amphitruo de Plauto

deve tomar como obra original de Camões a comédia de igual nome. Toda a fábula da peça é modernizada, sem atenuação da força cômica das situações. Júpiter tinha de ficar quem era; mas Mercúrio, que acompanha o disfarçado Júpiter, imprime ao criado estilo bem português. Anfitrião realiza um capitão de navios segundo maneira igualmente portuguesa. Sósia, o criado de Anfitrião, torna-se um gracioso mais fino, que fala espanhol, posto que de Sósia conserve o nome. As cenas burlescas em que este Sósia figura, ganham interesse no facto de Mercúrio, que novamente fala português, começar a falar espanhol, logo que toma o papel de falso Sósia. Valeria a pena saber se esta engraçada Comédia ainda é levada à cena em Lisboa».

Mas há diferenças ainda maiores do que as apontadas pelo crítico alemão. E em primeiro lugar, a estrutura geral da farsa, em Camões logo iniciada com a acção a desdobrar-se, em Plauto introduzida por longo discurso de Mercúrio sobre o conceito de comédia e tragi-comédia. Nele nos expõe ainda a situação de amor consumado em que já se encontram Júpiter e Almena, enquanto Camões a faz preceder dos monólogos de

Almena e Brómia, e de Júpiter e Mercúrio.

A própria mudança de título não dá logo o diferente sentido essencial da peça? É verdade que não falta na comédia plautina claro sorriso irónico perante o singular nascimento de Hércules, como já o observou Lessing. Mas, enquanto Plauto dá a sabida explicação do miraculoso nascimento do herói, como distribuindo a atenção pelo cómico e pelo miraculoso do facto, Camões concentra-a inteiramente na comicidade do qui-pro-quo das personagens duplas, reduzindo a quase nada as cenas finais: a revelação de Júpiter, manifestando-se trovejanamente, de modo que Anfitrião sucumbe ante sua majestade divina, a quem reza, e o nascimento dos dois gêmeos de Almena, um filho de Anfitrião, outro filho de Júpiter, este sobrehumanamente forte, ao ponto de logo matar a serpente que o ataca no berço.

E porque o nosso Poeta, desatento de tudo isto, quase apenas vê os jogos cómicos de Anfitrião e de Júpiter, que como ele se apresenta, de Sósia e de Mercúrio, que tal qual o repete, é que ele desenvolve, aproveitando e aguçando de mais finas pontas todo o cómico que nestes diálogos Plauto mais de uma vez apenas esboçara. Além do que, lhes

deu mais viva naturalidade, reduzindo os apartes em que Mercúrio se alonga.

Difere o carácter do Sósia camoniano do do Sósia plautino. Aquele, namorado das graças carnaes de Brómia, das delícias do sono, dos encantos da música, e naturalmente tolhido de cobardia, enche de cómico gracioso mais de uma cena que Plauto esboçara como grosseira expressão de cómico burlesco.

Depois, Camões a portuguesa a Júpiter e a Almena, tocando-os de ternura que Plauto desconhece, e brilham de graça petrarquista os diálogos entre ambos; sobretudo no momento da despedida, têm o encanto de algumas das melhores redondilhas que no género compôs o grande Poeta.

Notemos, finalmente, a inserção, no auto camoniano, dos diálogos amorosos entre os criados: Feliseu ou Mercúrio-Sósia e Brómia. Nos outros autos, não foge Camões à tentação de igualmente nos dar, além das cenas de finos amores petrarquistas, mesmo quando de sentidos saciados ou despertos, as cenas de afeições mais sensuais, com contactos desimpedidos de pudor e linguagem desembaraçada de dialéctica. Assim no Auto de El-Rei Seleuco, entre o Porteiro e a Moça; no

Auto de Filodemo, *entre Duriano e Solina, esta de mais elevado tom, posto que mais faceta do que sentimental, e não menos picante de abraços e beijos.*

O Poeta reserva para os autos, como para os poemas em redondilhas, as expansões sensuais da mocidade, que o platonismo dos sonetos, elegias e canções comprimia; e aquele mesmo diálogo entre Duriano e Filodemo bem parece representar as duas faces camonianas, como dois heterónimos da mesma pessoa, viva e humaníssima. (vid. pág. 154).

O Auto del-Rei Seleuco *teatraliza o episódio, contado por Plutarco, sobre a paixão de Antíoco por Estratonice, mulher del-Rei Seleuco, seu pai. Conta o biógrafo que, como o príncipe declarasse um dia que o seu mal era um desejo culposo, mas que não imaginava maneira de lhe pôr termo, e, sob color de doença que lhe provocava fastio, se privasse da alimentação e dos cuidados de que carecia, o médico Erasistrato em breve reconheceu que era o amor a causa do mal. Para se certificar de qual o objecto de tal sentimento, ficou por todo um dia junto do príncipe, nele observando,*

quando qualquer pessoa lhe entrava no quarto, a reacção da sua alma através dos movimentos e afecções do seu corpo. Quando o visitava Estratonice, só ou acompanhada do rei, logo no príncipe, calmo em todas as outras ocasiões, se tornavam sensíveis todos os efeitos descritos por Safo: o suspender da fala, o sombrear dos olhos, o rebentar do suor, o alterar do pulso, enfim, a angústia, o tremor, a palidez da alma subjugada. A conclusão que disso o médico tirou confirmava-a a circunstância de que só um amor destes podia assim provocar a tortura silenciosa ante o impossível e o inconfessável.

Conta a seguir Plutarco o que no auto camoniano se apresenta mais conforme ao modelo — o estratagema do médico e a reacção do rei. Acrescenta, porém, o autor grego que Seleuco reuniu os vassallos em assembleia, para lhes declarar a sua decisão de elevar seu filho a rei e manter sua mulher a rainha dos seus Estados, casando-os. Se, porém, esta se mostrasse descontente ante o procedimento insólito, pedia aos seus amigos lhe representassem que lhe cumpria acatar como justo e bom tudo o que ao rei aprouvesse e ao Estado fosse conveniente. E

assim se realizou o casamento de Antíoco e Estratonice.

Como se vê, o rei camoniano não é bem este herói de Plutarco. É bonacheirão e simples (1). Cede a mulher, conservando o trono, mas fá-lo com festas, pois que — diz resignado, obediente aos fados:

Deste modo entrou o mundo.
E assim há-de sair.

O herói plutarquiano procede por outra forma, para manter a rigidez imposta pelo tipo, grato a quem o criou ou copiou da realidade. Cede mulher e trono, mas salva a dignidade, na aparência da vontade soberana. E chama a corte a colaborar involuntariamente na mentira política que ele inventa, para transformar a real aceitação da fatalidade, na fictícia iniciativa da vontade heróica.

Pelo que respeita ao Auto de Filodemo, que a crítica, não sem razão, chama comédia novelesca, ainda se não sabe se é de criação alheia a novela ou romance teatra-

(1) Ver o fino estudo crítico que a este Auto consagra o Prof. Vieira de Almeida no *Auto del-Rei Seleuco*, da colecção «Ocidente».

lizado pelo Poeta. Seja como for, e apesar de sua falta de unidade, pois são duas intrigas independentes, cujas recíprocas intermissões de modo nenhum constituem interdependências inevitáveis, é dos autos camonianos o mais cheio de interesse. Não tanto pela variedade do conteúdo, como pela finura dos desenhos de algumas personagens e pela verdade e naturalidade de certos diálogos.

Variedade das figuras de maior relevo: Filodemo e Duriano; Dionisa e Solina; e o velho Senhor D. Lusidardo e suas ocupações de jardinagem, enquanto o filho se distrai caçando; e a figura vicentina do Bobo... Depois, a variedade de aspectos cénicos: as cenas de interior palaciano — Dionisa e Solina bordando e fazendo confidências de amores; as cenas de ar livre, de penetrante frescura de idílio, como aquela formosa pastorela do encontro, paixão e casamento de Venadoro e Florimena.

Solina, amorosa e ladina, conversando com Filodemo acerca de Duriano, a quem ama, manda-lhe pelo amigo recado que é, todo ele, processo indirecto de levar a água ao seu moinho, ou melhor — um paulatino resualar na sinceridade da confissão:

Sabei que a Duriano
Tenho sobeja afeição

O diálogo entre ela e sua ama Dionisa, que primorosa, natural tessitura de palavras que ocultam ideias, de outras que só as dizem a meio, de outras ainda que, em momento de incontida sinceridade, se escapam à vigilância do pudor voluntarioso, mas logo são renegadas em assomos de rigor acordado! E tudo Solina observa e resume inteligentemente no monólogo que enche as páginas 161 e 162. Por seu turno, esta, que também põe na malícia experiente fugazes deliquescências de coita amorosa, interrompe bruscamente o seu diálogo com Duriano a respeito dos amores entre Filodemo e Dionisa, para lhe perguntar:

Dir-vos-ia de mi lá
O que lhe eu disse, zombando?

Entre Duriano e Solina, o diálogo é o da malícia faceta e sensual com a afeição precavida, que logo se recupera no próprio momento em que arrisca render-se...

E todos estes preciosos achados de observação psicológica, num verso admirável de fluidez, que põe em ritmo melodioso uma

linguagem em que a acre vivacidade do metaforismo popular, dos ditados prontos e expressivos, dos enxertos folclóricos, se intercala em finas subtilezas de dialéctica petrarquista, graça preciosa de jogos verbais, vigor de sínteses perfectas de aspectos da complexidade da vida interior.

É bem certo que o Camões comediógrafo se não ergue à altura do Camões lírico ou épico, mas o desnível a que lhe ficam todos os outros seguidores de Gil Vicente explica o entusiasmo com que um contemporâneo o exalta no conhecido soneto:

Quem é este que, na harpa lusitana,
Abate as Musas gregas e latinas,
E faz que ao mundo esqueçam os plautinas
Graças, em graça alegre e lira ufana?

... ..

Se tu, triunfante Roma, este alcançaras
No teu teatro e cena luminosa,
Nunca do grão Terêncio te admiraras... (1)

(1) Creio que no meu livro *Luís de Camões. III—Os Autos e o teatro do seu tempo; as Cartas e o seu conteúdo biográfico* justifica a que de substancial verdade há nesta hipérbole poética.



O leitor verá nas notas de página ou nas Variantes e Notas finais o que acerca das Cartas aqui insertas cumpre saber. Igualmente poderá ver, nas Variantes e Notas ao II volume, neste incluídas, mais de uma nota indispensável à melhor interpretação dum verso, ao melhor conhecimento dum poema; e também não falta uma ou outra deslocada para essas páginas, porque não ocorreu até o momento da impressão daquela a que diz respeito. Há certos redutos de sombra, certos pormenores menos visíveis da obra camoniana, que não se tomam de assalto. É natural que a terceira ou quarta leitura seja mais clarividente do que a primeira — e natural também que, depois do esforço que nesta edição se realiza, um ou outro leitor mais curioso, mais penetrante ou mais culto consiga ver mais fundo e claro do que nos foi possível.

Se o esforço por nós cumprido tiver o mérito de estimular outros que o superem em resultados, será essa a sua principal compensação, a mais grata, porque a mais ambicionada — e necessária.



E ao pôr neste Prefácio o ponto final ao que havia a dizer da obra lírica e teatral do Poeta, gostosamente cumprimos o dever de agradecer a quem melhor auxílio nos prestou. E foram, entre os mortos, — não esquecendo Agostinho de Campos—D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Guilherme Storck, este com as traduções em alemão, acompanhadas de riquíssimas notas, da obra — Luis' de Camões Sämmtliche Gedichte — e aquela com as eruditas recensões críticas que destes seis volumes publicou na revista Zeitschrift für Romanische Philologie, além da obra que deixou dispersa em revistas e nos dois volumes de Estudos Camonianos — O Cancioneiro de Fernandes Tomás e o Cancioneiro do P. Pedro Ribeiro. Também me não foram inúteis as notas de Faria e Sousa, de tão larga e rica leitura poética, e do V.^{de} de Juromenha, cujo entusiasmo de trabalhador em boa parte supre suas deficiências de crítico. Entre os vivos, cumpre mencionar os Drs. Marques Braga, Vieira de Almeida e Costa Pimpão. A riqueza de notas que o primeiro inseriu na sua edição diplomática dos Autos é de consulta hoje indispensável a quem os estude,

para publicar ou para entender. Algumas bem inteligentes lhes juntou o Prof. Vieira de Almeida. E quanto à edição do Prof. Costa Pimpão, com tanto carinho e escrúpulo realizada, aqui lhe reconhecemos a utilidade — até nas reacções críticas que dela nos afastam.

E the last, not the least: houve duas grandes memórias sempre presentes neste trabalho: a de Teófilo Braga e a de José Maria Rodrigues, meus professores na Faculdade de Letras de Lisboa. Presentes, mesmo quando houve de lhes pôr de parte a lição, por deficiência de informe ou excesso de fantasia. Presentes, ao menos, no estímulo do seu grande e inesquecível exemplo de fé no trabalho, na comovida comunhão em que me iniciaram: o culto do grande Poeta em que a Nação e a raça se espelham, sublimadas.

Antes do ponto final neste Prefácio — últimas palavras que o editor junta à obra genial de que o presente volume completa a segunda edição — bem se compreenderá ele exprima a alegria de a ter levado a cabo. Foi-lhe possível corrigir o texto, melhorar e completar as notas e os próprios prefácios, tudo no comovido empenho de melhor acertar o esforço com a grandeza do Poeta, de lhe dar a repa-

*ração de deslises de atenção ou obnubilações
de clarividência, de responsabilidade própria
ou alheia, no tratamento do legado que a
todos nos enriquece.*

HERNANI CIDADE

AUTO DOS ENFATRIÕES

Feito por LUIS DE CAMÕES, em o qual entram
as figuras seguintes:

Anfatrião; Almena, sua mulher, Sosia, seu moço; Brómia, sua criada; Belferrão, patrão; Aurélio, primo dela, com seu moço; Júpiter e Mercúrio; e entra logo Almena, saudosa do marido, que é na guerra, e diz

Almena Ah! Senhor Anfatrião,
Onde está todo meu bem!
Pois meus olhos vos não vêem,
Falarei co coração,
5 Que dentro n'alma vos tem.
Ausentes duas vontades,
Qual corre mores perigos,
Qual sofre mais crueldades:
Se vós entre os inimigos,
10 Se eu entre as saudades?

Nota: A forma correcta do nome é *Anfitrião*. No auto camoniano ocorre como título *Enfatriões*, mas no texto, posto venha como nome da personagem *Enfatrião*, é muito mais frequente a forma *Anfatrião*, pelo que é nesta que uniformizamos a lição da presente edição.

Este auto é imitação da comédia do Plauto, escritor latino (por 250-184 A. C.) intitulada *Amphitruo*, que percorreu o teatro europeu de Quinhentos, na imitação do espanhol Villalobos e do italiano Ludovico Dace, sendo posteriormente imitada pelo inglês Dryden e por Molière e tendo no século XVIII sugerido ao judeu português António José da Silva a *ópera*, que hoje chamaríamos *opereta* — *Anfitrião* ou *Júpiter e Almena*.

Que a Ventura, que vos traz
Tão longe de vossa terra,
Tantos desconcertos faz,
Que se vos levou à guerra,
5 Não me quis deixar em paz.
Brómia, quem, com vida ter,
Da vida já desespera,
Que lhe poderás dizer?
Brómia Que nunca se viu prazer,
10 Senão quando não se espera.
E portanto não devia
De ter triste a fantasia;
Porque Vossa Mercê creia,
Que o prazer sempre salteia
15 Quem dele mais desconfia.
Eu tenho no coração,
Do Senhor Anfatrião
Venha hoje algũa nova.
Não receba alteração,
20 Que a verdadeira afeição
Na longa ausência se prova.
Almena Dizei logo a Feliseu
Que chegue muito apressado
Ao cais, e busque meio
25 De saber [se] algum recado
Do porto pérsico veio.
E mais lhe haveis de dizer,
(Isto vos dou por ofício)
De algũa nova saber,
30 Enquanto eu vou fazer
Aos Deuses o sacrifício.

II. *Não devia* — subentende-se — *Vossa Mercê*. Eis a explicação do tratamento na 3.^a pessoa do singular, frequente nestes autos.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Vão-se e vêm Feliseu e Calisto, e diz

Brómia Saudades de minha ama,
Chorinhos e devações,
Sacrifícios e orações,
Me hão-de lançar nũa cama,
5 Certamente.
Nós, mulheres de semente,
Somos sedenho tão tosco!...
Com qualquer vento que vente,
Queremos forçadamente
10 Que os Deuses vivam connosco.

Quero Feliseu chamar,
E dizer-lhe aonde há-de ir.
Mas ele, como me vir,
Logo há-de querer rinchar,
15 De travesso.

2. O mesmo que devoções.

6. *De semente* — o mesmo que *de boa geração*.

7. A palavra *sedenho* significa o cordão de seda por meio do qual uma ferida se conserva aberta, mas também significa *cilício*. Em qualquer caso, o sentido parece ser que as mulheres de bca geração não são sofredoras como as outras; precisam de, à mais pequena contrariedade, recorrer à protecção divina.

8. Na 1.^a ed. — *Que com...*

14. A metáfora é tirada do costume dos cavalos, que rinham de cio ao ver a fêmea.

5 Eu que de zombar não cesso,
Por ficar com ele em salvo,
Lanço-lhe um e outro remesso;
Aos seus furto-lhe o alvo,
E então ele fica avesso.

10 Porque o melhor destas danças,
Com uns vendiços assi,
É trazê-los por aqui
Ó cheiro das esperanças,
Por viver.
Há os homem de trazer
Nos amores assi mornos,
Só pera ter que fazer;
E depois, ao remeter,
15 Lançar-lhe a capa nos cornos.

2. Na 1.^a ed. — *em salva*, o que é erro evidente. A expressão é adverbial e significa — *sem me comprometer*.

3. O mesmo que *tiro* e, neste verso, *dito*, *remoque*.

5. O mesmo que *contrariado*, como quem dispara *tiro avesso* — que não dá no alvo.

7. Homens de fora da terra, quase *vagabundos*, e por isso, pessoas em quem as mulheres honestas não podem ter confiança, mas podem ir alimentando a esperança, para os utilizar. (*Vid.* nota a este passo na ed. do «Ocidente», anotada pelo Prof. Vieira de Almeida).

9. *Ó está por ao*.

11. Entenda-se: *Homem há-de os trazer...* sendo *Homem* o sujeito indeterminado da oração, com o mesmo sentido — e étimo — que o indefinido francês *on*.

15. *Brómia* é de expressão bem vigorosa e desenvolta... Depois da comparação de *Feliseu* com o cavalo, a comparação com o touro. Por seu turno, ele chama-lhe mais adiante *cadela*, epíteto também usado num poema da *Lírica* (Vol. I, pág. 65).

— Feliseu, se estais à mão,
Chegai cá! — Vem como um gamo;
Bem sei que não chamo em vão.

Vem Feliseu

Feliseu Chamais-me? Também vos chamo;
5 Porém eu ouço, e vós não.
Senhora, que me matais!
Se vós já nunca me ouvis,
Ou me ouvis e vos calais,
10 Dizei: porque me chamais,
Se me vós a mim fugis?

Brómia Eu vos fujo?

Feliseu Fugis, digo,
De dar a meus males cabo.

Brómia Sabei que desse perigo
15 Não fujo como de imigo,
Fujo como do diabo.

Feliseu Dai ao demo essa tenção,
Usai antes de cortês;
Caí vós nesta razão.

20 *Brómia* Do p'rito fogem os pés,
Do diabo o coração.

Feliseu Dizeis-me que nessa briga
Do meu coração fugis?!

Brómia Ainda que eu isso diga...

25 *Feliseu* Ah! minha doce inimiga,
Bem sinto que me sentis!
Mas pera que me chamais?

- Brómia* Manda-vos minha Senhora
Que chegueis daqui ao cais,
E algũas novas saibais
De Anfatrião nesta hora.
- 5 *Feliseu* Quem as não sabe de si,
De outrem como as saberá?
Brómia Não nas sabeis vós de mi?
Feliseu Má trama venha por ti,
Dona feiticeira má!
- 10 *Brómia* Porque não me olhas direito,
Cadela, que assi me cortas?
Brómia Porque vos quero dar portas;
Que, se eu olhar de outro jeito,
Trarei cem mil vidas mortas.
- 15 *Feliseu* E pois pera que me andais
Enganando há cem mil anos?
Brómia Dou-vos vida com enganõs.
Feliseu Nesses enganinhos tais
Acho cruéis desenganos.

8. *Trama* pode significar *inchaço* e assim a frase tem o sentido: *má doença te leve*. Encontramos a mesma expressão no *Auto de Filodemo*.

11. ...*me cortas*, o mesmo que *me mordes*. O verbo é mais de uma vez empregado no sentido de *causar dor*.

12. *Dar portas* é o contrário de *dar entrada*, ou seja *dar esperanças*, *consentir atrevimentos*.

Brómia Quanto a esses vos quero eu dar:
Vós cuidais que estais na sela?
Pois podeis-vos descer dela,
Que eu nunca vos pude olhar.

5 *Feliseu* Jogais comigo à panela?

Tendes-me há tanto cativo,
E desenganais-me agora?
Tudo isto é o que privo!
Assi, que é isso, Senhora?

10 *Dou-che-lo morto, dou-che-lo vivo?*
Se me vós desenganais
No cabo de tantos anos,
Direi, se licença dais:
Dais-me vida com enganoso.

15 Desenganos, já chegais.

Mas se isso havia de ser,
Dizei, má desconhecida,
Desterro de meu viver,
Que vos custava dizer:

20 Amor, vai buscar tua vida?

2. *Estais na sela* o mesmo é que *em situação de me dominar*.

5. Alusão a qualquer jogo do tempo, e o sentido será o que nos versos seguintes directamente se exprime.

8. *O que vos mereço como vosso privado, o que obtenho de privativo*.

10. Era a frase de um jogo que consistia em fazer passar de mão em mão uma vela ou um pau a arder. A ele alude Couto na *IV Década*, Liv. V, Cap. IV. Também Marques Braga (ed. dos *Autos* da R. Acad. Esp.) cita a *Aulegrafia*, de Jorge F. de Vasconcelos.

14-15. *Vid.* p. 6, v. 17-18. Entenda-se: *Vós dizeis que me dais vida com enganoso; eu direi: Já basta de enganoso*. Storck traduz: *Dai-me vida com enganoso*.

17. *Desconhecida* opõe-se a *reconhecida*, grata.

- 5 *Brómia* Zombais? Falais-me cóprinhas?
Feliseu Rir-vos-eis, se vem à mão.
 Copras não, mas isto são
Ânsias y pasiones minhas
 Dos bofes e coração.
- 10 *Brómia* Is-vos fazendo de uns sengos...
Feliseu *Perdoneme Dios, si peço.*
Brómia Nesses dentinhos framengos,
 Conheço que sois um peço
 De todos quatro avoengos.
Feliseu Tudo vos levo em capelo,
 Já que estais tanto em agrão.
 Porém, falando singelo,
 15 A furto desse mau zelo,
 Quereis-me dar um abraço?

1. Diminutivo de *copras*, ou *cobras*, que era a designação usada nos *Cancioneiros*, forma popular de *cópulas*, porque as estrofes são compostas de versos *copulados* pelas rimas. Dizemos hoje *coplas*.

6. *Sengos* vem de *Cynicos*. O significado pode ir de *prudente* a *dissimulado*.

7. Mostrou D. Carolina Michaëlis que são palavras de um verso de Garci Sanchez de Badajoz, nas *Lamentaciones de Amores*. *Revista Crítica de História y Literatura* II, pp. 114-133.

8. Forma arcaica de *flamengos*.

10. *Um parvo dos quatro costados*.

11. Entenda-se: *Tudo vos suporto*. Capelo — diz Moraes — «se toma como repreensão». A palavra, porém, também significava, tal como *capelinha*, peça da armadura que defendia a cabeça. Assim, o sentido seria: *Tudo vos suporto com a cabeça defendida, sem que me magoeis*.

12. *Agrão* é uva verde, pelo que a frase significa: *Já que estais ainda tão fria no vosso amor, tão no começo dele...*

14. *A furto de* = *apesar de*, Vid. I vol. pág. 142 — *A furto dos olhos verdes...*

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- Brómia* Ora digo que não posso
Usar convosco de fero.
Tomai-o.
- 5 *Feliseu* Já o não quero,
Porque esse abraço vosso,
Sabei que é engano mero.
- Brómia* Oh! vós sois de uns sensabores...
Abraço pedis assim?!
Se eu remango de um chapim...
- 10 *Feliseu* Tudo isso são favores.
Zombai, vingai-vos de mim.
- Brómia* Vós, de furioso touro,
As garrochas não sentis.
- 15 *Feliseu* Vedes, com isso sou mouro:
Quando cuido que sois ouro,
Acho-vos toda ceitis.
- Brómia* Enfim, sanha de vilão
Vos fez perder um bom dia.
- 20 *Feliseu* Jágora o eu tomaria;
Quereis-mo dar?
- Brómia* Ora não.
Cocei-vos eu todavia.

2. Usar severidade.

9. *Se eu lanço mão...* O *chapim*, porque tinha 4 ou 5 solas de soveiro, para realçar a estatura, não deveria ser inocente como arma de arremesso.

14. *Sou mouro* parece significar *ando com pouca sorte* (dir-se-ia hoje *pouco cristão*).

16. O *ceitil*, moeda que valia $\frac{1}{8}$ do real, era tomado como insignificância, em oposição a *ouro*.

- Feliseu* Pois, Senhora, a quem vos ama
Sois tão desarrazoada,
Quero tomar outra dama;
Que não digam os de Alfama
Que não tenho namorada.
- 5 *Brómia* Deixai-me.
Feliseu Vós me deixais.
Brómia Deixai-me.
Feliseu Zombais de mi?
- 10 *Brómia* Deixai-me. Pois me enjeitais,
Eu me ausentarei daqui,
Onde me mais não vejais.
- Feliseu* Boa está a zombaria!
Brómia Não são essas minhas manhas.
- 15 *Feliseu* Porém, is-vos todavia?
Brómia *Voyme á terras estrañas*
Adó Ventura me guia.
- Vai-se Brómia e diz*
- Feliseu* Fantesias de donzelas,
Não há quem como eu as quebre;
20 Porque certo cuidam elas,
Que com palavrinhas belas
Vos vendem gato par lebre.

6-10. O texto é o da 1.^a edição. Mas a lição mais intelligível seria:

— *Deixais-me?*

— *Vós me deixais.*

— *Deixais-me?*

— *Zombais de mi.*

— *Deixais-me? Pois me enjeitais...*

16. Estes dois versos occorrem na *Tragédia de D. Duardos*, de Gil Vicente, colhidos na tradição popular. Segundo T. Braga ainda no séc. XIX este romance se cantava não muito abreviado nos Açores.

5 Esta tem lá pera si
 Que eu sou por ela finado,
 E crê que zomba de mi;
 E eu digo-lhe que si,
 Sou por ela espediçado.
 Preza-se dūas seguras;
 E eu não quero mais Frandes:
 Dou-lhe trela às travessuras,
 10 Porque destas coçaduras
 Se fazem as chagas grandes.

15 Que estas, que andam sempre à vela,
 Estas vos digo eu que coço;
 Porque, de firmes na sela,
 Crêm que falsam a costela,
 E ficam pelo pescoço.
 Que quando estas damas tais
 Me cacham, então recacho.
 Mas disto agora nomais.
 20 Quero-me ir daqui ao cais,
 Ver se algūas novas acho.

6. *Preza-se de pertencer ao número de umas damas cheias de confiança em si próprias.* A frase é do tipo das da p. 8, v. 6 e p. 9, v. 7. Stork entende que *seguras* deveria ser substituído por *finuras*.

7. O Dr. Marques Braga lembra a alusão, no *Auto de Filodemo*, à navegação difícil através do *Oceano Germânico*, *Bancos de Frandes*... Será o sentido: *Eu não quero mais aventuras amorosas difíceis, como a navegação por entre os Bancos da Frandes?*

11. *Sempre à vela* = *sempre a vigiar-se, cheias de cautelas*.

14. *Põem a salvo a costela.*

17. *Me fazem cacha* (dissimulação)...

18. *Mas basta de tal assunto.*

Vai-se Feliseu e vem Júpiter e Mercúrio, e diz

Júpiter

Oh! grande e alto destino!
Oh! potência tão profana!
Que a seta de um minino
Faça que meu ser divino
5 Se perca por cousa humana!
Que me aproveitam Céus
Onde minha essência mora
Com tanto poder, se agora,
A quem me adora por Deus,
10 Sirvo eu como senhora?

Oh! que estranha afeição!
Quem em baixa cousa vai pôr
A vontade e o coração,
Sabe tão pouco de Amor,
15 Quão pouco Amor da razão.
Mas que remédio hei-de ter
Contra mulher tão terrível,
Que se não pode vencer?
Mercúrio Alto Senhor, teu poder
20 O difícil faz possível.

Júpiter

Tu não vês que esta mulher
Se preza de virtuosa?

Mercúrio

Senhor, tudo pode ser;
Que pera quem muito quer,
25 Sempre a afeição é manhosa.

1-18. Esta fala de Júpiter marca a diferença profunda entre o Deus concebido por Camões — portugêsmamente amoroso — e o retratado por Plauto — instigado por transitório capricho sensual.

3. O minino é *Cupido*, o deus do amor.

25. *Manhosa* = hábil na invenção dos processos oportunos.

5 Seu marido está ausente
 Na guerra, longe daqui;
 Tu, que és Júpiter potente,
 Tomarás sua forma em ti,
 Que o farás mui facilmente.

10 E eu me transformarei
 Na de Sósia, criado seu;
 E ao arraial me irei,
 Onde logo saberei
 Como se a batalha deu.
 E assi poderás entrar,
 Em lugar de seu marido.
 E pera que sejas crido,
 Poderás também contar
 Quanto eu lá tiver sabido.

Júpiter Quem arde em tamanho fogo
 Tira-lhe a virtude a cor
 De sutil e sabedor;
 E quem fora está do jogo
 Enxerga o lanço melhor.
 Mas tu, que dos sabedores
 Tanto àvante sempre estás,
 Se Deus és dos mercadores,
 Sê-lo-ás dos amadores,
 Pois tal remédio me dás.

30 Ponha-se logo em efeito,
 Que não sofre dilação
 Quem o fogo tem no peito;
 E tu, vai logo direito
 Onde anda Anfatrião.

Vão-se e vêm Feliseu e Calisto, e diz

Feliseu *Adó bueno por aqui.*

Tão longe do acostumado?

Calisto Mais longe vou eu de mi,
De ir perto de meu cuidado.

5 *Feliseu* No andar vos conheci.

Calisto E vós onde vos lançais,
Com vossa contemplação?

Feliseu Eu chego daqui ao cais
A saber de Anfatrião.

10 Não sei se vou por demais.

Calisto Porque «por demais» dizeis?

Feliseu Porque nada ali é certo.

Calisto Novas lá não nas busqueis,
Que aqui as tendes mais perto.

15 *Feliseu* Pois dai-mas, se as sabeis.

Calisto Um navio é já chegado
À barra, que vem de lá;
Traz de Anfatrião recado,
Diz que o deixa embarcado
20 Pera se vir pera cá.

Tem vencido aquele rei;
E diz, segundo lhe ouvi,
Que esta noite será aqui.

25 *Feliseu* Essas novas levarei
A Almena, que torne em si,
Porque ela tem maior guerra
Cos temores de perdê-lo,
Que ele co rei dessa terra.

30 *Calisto* Onde amor lançar o selo,
Nenhũa cousa o desterra.

II. *Por demais* = *inútilmente*.

Porque inda que o pensamento
Vos fique, Senhor, em calma,
Por morte ou apartamento,
Sempre vos lá ficam na alma
As pègadas do tormento.

Feliseu Isso é um segredo mero,
A que o Amor nos obriga.
Por isso, em caso tão fero,
Senhor, nunca ninguém diga:
Já lho quis, e não lho quero.

Eu quis bem a ãa mulher,
Que vós conhecestes bem,
E, com muito lhe querer,
Casou-se.

15 *Calisto* Oh! e com quem,
Que ainda o não posso crer?
Feliseu Com um mercador, que veio
Agora do Egipto rico.

20 *Calisto* Isso traz água no bico.
Felisen Esse homem é parvo ou feio?
Pois vedes? Disso me pico.

25 E em pago desta treição,
Afora outros mil descontos
Que traz consigo a afeição,
Sempre os sinais destes pontos
Trarei no meu coração.

10. Entenda-se: *Já lhe quis bem...*

21. *Disso me magão.*

- Calisto* Viste-la mais?
Feliseu Senhor, vi,
 Na janelinha da grade.
 Passei, e disse-lhe assi:
 5 — Casada sem piedade,
 Porque não na haveis de mi?
- Calisto* Que vos disse?
Feliseu Lá no centro
 Lhe enxerguei pouca alegria;
 10 E como quem lhe doía,
 Metendo-se pera dentro,
 Disse: — *Já pasó folia.*
- Calisto* Ah! má sem conhecimento!
 Quem lhe desse mil chofradas!
 15 *Feliseu* Senhor, como são casadas,
 Casam-se co esquecimento
 Das cousas que são passadas.
- Calisto* Lembranças de vos deixar
 Picar-vos-ão como tojos.
 20 *Feliseu* Senhor, haveis de assentar
 Que onde Amor vos quer matar,
Siempre allá miran [los] ojos.

5-6. Reminiscência do romance popular da *mal mandada*.

8. *Lá no íntimo...*

14. *Chofre*, de onde *chofrada*, é a pancada que se dá na bola; hoje, a que se dá com o taco, no jogo do bilhar.

Um mote, Senhor, mandei
Um dia, estando com febre,
Só da paixão que tomei.
5 *Calisto* Pois vejamos quem tem lebre.
 Feliseu Senhor, eu vo-lo direi:

Mote

*Vós por outrem, e eu por vós;
Vós contente, e eu penado;
Vós casada, eu cansado.
P'los santos de minha dona!*

10 *Calisto* Senhor, vós só [o] fizestes?
 Feliseu Si, que ninguém me ajudou:
 Calisto Se vós só o compusestes,
 Crede que extremos dissestes.
 Nunca Orlando tal falou!
15 Senhor, fizestes-lhe pé?
 Feliseu Senhor, si; todo um ano...
 Vós zombais, se não me engano.
 Calisto Não, mas dou-vos minha fé
 Que nunca vi tão bom pano.
20 *Feliseu* Ora olhe Vossa Mercê:

4. Como se disséssemos: *quem é moita de onde sai coelho*.

14. Orlando é o herói do poema de Aricsto = *Orlando Furioso*, personagem a quem o talho heróico não impedia a perfeita medida petrarquista, na linguagem amorosa.

15. Pé = volta ou glosa.

16. As reticências são propostas por Storck, in. *Luis' de Camoens Saemmtliche Gedichte*.

19. A metáfora é usada mais adiante. Vid. nota ao v. 8, pág. 19. Nunca vi coisa tão bem urdida (como bom pano).

Volta

5 *Olhai em quão fundos vaus
Por vossa causa me afogo,
Que outro me ganha o jogo,
E eu triste pago os paus.
Olhos travessos e maus,
Inda eu veja o meu cuidado
Por esse vosso trocado.*

Calisto Nomais, que isso me degola.
 Feliseu Senhor, eu haja perdão.
10 *Calisto* Fizestes esse rifão
 Em algum jogo de bola?
 E foi-lhe ele ter à mão?
 Feliseu Digo-vos que o viu e lho leu
 Um moçozinho de escola.
15 *Calisto* Está isso assi do Céu.
 Sabe ela jogar a bola?
 Feliseu Não.
 [*Calisto*] Pois não vos entendeu.

20 *Ora eu já cheguei a ler
Petrarca, e crede de mi
Que nunca tal cousa vi.
Onde mora o bom saber,
Logo dá sinal de si.*

8. *Isso me aflige.*

13-14. Storck interpreta: *Andava eu ainda no A B C,
quando pus a brincadeira por escrito:*

A B C-Schütz war ich kaum

Als ich niederschrieb den Plunder.

O sentido, porém, é bem diferente e perto da letra.

20. Petrarca é aqui tomado como o poeta modelo,
na subtileza da dialéctica amorosa, e assim o foi nos
séculos XV, XVI e XVII.

Onde *casada* pusestes,
 Dizei, porque não dissestes
La que yo vi por mi mal?
 Feliseu Renunciava o metal;
 5 Que em rifõezinhos como estes
 Há-de-se pôr tal com tal.

Que a trova trigo-tremês
 Há-de ser toda de um pano;
 Que parece muito ingrês
 10 Num pelote português
 Todo um quarto castelhano.
 Ouvi outra também minha,
 Que fiz a certa tenção,
 Crara, leve, bonitinha,
 15 De feição que esta trovinha
 É trovinha de feição.

3. Verso de romance popular. *Vid.* 1.º vol. da *Lírica* pág. 72.

4. *Isso era não fazer caso da composição que escrevia* (que exige certo esquema de rimas). Stork interpreta:

Feliseu — *Ia, so singt man, aber schmält
 Nicht zu früh, ich hab' erwählt
 And're Reime, nicht auf — «ehe».*

Ou seja: *Sim, desse modo se canta* (ao modo do romance de que Calisto citou o verso); *mas não critique precipitamente, eu escolhi outras rimas diferentes de al* (— *ehe* na palavra correspondente da tradução alemã).

7. Porque o trigo tremês leva apenas três meses da sementeira à colheita (de onde o seu nome), trova *trigo-tremês* é a que se faz rapidamente, de improviso.

8. É preciso que a trova improvisada seja toda numa só língua, como um pelote (peça antiga de vestuário) deve ser todo de um pano.

5 Como eu um dia me visse
Morto, e a mão na candeia,
E ela não me acudisse,
Fiz-lhe esta, por que sentisse
Que dava os fios à teia.
E o propósito é
Andar eu um dia só;
E pera que houvesse dó
De mi e de minha fé,
10 Lamentei-lhe como Jó.

Calisto Andastes, Senhor, mui bem.
 Feliseu Ora, Senhor, atentai,
 E vede o saibo que tem,
 Se é pera a ver alguém.
15 *Calisto* Ora dizei.
 Feliseu Ei-la vai:

Trova

Coração de carne crua,
 Vê-lo teu amor aqui,
 Que esmorecido por ti
20 *Jaz no meio desta rua.*

2. *Candeia* significa *vela*. Põe-se a vela na mão do moribundo como símbolo litúrgico da iluminação pela fé religiosa.

5. *Dar o fio à teia* significa *acabar, morrer* — segundo Moraes.

13. O sabor.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- Calisto* Na rua, Senhor, jazia?
E era em tempo de lama?
Feliseu Senhor, quem fala a quem ama,
De si mesmo se não fia.
5 *Calisto* Haveis de mintir à dama.
Volta disso?
Feliseu Singular,
Senão que é muito sentida;
Far-vos-á, Senhor, chorar.
10 *Calisto* Oh! diga, por sua vida!
Feliseu Farei o que me mandar.

Volta

- 15 *Porque não hás dele mágoa,
Ó dura mais que ninguém,
Que anda o triste, que não tem
Quem lhe dê ãa vez de água?
Não lhe negues teu querer,
Pois te não custa dinheiro;
Que, enfim, por derradeiro
A terra te há-de comer.*
- 20 *Calisto* Tal trova nunca se viu.
Agorentaste-la já?
Feliseu Senhor, não; ainda está
Como a sua mãe pariu,
E não está muito má.

15. *Uma vez de água* é metáfora proveniente da divisão da água corrente por propriedades vizinhas.

21. *Aparaste-la em roda? Aperfeiçoaste-la?*

Calisto É trova que tem por seis;
Não na posso mais gabar.
Mas, pois tal cousa fazeis,
Senhor, não me ensinareis
5 Donde vem tão bem trovar?

Feliseu Não é a cousa tão pequena,
Como, Senhor, a fizestes,
Essa que agora dissestes.
Mas, porém, vou dar a Almena
10 Estas novas que me destes.
Depois, Senhor, nos veremos.
Ficai roendo esse osso.

Calisto O roer, Senhor, é vosso.

Feliseu Pois eu, por mais que zombemos,
15 Hei-de ser vosso e revosso.

Calisto Oh!... Escusai-vos de extremos,
Que isso, Senhor, me atarraca.
Mas nós nos encontraremos,
E sobre isso envidaremos
20 Dous reales mais de saca.

17. *Me assombra, me confunde.*

19. *Envidar* é verbo usado no jogo: *provocar o parceiro, elevando a parada.*

20. *De saca* ou *da saca?*

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Vão-se ambos e vêm Júpiter e Mercúrio transformados, Júpiter na forma de Anfatrião, Mercúrio na de Sósia, escravo, e diz

Júpiter Mercúrio, pois sou mudado
Nesta forma natural,
Olha e nota com cuidado,
Se está em mi o pintado
Aparente co real.

5

Mercúrio Quem tão próprio se transforma,
Tenho por openião,
Que na tal transformação
Lhe prestou Natura a forma,
Com que fez Anfatrião.

10

Júpiter Pois tu no gesto e na cor
Estás Sósia, escravo seu.

Mercúrio Muito mais farás, Senhor.

Júpiter Não no faz senão o Amor,
Que nisto pode mais que eu.

15

Mercúrio Já, Senhor, te fiz menção
Como deu Anfatrião
A El-Rei Terela a morte;
Que, na guerra igual, a sorte
Pode mais que o coração.

20

E depois de ser tomada
Toda a cidade, com glória
De Anfatrião bem ganhada,
Como em sinal de vitória,
Esta copa lhe foi dada.

25

5. Parecido com o real.

5 Por ela bebia El-Rêi,
Enquanto a vida queria;
E eu, porque te compria,
A seu escravo a furtei,
Que nãa caixa a trazia.

10 *Júpiter* Esta poderás levar
A Almena, por lhe mostrar
Verdadeiro o que é fengido;
E desta arte serás crido,
Sem mais outro ardil buscar.
15 Pois tudo tens ordenado
Por tão nova e sutil arte,
Como me vires entrado,
Irás dar este recado
A Febo de minha parte:

20 Que faça mais devagar
Seu curso neste Hemisfério,
Que o sói acostumar;
Que esta noite hei-de ordenar .
Um caso de alto mistério.

15. *Febo* é o Sol. *Júpiter* manda-lhe recado para que prolongue o dia que destina ao seu prazer.

OBRA COMPLETA DE LUIS DE CAMOES

5 E à Esfera mais alta
Mandarás que fixa esteja,
Porque a noite maior seja;
Porque sempre o tempo falta,
Onde a alegria é sobeja.

10 E terás tamanho tento,
Que, como isto se ordenar,
Venhas aqui vegiar,
Porque meu contentamento
Ninguém mo possa estorvar.
Mercúrio Seja feito sem debate
Tudo como te convém.
Júpiter Pois não parece ninguém,
Como homem de casa bate,
15 E muda a fala também.

1. *A esfera mais alta*, no sistema de Ptolemeu, é o chamado *Móbil primeiro*, logo abaixo do orbe chamado *Empíreo*, imóvel morada das *almas puras*, dos *divos gloriosos*. (Vid. *Os Lusíadas*, X, estr. 81, 82, 85 e 86. O *Móbil primeiro* «corre tão leve e tão ligeiro que não se encherça» — diz Camões. E acrescenta:

Por este rapto e grande movimento,
Vão todos os (orbes) que dentro tem no seio;
Por obra deste, o Sol, andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.

Alheio ao curso do Sol, porque é o referido *Móbil* que o impulsiona, pois que o *próprio* dele é o que realiza na *Eclíptica*, no espaço de um ano.

13. O mesmo que *aparece*.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Bate Mercúrio à porta.

Ó de la casa, en buena hora,
Dar me han de cenar aqui?

Brómia dentro:

5 Sósia parece que ouvi.
 Alvissaras, minha Senhora,
 Que na fala o conheci!

Entra Almena e Brómia

Almena Zombais, Brómia, por ventura?
Brómia Senhora, não zombo, não.
Almena Vejo eu Anfatrião,
10 Ou a vista me afegura
 O que está no coração?

Júpiter Olhos, diante dos quais
 Desejei mais este dia
 Que nenhũa outra alegria,
 Senhora, nunca creais
15 Que lhe minta a fantasia.
Almena Oh! presença mais querida
 Que quantas formou Amor!
 Isto é verdade, Senhor?
20 Acabe-se aqui a vida,
 Por não ver prazer maior.

15. *Lhe* por *lhes*, referido aos olhos.

- Júpiter* Pois esta hora de vos ver
 Alcançar, Senhora, pude,
 Pera mais contente ser,
 Conformem co este prazer
 5 *Almena* Novas de vossa saúde.
 A vida foi pesada e crua
 À saúde que a sustinha,
 Que enquanto, Senhor, a tinha,
 10 Temer perigo na sua,
 Me fez descuidar da minha.
- Mercúrio* Y pues, mi Señora Almena,
 Pese al demonio malvado,
 No dirá a un su criado:
 Vengais, Sósia, norabuena?
 15 *Almena* Sejais, Sósia, bem chegado!
 Bem mal cri eu que pudesse
 Ver-te, Sósia, hoje aqui.
 Mercúrio Pues también yo no creí
 20 Que en mi vida te viese,
 Segun las muertes que vi.
- Almena* Muito, Senhor, folgarei
 Com novas do vencimento.
Júpiter De tudo quanto passei,
 25 Por vos dar contentamento,
 Em suma vos contarei.

5 Trago, Senhora, a vitória
Daquele rei tão temido,
Com fama crara e notória.
Porém, maior foi a glória
De me ver de vós vencido.

10 Sem me terem resistência,
Os Grandes me obedeceram,
Como El-Rei morto tiveram;
Em sinal de obediência
Esta copa me trouxeram.
El-Rei por ela bebia:
(Ela, é tudo o mais é nosso)
Por onde craro se via,
Que tudo me obedecia,
15 Pois tinha nome de vosso.

Mercúrio Sí, mas luego de rondón
La fortuna dió la buelta.

Almena Como?

20 *Mercúrio* Fué gran perdición,
Porque en aquella rebuelta,
Me hurtaron mi jubón;
Pero bien lo pagaron,
Quando comigó riñeron;
Que aunque me despojaron,
25 Si uno de seda llevaron,
Otro de azotes me dieron.

30 *Almena* Senhor, não posso gostar
De gosto que é tão imenso,
Senão muito devagar.
Faça-me mercê de entrar,
E contar-mô-á por extenso.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Vão-se e fica Mercúrio e Brómia

Mercúrio Yo tambien te contaria,
Brómia, si quedas atrás,
Que una noche... enojarte has?

Brómia Que?

5 *Mercúrio* Soñaba, que te tenia...
No me atrevo a decir más.

Brómia Dize.

Mercúrio Pardies, no diré.

Soñaba...

10 *Brómia* Bem. Que sonhavas?

Mercúrio Que cuando en la cama estavas
Que yo... enfin, recordé.

Brómia Pois tudo isso receavas?

15 *Mercúrio* Sabe Dios que yo acá siento:
Sola una alma vive en dos,
La cual anda dentro en vos.

Brómia E que quer ela cá dentro?

Mercúrio También eso sabe Dios.

Vai-se Brómia e diz

20 *Mercúrio* Bem se poderá enganar
Brómia, segundo ora estou,
Como Almena se enganou;
Mas cumpre ir ordenar
O que meu Pai me mandou.

8. Forma popular equivalente a *por Dios*.

13. ...receavas dizer? Referência ao verso da linha 6.

5 E porque seja guardada
Esta porta, e vegiada
De toda a gente nascida,
Me será cousa forçada,
Ser tão depressa a tornada,
Quão prestes faço a partida.

Vai-se Mercúrio e vem Sósia com recado de Anfatrião

Sósia, cantando:

10 *Anfatrion esforzado
Bravo vá por la batalla,
Siete cabezas llevaba
De las mejores que ha hallado.*

Fala

15 *Quien viene de tierra akena,
Y de la muerte escapó,
La razon le permitió
Que cante como sirena,
Como agora hago yo.
Y pues canto tan gentil,
Fuera llanto sí muriera,
Quiero cantar como quiera,
Una y otra, y mas de mil,
20 Que digan desta manera:*

7. Camões ou adapta ao caso versos de qualquer romance popular espanhol ou cria os versos no estilo do género, obedecendo ao mesmo esquema rimático.

Canta

*Dongolondron con Dongolondrera,
Por el camño de Otera,
Rosas coge en la rosera,
Dongolondron con Dongolondrera.*

5 Cuando yo vengo a pensar
 Que uno matarme quisiera,
 No hago sino temblar,
 Porque creo si muriera,
 No pudiera mas cantar.
10 Porque estando a un rincon
 De la casa adó quedé,
 Sentí muy grande ronrón,
 Y mirando, que miré?
 Vi que era un gran ratón.

Fala

15 Empero yo nunca sigo,
 Sino consejos muy sanos;
 Que en éstos casos livianos,
 Quien desprecia el enemigo,
 Mil veces muere a sus manos.
20 Pero mi Señor allí
 Mató al rey de los Glipazos,
 Yo, como muerto le vi,
 Juro a mi fé, que le dí
 Más de dos mil cuchillazos.

1-4. Versos de romance espanhol. Ver p. 194, v. 10.
Uma dança de Miranda do Douro é chamada de nome semelhante — *Galandum* — e a letra começa por *Senhor Galandum* (*Galandum, galandana...*). Vid. *Coreografia Popular Transmontana*. III *O Galandum*, do Prof. J. dos Santos Júnior, public. do *Instituto de Antropologia da Universidade do Porto*.

21. É de intenção burlesca a criação por Sósia da palavra *Glipazos*.

Y por me librar de afan,
 Me voy siempre á cosa hecha
 Probar mi mano derecha;
 Que aquel es buen capitán
 5 Que del tiempo se aprovecha,
 Que quien há de pelear,
 Há-de buscar tiempo y hora.
 Pero quiero caminar,
 Que me muero por contar
 10 Todo aquesto a mi Señora.

Vem Mercúrio, e diz

Mercúrio Mil vezes comigo vejo,
 Pera' que meu Pai se afoute;
 Pois em tão pequeno ensejo
 15 Lhe mandei talhar a noute
 À medida do desejo.
 E pois que como possante,
 A mi tudo se reporta,
 Chego agora neste instante
 A estorvar que este bargante
 20 Me não chegue a esta porta.

Sósia No sé que medo, ó locura,
 Neste pecho se me cria.
 Por Dios, que se me afegura,
 25 Que há mucho que es noite escura,
 Sin que venga el claro dia.

21-25. *Sósia* repara na desusada extensão da noite, que as ordens de *Júpiter* haviam dilatado.

5 Mas sabed que pienso yo
Que el sol que no se acordó
De con el dia venir,
Que a noche, quando cenó,
Algun buen vino bebió,
Que le hace tanto dormir.

10 *Mercúrio* Já sintes comprida a noute,
Que eu assi mandei fazer?
Pois mais te quero dizer,
Que sentirás muito açoute,
Se cá quiseses vir ter.
Porém, pois este bargante
Tem medroso coração,
Quero-me fingir ladrão,
15 Ou fantasma, e por diante
Não irá, se vem à mão.

20 E contudo, se passar,
A fala quero mudar
Na sua, de tal feição,
Que couces e porfiar,
Lhe façam hoje assentar
Que sou Sósia, e ele não.

Fala castelhano

25 *Sósia* No veo passar ninguno,
En quien yo me pueda hartar.
A quien oigo aqui hablar?
Mande Dios no sea alguno
Que me quiera aporrear.

20. *Pancadaria e insistência.*

Mercúrio La carne de algun humano
Me seria muy sabrosa.

Sósia Oh! que voz tan temerosa!
Hombres comes, ó mi hermano?
5 No és mejor otra cosa?
Carne humana és muy mezquiña.
Oh! no comas deso, no!
Antes carne de gallina.
Pero, se más se aveçina,
10 Que mas gallina que yo?

Mercúrio Una voz de hombre ahora
A la oreja me boló.

Sósia Péstate quien me parió!
La voz traigo boladora?
15 Ella quisiera ser yo.
Pues mi voz pudo bolar
Do la pudieses oyr,
Por contigo no reñir,
Me debiera de prestar
20 Las alas para huir.

Mercúrio Que buscas cabe esa puerta,
Hombre? Sé que eres ladrón.

Sósia Ay que el alma tengo muerta!
Oh! Júpiter me convierta
25 Las tripas en corazón!

4-7. Em Plauto não ocorre tal antropofagia. Este acrescentamento camoniano implica a experiência quinhentista — e a impressão — do costume, entre selvagens só então conhecidos.

21. Cabe = junto de...

Mercúrio Quien eres? quieres hablar?
Sósia Soy quien mi voluntad quiere.
Mercúrio Piensas que puedas burlar?
Sósia Y tú puedesme quitar
 Que yo sea quien quisiere?

Mercúrio Osas hablar tan osado,
Don vellaco bovarrón?
Dí, quien eres?

10 *Sósia* Un criado
Del Señor Anfatríon,
Por nombre Sosea llamado.
Mercúrio Pienso que el seso perdiste.
Como te llamas, mal hombre?
Sósia Sosea soy, si no me oíste.
15 *Mercúrio* Como? en persona tan triste
Osas de ensuciar mi nombre?

Estos puños llevarás.
Pues tener mi nombre quieres.
Quiéresme decir quien eres?
20 *Sósia* O Señor, no me des mas,
Que yo seré quien tú quisieres.
 Mercúrio Con tan nueva falsedad
Andais por esta ciudad,
Delante de quien os mira?
25 Pues si sois Sosea, tomad!
 Sósia Si me das por la verdad,
Que me harás por la mentira?

30 *Mercúrio* Y que verdad es la tuya
 Que te quiero dar castigo?
 Sosea Si no soy Sosea que digo,
 Que Júpiter me destruya!

- Mercúrio* Mirad el falso enemigo!
Tomad este bofetón,
Que yo soy Sosea, y no vos!
Sósia Tú Sosea?!
- 5 *Mercúrio* Sosea, por Dios,
Escravo de Anfatrión.
Sósia De modo que tiene dos?
- Mercúrio* No terná, aunque tu quieres:
Que á mi solo conoció.
- 10 *Sósia* Pues yo luego quien so?
Mercúrio Si tú no sabes quien eres,
Quieres que lo sepa yo?
Sósia Enfin, hasme de hacer crer
Que yo no soy quien ser solia?
- 15 *Mercúrio* Quien solias tú de ser?
Sósia Tregoas me has de prometer,
Dir te lo hé sin porfía.
- Mercúrio* Prometo.
- Sósia* No me darás?
- 20 *Mercúrio* No, si no fuere razón.
Sósia Pues, hermano, tú sabrás
Que mi amo Anfatrión...
Mercúrio Tu amo? Pues llevarás!
Mi amo es, que tuyo no.
- 25 *Sósia* Ay que un brazo me quebró!
Mercúrio Mas que luego te matase.
Sósia Ojalá Dios ordenase
Que tú ahora fueses yo,
Y yo que te desmembrase!

8. Forma arcaica de *tendrá* (*terá*, em português).
25. Em Plauto Mercúrio respeita o pacto. Camões não se julga obrigado a atribuir tal virtude a um deus pagão...

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- Mercúrio* Esa tu tema tan loca,
Puños te la han de quitar.
Díme, dí, vergüenza poca,
Qué hablas?
- 5 *Sósia* Qué puedo hablar
Si me has quebrado la boca?
- Mercúrio* Dí quien eres, sin fadiga.
- Sósia* Soy un hombre en quien tu das,
- 10 *Sósia* Como quieres tú que diga,
Para qué no me des más?
- Mercúrio* No me has de hablar contrahecho.
- Sósia* Toda mi vida pasada
Sosea fuy, y con despecho
15 Ahora soy... qué? Nonada,
Que tus manos me han deshecho.
- Mercúrio* Cuyo eres, pues las sientes,
Dejando consejos vanos?
La verdad; que si me mientes,
20 Das con la lengua en los dientes,
Y yo doyte con las manos.
- Sósia* No conoces Anfatrión?
- Mercúrio* Hombre sin seso te llamo.
Tan fuera estás de razón!
25 Piensas de mí, bovarrón,
Que no conozco á mi amo?
- Sósia* En su casa conociste
Uno que es Sosea llamado,
Hombre despreciado y triste?
- 30 *Mercúrio* Desa suerte lo dejiste?!
Yo soy triste y despreciado?!

Pues sabe que te llegó
 A la muerte tu fortuna.
Sósia Pues luego, si yo no soy yo,
 Aunque nadie me mató,
 5 Soy luego cosa ninguna.
 Oh! Dioses, que desconcierto!
 Yo por ventura soy muerto,
 Ó murióme la razón?
 Yo no soy de Anfatrión?
 10 Él no me mandó del puerto?

Yo sé que no estoy loco.
 De mi madre no nací?
 No ando? No hablo aqui?
Mercúrio Pues sosiega ahora un poco,
 15 Que yo tambien diré de mí.
 Yo no sé que yo soy yo?
 Yo no te dí con mis manos?
 Mi Señor no me llevó
 A la guerra, adó mató
 20 Aquel rey de los Thebanos?

Sósia Yo eso muy bien lo sé.
 Empero tú qué hacías
 Cuando la batalla vias?
Mercúrio Escucha: yo lo diré,
 25 Y cesarán tus porfías.
 Cuando mí Señor andaba
 Peleando, y derramaba
 La sangre de algun mezquino,

20. Camões toma de Plauto a palavra *Teleboarum* (legiones) como *Thebanorum*, e de aí o erro desta designação.

Con una bota de vino
Yo la mia acrescentaba.

Sósia (Dice lo que yo hacia!)
Con todo, saber queria
5 Sola una cosa, si puedo:
Tu pecho entonçes sentia...?

Mercúrio Del beber grande alegria,
Y del pelear gran miedo.

Sósia Y despues?

10 *Mercúrio* Muy reposado
A dormir me eché de grado,
Desde el sol hasta la luna.

Sósia (Todo lo tiene contado.
Enfin, tengo averiguado
15 Que yo no soy cosa ninguna.)

Pues de todo en un instante
Me has echado de mí fuera,
Aconséjame, si quiera:
Quien seré daqui adelante,
20 Pues no soy quien de antes era?

Mercúrio Cuando yo no ser quisiere
Ese que tú ser deseas,
Despues que ya Sosea no fuere,
Darte hé, si te pluguiere,
25 Licencia que tudo seas.

Y acógete luego, amigo,
A buscar tu nombre, digo,
Pues Dios vida te dejó;
Que el Sosea queda comigo.
30 *Sósia* Pues contigo quedo yo,
Dios quede, hermano, contigo.

1. *Borracha* para água ou vinho.
25. Talvez seja tu lo seas.

Ahora quiero ir allá
Adó mi Señora está,
Contarle como es venido
Mi Señor. Mas, oh perdido!
Si otro yo tiene allá,
Todo lo terná sabido.

Mercúrio Ah hombre!...
Sósia Mi voz sonó.

Mercúrio Aonde vuelves ahora?
Sósia Por Dios! no sé donde vó,
Porque si yo no soy yo,
Ni Almena es mi Señora...

Mercúrio Adonde vás?
Sósia Con mensaje

Del Señor Anfatrión
Para Almena.

Mercurio Adó, salvaje?
Pues quebraste la omenaje,
Ahí verás tu perdición.

Yo doyte consejos sanos,
Y porfías otra vez?

Sósia Altos Dioses soberanos!
Pues me no valen las manos,
Aquí me valgan los pies. *(Foge)*

Mercúrio Desta arte enseñan aquí
A hurtar el nombre ageno?

1-6. Estes versos são ditos em à-parte.
6. *Vid.* nota ao v. 8 da pág. 36.

Vai-se e torna Sósia:

Sósia Ay Dios, como me acogí!
Ó Júpiter alto y bueno,
Cuan cerca la muerte vil

5 Quiérome ir a mi Señor
Contarle cuanto hé pasado;
Y él me dirá de grado,
Si yo soy su servidor,
En que cosa me hé tornado.

Vai-se Sósia, e vem Júpiter e Almena, e diz

10 *Júpiter* Toda a pessoa discreta
Terá, Senhora, assentado,
Que um bem muito desejado
Se há-de alcançar por dieta,
Pera ser sempre estimado.

15 E quem alcançado tem
Tamanho contentamento,
Por conservá-lo convém
Que tome por mantimento
A fome de tanto bem.
20 Por isso hei-de tomar
Este tempo tão ditoso
Pera a frota visitar;
E despois, quando tornar,
Tornarei mais desejoso.

9-18. *Júpiter* joga por galanteio com as palavras.
Quer dizer que procurará moderar a satisfação do seu desejo, para sempre o conservar vivo.

5 *Almena* Que pois tão bom cativeiro
Me tem presa a liberdade,
Eu lhe prometo, em verdade,
Que torne ainda primeiro,
Que mo peça a saudade.
Ainda que se possa ir
Mais asinha do que creio,
Como hei-de eu consentir
Que se haja de partir
10 Na mesma noite que veio?

Júpiter Forçada é minha toinada,
Mas muito cedo virei;
Porque, desde que foi chegada
A este porto a armada,
15 Ainda a não visitei.

Almena Pois, Senhor, tão pouco estais
Com quem vistes inda agora?
Faça-se como mandais.

Júpiter Vós me vereis cá, Senhora,
20 Primeiro do que cuidais.

Vão-se e vêm Anfitrião e Sósia, e diz

Anfatrião Enfim, tu, que estás aqui,
Estavas já lá primeiro?
Sósia Señor, crea que es así.
Anfatrião Eu nunca entendi de ti,
Que eras também chocarreiro.

3. *Lhe* refere-se a *Vossa Mercê*, sujeito de quem se fala como de terceira pessoa. Vid. nota 11, da p. 2.

7. *Depressa.*

Sósia Señor, yo que estoy presente,
No soy Sosea su criado?

Anfatrião Creio que não, certamente,
Porque Sósia era avisado,
E tu és mui diferente.

Sósia Pues, Señor, si en mí se vé
Que no soy quien de antes era,
Buélvome.

Anfitrião E pera que?

10 *Sósia* Ver se a dicha me quedé
Durmiendo por la galera.

Anfatrião Pois me queres fazer crer
Ua doudice tão rasa,
Mais quero de ti saber:
Como não entraste em casa
De Almena, minha mulher?

Sósia Aunque Sosea quisiese,
La verdad no negará:
Aquel yo que allá está,
No quiso que a casa fuese
Estotro yo, que iba allá.
Y con furia tan crecida
A mí se vino aquel hombre,
Que yo me puse en huida,
Y assí le dejé mi nombre,
Por me dejar él la vida.

Anfatrião Quem seria tão ousado,
Que tanto mal te fizesse?

Sósia. Yo mismo, Sosea llamado,
Que a casa era ya llegado,
Antes que de acá partise.

Anfatrião Tu chegaste antes de ti?!
Este é gentil desbarate!

Sósia Pues más le digo daqui,
Que vengo huyendo de mí,
5 Porque yo mismo no me mate.

Anfatrião Eram dous, ou era um só,
Quem te fez assi fugir?

Sósia Pésete quien me parió!
Digo que era un solo yo!
10 Mil veces lo he de decir?
Puede ser que naceria
De aquel hombre otro alguno,
Como aquél de mí nacia;
Porque, aunque fuese él uno,
15 Por más de cuatro tenia.

El tenia mi apariencia,
Empero yo nunca vi
Tal fuerza, ni tal potencia.
Esta sola diferencia
20 Le tengo hallado de mí.

Anfatrião Pudeste dele saber
Cujo era?

Sósia Quien? aquél yo?
Tuyo, Señor, dixo ser.

25 *Anfatrião* Nunca eu tive mais que um só,
E esse não quisera ter.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Sózia Pues, Señor, si el bien doblado
Te le muestra agora Dios,
Debe ser de ti alabado;
Pues de uno solo criado
Te ha hecho agora dos.

5

Anfatrião Antes, pera que conheças,
Que cousa é mau servidor,
Me pesará, se assi for,
Que de tão ruins cabeças,
Quantas mais, tanto pior.

10

E já que são tão incertos
Teus ditos pera se crer,
Muito melhor deve ser
Que deixe teus desconcertos,
E vá ver minha mulher.

15

Vão-se, e entra Almena e diz

Almena Que fado, que nascimento
De gente humana nascida,
Que, de escasso e avarento,
Nunca consentiu na vida
Perfeito contentamento!

20

Anfatrião, que mostrou
Um prazer tão desejado
A quem tanto o desejou,
Na noite que foi chegado,
Nessa mesma se tornou!

25

5 De se tornar tão asinha
Sinto tanto entristecer
O sentido e alma minha,
Que certo que me adivinha
Algum novo desprazer.

10 Mas parece este que vem,
Se não estou enganada.
Se ele é, venha com bem,
Pois que com sua tornada
Tão transtornada me tem.

Entra Anfatrião e Sósia, e diz

15 *Anfatrião* Com que palavras, Senhora,
Poderei engrandecer
Tão sublimado prazer,
Como é ver chegada a hora,
Em que vos pudesse ver?

20 Certo grão contentamento
Tive de meu vencimento;
Mas maior o hei de mim,
De me ver posto no fim
De tão longo apartamento.

Almena
25 Já eu disse o que sentia
De vinda tão desejada.
Mas diga-me, todavia:
Como não foi ver a armada,
Que me disse hoje este dia?

25. Assim se reforçava no tempo de Camões a ideia de hoje, como ainda sucede em francês — *Aujourd'hui*.

Anfatrião Dela venho eu inda agora
 Desejoso de vos ver,
 Muito mais que de vencer.
 Mas que me dizeis, Senhora?
 — Que hoje me ouviste dizer?!
 5 *Almena* Se não estava remota,
 Certamente que lhe ouvi,
 Quando hoje partiu daqui,
 Que tornava a ver a frota,
 10 Que era forçado assi.

Anfatrião Sósia!
Sósia Señor, aqui estoy yo.
Anfatrião Tu ouves tal desconcerto?
Sósia Grandes oreja's ganó,
 15 Pues estando en casa oyó
 Quien estava allá nel puerto!
Anfatrião Quando dizeis que me ouvistes?
Almena Hoje, quando vós partistes.
Anfatrião Donde?
 20 *Almena* Daqui, de me ver.
Anfatrião Nunca vi grande prazer,
 Que não tenha os cabos tristes!

Quantos males de improviso
 Que causam grandes mudanças!
 25 Que mulher de tanto aviso,
 Agora minhas lembranças
 A têm fora de juízo!

6. *Remota* = fora de mim.
 22. Os fins.

5 *Almena* Quereis-me fazer cuidar
 Que poderia sonhar
 O que pelos olhos vi?
 Nunca vos eu mereci
 Quererdes-me exprimentar.

10 *Anfatrião* Posto que é pera pasmar
 Ver um caso tão estranho,
 Todavia hei-de atentar,
 Se poderei concertar
 Um desconcerto tamanho.
 Quando dizeis que vim cá?

Almena Esta noite que passou.

Anfatrião Dai-me alguém que aqui se achou,
 Que me visse.

15 *Almena* Esse que i está,
 Sósia, que convosco andou.

Anfatrião Sósia, podes-te lembrar,
 Que ontem me viste aqui?

20 *Sósia* Nunca yo supe de mí
 Que me pudiese acordar
 De aquello que nunca vi.

Almena Ora eu creio, e é assi,
 Que ambos vindes conjurados,
 Pera zombardes de mi;
 Mas eu darei hoje aqui
 Sinais que sejam provados.

Anfatrião Que sinais pode i haver
 De mentira tão notória,
 Que nem foi, nem pode ser?
 Donde vim eu a saber
 Novas de vossa vitória?

30 *Almena*

Anfatrião Que novas?

Almena Dir-vo-las-ei,
Assim como mas contastes:
Que na batalha matastes
Aquele soberbo rei,
E tudo desbaratastes

Não fazendo resistência
Nũa batalha tão crua,
Dando-vos obediência,
Vós deram ãa copa sua,
Lavrada por excelência.

Anfatrião Sósia é culpado só
Nestes acontecimentos.

Sósia Señor, son encantamientos,
Porque aquél hombre, que es yo,
Le contaria estos cuentos.

Anfatrião Quem é esse que vos deu
Tais novas, saber queria.

Almena Quem mo pergunta.

Anfatrião Quem? Eu?!

Quereis-me fazer sandeu?

Almena Mas vós me fazeis sandia.

Anfatrião Ora quero perguntar:
Que fiz, sendo aqui chegado?

Almena Pusemo-nos a cear.

Anfatrião E depois de ter ceado?

Almena Fomo-nos ambos deitar.

Anfatrião Nunca queira Deus que possa
 Achar-se na minha honra!
 Nenhũa falta nem mossã!
 Seja isto doudice vossa,
 5 Antes que minha desonra.
Sósia Bien lo supe yo entender,
 Que era esto encantaciones;
 Y ahora me habrá de crer
 Que dos Soseas puede haber,
 10 Pues hay dos Anfatriones.

Almena Com me quererdes tentar
 Tão torvada me fezestes,
 Que me não pôde lembrar
 Que vos mandasse mostrar
 15 A copa que me ontem destes.
Anfatrião Eu? copa? Se isso aí há,
 Que estou doudo cuidarei.

Sósia Señor, bien guardada está.
Almena Brómia!
 20 *Brómia* Senhora!
Almena Dai cá
 A copa que ontem vos dei.

Sósia Pues yo parí otro yo,
 Y vós otro Anfatríon,
 25 No es mucha admiración,
 Si la copa otra parió,
 Ni aun fuera de razón.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Entra Brómia co a copa, e diz

Brómia Eis aqui a copa vem,
Testemunho da verdade.
Anfatrião Oh! estranha novidade!
Almena Poder-me-á dizer alguém
Que o que digo é falsidade?

5

Anfatrião Sósia, quando ontem cá vinhas,
Poder-me-ás negar, ladrão,
Que lhe deste as novas minhas,
E mais a copa que tinhas
Guardada na tua mão?

10

Sósia Señor, que no pude, no,
Ver a mi Señora Almena:
Si aquél eso acá ordenó,
No lleve yo la pena
Del mal que hizo el otro yo.

15

Anfatrião Ora eu não sei entender
Tal caso, nem lhe acho fundo.
Contudo venho a dizer
Que há tantos males no mundo,
Que tudo se pode crer.

20

Almena Se vos trazer quem vos diga
Como esta noite dormi
Na nau, crereis que é assi?
Nenhũa cousa me obriga
A que não creia o que vi.

25

Anfatrião Se o patrão aqui vier,
Que é homem de autoridade,
Crereis o que vos disser?

Almena Sim, que ninguém pode haver
Que me negue esta verdade.

Anfatrião Eu estou em concrusão
De hoje desembaraçar
5 Tão enleada questão.
À nau me quero tornar,
A trazer cá Belferrão.

Sósia, até minha tornada
Fica nesta casa em vela;
10 Que eu armarei tal cilada
A quem ma a mim tem armada,
Que venha hoje a cair nela.

Vai-se, e diz

Almena Oh! mulher triste e suspensa
Da mais alta confusão
15 Que nunca viu coração!
Em que mereces a ofensa,
Que te faz Anfatrião?

Sempre de mi foi amado,
Tanto quanto em mi se sente,
20 Co coração tão liado,
Que se de mi era ausente,
Nele o via figurado.

3. *Com determinação.*

9. *Em vigília.*

15. O sujeito de *viu* é *coração*.

5 E pois mulher que comprisse
Melhor que eu fedelidade,
Não na vi, nem quem me visse
Que dos lemites saísse
Um pouco de honestidade;

10 Pois porque é tão maltratada
Inocência tão singela,
Que a pena mais apertada,
É a culpa levantada
Ao coração livre dela?
Mas já que minha alma está
Sem culpa do que padeço,
Seja o que for; que eu conheço
15 Que a verdade me porá
No que eu pola ter mereço.

	Brómia!	
<i>Brómia</i>		Senhora!
<i>Almena</i>		I mandar

20 A Feliseu que vá
Meu primo Aurélio chamar,
Que lhe quero perguntar
Que conselho me dará.
E pois que Anfatrião
25 Vai buscar sòmente quem
Lhe ajude a sua tenção,
Quero eu ter aqui também
Quem me defenda a razão.

6. *Pois*, que, no primeiro verso tem o sentido de visto *que*, tem agora o de *nesse caso* ou *então*...

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Vai-se Brómia. e vem Júpiter, e diz

Júpiter Grão desconcerto têm feito
Anfatrião com Almena!
Qualquer deles tem direito.
Eu sou o que venço o preito,
5 E ambos pagam a pena.
Quero-me ir lá desfazer
Tão trabalhosa demanda,
Por nos tornarmos a ver;
Porque, enfim, quem muito quer
10 Com qualquer desculpa a'blanda.

 E pois que a afeição
Há-de mudar tão asinha,
Quero ir alcançar perdão
Da culpa, que, sendo minha,
15 Parece de Anfatrião.
Almena Parece que torna cá
Anfatrião, que já se ia.
Não sei a que tornará,
Senão se lhe pesa já
20 Dos enganos que tecia.

Júpiter Senhora, não haja error
Que tantos males me faça;
Porque, se o contrário for,
Pequeno será o amor,
25 Que manencória desfaça.

25. *Manencória*, forma popular de *melancolia*, é o sujeito da oração e significa *aborrecimento*, *mágoa* pela ofensa recebida.

5 E pois com tanta alegria
De tantos perigos vim,
Pesar-me-á, se achar no fim,
Que ãa leve zombaria
Vos possa agravar de mim.

10 *Almena* Com palavras de desonra
Não se há-de tratar quem ama;
Nem zombaria se chama,
Por exprimentar a honra,
Pôr em tal perigo a fama.
Bem tive eu pera mim,
Que era aquilo experiência.
Júpiter Errei no que cometi.
15 Bem me basta a penitência
De quanto me arrependi.

20 E se fiz algum error,
Com que vosso amor se mude
De quem vo-lo tem maior,
Não exprimentei virtude,
Mas exprimentei amor,

8-10. *Nem se chama zombaria a acção de pôr em perigo a fama, para experimentar a honra.*

19-20. É de fina galantaria o modo como *Júpiter* atenua a sua culpa. Não experimentou a virtude da esposa, de que não duvidava: experimentou-lhe o amor, pondo-lhe à prova a capacidade de perdão.

5 Que se com caso tão vário
Folguei de vos agastar,
Foi amor acrescentar;
Porque às vezes um contrário
Faz seu contrário avivar.

10 Daqui vem que a leve mágoa
Firmeza, afeições aumenta,
Como bem se vê na frágua,
Onde o fogo se acrescenta,
Borrifando-o com pouca água.
Se um mal grande se alevanta
Num coração que maltrata,
A afeição desbarata;
15 Porque onde a água é tanta,
O fogo de amor se mata.

20 *Almena* E pois tive tal tenção,
Perdoai, Senhora, a culpa
Deste vosso coração.
Júpiter Não se alcança assi perdão
De erro que não tem desculpa.
Ora pois assi tratais
Quem em tanto risco pôs
O amor que vós negais,
Eu me ausentarei de vós,
25 Onde mais me não vejais.

5. Na 1.^a ed. ocorre *aviar*, que eds. ultteriores converteram em *avisar*. Parece preferível *avivar*, pois o efeito pretendido, na lógica da explicação de *Júpiter*, é não pôr de aviso, senão tornar mais vivo o amor conjugal.

7. Na 1.^a ed. *feições*.

5 Que, pois desculpa não tem
 Coração que tanto quer,
 Vou-me; que não será bem
 Que quem vós não podeis ver,
 Que possa mais ver ninguém.
 Se algũa hora meu cuidado
 Vos der dor, em que pequena,
 Peço-vos, pois fui culpado,
 10 Que vos não pese da pena
 De quem vos foi tão pesado.

15 E depois que a desventura
 Puser este coração
 Debaixo da sepultura,
 As letras na pedra dura
 Vossa dureza dirão.
 Isto vos hei-de dizer,
 Que me ensinou minha dor:
 Se quiserdes leda ser,
 20 Nunca exprimenteis amor
 Em quem vo-lo não tiver.

 Deixai-me ir; não me tenhais.
Almena Anfatrião, não choreis!
 Anfatrião!

25 *Júpiter* Que quereis,
 Ou pera' que nomeais
 Homem que ver não podeis?

7. *Em que* = *Ainda que*.
 21. *Não me detenhais*.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

- 5 *Almena.* Anfatrião, se eu causei
Com manencória, pequena
Cousa com que o magoei,
Eu quero cair na pena
Dessa culpa que lhe dei.
- 10 *Júpiter.* Sempre serei magoado,
Se vossa má condição
Me não perdoa o passado.
Almena. Perdão, e peço perdão
De lhe não ter perdoado.
Sósia No le perdone, Señora,
Hasta que con devoción
También me pida perdón;
15 Que bien se me acuerda ahora
Que me ha llamado ladrón.
- 20 *Júpiter* *Sósia!*
Sósia Señor!
Júpiter Vai, buscar
O piloto Belferrão;
Dir-lhe-ás, se desembarcar,
Que me parece rezão.
Que venha hoje cá cear.
Sósia Sí, Señor, voy a la hora.
Júpiter De nenhũa calidade
25 Cures fazer demora:
E nós vamo-nos, Senhora,
Confirmar nossa amizade.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Vão-se e vem Mercúrio, e diz:

Mercúrio Grandes reboltas vão lá,
Grandes acontecimentos!
Cumpre-me que esteja cá,
Enquanto meu pai está
5 Em seus desenfundamentos.
Porque vejo Anfatrião
Vir da nau mui apressado;
E, tendo corrido e andado,
Não pôde achar Belferrão,
10 Que lhe era bem escusado.

Parece-me que virá
Ver se lhe abre aqui alguém;
Mas, porém, se chega cá,
Já pode ser que se vá
15 Mais confuso do que vem.

Entra Anfatrião, e diz

Anfatrião Quis-nos nossa natureza
Com tal condição fazer,
Que já temos por certeza
Não haver grande prazer,
20 Sem mistura de tristeza.

Este decreto espantoso,
Que instituiu nossa sorte,
É tal e tão regoroso,
Que ninguém antes da morte
25 Se pode chamar ditoso.

5 Com esta justa balança
O fado grande, profundo,
Nos refreia a esperança,
Porque ninguém neste mundo
Busque bem-aventurança.

10 Eu, que cuidei de viver
Sempre contente de mi,
Com tamanho rei vencer,
Venho achar minha mulher
De todo fora de si.
Mas de outra parte, que digo?
Que, se é verdade o que vi,
E o que ela diz é assi,
15 Virei a cuidar comigo
Que eu sou fora de mi.

Quero ver se a acho já
Fora de tão secos nós.
Hô de casa!
20 *Mercúrio* Hô de allá!
Quien sois?
Anfatrião Abre!
Mercúrio Santo Dios!
Pues no os conocen acá.
25 *Anfatrião* O! que gentil desvario!
Abri-me 'ora, se quiserdes.
Mercúrio No haré, que en mi confio
Que de fuera dormiredes,
Que no comigo, amor mio.

27-28. São versos de cantiga espanhola, que *Mercúrio* deverá cantar, e daqui o verso seguinte:
Que cancion para oír!

- (Que canción para oír!)
- 5 *Anfatrião* Ah Sósia! zombas de mi?
 (Ora quero-me fengir
 Que ainda o não conheci,
 Por ver se me quer abrir)
 Ah Senhor, não abrireis?
- Mercúrio* Qué queréis, hombre, por Dios?
- Anfatrião* Duas palavras de vós.
- 10 *Mercúrio* Tengo dicho más de seis,
 E ahora me pedis dos?!
- De fuera podeis dormir,
 Que no podeis entrar acá.
- Anfatrião* Ora acabai, abri lá!
- 15 *Mercúrio* Digo que no quiero abrir:
 Dixe dos palabras ya.
- Anfatrião* Ora sus, bargante, abri!
- Mercúrio* Si no te buelbes de aqui,
 Á gran peligro te ofreces.
- 20 *Anfatrião* Velhaco, não me conheces,
 Ou estás fora de ti?
- Bonico venis, amor.
- Mercúrio* Quien sois, que hablais tan osado?
- Anfatrião* Abre, que sou teu Senhor!
- 25 *Mercúrio* Buélvase dessotro lado,
 Y conocerle hé mejor.
- Anfatrião* Sósia, moço!
- Mercúrio* Así me llamo,
 Huélgome que lo sepais;
 Empero digo que os vais,
 Que Anfatrión es mi amo;
 Vos i buscar quien seais.
- 30

- Anfatrião* Pois quero saber de ti:
Eu quem sou?
- Mercúrio* Y quien sois vós?
Como os llaman?
- 5 *Anfatrião* Abril
Mercúrio A vós os llaman «Abri»?
Pues, Abri, andad con Dios!
- Anfatrião* Quem há que possa sofrer
Em sua honra tal destroço,
10 Que pera' me endoudecer
Me tem negado a mulher,
E agora me nega o moço?
- Mercúrio* Mira el encantador
Como se lastima y llora!
15 Y fuese tomar ahora
La forma de mi Señor,
Para enganar mi Señora!
Pues esperad, y no os vais,
Por un espacio pequeño;
20 Verná quien representais,
Y él os hará que bolvais
El falso gesto a su dueño.
- Anfatrião* Vai, velhaco, e chama cá
Esse falso feiticeiro;
25 Que se ele lá dentro está
Esta espada' julgará
Qual de nós é o verdadeiro.

6. *Mercúrio* finge entender que o nome de quem bate à porta é *Abri*, e assim lhe chama...

20. *Verná* é forma arcaica de *vendrá* (em português *virá*). Vid. *terrá*, p. 36, v. 8.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMOES

Vai-se Mercúrio e vêm Sósia e Belferrão

Belferrão Ora ninguém presumira
Que tinhas tão pouco siso;
Pois vais achar de improviso
Tão bem forjada mentira,
5 Que me faz cair de riso.
Um moço, que alevantou
Tal graça, nunca nasceu,
Porque vos jura que achou
Que ou ele em dous se perdeu,
10 Ou de um dous se tornou.

Sósia Patrón, que no burlo, no.
En uno son dos unidos,
Y en dos cuerpos repartidos;
Yo soy él, y él es yo,
15 De un padre y madre nacidos.

Belferrão Esse tu que lá estás,
Tão velhaco é como ti?
Sósia Mas aun pienso que es más:
Por delante y por detrás
20 Todo se parece a mí.

Y fue gran merced de Dios
Ayuntar a mí más uno,
Que peor fuera de nos,
Si Dios me hiciera ninguno,
25 Que no de uno hacer dos.
Belferrão Assi que, se te perdeste,
Vieste a cobrar mais um!
Mui gentil conta fizeste,
Pois que perdido soubeste
30 Que eras dous, sendo nenhum.

Sósia Pues teneis por abusión
 Verdad tan clara y tan rasa,
 Aunque pone admiración,
 Quiera Dios, que allá en casa
 5 No halleis otro patrón.
 Anfatrião O patrão que fui buscar
 Parece que vejo vir.
 Não sei quem o foi chamar.
 Mas que me há-de aproveitar,
 10 Se me não querem abrir?

Ah! Belferrão!

Belferrão Ah Senhor!

15 Já sinto que fui culpado,
Porque quem é convidado,
Se tão vagaroso for,
Merece não ser chamado.

Anfatrião A vós quem vos convidou?

Belferrão Sósia, por mandado seu.

Anfatrião Disso, Patrão, não sei eu;
20 Que Sósia já me negou,
E já se não dá por meu.

25 E se alguém vos foi dizer
Que eu vos chamo à minha mesa,
Mal vos dará de comer
Quem de todo lhe é defesa
A casa e mais a mulher.

18. *Seu (de Vossa Mercê).*

- Belferrão* Quem é esse tão ousado,
Que vos isso faz, Senhor?
- Anfatrião* Sósia, creio que enganado
Por algum encantador,
5 Que a honra me tem roubado.
- Belferrão* Se ele aqui comigo vem,
Isso como pode ser?
- Anfatrião* Ah! que a ira que vou ter,
Tão cega a vista me tem,
10 Que mo não deixava ver.
Por que razão, cavaleiro,
Não me abris quando vos mando?
Vós fazeis-vos chocarreiro?
- Sósia* Yo, Señor? y cómo? y cuándo?
- 15 *Anfatrião* Quereis-lo saber primeiro?
- Sósia* Esperai, dir-vo-lo-á,
Mas será por outro som.
Ah! Señor Anfatrión,
Porque matándome está,
20 Sin delito y sin razón?
- Anfatrião* Agora que vos eu dou
Me chamais Anfatrião,
E pera me abrirdes não?
- Belferrão* Este moço em que pecou?
25 Porque pena sem razão?

16. O sujeito subentendido é *vosso senhor*. Algumas eds. corrigem para: *dir-se-vos-á*.

17. *Anfatrião* agride *Sósia*.

- No mais, por amor de mi!
- Anfatrião* Não, que não sou seu senhor:
Eu sou um encantador.
Não o dizeis vós assi,
- 5 *Sósia* Ladrão, perro, enganador?
Porque fuy presto a llamar
Por su mandado al patrón,
Me quiere ahora matar?
- Anfatrião* Quem vo-lo mandou buscar?
- 10 *Sósia* Si no hay otro Anfatrión,
Vuestra Merced, sin dudar.
- Anfatrião* Eu te mandei?
- Sósia* Sí, Señor,
Si otro no.
- 15 *Anfatrião* Outro há aqui,
Por quem tu zombes de mi?
Pois só desse encantador
Me quero vingar em ti.
- Sósia* Oh! Júpiter, a quien bramo
- 20 Por su bondad que me vala!
Pues porque Sosea me llamo,
Yo mismo, y despues mi amo,
Me dieron venida mala!

Entra Júpiter, e diz

- 25 *Júpiter* Quem é o tão atrevido,
Que aqui ousa de fazer
Tão revoltoso arroído
Com meus moços, sem temer,
Que fui sempre tão temido?

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- Quem aqui faz união,
Toma mui grande despejo.
Belferrão Oh! grande admiração!
Vejo eu outro Anfatrião,
5 Ou é sonho isto que vejo?
- Sósia* No mirais la encantación,
Que aquel hizo a mi Señor?
El que sale, Belferrón,
Es el cierto Anfatrión,
10 Que estotro es encantador.
Júpiter Sósia!
Sósia Mi Señor, ya vó.
Júpiter Patrão, por vós só espero.
Sósia No os lo decia yo,
15 Que este era el verdadero.
Y ese que allá queda, no?
- Anfatrião* Bargante, aonde te vás?
Fazes teu senhor sandeu?
Pois espera, e levarás!
20 *Júpiter* Olá, tornai por detrás,
Não deis no moço, que é meu!
Anfatrião Vosso?!
- Júpiter* Meu!
Anfatrião Pode isto haver,
25 Que outrem mínhas cousas tome?
Vós galante haveis de ser,
O que me tomais o nome,
Casa, moços e mulher.

1. *União* significa *ajuntamento*.

**Eu vos farei conhecer
Com quem tendes esse trato.
Sócia!**

Jupiter

Sócia

Señor!

5

Júpiter

Vai dizer,

Que aparelhem de comer,
Enquanto este doudo mato.

Belferrão

10

Oh! Senhor, não seja assim,
Haja em vós concerto algum!
E senão, pois aqui vim,
Farei que só tome em mim
Os golpes de cada um.

Jupiter

15

Anfatrião

Patrão, vossa' boa estrela
Me fará deixar com vida
Quem me não merece tê-la
Não a tenho eu merecida,
Pois que vos deixo com ela.

Belferrão

20

O homem que for sesudo,
Nũa tão grande questão
Há-de tomar por escudo
A justiça e a rezão,
Que estas armas vencem tudo.

25

E pois nossa natureza
Muitos homens faz iguais,
Dê qualquer de vós sinais
De quem é, pera certeza
Da forma que ambos mostrais.

Júpiter Sou contente de mostrar,
Pelos sinais que vos dou,
Que sam este sem faltar.
Anfatrião Que sinais podeis vós dar,
5 Pera que sejais quem sou?

Júpiter Estes, que logo vereis
Se são vãos, se de raiz.
Patrão, vós sede juiz,
Que vós logo enxergareis
10 Qual mais verdade vos diz.
Belferrão Eu não sinto onde consista
A cura desta doença;
Que há tão pouca diferença,
Que aquele em que ponho a vista,
15 Por esse dou a sentença.

Mas, Senhor, vós que ordenastes
Que o juiz disto fosse eu,
Quando se a batalha deu,
Dizei: que me encomendastes
20 Que ficasse a cargo meu?
Júpiter Dei-vos cargo que estivesse
Toda armada a bom recado,
E, se mal nos sucedesse,
Que pera os vivos houvesse
25 O refúgio aparelhado.

3. *Sam* é variante de *sou*, usada ainda no tempo de Camões.

23. Na 1.^a ed. *vos*. Com razão se tem corrigido para *nós*.

- Belferrão* Ora vós quantos dobrões
Esse dia me entregastes?
Anfatrião Três mil; e vós os contastes.
Belferrão Ambos sois Anfatriões,
5 *Júpiter* Pelos sinais que mostrastes.
Pera ser mais conhecida
A tenção deste sandeu,
Vede estoutro sinal meu,
10 Que é neste braço a ferida
Que me El-Rei Terela deu.
- Belferrão* Mostrai vós, Senhor, também.
Anfatrião Aqui o podeis olhar.
Belferrão Oh! causa pera espantar!
15 Que ambos a ferida têm
Dum tamanho em um lugar!
- Vem Sósia*
- Sósia* Dice mi Señora Almena
Que no se há assí de estar
Con un bobo a razonar,
Que se le enfria la cena.
20 *Júpiter* Belferrão, vamos cear.
- Anfatrião* Belferrão, não me deixeis.
Como? Também me negais?
Júpiter Andai, não vos detenhais.
Vamos comer, se quereis,
25 Não ouçais um doudo mais.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Anfatrião Ah! maus! Assi me ordenais
Ofensa tão mal olhada?
Eu farei, se me esperais,
Com que todos conheçais
Os fios da minha espada,

5

Júpiter As portas prestes fechemos,
Não entre este doudo cá.

Sósia De fuera se dormirá.
Entre tanto que cenemos,
Puede pasearse allá.

10

Vão-se dentro e fica Anfatrião só, e diz

Anfatrião Oh! ira p'ra se não crer,
Em que minha alma se abraça,
Que me faz endoudecer,
E não me ajuda a romper
As paredes desta casa!
E porque não tenho eu
Forças, que tudo destrua,
Pois que tanto a salvo seu,
Outrem acho que possua
A melhor parte do meu?

15

20

Eu irei hoje buscar
Quem me ajude a vir queimar
Toda esta casa sem pena,
Donde veja arder Almena,
Com quem a vejo enganar.

25

17. Entenda-se este *que* como conjunção consecuti-
va. ...a tal ponto que tudo destrua...

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Vai-se Anfatrião e vem Aurélio e um moço, e diz

Aurélio *No hallo a mis males culpa,
Para que merezca pena
La causa que me condena.*

5 *Moço* *Essa está gentil desculpa:
Pera hoje dar [a] Almena!*

10 *Aurélio* *Tem-no mandado chamar,
E ele está tão descuidado!
Moço, queres-me matar?
Que desculpa posso eu dar
Milhor que este meu cuidado?*

Moço *E não há mais que fazer?
Co isso a boca me tapa
Pera mais nada dizer?*

15 *Aurélio* *Ora dá-me cá essa capa,
E vamos ver o que quer.*

*Não trates de mais rezão,
Pois não há quem te resista.*

Entra Anfatrião, e diz

Aurélio *Que vejo? outra novação?!*

20 *Moço* *Que é?*

Aurélio *Ou me mente a vista,
Ou eu vejo Anfatrião.*

Moço *Eu ouvi a Feliseu,
Quando cá trouxe o recado,
Como ele era chegado,
25 E quis-me dizer que veio
Do siso desconcertado.*

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- Aurélio* Isso quero eu saber,
Pois que tal cousa se soa.
Senhor, pode-se dizer
Que a vinda seja mui boa?
- 5 *Anfatrião* Essa não pode ela ser.
Aurélio Porque não?
Anfatrião Porque é roubada
Minha honra sem temor,
E minha casa tomada,
10 E vossa prima enganada
Por um grande encantador.
- Aurélio* Isso é certo?!
Anfatrião E manifesto.
E tudo tem já por seu,
15 Adúltero e desonesto:
Tem-me tomado o meu gesto,
E faz-lhe crer que sou eu.
- Aurélio* Contais um caso de espanto!
E pois não podeis entrar,
20 Defendei-me por entanto,
Que eu hei-de lá chegar
Pera ver quem pode tanto.
- Vai-se Aurélio dentro, e diz*
- Anfatrião* Se ver desonra tão crara
Me não tivera o sentido
25 Totalmente endoudecido,
Que gravemente chorara
Ver tão grande amor perdido!

5 E quando vejo a verdade
Do nosso amor e amizade
Desfeita com tanta mágoa,
Enchem-se-me os olhos de água,
E a alma de saudade.

10 Assi que quis minha estrela,
Pera nunca ser contente,
Que agora, estando presente,
Viva mais saudoso dela,
Que quando dela era ausente.
Esta porta vejo abrir
Com ímpeto demasiado.
Que poderei presumir,
Que vejo Aurélio sair,
15 Como homem desatinado?

Vem Aurélio, Belferrão e Sósia, e diz

Aurélio Oh! estranha novidade!

Oh! cousa pera não crer!

Belferrão Venho cego de verdade,

20 Que não poderão sofrer
Meus olhos a claridade.

Sósia Oh! triste, que vengo ciego

Con rayos y con visiones!

Y destas encantaciones,

Si nuestra casa arde en fuego,

25 Han se de arder mis colchones.

Aurélio Vamos a Anfatrião
Contar-lhe cousas tamanhas.

Anfatrião Que vai lá? que cousas vão?

Aurélio Maravilhas tão estranhas,

5 Que me treme o coração!

Porque aquele homem, que assi

Tantos enganos teceu,

Como era cousa do Céu,

Tanto que apareci,

10 Logo desapareceu.

E em desaparecendo

Com roído grande e horrendo,

Toda a casa alumiou;

E de arte nos inflamou,

15 Que nos vimos acolhendo

Do raio que nos cegou.

Estes acontecimentos

Não são de humana pessoa.

Vós ouvis a voz que soa?

20 Escutai, estai atentos;

Vejamos o que pregoa.

Voz de Júpiter, de dentro

Júpiter Anfatrião, que em teus dias
Vês tamanhas estranhezas,

Não te espantem fantesias,

25 Que às vezes grandes tristezas

Parem grandes alegrias.

5 Júpiter sam manifesto
Nas obras de admiração,
Que por mi causadas são.
Quis-me vestir em teu gesto,
Por honrar tua geração.

10 Tua mulher parirá
Um filho de mim gèrado,
Que Hércules se chamará,
O mais valente e esforçado,
Que no mundo se achará.
Com este, teus sucessores
Se honrarão de ser teus;
E dar-lhe-ão os escritores,
15 Por doze trabalhos seus,
Doze milhões de louvores.

20 E dessa ilustre fadiga
Colherás mui rico fruto.
Enfim, a razão me obriga
Que tão pouco dele diga,
Porque o tempo dirá muito.

F I M

1. *Sam* = *sou*.

EL-REI SELEUCO
de
LUIS DE CAMÕES

Diz logo o Mordomo, ou dono da casa:

Eis, Senhores, o Autor, por me honrar nesta festi-
val noite, me quis representar ãa farsa; e diz que,
por não se encontrar com outras já feitas, buscou
uns novos fundamentos pera a quem tiver um
5 juízo assi arrazoado satisfazer. E diz que quem se
dela não contentar, querendo outros novos aconte-
cimentos, que se vá aos soalheiros dos escudeiros
da Castanheira, ou de Alhos Vedros e Barreiro, ou
converse na Rua Nova em casa do boticário, e não
10 lhe faltará que conte. Porém, diz o Autor que usou
nesta obra da maneira de Isopete. Ora, quanto à
obra, se não parecer bem a todos, o Autor diz que
entende dela menos que todos os que lha puderem
emendar. Todavia, isto é pera praguentos, aos quais
15 diz que responde com um dito de um filósofo que
diz: *Vós outros estudastes pera praguejar, e eu pera
desprezar praguentos.* E contudo quero saber da
farsa, em que ponto vai. Moço! Lançarote!

11. *Isopete* é diminutivo do nome de *Esopo*, o conhecido fabulista grego. *Da maneira* ou *à maneira de Isopete* significa ser o auto feito como as fábulas de Esopo, como ficção com intuito de moralidade.

Moço

Senhor!

Mordomo

São já chegadas as figuras?

Moço

Chegadas são elas quase ao fim de sua vida.

Mordomo

Como assi?

Moço

- 5 Porque foi a gente tanta, que não ficou capa com frisa, nem talão de sapato, que não saísse fora do couce. Ora vieram uns embuçadetes e quizeram entrar por força; ei-lo arrancamento na mão: deram
10 ãa pedrada na cabeça ao Anjo e rasgaram ãa meia calça ao Ermitão; e agora diz o Anjo que não há-de entrar, até lhe não darem ãa cabeça nova, nem o Ermitão até lhe porem ãa estopada na calça.

7. *Embuçadetes* é diminutivo de *embuçados*. Diríamos hoje com o mesmo intuito pejorativo: *umas criaturinhas embuçadas*.

8. *Ei-lo arrancamento na mão* significa *ei-los à unha, eis que surge a briga*.

12. *Estopada* = *remendo*.

Este pantufo se perdeu ali; mande-o V. M. domingo apregoar nos púlpitos, que não quero nada do alheio.

Mordomo

Se ela fora outra peça de mais valia, tu botaras a
5 consciência pela porta fora, pera a meteres em tua casa.

Moço

Oh! se o ela fora, mais consciência seria torná-la a seu dono, quem a havia mister pera si.

Mordomo

Ora vem cá. Vai a casa de Martim Chinchorro,
10 e dize-lhe que temos cá auto com grande fogueira;
que se venha Sua Mercê pera cá, e traga consigo o
Senhor Romão d'Alvarenga, pera que sobre o
canto-chão botemos nosso contra-ponto de zomba-
ria. Ouves, Lançarote? Ir-lhe-ás abrir a porta do
15 quintal, porque mudemos o vinte aos que cuidam
de entrar por força.

4. *Ela* em vez de *ele* (*pantufo*) por atracção sintáctica exercida pela palavra *peça*.

6. *Consciência* tem aqui o sentido, ainda hoje em uso, de coisa absurda, repugnante à consciência. Na pág. seguinte — 1 a 4 — o *Moço* exprime a mesma disposição de se apropriar do alheio.

15. *Vinte* é, no jogo da bola, o pau que dá vinte pontos ao jogador que o derruba. *Mudemos o vinte* significa: *desviemos da pista*.

Indo-se o moço, diz

Moço

Chichelo de Judeu, assi como foste pantufo, que te custava ser ãa bolsa com um par de reales, que são bons pera escudeiro hipócrita, que são pouco e valem muito?

Mordomo

5 Moço, que estás fazendo, que não vás?

Moço

Senhor, estou tardando, e porém estou cuidando que, se agora fora aquele tempo em que corriam as moedas dos sambarcos, sempre deste tiraria pera ãas palmilhas. Mas já que assi é, diga-me V. M.
10 que farei deste?

Mordomo

Oh! fideputa bargante! esperai, que est'outro vo-lo dirá.

1. É expressão de desprezo, como *Chinelo do diabo*. Denuncia, como outras expressões, o anti-semitismo reinante no tempo.

3. Os *reales*, que circularam desde D. Sebastião, são comparados aqui ao *escudeiro hipócrita*, porque, tais como ele, sendo de pouco valor intrínseco, tinham-no fiduciário. Note-se, porém, que, na ed. de 1644-1645, a lição é: *que são muito e valem pouco*. E não será antes: *que soam muito e valem pouco*?

8. *Sambarco* é o mesmo que *chinelo* ou *sapato*. *Moedas dos sambarcos* eram as cunhadas em sola.

11. *Bargante* = *desavergonhado*.

Faz que lhe atira com outro pantufo; vai-se o moço e diz o

Mordomo

Não há mais mau conselho, que ter um vilão destes mimoso, porque logo passam o pé além da mão, e zombam assi da gravidade de seu amo. Mas, tornando ao que importa: Vossas Mercês é necessário
5 que se cheguem uns pera os outros, pera darem lugar aos outros senhores que hão-de vir; que de outra maneira, se todo o corro se há-de gastar em palanques, será bom mandar fazer outro Alvalade; e mais, que me hão-de fazer mercê que se hão-de
10 desembuçar, porque eu não sei quem me quer bem, nem quem me quer mal. Este só desgosto tem um auto, que é como ofício de alcaide: ou haveis deixar entrar a todos, ou vos hão-de ter por vilão ruim.

Entra Martim Chinchorro, falando com o escudeiro Ambrósio, e diz

Martim

Entre V. M.

7. *Corro* é o mesmo que *pátio*. Era no *pátio* que, antes da construção de edifícios próprios, se efectuavam as representações, de onde *Pátio das Comédias*, designação usada na Península, e em Portugal *Pátio das Arcas*, *Pátio das Fargas*, *Pátio da Bitesga*.

8. *Alvalade* era antigamente o nome do Campo Grande, em Lisboa, e portanto o sentido será: Se todo o espaço é occupado pelos espectadores, só arranjando espaço largo como o de Alvalade poderemos ter lugar para eles e para o espectáculo.

Ambrósio

Dias há, Senhor, que ando de quebras com cortesias; e por isso vou diante. Beijo as mãos a V. M. A verdade é esta: passear com casa' juncada, fogueira com castanhas, mesa posta com alcatifa e cartas; 5 além disso, auto pera' esgaravatar os dentes. Esta é a vida de que se há-de fazer consciência.

Mordomo

Senhor, o descanso dizem lá que se há-de ter enquanto homem puder, porque os trabalhos, sem os chamarem, de seu se vêm por seu pé, que seu 10 nome é.

Martim

Ora pois, Senhor, o auto que tal dizem que é? Porque um auto enfadonho traz mais sono consigo que ãa pregação comprida.

1. Como diríamos hoje: *de relações cortadas com a cortesia*.

5. É o mesmo que dizer: *auto a que se assista, a seguir à refeição*, quando era hábito ainda não de todo posto de parte esgaravatar os dentes.

6. Como *fazer consciência com alguém* é indemnizá-lo do que se lhe deve, a frase aqui significa que *quem passa vida de tal voluptuosidade, terá de por ela dar compensações a Deus*.

11. Na 1.^a ed. ocorre: *...o auto dizem que é tal...* Mas a resposta do *Mordomo* implica a pergunta por que se corrigiu tal lição.

Mordomo

Senhor, por bom mo venderam e eu o tomei à cala de sua boa fama. E se tal é, eu acho que, por outra parte, não há tal vida como ouvir um vilão que arranca a fala da garganta, mais sem sabor que
5 ãa pera-pão, e ãa donzela que vem mais podre de amor, falando como apóstolo, mais piedosa que ãa lamentação.

Martim

Pera estes tais é grande peça rapaz travesso com molho de junco, por que não andem mais ao coscor-
10 rão, mais roucos que ãa cigarra, trazendo de si enfaçamento.

2. *A cala* = (como as melancias que se *calam* antes de se comprar) entenda-se: só *pela reputação*, como se esta fosse a *cala* (a prova).

4-7. A ênfase da declamação do tempo é denunciada neste comentário faceto. Como Shakespeare, Camões faz no teatro a crítica ao teatro contemporâneo.

5. *Pera-pão* = *sem mais préstimo do que para comer?* M. B. recolheu em J. Ferreira de Vasconcelos a expressão: *mulher de primor que me fica, como dizem, pera pão e pera peixe*. A expressão *podre de amor* significará com amor em excesso até à repugnância. Compare-se com as expressões do nosso tempo: *podre de chique, podre de rico*.

6. *Falando no tom enfático e choroso da pregação de jesuíta* (apóstolo, na designação que se dava no tempo aos Inacianos), e, assim *mais piedosa* (provocadora de lástima) *que uma lamentação*.

9. *Coscorrão* é, segundo Domingos Vieira, *pancada que dói e não fere* — e abona-se com este passo camoniano. Ora a palavra também significa *filhó feita de fari-*

Moço

Olá, Senhoras! Pedem as figuras alfinetes pera toucarem um escudeiro. Ora sus: há i quem dê mais? que ainda vos veja todas a mim às rebatinhas. Ora sus! Venham de mano em mano, ou de mana em 5 mana.

Mordomo

Moço, fala bem ensinado!

Moço

Senhor, não faz ao caso; que os erros por amores têm privilégio de moedeiro.

Ambrósio

Ó rapaz, não me entendes? Pergunto-te se tardas 10 rão muito por entrar.

Moço

Perece-me, Senhor, que antes que amanhã começarão.

nha de trigo amassada em ovos. Seria com tal doce que regalariam os actores que se exhibiam em casas particulares? O passo, nesse caso, significaria que a tais actores cumpriria corrê-los a *molho de junco*, aplicado por *rapaz travesso*, para que não andassem ao *coscorrão*.

3. *As rebatinhas* = em concorrência umas com as outras, cada qual mais cedendo, para o poder lograr.

4. *De mano em mano* é forma arcaica, significando o mesmo que *de mão em mão*. O moço aproveita-a para o jogo verbal com *de mana em mana*, o que quer dizer: *de amiga em amiga*, que tal era no tempo, e ainda hoje em falares provinciais, o tratamento de familiaridade.

8. Será o privilégio da *circulação*, da *voga*.

Ambrósio

Oh! que salgado moço! Zombas de mi? Vem cá.
Donde és natural?

Moço

Donde quer que me acho.

Ambrósio

Pergunto-te onde nasceste.

Moço

5 Nas mãos das parteiras.

Ambrósio

Em que terra?

Moço

Toda a terra é ãa; e mais eu nasci em casa asso-
bradada, varrida daquela hora, que não havia
palmo de terra nela.

Martim

10 Bem varrido de vergonha que me tu pareces.
Dize: Cujo filho és? É pera ver com que desbarate
respondest.

1. *Salgado* = com sal de pilhéria atrevida.

11. Na sintaxe do tempo *cujo*, *cuja* (vid. v. 12 da
pág. 174) pode ser forma do pronome interrogativo, equi-
valendo a *de quem?* *Desbarate* vid. p. 44, v. 2.

Moço

A falar verdade, parece-me a mi que eu sou filho de um meu tio.

Martim

Vem cá. De teu tio?! E isso como?

Moço

Como? Isto, Senhor, é adivinhação que Vossas
5 Mercês não entendem. Meu pai era clérigo, e os clérigos sempre chamam aos filhos sobrinhos; e daqui me ficou a mi ser filho de meu tio.

Martim

Ora te digo que és gracioso. Senhor, donde houvestes este?

Mordomo

10 Aqui me veio às mãos sem piós nem nada; e eu por gracioso o tomei; e mais tem outra cousa, que ãa trova fá-la tão bem como vós, ou como eu, ou como o Chiado.

10. *Piós* são correias que prendem as aves de caça de altanaria, e também *armadilha*.

13. Refere-se ao poeta António Ribeiro Chiado (? — 1591), autor de autos ao modo de Gil Vicente.

Ambrósio

Não! Quant'a disso, nós havemos-lhe de ver fazer
algũa cousa, enquanto se vestem as figuras. Ainda
que, pera que é mais auto que vermos a este?

Mordomo

Vem cá, moço: dize aquela trova que fizeste à
5 moça Briolanja, por amor de mi.

Moço

Senhor, si, direi; mas aquela trova não é senão
pera quem a entender.

Martim

Como! tão escura é ela?

Moço

Senhor, assi a sei eu escrever e a fiz na memória,
10 porque eu não sei escrever senão com carvão; e
porém diz assi:

Por amor de vós, Briolanja,
Ando eu morto,
Pesar de meu avô torto.

1. *Quant'a* ocorre na 1.^a ed. sempre na forma *quanta*. Nas eds. posteriores corrigiu-se para *quant'ê*.

10. A trova é *escura*, porque ele só sabe escrever *com carvão* — diz o *Moço*, significando que não sabe escrever. Faz trocadilho com a palavra *escura*, pois o pode ser pela dificuldade do sentido e pela cor da letra.

14. É uma forma de juramento, como *pesar da mãe que me pariu*, *pesar de S. Fernando*, etc..

Martim

Oh! como é galante! Que descuido tão gracioso!
Mas vem cá: que culpa te tem teu avô nos desfavores que te tua dama dá?

Moço

Pois, Senhor, se eu houve de pesar de alguém,
5 não pesarei eu antes dos meus parentes, que dos alheios?

Mordomo

Pois ouçam Vossas Mercês a volta, que é mais cheia de gavetas que a trombeta do Sereníssimo de la Valla.

Moço

10 A volta, Senhores, é muito funda; e parece-me, Senhores, que nem de mergulho a entenderão. E por isso mandem assoar os engenhos e metam mais

1. *Descuido por desenfado, entretenimento?*

4. *Pesar de alguém, por jurar por alguém.*

7-9. *Volta ou glosa. Gavetas*, como coisas fechadas que é preciso abrir, e às vezes com segredo, serão as dificuldades da volta? E que é a *trombeta do Sereníssimo de la Valla*? E este de la Valla será, como aventa M. B., seguido por V. de A., o crítico Lourenço de la Valla? Storck confessa não saber quem seja *de la Valla*, nem as suas *trombetas*, nem mesmo o sentido da palavra *gavetas*. Nós preferimos a confissão de Storck à hipótese de M. B. Talvez mesmo que se trate de alusão a algum italiano contemporâneo, residente em Lisboa.

10-11. A palavra *funda* sugere a ideia de poço ou pego, e esta leva à imagem de *mergulho*.

ũa sardinha no entendimento; e pode ser que com esta servilha lhe calçará melhor; e todavia palra assi:

5 Vossos olhos tão daninhos
 Me tratam de feição,
 Que não há em meu coração
 Em que atem dous réis de cominhos.
 Meu bem anda sem focinhos,
 Por vós morto,
10 Pesar de meu avô torto.

Martim

Ora bem: que têm de ver os cominhos com o teu coração?

Moço

15 Pois, Senhores, coração, bofes, baço e toda a
 outra mais cabedela, não se podem comer senão
 com cominhos; e mais, Senhores, minha dama era
 tendeira; e este é o verdadeiro entendimento.

2. *Servilha* ou *servilheta*, como se usa dizer no Alentejo, é o mesmo que *alpercata*. O *Moço* faz consistir a graça do seu falar, não apenas no inédito, senão também na variedade e número das metáforas que emprega. Só nesta última fala surgem nada menos do que quatro: — a do mergulho na profundidade da volta; a de desobstruir o engenho, assoando-o; a de abastecer o entendimento com mais uma sardinha; a de lhe facilitar a marcha, calçando-lhe *esta servilha*. *Servilha* ocorre aqui pelo trocadilho implícito na palavra *pé*, que também significa *volta*. (P. 17, v. 15). Adivinhamos, pelo modo como fala o *Moço*, o modo imaginoso como o Poeta escreveria, se não actuasse sobre a exuberância da sua *verve* a moderadora disciplina da sua formação clássica.

7. Dous réis e não reis. Fica o esclarecimento para quem já não conheceu moedas em réis.

Martim

E aquella regra que diz: *Meu bem anda sem focinhos*, me dá tu a entender, que ela não dá nada de si.

Moço

Nunca Vossas Mercês ouviram dizer: *Meu bem*
5 *e meu mal/lutaram um dia;/meu bem era tal,/que*
meu mal o vencia? Pois desta luta foi tamanha a queda que meu bem deu entre ãas pedras, que quebrou os focinhos; e por ficarem tão esfarrapados, que lhe não podiam botar pedaço, por conselho dos
10 físicos lhos cortaram por lhe neles não saltarem herpes; e daqui ficou: *Meu bem anda sem focinhos*, como diz o texto.

Ambrósio

Tu fazes já melhores argumentos que moços de estudo por dia de S. Nicolau.

Martim

15 Senhor, aquilo tudo é bom engenho: este moço é natural pera lógico.

14. S. Nicolau, porque, segundo a lenda, ressuscitara uns estudantes, era o padroeiro da mocidade académica, e por isso no seu dia se lhe consagravam actos públicos, como controvérsias, etc.

16. *Tem natural propensão para dialecta.*

Moço

Quê, Senhor? Natural pera lógea?! Si, mas não
tão fria como Vossas Mercês.

Mordomo

Parece-me, Senhor, que entra a primeira figura.
Moço, mete-te aqui por baixo desta mesa, e ouça-
5 mos este representador, que vem mais amarlotado
dos encontros, que um capuz roxo de piloto que sai
em terra e o tira de arca de cedro.

Martim

Senhor, ele parece que aprende a cirurgiaão.

Ambrósio

Mais parece ourinol capado, que anda de amores
10 com a menina dos olhos verdes.

Mordomo

Enfim, parece figura de auto, em verdade.

5. *Amarlotado* = *amarrotado*. A *marlota*, de onde *amarlotado*, era trajo árabe que cingia e apertava o corpo, cheio de pregas, de onde a metáfora.

10. Tem-se querido ver nesta frase uma alusão a D. Isabel Tavares, que foi identificada como *a menina dos olhos verdes*, a que mais de uma vez o Poeta consagra versos. Bem parece que, sem melhores provas, não deveremos responsabilizá-lo por tal grossaria.

Entra o representante.

É lei de direito, assaz verdadeira,
Julgar por si mesmos aquilo que vêem;
Pelo que, se cuidam que zombo de alguém,
Eu cuido que zombam da mesma maneira.

- 5 E assi a qualquer parece que está mais dobrado,
sem nenhum conhecer seu próprio engano, por
grande que seja. Ora, Senhores, a mim me esquece
o dito de ponto em claro; mas não sou de culpar,
porque não há mais que três dias que mo deram.
10 Mas em breves palavras direi a Vossas Mercês a
suma da obra: ela é toda de rir, do cabo até a
ponta. Entrarão logo primeiramente quinze don-
zelas que vão fugidas de casa de seus pais, e vão
com cabazes apanhar azeitona; e trás elas vêm logo
15 oito mundanos, metidos em um covão, cantando:

5. O que parece *estar mais dobrado* ou *complicado* é aquilo que se vai representar.

8. O *dito que de ponto em claro* (= *por completo*) esquece, é o próprio papel que lhe cabe na representação.

12-15. O *Representador* ilude os espectadores, prometendo-lhes algo muito diferente do que será representado.

15. *Covão* é cesto de vime para pescar.

Quem os amores tem em Sintra; e depois de cantarem farão ãa dança de espadas, cousa muito pera ver. Entra mais El-Rei D. Sancho, bailando os machatins, e entra logo Caterina Real com uns poucos
 5 de parvos nũa joeira; e semeá-los-á pela casa, de que nascerá muito mantimento ao riso. E nisto fene-
 cerá o auto, com música de chocalho e bozinas, que Cupido vem dar a ãa alfèoleira a quem quer bem; e ir-se-ão Vossas Mercês cada um pera suas pou-
 10 sadas, ou consoarão cá conosco disso que aí houver. Ora pois ficareis *in vanum laboraverunt*, porque atégora zombei de vós, por me forrar do erro da representação, como quem diz: *digo-te, antes que mo digas*.

3. Os *machatins* era dança guerreira, que representava um ataque.

4. Via o Prof. José Maria Rodrigues neste passo uma alusão à rainha D. Catarina, mulher de D. João III. É bem duvidoso que o Poeta não soubesse de modo mais discreto fazer tal alusão e metesse a pessoa da rainha no falso anúncio de uma cena burlesca, representado o auto, para mais, em casa de alto funcionário palatino, que antecipadamente o devia conhecer, porque nele tomava parte. Provavelmente o nome tem tanto com a realidade contemporânea, como com a realidade histórica tem o de D. Sancho.

8. *Alfèloeira* é a fabricante ou vendedora de *alfé-loas*, doce feito de mel, ainda não há muito vendido no Alentejo.

10. *Consoar* (*cum-sub-unare*) é tomar com outras pessoas pequena refeição em noite de jejum.

11. A tradução é: *trabalharam em vão*, o que, no passo, significa que foi sem intenção, como brincadeira, o argumento exposto.

12. *Forrar do erro da representação* = *prevenir-se contra o erro*, desculpar-se antecipadamente.

Ambrosio

Ora vos digo, Senhores, que, se as figuras são todas tais, que acertariam em errar os ditos; ainda que me parece que este o não fez, senão a ser mais galante. Mas se assi é, ela é a melhor invenção que
5 eu vi; porque já agora representações, todas é darem por praguentos; e são tão certas, que é melhor errá-las, que acertá-las.

Mordomo

Parece-me que entram as figuras de siso. Vejamos se são tão galantes na prática como nos vestidos.
10

Entra El-Rei Seleuco, com a Rainha Estratónica.

Rei Senhora, dê's que a ventura
Me quis dar-vos por mulher,
Me sinto emmeninecer;
Porque em vossa fermosura
15 Perde a velhice seu ser.
Um homem velho, cansado,

2. A conjunção *que* é integrante e repete a da linha 1, como é usual na syntaxe do tempo. Os *ditos* são os papéis distribuídos aos actores. O sentido da fala de *Ambrosio*, suscitada pela do Moço, é que, se as figuras da peça têm o mesmo espírito que ele, *Moço*, tão espontâneo e pessoal na graça, terá a representação mais chiste, errando todos os papéis. Substituiriam a sensaboria normal nas comédias do tempo, que tanto provocavam as críticas dos *praguentos*, pelas próprias facécias, assim hilariantes. O serem *tão certas* (as representações) significará que supriam à graça que lhes faltava pela conformidade com as regras.

8. *Figuras de siso*, é designação por opposição a figuras cómicas — os *graciosos*, como se lhes chamava.

- Não tem força nem vigor,
Pera em si sentir amor,
Se não é que estou mudado,
Com ser vosso, noutra cor.
- 5 Muito grande dita tem
A mulher que é fermosa.
Rainha Senhor, grande; mas porém,
Se a tal é virtuosa,
Quer-lhe a Ventura mor bem.
- 10 Rei Si, mas porém nunca vemos
A Natureza esmerar
Adonde haja que tachar;
Que quando ela faz extremos,
Em tudo quer-se extremar.
- 15 Eu falo como quem sente
Em vós esta calidade,
Pelo que vejo presente;
E se me esta mostra mente,
Mente-me a mesma Verdade.
- 20 Ua só tristeza sento
Que não tem a meninice,
Que no mor contentamento
O trabalho da velhice
Me embaraça o sentimento.
- 25 Rainha Senhor, novidades tais
Far-me-ão crer de verdade...
Rei Novidades lhe chamaís!

12-15. O rei, por galantaria, significa que a Natureza se não extremou na formosura física da rainha, senão porque não havia que *tachar* (repreender) na formosura moral da mesma.

20. Na 1.^a ed. ocorre *tenho* em vez de *sento*, forma arcaica de *sinto*. A correcção é proposta por Storck.

- Folgo, Senhora, que achais
Na velhice novidades.
- Rainha* Senhor, dias há que sento
Em o Príncipe Antioco
5 Certo descontentamento.
Dera algũa cousa a troco
Por saber seu sentimento.
- Vejo-lhe amarelo o rosto,
Ou de triste ou de doente;
10 Ou ele anda mal disposto,
Ou lá tem certo desgosto
Que o não deixa ser contente.
Mande, Senhor, Vossa Alteza
A chamá-lo por alguém;
15 Saberemos que mal tem,
Se é doença de tristeza,
De que nasce, ou de que vem.
- Rei* Certo que eu me maravilho
Do que vos ouço dizer.
20 Que mal pode nele haver?
Ide dizer a meu filho
Que me venha logo ver.
- Rainha* Se curar não se procura
Ua cousa destas tais,
25 Vem despois a crescer mais.
Quando já não se acha cura,
Toda a cura é por demais.

6-7. A forma correcta seria *dera*. *por saber* ou *dera... a troco de saber*. É o que se chama uma contaminação sintática.

21. Esta ordem é dada a alguém que acompanhava o rei e a rainha, posto não venha indicado.

26-27. A rainha faz trocadilho com o duplo sentido da palavra *cura* — *remédio* e *cuidado*.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Entra o Príncipe Antioco, com seu pagem por nome Leocádio.

Príncipe Leocádio, se és avisado,
E não te falta saber,
Saber-me-ás dar a entender:
Quem ama desesperado,
5 *Pagem* Que fim espera de haver?
Senhor, não.
Mas porém por que razão
Lhe avém sabê-lo, ou de quê?
Príncipe Pergunto-te a conclusão;
10 Não me perguntes porquê.

Porque é minha pena tal,
E de tão estranho ser,
Que me hei-de deixar morrer;
E por não cuidar no mal,
15 O não ousar de dizer.
Que maneira de tormento
Tão estranho e evidente,
Que nem cuidar se consente!
Porque o mesmo pensamento
20 Há medo do mal que sente.

Pagem Não entendo a Vossa Alteza,
Príncipe Assi importa à minha dor.
Pagem E por que razão, Senhor?

8. *Lhe avém lhe convém (a V. Alteza)...*

Príncipe Pera que seja a tristeza
Castigo do meu temor.
Porque ordena
O Amor, que me condena,
5 Que se haja de sentir,
E sem dizer nem ouvir.
Bem-aventurada a pena
Que se pode descobrir!

10 Oh! caso grande e medonho!
Oh! duro tormento fero!
Verdade é isto que eu quero?
Não é verdade, mas sonho
De que acordar não espero.
Quero-me chegar a El-Rei
15 Meu pai, que já me está vendo.
Mas onde vou? Não me entendo.
Com que olhos eu olharei
Um pai a quem tanto ofendo?

20 Que novo modo de antolhos!
Porque neste atrevimento
Devera meu sentimento
Pera ele não ter olhos,
Nem pera ela pensamento.

2. O que é castigado no *Príncipe* não é o *temor*, senão o que tal sentimento implica — a aspiração inconfessável.

22-23. As eds. posteriores à de 1645 trazem no 1.º verso *ela* em vez de *ele*. Mas onde parece estar o erro da 1.ª ed. é no verso seguinte, em que, na de 1645, ccorre *ele* em vez de *ela*. Nos versos anteriores o *Príncipe* diz não

Chega aonde está El-Rei.

Rei Filho, como andais assi?
Que tanto desgosto tomo
De vos ver como vos vi!
Príncipe Não sei eu tanto de mi,
5 Que possa saber o como.

Dias há já, Senhor, que ando
Mal disposto, sem saber
Este mal que possa ser;
Que se nele estou cuidando,
10 Quase me vejo morrer.

Rei Pois, filho, será razão
Que meus físicos vos vejam.

Príncipe Os físicos, Senhor, não;
Que os males que em mi estão,
15 São curas que me sobejam.

Rainha Deite-se; que na verdade
Um corpo, deitado e manso,
Descansa à sua vontade.

Príncipe Senhora, esta enfermidade
20 Não se cura com descanso.

saber *com que olhos* verá o pai. É prosseguindo nesta ideia que agora desejaria não ter para ele *olhos*, como não ter para ela (a rainha) *pensamento* (ou seja, na linguagem do tempo, inclinação amorosa). Mas não seria sem sentido o desejo de não ter olhos para ver a formosura dela; e, uma vez que o não pode evitar, não ter a preocupação (= *pensamento*) do pai.

15. Novo jogo com a palavra *cura*, agora entendida pelo filho no sentido de *cuidado* e pelo pai desejada como *remédio*.

- Rainha* Todavia, bom será
Que lhe façam ãa cama.
- Príncipe* Um coxim abastará,
(Que assi não descansará
5 O repouso de quem ama).
- Rei* Vamos, filho, pera dentro,
Enquanto a cama se faz.
Repousai como capaz;
Que a mi me dá cá no centro
10 A pena que assi vos traz.

Vão-se, e vem ãa moça a fazer a cama, e diz

- Moça* Mimos de grandes Senhores
E suas extremidades
Me hão-de matar de amores,
Porque de meros dulçores
15 Adoecem.
Então logo lhe parecem
Aos outros que são mamados;
E os que são mais privados,
Sobre eles estremecem.

4. Não será descanso em quietação de espírito o repouso corporal de quem ama. Estes dois últimos versos devem ser ditos em *à-part*.

8. *Repousai como vos for possível*. Os dois versos seguintes manifestam no *Rei* a dúvida de que o filho possa repousar como seria necessário.

9. *No centro* = *no intimo*.

13. Talvez o verso seja, como lembra Storck; *Me hão-de matar, de verdade*, e por ventura *extremidade* ocorreria no singular.

Certo (e assi Deus me ajude!)
 Que são muito graciosos,
 Porque de meros viçosos,
 Não podem com a saúde.
 Mas deixá-los,
 Porque eles darão nos valos,
 Donde mais não se erguerão,
 Inda que lhe dêem a mão
 Os seus privados vassalos.

Entra um porteiro da canu, e bate primeiro e diz

10	<i>Porteiro</i>	Trás, trás, trás!
	<i>Moça</i>	Jesu! Quem está aí?
	<i>Porteiro</i>	Já vós, mana, éreis mamada. Pera vos levar furtada Nunca tal ensejo vi. E vós estais descuidada!
15	<i>Moça</i>	E meus descuidos que fazem?
	<i>Porteiro</i>	Vossos descuidos, cadela? Ah! minha alma! Sois tão bela, Que esses descuidos me trazem Dous mil cuidados à vela.
20		

3. Entenda-se: *Porque de tão amimados...*

6. *Darão nos valos* = cairão em males mais fundos, ou graves.

12. *Mamada* = perdida.

Rubrica. *Porteiro aa cana* era a designação de porteiro do paço, assim chamado porventura para o distinguir pela insígnia que trazia (*cana* = bastão) do *porteiro de maça* (outro instrumento de agressão).

- Pois sou vosso há tantos anos,
 Mana, tirai os antolhos,
 E vereis meus tristes danos.
- 5 *Moça* Não tenhais esses enganós.
Porteiro Nem vós tenhais esses olhos;
 Que de vossos olhos vem
 Esta minha pena fera.
Moça De meus olhos?!
Porteiro Assi era!
- 10 *Moça* Moça que tais olhos tem,
Porteiro Nenhuns olhos ver devera.
- Moça* E porquê?
Porteiro Porque cegais
 A quantos olhos olhais,
 15 *Moça* Posto que por vós padecem.
Porteiro Olhos que tão bem parecem,
 Porque não nos castigais?
Moça Deus dê siso, pois de vós
 Tirou o que aos outros deu.
 20 *Porteiro* Desatai-me lá esses nós.
 Que mais siso quero eu,
 Que não ter siso por vós?

8. Na 1.^a ed. o diálogo difere:

Moça De meus olhos assi era.
Porteiro Moça que tais olhos tem...

A correcção, de aceitar, foi proposta por Storck.

20. Como quem diz: *Que quereis dizer com isso?* Na métrica do tempo, *lá* podia contrair-se numa única sílaba como a primeira de *esses*.

Moça Falais de arte; eu vos prometo
 Que a resposta vem à vela.
 [*Porteiro*] Isso é olho de panela.
 [*Moça*] Quanto há já que sois discreto?
 5 *Porteiro* Quanto há já que vós sois bela?
 Moça Dais-me logo a entender
 Que eu sou feia, a meu ver.
 Porteiro E isso porque o entendeis?
 Moça Porquê? Porque me dizeis
 10 Que só de meu parecer
 Vos procede o que sabeis.

 Porteiro É verdade.
 Moça Pois bem sento
 15 Que o vosso saber é vento,
 Fica a cousa declarada,
 Meu parecer não ser nada.
 Porteiro Olhai aquele argumento!
 Além de bela, avisada!
 20 Oh! nem tanto, nem tão pouco!
 Vede vós o que falais.
 Moça Cego no saber andais.
 Porteiro No siso, mas não tão louco
 Como vós, mana, cuidais.

1-2. Na verdade, o *Porteiro* fala com arte de petrarquista, usando paradoxo vulgar na escola. Mas a resposta tem-na a *Moça* pronta — *vem à vela*.

3. O Prof. Vieira de Almeida julga, e também nos parece, que este verso é dito pelo *Porteiro*, que assim classifica como coisa excelente a resposta pronta que a *Moça* lhe promete. Na 1.^a ed. os versos 1 a 4 são todos fala da *Moça*.

13. *Uma vez que eu bem sinto...*

- Ora dizei, duna má:
Que não amais quem vos ama?
Moça Ouvistes vós cantar já
Velho malo, em minha cama?
5 Já me entenderéis.
Porteiro Ah, ah...
Senhora, estais enganada;
Que com ãa capa e espada,
E com este capuz fora...
10 *Moça* Ora bem: tirai-o ora,
E fazei ãa levada.
Porteiro Não: se me eu hoje alvoroço,
Achar-me-eis de outra feição.
Aqui tira o capuz e diz
Porteiro Tenho má disposição?
15 Estas obras são de moço,
Se as mostras de velho são.
Moça Tendes mui gentis meneios.
Porteiro Não, Senhora? Faço extremos,
Moça Passeai ora, veremos
20 Se tendes tão bons passeios.
Porteiro Tudo, Senhora, faremos.

1. *Duna*, deformação pejorativa de *dona*.

4. Verso da cantiga do *Velho amoroso*:

Viejo malo em mi cama

Por mi fé no dormirá,

11. *Esgrimi. Levada*, segundo Moraes, que se abona com este verso, é um ataque, no jogo da espada.

15-16. As *mostras* (aparências) do *Porteiro* são de *velho*, mas as *obras* são de *moço*. Por *obras* se entende os movimentos de esgrima que ele simulou.

18. Creio ser esta a pontuação que explicará a forma negativa da frase. É como se dissesse: *Pois não acha?*

- Moça* Virai ora a' essoutra mão.
Porteiro Esta disposição, vêde-a,
Que tenho gentil feição.
Moça Tendes vós mui boa rédea.
Sofreis ancas?
5 *Porteiro* Isso não.
Moça Por certo que tendes graça
Em tudo quanto fizerdes,
Fazei mais o que souberdes.
10 *Porteiro* Não sei cousa que não faça,
Senhora, por me quererdes.
- Moça* Tendes vós muito bom ar.
Porteiro Mais que isto faz quem quer bem.
Moça I-vos asinha, que vem
15 O Príncipe a se deitar.
Porteiro Nunca ãa pessoa tem
Ua hora pera falar!
- Entra o Príncipe com o seu pagem Leocádio, e diz*
- Príncipe* Seja a morte apercebida,
20 Porque já o Amor ordena
A dar a meu mal saída,
Porque o fim da minha vida
O seja da minha pena.

5. *Consentis que vos cavalguem?* Talvez a *Moça* tivesse presente no espírito a última cena da *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente...

Não tarde, pera tomar
 Vingança de meu querer,
 Pois não se pode dizer
 Que não tem já que esperar,
 5 Nem com que satisfazer.
 Os físicos vêm e vão,
 Sem saberem minhas mágoas,
 Nem o pulso me acharão;
 E se o querem ver nas águas,
 10 As dos olhos lho dirão.

Se com sangrias também
 Procuram ver-me curado,
 O temor de meu cuidado
 O mais do sangue me tem
 15 Nas veias todo coalhado.
 Quero-me aqui encostar,
 Que já o espirito me cai.
 Leocádio, vai-me chamar
 Os músicos de meu Pai;
 20 Folgarei de ouvir cantar.

9. *Se o querem ver nas águas.* Entenda-se: *Se que-
 rem ver nos humores (nas «águas» que verto) o meu mal
 ou o «meu querer» que mo causa, as minhas lágrimas o
 mostrarão. Apesar das aparências, o (na expressão o que-
 rem) não se refere a pulso.* Num auto de Jerónimo Ri-
 beiro, o irmão do Chiado, há um pescador de Alfama que
 vai mostrar ao médico *as águas da mulher.*

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Assi se deita, como que repousa, e fala dizendo assi:

5 Senhora, qual desatino
Me trouxe a tanta tristura?
Foi, Senhora, por ventura
A força do meu destino,
Como vossa fermosura.
Bem conheço que não posso
Ter tão alto pensamento;
Mas disto só me contento,
10 Que se paga com ser vosso
O mor mal de meu tormento.

Entram os músicos, e diz Alexandre da Fonseca, um deles:

Alexandre Senhor, de que se acha mal
O Príncipe, ou que mal sente?
Pagem Senhor, sei que está doente;
Mas sua doença é tal,
15 Que entender se não consente.
Os físicos vêm e vão,
Uns e outros a meúde,
Sem o poderem dar são.
Quanto mais cura lhe dão,
20 Então tem menos saúde.

9-10. O mor mal do meu tormento tem sua compensação na própria glória de serdes vós que o causais.

- O Pai anda em sacrificios
Aos deuses, que lhe dêem
A saúde que convém,
Dizendo que por seus vícios
5 O mal a seu filho vem.
Eu suspeito que isto são
Alguns novos amorinhos,
Que terá no coração.
- 10 *Alexandre* Amores! com quem serão,
Que lha não dêem de focinhos?
- Porteiro* Senhores, que lhe parece
Da doença de Antioco...?
- Alexandre* Diga-lhe quem lha conhece.
Pagem Que toma morrer a troco
15 De calar o que padece.
- Porteiro* Isso é estar emperrado
Na doença, que é pior.
Têm-no os físicos curado?
- 20 *Alexandre* *Oh! que de mal del amor*
No há, Señor, sanador.
- Porteiro* Falais como exprimentado,
Que eu cuido que esta fadiga,
Que o faz com que desespere;
Y por más tormento quiere
25 *Que se sienta, y no se diga.*

10. Com quem poderá o Príncipe ter amores, que imediatamente lhe não dêem a pretendida?

14. *Que aceita morrer...* completa a frase — *Senhores, que lhe parece...*

18. *Curado* = *tratado*.

23. *Que é integrante repetida*. O sentido é... *esta fadiga faz com que ele desespere...*

- Alexandre* Pois, Senhor meu, isso assele,
 Porque a pena que sabeis
 Que eu cuido que está nele,
 Dar-lhe-á penas cruéis,
 5 *Pues no hay quien la consuele.*
Porteiro Folgo, porque me entendeis.
- Pagem* Hemo-nos, Senhores, de ir,
 Porque nos está esperando.
Porteiro Pois eu também hei-de ir,
 10 Que não me posso espedir
 Onde vejo estar cantando.
Príncipe Cantai, por amor de mi,
 Algũa cantiga triste;
 Que todo meu mal consiste
 15 Na tristeza em que me vi.
Porteiro Mande-lhe cantar um chiste.
- Alexandre* Chiste não, que é desonesto,
 E não tem esses extremos
 Outro canto mais modesto;
 20 Porém não sei que diremos.
Pagem *Gonleão o dirá presto.*
Porteiro Dá licença Vossa Alteza
 Que diga minha tenção?
Príncipe Dizei: seja em canto-chão.

1. *Isso o demonstre.*
 16. *Chiste = cantiga burlesca.*
 17. *desonesto = pouco nobre.*
 21. Quem é *Gonleão*? M. B. aponta este passo de
 Gil Vicente, em *D. Duardos: Julião lo dirá presto*. Tra-
 ta-se da frase-feita espanhola, provàvelmente.

Porteiro Pois crede que é sutileza,
Que os Anjos a comerão.
Digam esta:

5 *Enforquei minha esperança,
E o Amor foi tão madraço,
Que lhe cortou o baraço.*

Alexandre Não me parece essa boa.

Porteiro Haja eu perdão...

10 [*Alexandre*] Porque não na entenderão.

[*Porteiro*] Entender! Bofá, que é boa!
Não lhe caís na feição?

Alexandre Dizei ora outra melhor,
Com que nos atarraqueis.

15 *Porteiro* Ora esperai e ouvireis.
Se a esta não dais louvor.
Quero que me degoleis.

Cantiga

*Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora, cativo tendes
Este meu coração Mendes.*

8. O *Porteiro* pede, com esta fórmula de delicadeza, a razão do juízo que *Alexandre* acaba de formular.

9. Na 1.^a ed. vem este verso na fala do *Porteiro*.

10. *Bofá* ou *bofé* (contracção de *boa fé*) é interjeição arcaica, com significado igual ao de *palavra de honra*!

11. *Não lhe dais com o sentido?*

19. Vid. nota a esta cantiga no 1.^o volume e, neste, a nota ao v. 2 da pág. 126.

Alexandre Essa parece mui taibo,
 Porque mostra bom indício.
Porteiro Vós cuidareis que eu que raivo.
Alexandre Todavia tem mau saibo.
 5 Ora mal lhe corre o ofício.
Príncipe Tá, não vá mais por diante
 A zombaria, que é má.
 Cantai qualquer delas já,
 Que esse porteiro é galante,
 10 Ninguém o contentará.

Aqui cantam, e em acabando, diz o

Pagem Parece que adormeceu.
Porteiro Pois será bom que nos vamos.
Alexandre Senhor, quer que nos vejamos?

Porteiro Senhor, vir-me-á do Céu.
 15 Releva-me que o façamos.

*Entra a Rainha com ãa sua criada por nome Frolalta,
 e diz*

Rainha Frolalta, como ficava
 Antioco em te tu vindo?
Frolalta Ficava-se despedindo
 Da vida que então levava,
 20 E assi seus dias comprindo.

1. *Taibo* é palavra de que se não conhece o significado. Será o mesmo que *boa*? Storck traduz: *Nein, da fehlt's an Ton und Takt*, ou seja: *Não, aí falta ritmo e graça*, e por isso põe o 2.º verso na boca do *Porteiro*, traduzindo-o livremente: *Wort und weise sind gehoben*, ou seja: *Palavra e tom são elevados*.

10. Assim na 1.ª ed. Mas não será *contestará*?

14. Na 1.ª ed. este verso é atribuído a *Alexandre*. A correcção é de Juromenha.

Rainha Oh! grave caso de amor!
Desesperada afeição!
Oh! amor sem redenção,
Que ali te fazes maior
5 Onde tens menos rezão!
No mais alto e fundo pego
Ali tens maior porfia.
Rezão de ti não se fia.
Quem a ti te chamou cego,
10 Mui bem soube o que dizia.
Por ventura ia chorando?

Frolalta Chorando ia e chamando
Ao Amor «Amor cruel»;
E em, Senhora, se deitando
15 Lhe caiu este papel.

Rainha Que papel?
Frolalta Este, Senhora.
Rainha Amostra, que quero lê-lo.
20 Agora acabo de crê-lo;
Que ao que mostra por fora,
Aqui lhe lançou o selo.

5. Este verso falta nas primeiras edições. Acrescentou-o o P.^o Tomás d'Aquino, que, é sabido, utilizou os mss. de Faria e Sousa.

6. *Alto e fundo* têm igual significado, atribuídos a *pego*.

21. O *selo* = a *confirmação*. Storck insere aqui na sua tradução deste auto, um soneto de Camões que se lhe adapta e aqui encontra a explicação do seu estranho tema.

Aqui lê o papel, e diz

5 *Rainha* Oh! estranha pena feral
Desditosa vida cara!
Oh! quem nunca cá viera,
E com seu Pai não casara,
Ou em casando morrera!

10 *Frolalta* Ainda que eu peca sam,
Senhora, tudo bem vejo.
Atente, que, na eleição,
O que lhe pede o desejo,
Não consente o coração.

Rubrica: O papel apanhado no chão concebeu Storck fosse o soneto camoniano alusivo à paixão incestuosa de *Fedra* por *Hipólito*. (Vid. no I vol. o soneto e a nota respectiva no fim do mesmo vol.).

Fiou-se o coração de muito isento
De si, cuidando mal que tomaria
Tão ilícito amor tal cusadia,
Tal modo nunca visto de tormento.
Mas os olhos pintaram tão a tento
Outros que visto têm na fantasia,
Que a razão, temerosa do que via,
Fugiu, deixando o campo ao pensamento.
Ó Hipólito casto, que de jeito
De Fedra, tua madrasta, foste amado,
Que não sabia ter nenhum respeito,
Em mim vingou o amor teu casto peito;
Mas está desse agravo tão vingado,
Que se arrepende já do que tem feito.

O soneto teria sido concebido pelo Poeta para esta peça e nele a Rainha leria a declaração apaixonada.

6. Já se disse que *sam* é forma arcaica de *sou*. Na 1.^a ed. ccorre *presasão*.

Rainha Frolalta, pois que és discreta,
 Nada' te posso encobrir;
 Porque, se queres sentir,
 A ãa mulher discreta
 5 Tudo se há-de descobrir.
 O dia que entrei aqui,
 Que a Seleuco recebi,
 Logo nesse mesmo dia
 10 No Príncipe, filho, vi
 Os olhos com que me via.

Este princípio sofri-lho,
 Pera ver se se mudava;
 Antes mais se acrescentava.
 Eu amava-o como filho,
 15 E ele de outr'arte me amava.
 Agora vejo-o no fim
 Por se me não declarar.
 E pois já que a isso vim,
 A morte que o levar,
 20 Me leve também a mim.

Porque já que minha sorte
 Foi tão crua e desabrida,
 Que me não quer dar saída,
 Sejamos juntos na morte,
 25 Pois o não somos na vida.
 Oh! quem me mandou casar,
 Pera ver tal crueldade!
 Ninguém venda a liberdade,
 Pois não pode resgatar
 30 Onde não tem a vontade.

5 Que não há mor desvario,
 Que o forçado casamento
 Por alcançar alto assento;
 Que, enfim, todo o senhorio
 Está no contentamento.
 Não sei se o vá ver agora,
 Se será tempo conforme,
 Ou se imos a desora.
10 *Frolalta* Despois iremos, Senhora,
 Que agora dizem que dorme.

Entra o Físico a tomar-lhe o pulso, e, tomando-o, diz

15 *Físico* Su madrasta oyó nombrar,
 Y el pulso se le alteró.
 Esto no entiendo yo,
 Porque para le alterar
 El corazón le obligó.
 Pues que el corazón se altere,
 Es porque en un momento
 Algun nuevo vencimiento
 De afición terrible le hiere,
20 Que causa tal movimiento.

 Pues que afición cabe así
 Con madrasta? Digo yo,
 Dos razones hay aquí:
 La una dice que sí,

11. Na 1.^a ed. oy, em vez de oyó. A emenda é de 1759 e do P.^o T. J. de Aquino.

5 La otra dice que nó.
Empero yo determino
De exprimentar la verdad
Y hacer una habilidad,
Que declare es agua o vino
Esta su enfermedad.

10 Porque toda esta mañana
Tengo estudiado su mal,
Sin ver causa efectual
De su dolencia inhumana,
Ni otra de su metal.
Llamar quiero este asnejón;
Mas aun debe de dormir,
Segun que es dormilón.

15		Ó Sancho! ó Sancho!	
	Sancho		Ah Señor!
	Físico	Ea, aun estás dormiendo?	
	Sancho	Estoyme, Señor, vestiendo.	
	Físico	Pues, vellaco y sin sabor,	
20		No me respondes dormiendo?	
		Vestios presto, ladrón!	
		Oh que mozo, y que ventura!	
	Sancho	(Mas que amo y que cabrón!)	
		Embieme acá el ropón,	
25		Que no hallo mi vestidura.	

11. *Metal=espécie.* A seguir a este verso, propõe Storck, para que a estrofe se complete, a intercalação do verso — *Mas pues luego heme de ir, e a seguir ao verso 13 — Desta casa en un rincon.*

- Físico* Que embie el ropón acá?!
Parece que os desmandais.
- Sancho* Que vaya, Señor? Ah, ahl
- Entra o Moço embrulhado em ãa manta*
Que buenos dias hayais.
- 5 *Físico* Dí como vienes assí
Con la manta, y para qué?
- Sancho* Yo, Señor, se lo diré:
Por venir presto vestí
Lo que más presto me hallé.
- 10 Porque viendo que él me llama,
Dormiendo yo sin afán,
Salté presto de la cama,
Que parezco un gavilán,
Hermoso como una dama.
- 15 *Físico* Mas es tu bovedad tanta,
Que vienes desa fación?
- Sancho* De mí vestido se espanta?
De noche sirve de manta,
Y de dia de ropón.
- 20 *Físico* Embióme El-Rey á llamar
Otra vez.
- Sancho* Y a mí?
- Físico* Y a tí?!
- Sancho* Y él qué presta allá sin mí?
- 25 *Físico* Qué puedes tu aprovechar?

2. Storck, sempre no intuito de completar a estrofe, propõe a inserção, a seguir, deste verso: *Que bien os entiendo yá.*

4. Na 1.^a ed. é depois deste verso que vem a rubrica que nesta o antecede.

16. Esta palavra varia nas diferentes edições. Na 1.^a ocorre *facción*, mas também aparece a lição *fación* e *fación*, que preferimos.

- 5 **Sancho** Yo se lo diré de aqui:
Si por la ventura quiere
Para que le dé consejo,
Cuando doliente estuviere;
Digo: coma', si pudiere,
Y beba buen vino anejo.
- 10 Porque este es el licor
Que dá fuerza y es sabroso;
Que segun dicen, Señor,
Vinum lætificat cor
Hominis, y le es provechoso.
- 15 **Físico** Ya sabes la medicina,
Que Avicena nos refiere.
Sancho Pues, Señor, porque es divina.
Pero El-Rey que le quiere,
Que manda', o que determina?
- 20 **Físico** El Príncipe está doliente.
Sancho Oh! mesquiño! Y que mal ha?
Físico Y a tí, necio, que te vá?
Sancho Oh Señor, que es mi pariente!
Físico Gracioso el bovo está.
Y pues díme, por tu fé:
Llorarás si se muriere?
- 25 **Sancho** [No, Señor], no lloraré;
Empero, Señor, haré
La peor cara que pudiere.
- 30 **Físico** Ea, bovo, vé corriendo,
Y ensilla la mula ayna.
Sancho Véngala ensillar mejor.
Físico Oh velhaco y sin sabor!

10-11. Tradução: O vinho alegra o coração do homem.

13. Célebre médico árabe (980-1037).

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

5 *Sancho* Yo por cierto no lo entiendo.
Pero una melecina
Le hé de pedir, Dios queriendo,
(Porque ando atribulado,
Y no sé parte de mi
Con este nuevo cuidado)
Para un sayo esfarrapado,
Que me dicen hay allí.

10 *Físico* Ora ensilla; y nunca viva,
Pues sufro tus desatinos.

Sancho Señor, pasión no reciva:
Ya cavalga Calaynos
A la sombra de una oliva.

Aqui sai bolindo com a almofada, e acorda o Príncipe, e diz

15 *Príncipe* Oh! bela vista e humana,
Por quem tanto mal sustento!
Oh! Princesa soberana!
Como? nos braços vos tenho,
Ou este sonho me engana?

20 Pois como, sonho, também
Me queres vir magoar?
E pera me atormentar
Mostras-me a sombra do bem
Pera assi mais me enganar?
Assi que, com quanto canso,
25 Já não posso achar atalho,
Pois que o sono quieto e manso,
Que os outros têm por descanso,
Me vem a mi por trabalho.

11-12. Versos do romance popular espanhol—*O Mouro de Calaynos*.

5 Pois há i tantos enganós
 Que condenam minha sorte,
 Não o tenho já por forte,
 Se à volta de tantos danos
 Viesse também a morte.

Aqui entra El-Rei com o Físico, e diz

10 **Rei** Andai e vede se achais
 O rasto deste segredo,
 Que me dizem que alcançais,
 Ainda que tenho medo
 Que lhe seja por demais.

15 **Físico** Plega à Dios que aquesto sea
 Para salud y remedio
 Desta dolencia tan fea.
 Yo buscaré todo el medio,
 Que presto sano se vea.

Aqui lhe toma o Físico o pulso

20 **Príncipe** Aflojen, Señor, sus ais.
 Como se halla en su penar?
 Como me acho, perguntais?
 E como se pode achar
 Quem sempre se perde mais?

25 **Físico** (La respuesta abre el camiño).
 Imagina de contino?
 Príncipe Não tenho outro mantimento,
 Nem outro contentamento,
 Senão o em que imagino.

11. É de Storck a correcção de *aqueste* em *aquesto*.
 19-20. O jogo verbal é compatível, já no século XVI,
 com as situações mais trágicas. Encontrámo-lo em poemas
 como *Sóbolos rios que vão*.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Aqui entra a Rainha, e diz

Rainha Como se sente, Senhor?
Tem a febre mais pequena?
Príncipe Responda-lhe minha pena.
Físico (Conocido es su dolor...
5 Ora sea en hora buena!

Tomada está la tristeza
A las manos, que sentió.
Usaré de sutileza).

Diz contra El-Rei

10 *Rei* Cúmple-me que solo yo
Platique con Vuestra Alteza.
Rainha Chegemo-nos pera cá.
Não deve desesperar,
Que enfim, se bem atentar,
15 Pera tudo o tempo dá
Tempo pera se curar.

Príncipe Que cura poderá ter
Quem tem a cura, Senhora.
No impossível haver?
Rainha Ficai-vos, Senhor, embora,
20 Que vos não sei responder.

6-7. A ordem é: *Tomada está á las manos la tristeza que sentió.*

16-17. Entenda-se: *Quem tem o cuidado (ou anseio) de haver o impossível?*

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Vai-se a Rainha, e diz

- Rei* Neste mal, que não compreendo,
Que meio dais de conselho?
- Físico* Señor, nada entiendo dello;
Y supuesto que lo entiendo,
5 Yo quisiera no entendello.
- Rei* Porquê?
- Físico* Porque tengo entendido
Lo más malo de entender,
Para lo que puede ser;
10 Porque anda, Señor, perdido
De amores por mi muger.
- Rei* Santo Deus! Quê! Tal amor
Lhe dá doença tão fera?!
- Físico* Que remédio achais melhor?
15 Forçado será que muera,
Porque no muera mi honor.
- Rei* Pois como! A um só herdeiro
Deste Reino não dareis
Vossa mulher, pois podeis,
20 Que tudo faz o dinheiro?!
- Físico* Pois este não o enjeiteis;
Dai-lha, porque eu espero
De vos dar dinheiro e honra,
Quanto eu pera ele quero.
25 No tira el mucho dinero
La mancha de la deshonra.
- Rei* Ora bem pouco defeito
É pequice conhecida,
Quando deixa de ser feito,
30 Porque com ele dais vida

- 5 *Físico* A quem vos dará proveito.
 Cuán facilmente aporfia
 Quien en tal nunca se vió!
 Del consejo que me dió,
 Vuestra Alteza que haria,
 Si agora fuese yo?
- 10 *Rei* A mulher que eu tivesse
 Dar-lha-ia. Oxalá
 Que ele a Rainha quisesse!
- 10 *Físico* Pues déla, si le parece,
 Que por ela muerto está.
 Rei Que me dizeis?!
- 15 *Físico* La verdad.
 Rei Sem dúvida, tal sentiste?
 Físico Sin duda, sin falsedad.
 Pues, Señor, ahora tomad
 Los consejos que me distes.
- 20 *Rei* Certamente, que eu o via
 Em tudo quanto falava.
 Como o vistes? Por que via?
- 25 *Físico* Nel pulso, que se alterava,
 Si la via, ó si la oía.
 Rei Que maneira há-de haver?
 Que eu certo me maravilho,
 Possa mais o amor do filho,
 Do que pode o da mulher!
- 30 Finalmente hei-lha de dar,
 Que a ambos conheço o centro.
 Quero-o ir alevantar,
 E iremos pera dentro
 Neste caso praticar.

24. Para completar a estrofe propõe Storck, a seguir a este verso, o seguinte: *Que já em todo o meu ser.*

28. *Vid.* nota ao v. 9 da pág. 100.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Diz contra o Príncipe

5 Levantai-vos, filho, di,
 O melhor que vós puderdes,
 E vinde-vos pera aqui;
 Porque, enfim, o que quiserdes
 Tudo haveis de mi.

Pagem Ah! Senhores, houlá! hou!
 Porteiro Viestes em conjunção
 A melhor que pode ser.
10 Haveis aqui de fazer
 A trosquia a um rifão.

Pagem Deixai-me, Senhor, dizer;
 Haveis isto de acabar:
 Coração, i bugiar,
15 *No esteis preso en cadenas,*
 Que pois o amor vos deu penas,
 Que vos lanceis a voar.

Porteiro Por certo que bem coprou.
 Pagem Ora sabeis o que vai?
 Antioço que casou
20 Com a mulher de seu Pai,
 E o mesmo Pai o ordenou.
 Porteiro Isso como?

10. *Trosquia* ou *tosquia dum rifão* é a sua explicação.

17. Na 1.^a ed. *comprou*, mas deve ser *coprou*, no sentido de *versejou*, *rimou*.

Pagem Não o sei;
 Porque dizem que a amava,
 E que só por ela andava
 Pera morrer; e El-Rei
 5 Deu-a a quem a desejava.

Porteiro Se o casa por querer bem
 Com a moça, a quem ele ama,
 Direi eu que a mi se inflama
 O amor mais que a ninguém.
 10 *Pagem* Pois pedi-lhe a vossa dama.
Porteiro Por São Gil, que ei-los cá vêm,
 Ele pela mão com ela.

Entra El-Rei e Antioco com a Rainha pela mão, e diz

Rei Que mais há i que esperar?
 Olhai que estranheza vai
 15 O muito amor ordenar:
 Ir-se o filho namorar
 De ãa mulher de seu Pai!

Querer bem foi sua dor,
 20 Negar-lha será crueldade;
 Assi que já foi bondade
 Usar eu de tal amor,
 E de tal humanidade.
 Ela deixou de reinar
 Como fazia primeiro,
 25 Por se com ele casar;
 E por amor verdadeiro
 Tudo se pode deixar.

10. Na 1.^a ed. nossa, mas deve ser engano.

13. É a lição da ed. de Hamburgo. A 1.^a ed. é:
Que mais há que esperar?

5 Eu que nela tinha posto
 Todo o bem de meu cuidado,
 Deixei mais que ela há deixado;
 Que mais se deixa no gosto,
 Que no poderoso estado.
 Mas já que tudo isto vemos,
 Hajam festas de prazer,
 As que melhor possam ser,
 10 Porque em tão grandes extremos,
 Extremos se hão-de fazer.

 Hajam cantos pera ouvir,
 Jogos, prazeres sem fundo;
 Porque, se quereis sentir,
 Deste modo entrou o mundo,
 15 E assi há-de sair.

*Aqui vêm os músicos e cantam, e depois de cantarem,
 saem-se todas as figuras, e diz*

Martim Chinchorro

20 Ora, Senhor, tomemos também nosso pandeiro e
 vamos festejar os noivos; ou vamos consoar com as
 figuras, porque me parece que esta é a mor festa
 que pode ser. Mas espere V. M.: ouviremos cantar,
 e na volta das figuras nos acolheremos. Moço,
 acende esse molho de cavacos, porque faz escuro,
 não vamos dar connosco em algum atoleiro, onde
 nos fique o ruço e as canastras.

17. Storck interpreta este passo como convite, não a festejar os noivos do auto — *Príncipe e Estratonice* — senão os noivos reais *Mendes e Gonçalves*, celebrados na cantiga da pág. 110, que assim ficaria esclarecida.

23. *O burro e as canastras que transporta.*

Estácio da Fonseca

Não, senhor, mas o meu Pilarte irá com eles com um par de tições na mão; e perdoem o mau gasalhado. Mas daqui em diante sirvam-se desta pouxada; e não tenham isto por palavras, porque essas
5 e plumas, o vento as leva.

F I M

1. *Pilarte* = *porteiro*. O termo vem do grego *Pylartes*, onde tem o mesmo significado. Mas já Fernão Lopes o registra e ocorre na *Comédia de Bristo*, de António Ferreira, segundo informou o Prof. E. Asensio.

Nota. Estácio da Fonseca foi reposteiro de D. João III, que o nomeou para os cargos de almoxarife dos Paços de Alcáçova, recebedor dos dinheiros das aposentadorias da Corte, cavaleiro fidalgo e tesoureiro das moradias da Corte. Foi, segundo todas as aparências, em sua casa que se representou este auto.

AUTO CHAMADO DE FILODEMO

Feito por LUIS DE CAMÕES e em que entram
as figuras seguintes:

Filodemo; Vilardo, *seu moço*; Dicnisa; Solina, *sua moça*; Venadoro e o *monteiro*; Duriano, *amigo de Filodemo*; um Bobo, *filho do pastor*; Florimena, *pastora*; Dom Lusidardo, *pai de Venadoro*; Doloroso, *amigo de Vilardo*; *três pastores bailando*.

ARGUMENTO DO AUTO

Um fidalgo português que acaso andava nos Reinos de Dinamarca, como, por largos amores e maiores serviços, tevesse alcançado o amor de ãa filha de El-Rei, foi-lhe necessário fugir com ela em ãa galé, por quanto havia dias que a tinha prenhe. E de
5 feito, sendo chegados à costa de Espanha, onde ele era senhor de grande património, armou-se-lhe grande tormenta, que sem nenhum remédio, dando a galé à costa, se perderam todos miseravelmente,
10 senão a princesa, que em ãa tábua foi à praia. A qual, como chegasse o tempo de seu parto, junto de ãa fonte pariu duas crianças, macho e fêmea; e não tardou muito que um pastor castelhano, que

10. *Com excepção da princesa.*

naquelas partes morava, ouvindo os tenros gritos dos mininos, lhe acudiu a tempo que a mãe já tinha espirado. Crecidas, enfim, as crianças debaixo da humanidade e criação daquele pastor, o macho, que
 5 Filodemo se chamou, à vontade de quem os baptizara, levado da natural inclinação, deixando o campo, se foi pera a cidade, onde, por músico e discreto, valeu muito em casa de D. Lusidardo, irmão de seu pai, a quem muitos anos serviu sem
 10 saber o parentesco que entre ambos havia. E como de seu pai não tevesse herdado nada mais que os altos espiritos, namorou-se de Dionisa, filha de seu senhor e tio, que, encitada ao que por suas obras e boas partes merecia, ou porque elas nada enjeitam,
 15 lhe não queria mal. Aconteceu mais que Venadoro, filho de D. Lusidardo, mancebo fragueiro e muito dado ao exercício da caça, andando um dia no campo após um cervo, se perdeu dos seus; e indo dar em ãa fonte, onde estava Florimena, irmã de
 20 Filodemo (que assim lhe puseram o nome) enchendo ãa talha de água, se perdeu de amores por ela, que se não soube dar a conselho, nem partir-se donde ela estava, até que seu pai o não foi buscar. O qual, informado pelo pastor que a criara (que era homem
 25 sábio na arte mágica) [de como a achara] e como a criara, não teve por mal de casar a Filodemo com Dionisa, sua filha e prima de Filodemo, e a Venadoro, seu filho, com Florimena, sua sobrinha, irmã de Filodemo, pastor; e também pela muita renda
 30 que tinha, que de seu pai ficara, de que eles eram

21. Subentenda-se: *a tal ponto que...*

verdadeiros herdeiros. E das mais particularidades da comédia, fará menção o auto, que é o seguinte.

Entra logo Filodemo e um seu moço — Vilardo.

- Filodemo* Moço Vilardo!
- Vilardo* Ei-lo vai.
- 5 *Filodemo* Falai, eramá, falai,
E saí cá pera a sala.
O vilão como se cala!
- Vilardo* Pois, Senhor, saio a meu pai,
Que quando dorme não fala.
- 10 *Filodemo* Trazei cá ãa cadeira.
Ouvis, vilão?
- Vilardo* Senhor, sim.
(Se me ela não traz a mim,
Vejo-lhe eu ruim maneira).
- 15 *Filodemo* Acabai, vilão ruim!
- Vilardo* Que moço pera servir
Quem tem as tristezas minhas!
Quem pudesse assi dormir!
Senhor, nestas menhãzinhas
20 Não há i senão cair.
Por demais é trabalhar
Que este sono se me ausente.

5. *Eramá* é interjeição arcaica, de indignação. É alteração de *em hora má*, opondo-se a *em boa hora*, que se encontra na forma corrente *embora*, então com sentido não meramente conjuncional. *Vá embora* significava *vá com Deus*; Falai, *erama...* o mesmo que *Folai, com mil diabos...*

21-22. Não vale a pena insistir para que deixe de ter sono.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Filodemo Porquê?

Vilardo Porque há-de assentar
Que, se não for com pão quente,
Não há-de desaferrar.

5 *Filodemo* Ora i p'lo que vos mando,
Vilão feito de formento.

[*Sai Vilardo*].

10 Triste do que vive amando
Sem ter outro mantimento,
Com que estê fantesiando!
Só ãa cousa me desculpa
Deste cuidado que sigo:
Ser de tamanho perigo,
Que cuido que a mesma culpa
Me fica sendo castigo.

*Vem o moço, e assenta-se na cadeira Filodemo, e diz
àvante:*

15 Ora quero praticar
Só comigo um pouco aqui;
Que, depois que me perdi,
Desejo de me tomar
Estreita conta de mi.

6. Dizemos hoje *fermento*. *Feito de fermento*,
significa *azedo*, como a massa de farinha fermentada.

9. *Estê* é forma corrente no tempo, equivalente a
esteja.

5 Vai pera fora, Vilardo...
 Torna cá. Vai-me saber
 Se se quer já lá erguer
 O Senhor Dom Lusidardo,
 E vem-me logo dizer.

Vai-se o moço.

10 Ora bem, minha ousadia,
 Sem asas, pouco segura,
 Quem vos deu tanta valia,
 Que subais a fantasia
 Onde não sobe Ventura?
 Por ventura eu não nasci
 No mato, sem mais valer
 Que o gado ao pasto trazer?
15 Pois donde me veio a mi
 Saber-me tão bem perder?

20 Eu, nascido antre pastores,
 Fui trazido dos currais,
 E dantre meus naturais
 Pera casa dos senhores,
 Donde vim a valer mais.
 Agora, logo tão cedo,
 Que is mostrar a condição
 De rústico e de vilão!
25 Dando-me Ventura o dedo,
 Lhe quero tomar a mão!

15. Entenda-se: *perder-me por tão alto motivo,*
como é a paixão que concebe pela filha de seu senhor.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

5 Mas oh! que isto não é assi,
Nem são vilãos meus cuidados,
Como eu deles entendi;
Mas antes, de sublimados,
Os não posso crer de mi.
Porque, como hei eu de crer
Que me faça minha estrela
Tão alta pena sofrer,
10 Que sòmente pola ter
Mereço a glória dela,

15 Senão se Amor, de atentado,
Porque me não queixe dele,
Tem por ventura ordenado
Que mereça o meu cuidado,
Só por ter cuidado nele?

Vem o moço, e diz

20 *Vilardo* O Senhor Dom Lusidardo
Dorme com todo contento;
E ele com o pensamento
Quer estar fazendo alardo
De castelinhos de vento!

10. Na dialéctica amorosa em que o petrarquismo iniciara os poetas dos séculos XV e XVI, este conceito é frequente: — Conceber uma paixão em *alto lugar*, como noutro passo diz Camões, é pela própria altura do pensamento, converter em glória o sofrimento que dela resulta.

Pois tão cedo se vestiu,
Com seu dano se conforme.
Pesar de quem me pariu.
Ainda o Sol não saiu.
Se vem à mão, também dorme.
Ele quer-se levantar
Assi pela menhãzinha!
Pois quero-o enganar,
Que por muito madrugar
Não amanhece mais asinha.

Filodemo Traze-me a viola cá.
Vilardo (Voto a tal que me vou rindo.)
Senhor, também dormirá.

15 *Filodemo* Traze-a, moço!
Vilardo Si, virá.

Filodemo Se não estiver dormindo.
Ora i polo que vos mando!
Não gracieis.

Vilardo Eis-me vou.
Pois, pesar de São Fernando!
Por ventura sou eu grou?
Sempre hei-de estar vegiando?

3. Expressão popular, corrente como *voto a tal...* do verso 12, e *pesar de S. Fernando!* do verso 20.

10. No tempo de Camões, podia fazer-se a crase de *não* com a 1.^a sílaba de palavra começada por vogal.

Vai-se o moço, e diz

Filodemo Ah! Senhora, que podeis
Ser remédio do que peno,
Quão mal ora cuidareis
Que viveis e que cabeis
5 Num coração tão pequeno!
Se vos fosse apresentado
Este tormento em que vivo,
Creríeis que foi ousado
Em este vosso criado
10 Tornar-se vosso cativo?

Vem o moço e traz a viola.

Vilardo Ora eu creio, se é verdade
Que estou de todo acordado,
Que meu amo é namorado;
E a mi dá-me na vontade
15 Que anda um pouco abalado.
E se tal é, eu daria
Por conhecer a donzela
A razão de hoje este dia;
Porque a desenganaria,
20 Sòmente por ter dó dela.

8. Na 1.^a ed. — *fui ousado*. O sujeito do verbo é
— *tornar-se vosso cativo*.

18. *Vid.* nota ao v. 25 da pág. 46.

Havia-lhe perguntar:
 Senhora, de que comeis?
 Se comeis de ouvir cantar,
 De falar bem, de trovar,
 5 Em boa hora casareis.
 Porém se vós comeis pão,
 Tende, Senhora, resguardo;
 Que eis aqui está Vilardo,
 Que é um camaleão;
 10 Por isso, vós fazei fardo.

E se vós sois das gamenhas,
 E houverdes de atentar
 Por mais que por manducar,
Mi cama son duras peñas,
 15 *Mi dormir siempre velar...*
 A viola, Senhor, vem
 Sem primas nem derradeiras.

1. Na 1.^a ed. ...*de perguntar*.

9-10. Dizia-se do camaleão que, além de tomar a cor da coisa sobre que pousava, se nutria de vento. Assim o Moço apresenta-se como exemplo de pessoa que, apesar de adaptável e de pouco alimento, bem podia em seu aspecto fazer adivinhar a miséria a que *Filodemo* iria sujeitar a mulher com quem casasse. Por isso lhe aconselhava a que atentasse no que ia fazer; que *fizesse fardo*, ou seja: *se fornecesse* para, casando com ele, suprir às necessidades a que ele não proveria.

11. O mesmo que *sécias, elegantes*.

14-15. São dois versos de romance castelhano — *La Constancia*.

17. A palavra *primas* (=primeiras), que são as cordas mais finas da guitarra, sugeriu por jogo verbal a palavra *derradeiras* e também a palavra *terceiras*, final da estrofe, (pág. seguinte) trocadilho por *intermediárias*.

Mas sabe que lhe convém?
Se quer, Senhor, tanger bem,
Há-de haver mister terceiras.

5 E se estas cantigas vossas
Não forem pera escutar,
E quiserdes expirar,
Há mister cordas mais grossas,
Porque não possam quebrar.

Filodemo Vai pera fora!

10 *Vilardo* Já venho.

Filodemo Que eu só desta fantasia
Me sustenho e me mantenho.

Vilardo Camanha vista que tenho,
Que vejo a estrela do dia!

Vai-se Vilardo e canta

15 *Filodemo* *Adó sube el pensamiento,
Seria glória inmensa
Si allá fuese quien lo piensa.*

7. A ideia de corda evoca ao *Moço* a ideia do suicídio por enforcamento. Se *Filodemo*, por incorrespondido na paixão, o tentar, que o faça com *cordas mais grossas, para que se não quebrem*.

13-14. *Vilardo* troça de *Filodemo*. As suas fantasias, concebendo o impossível, só é comparável o tentar, no céu cheio de sol, descobrir estrelas. Na ed. do P.^o Tomás de Aquino ocorre *estrela no dia*. Será: *Que vejo estrelas no dia?*

Fala.

Qual espírito devino
Me fará a mi sabedor,
Pois tão alto imagino
Deste meu mal, se é amor,
5 Se por dita é desatino?
Se é amor, diga-me qual
Pode ser seu fundamento,
Ou qual é seu natural,
Ou porque empregou tão mal
10 Um tão alto pensamento.

Se é doudice, como em tudo
A vida me abraza e queima,
Oh! quem viu num peito rudo
Desatino tão sesudo,
15 Que toma tão doce teima?
Ah! Senhora Dionisa,
Onde a natureza humana
Se mostrou tão soberana,
Que o que vós valeis me avisa,
20 E o que eu peno me engana!

Vem Solina moça, e diz

Solina Tomado estais vós agora.
Senhor, co furto nas mãos.
Filodemo Solina, minha Senhora,
25 Quantos pensamentos vãos
Me ouvirieis lançar foral

- 5 *Solina* Oh! Senhor, e quão bem soa
O tanger de quando em quando!
Bem sei eu ãa pessoa,
Que há bem ãa hora e boa,
Que vos está escutando.
- 10 *Filodemo* Por vida vossa, zombais?
Quem é? quereis-mo dizer?
Solina Não no haveis vós de saber,
Bofé, se me não peitais.
- 15 *Filodemo* Dar-vos-ei quanto tiver,
Pera tais tempos como estes.
Quem tivera ãa voz dos Céus,
Pois escutar me quisestes!
- 20 *Solina* Assi pareça eu a Deus,
Como lhe vós parecestes!
- 25 *Filodemo* A Senhora Dionisa
Quer-se já alevantar?
Solina Assi me veja eu casar,
Como despida em camisa
Se ergueu por vos escutar.
- 30 *Filodemo* Em camisa levantada!
Tão ditosa é minha estrela,
Ou mo dizeis refalsada?
- 35 *Solina* Pois bem me defendeu ela
Que vos não dissesse nada.

9. Vid. nota ao v. 11, da pág. 110.
23. Ou mentis no que dizeis?

Filodemo Se pena de tantos anos
 Merecer algum favor,
 Pera curar de meus danos
 Fartai-me desses enganar,
5 Que não quero mais do Amor.
Solina Agora quero eu falar
 Neste caso com mais tento;
 Quero agora perguntar:
 E de siso is vós tomar
10 Um tão alto pensamento?!

 Certo é muita maravilha,
 Se vós isto não sentis
 Bem. Vós como não caís
 Que Dionisa que é filha
15 Do Senhor a quem servis?
 Como? Vós não atentaís
 Nos Grandes, de que é pedida?
 Peço-vos que me digais
 Qual é o fim que esperais
20 Neste caso, em vossa vida?

 Que rezão boa ou que cor
 Podeis dar a esta afeição?
 Dizei-me vossa tenção.

9. *E de siso*, o mesmo que *em perfeito juízo*...
17. Na 1.^a ed. ocorre *Dos Grandes*. A preposição
de resultará da influência da construção do verbo *pedir*
sobre a do verbo *atentar*.

5 *Filodemo* Onde vistes vós amor
Que se guie por razão?
Se quereis saber de mi
Que fim ou de que teor
O pretendo em minha dor,
Se eu neste amor quero fim,
Sem fim me atormente Amor.

10 Mas com glória fengida
Pretendeis de me enganar,
Por assi mal me tratar;
Assi que me dais a vida
Sòmente por me matar.

Solina Eu vos digo a verdade.
15 *Filodemo* Da verdade fujo eu,
Porque só Amor me deu
Pena de tal calidade,
Que assaz me custa do meu.

Solina Folgo muito de saber
Que sois amante tão fino.
20 *Filodemo* Pois mais vos quero dizer,
Que às vezes no que imagino
Não ousa de me estender.

6-7. Eis um treccadilho que resulta do duplo sentido da palavra *fim* — *objectivo*, e aqui *objectivo interesseiro*, e *termo*.

22. O sentido de *estender* é dado pelos versos seguintes. Filodemo receia demorar-se em pensamentos que o desvairem.

5 Na hora' que imaginei
Na causa de meu tormento,
Tamanha glória levei,
Que por onças desejei
De lograr o pensamento.

Solina Se me vós a mi jurardes
De me terdes em segredo
Ua cousa... Mas hei medo
De logo tudo contardes.

10 *Filodemo* A quem?

Solina Aquele enxovedo.

Filodemo Qual?

Solina Aquele mau pesar
Que ontem convosco ia.
15 Quem se fosse em vós fiar!
O que vos disse o outro dia,
Tudo lhe fostes contar.

Filodemo Que lhe contei?

Solina Já lhe esquece?!

20 *Filodemo* Por certo que estou remoto.

Solina I, que sois um cesto roto.

Filodemo Esse homem tudo merece.

Solina Vós sois muito seu devoto.

4. *Por onças* significa *parcamente*. Sentiu *Filodemo* tal glória no seu doloroso pensamento de amor, que o queria gozar pouco a pouco. Compare-se com os versos 14-17 da p. 41.

11. *Enxovedo* = tolo.

19. Entenda-se: ...*esquece a V. M.*?

Filodemo Senhora, não hajais medo:
Contai-me isso, e far-me-ei mudo.

Solina Senhor, o homem sesudo,
Se em tais cousas tem segredo,
5 Saiba que alcançará tudo.

A senhora Dionisa
Crede que mal vos não quer:
Não vos posso mais dizer.
Isto tende por baliza
10 Com que vos saibais reger.
Que em mulheres, se atentaís,
O querer está vesível;
E se bem vos governaís,
Não desespereis do mais,
15 Porque, enfim, tudo é possível.

Filodemo Senhora, pode isso ser?

Solina Si, que tudo o mundo tem.
Olhai não no saiba alguém.

Filodemo E que maneira hei-de ter
20 Pera em mim ter tanto bem?

Solina Vós, Senhor, o sabereis;
E já que vos descobri
Tamanho segredo aqui,
25 Ua mercê me fareis
Em que me vai muito a mi.

Filodemo Senhora, a tudo me obrigo
Quanto for em minha mão.

Solina Pois dissei a vosso amigo
30 Que não gaste tempo em vão,
Nem queira amores comigo.

5 Porque eu tenho parentes,
Que me podem bem casar;
E mais que não quero andar
Agora em boca de gentes
A quem se ele vai gabar.

10 *Filodemo* Senhora, mal conheceis
O que vos quer Duriano.
Sabei, se o não sabeis,
Que em sua alma sente o dano
Do pouco que lhe quereis,
E que outra cousa não quer,
Que ter-vos sempre servida.

Solina Pola sua negra vida,
Isso havia eu bem mester.

15 *Filodemo* Vós sois desagardecida!

Solina Si, que tudo são enganós
Em tudo quanto falais.

20 *Filodemo* Não quero que me creais:
Crede o tempo, que há dous anos
Que vos serve, e inda mais.

Solina Senhor, bem sei que me engano;
Mas a vós, como a irmão,
Descubro este coração:
Sabei que a Duriano
25 Tenho sobeja afeição.

Filodemo Olhai que lhe não digais
Isto que vos aqui digo.
Senhora, mal me tratais:
Inda que sou seu amigo,
30 Sabei que vosso sou mais.

5 *Solina* E já que vos confessei
Aquestas fraquezas minhas
Que há tanto que de mi sei,
Fazei vós nas cousas minhas
O que eu nas vossas farei.

10 *Filodemo* Vós enxergareis, Senhora,
O que eu por vós sei fazer.
Solina Como me deixo esquecer!
Aqui estivera agora
Falando té anoutecer.
Vou-me; e olhai quanto vale
O que passou antre nós.
Filodemo E porque vos ides vós?
Solina Porque parece já mal
15 Estar aqui ambos sós.

20 *Filodemo* E mais vou vestir agora
A quem vos dá tão má vida.
Ficai-vos, Senhor, embora.
Nessa ide vós, Senhora,
Que já vos tenho entendida.

Vai-se Solina, e diz

25 *Filodemo* Ora, se pode isto ser
Do que esta moça me avisa,
Que a Senhora Dionisa,
Por me ouvir, se fosse erguer
Da sua cama em camisa!

19. Entenda-se: *nessa boa hora*, em que Solina deseja a *Filodemo* que fique.

E diz que mal me não quer.
 Não queria maior glória!
 Mas o que mais posso crer,
 Que nem pera lhe esquecer
 5 Lhe passo pela memória.
 Mas ter Solina também
 Em Duriano o intento,
 É levar-me a lenha o vento;
 Porque se ela lhe quer bem,
 10 Pera' bem vai meu tormento.

Mas foi-se este homem perder
 Neste tempo, de maneira,
 Por ãa mulher solteira,
 Que não me atrevo a fazer
 15 Que um pequeno bem lhe queira.
 Porém far-lhe-ei um partido,
 Porque ela não se querele:
 Que se mostre seu perdido,
 Inda que seja fengido,
 20 Como lhe outrem faz a ele.

E já que me satisfaz,
 E tanto nisto se alcança,
 Dê-lhe fengida esperança:
 Do mal que lhe outrem faz,
 25 Tomará nela vingança.

4. Subentenda-se *é. E que nem para lhe esquecer*, etc. No Ms. de Luís Franco a forma difere, se bem seja o mesmo o pensamento:

*Mas isto bem pode ser
 [Que] nem pera me querer
 Lhe virei pola memória.*

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Vai-se Filodemo e vem

Vilardo Ora boa está a cilada
De meu amo com sua ama,
Que se levantou da cama-
Por ouvi-lo! Está tomada;
5 Assi a tome má trama.

10 E mais crede que quem canta,
Ainda descantará;
E quem do leito, onde está,
Por ouvi-lo se levanta;
Mor desatino fará.
Quem havia de cuidar,
Que dama fermosa e bela
Saltasse o demónio nela,
15 Pera a fazer namorar
De quem não é igual dela!

20 Que me dizeis a Solina?
Como se faz Celestina,
Que, por não lhe haver enveja,
Também pera si deseja
O que o desejo lhe ensina!

5. *Vid.* nota ao v. 8, da pág. 6.

17. *Celestina* é a célebre alcaiota da comédia do mesmo nome de Fernando Rojas, escritor espanhol do século XV. Por sua voga tornou-se este nome de próprio em comum, para designar toda a intermediária em amores ilícitos.

5 Crede que, se me alvoroço,
 Que a hei-de tomar por dama;
 E não será grão destroço,
 Pois o amo quer a ama,
 Que a moça queira o moço.

10 Vou-me; que vejo lá vir
 Venadoro, apercebido
 Pera a caça se partir:
 E voto a tal, que é partido
 Pera ver e pera ouvir.
 Que é razão justa e rasa
 Que seu folgar se desconte
 Em quem arde como brasa;
15 Que se vai caçar ao monte,
 Fique outrem caçando em casa.

Vai-se Vilardo e entra

20 *Venadoro* Aprovada antigamente
 Foi, e muito de louvar,
 A ocupação do caçar,
 E da mais antiga gente
 Havida por singular.
 É o mais contrário ofício
 Que tem a ociosidade,
 Mãe de todo o bruto vício:
25 Por este limpo exercício
 Se reserva a castidade.

 Este dos grandes senhores
 Foi sempre muito estimado;
 E é grande parte do estado
 Ter monteiros, caçadores,

5 Como officio que é prezado.
 Pois logo porque rezão
 A meu pai há-de pesar
 De me ver ir a caçar?
 E tão boa occupação
 Que mal me pode causar?

Vem o Monteiro, e diz

Monteiro Senhor, venho alvoraçado,
 E mais com muita rezão.
Venadoro Como assi?
 10 *Monteiro* Que me é chegado
 O mais extremado cão
 Que nunca caçou veado.
 Vejamos que me há-de dar.
Venadoro Dar-vos-ei quanto tiver;
 15 Mas há se de exprimentar,
 Pera se poder julgar
 As manhas que pode ter.

Monteiro Pode assentar que este cão,
 20 Que tem das manhas a chave,
 Bem feito, em admiração;
 Pois em ligeiro, ãa ave;
 Em cometer, um leão;
 Com porcos, maravilhoso;
 Com veados, extremado.

20-24. Storck divide estes versos em diálogo:

— Bem feito? — Em admiração
 — Pois em ligeiro? — Ua ave.
 — Em cometer? — Um leão.
 — Com porcos? — Maravilhoso.
 — Com veados? — Extremado.

Sobeja-lhe o ser manhoso.
Venadoro Pois eu ando desejoso
De irmos matar um veado.

Monteiro Pois, Senhor, como não vai?
5 *Venadoro* Vamos, e vós mui ligeiro
O necessário ordenai;
Que eu quero chegar primeiro
Pedir licença a meu pai.

Vão-se e vem Duriano, e diz

Duriano

Pois não creio eu em S. Pisco do Pau, se hei-de pôr
10 pé em ramo verde, té lhe dar trezentos açoutes. Des-
pois de ter gastado perto de trezentos cruzados com
ela, porque logo lhe não mandei o cetim pera as
mangas, fez de mim mangas ao demo. Não desejo
eu de saber, senão qual é o galante que me suce-
15 deu; que se vo-lo eu colho a barlavento, eu lhe farei
botar ao mar quantas esperanças lhe a Fortuna tem
cortado à minha custa. Ora tenho assentado que
amor destas anda co dinheiro, como a' maré co a

7. *Chegar pedir* é construção usada no tempo.

9. Esta fórmula de juramento é em voga no tempo de Camões, como *pesar de S. Fernando, pesar da mãe que me pariu, pesar de meu avô torto...*

15. *A barlavento* — em lugar apropriado, onde o vento seja de feição. É como se dissesse, à maneira do nosso tempo: *onde lhe possa ser bom.*

lũa: bolsa cheia, amor em águas vivas; mas se vasa, vereis espraiar este engano, e deixar em seco quantos gostos andavam como peixe na água.

Entra Filodemo e diz:

Hou lá! cá sois vós?! Pois agora ia eu bater essas
5 moutas, pera ver se me saíeis de algũa, porque quem vos quiser achar, é necessário que vos tire como ãa alma.

Duriano

Oh! maravilhosa pessoa! Vós é certo que vos
prezais de mais certo em casa, que pinheiro em
10 porta de taverna; e trazeis, se vem à mão, os pensamentos com os focinhos quebrados, de caírem onde vós sabeis. Pois sabeis, Senhor Filodemo, quais são os que me matam? Uns muito bem almo-
façados, que com dois ceitis fendem a anca pelo
15 meio, e se prezam de brandos na conversação, e de falarem pouco e sempre consigo, dizendo que não darão meia hora de triste pelo tesouro de Veneza; e

6-7. *Com a dificuldade com que se tira uma alma do Purgatório.*

13. *Almoçados é o mesmo que delambidos, bem tratados, como os cavalos limpos a almoça.*

14. *Fender a anca pelo meio é metáfora tirada dos cavalos que muito engordam.*

17. O Dr. M. Braga aponta este passo de semelhante significado e forma mais completa da *Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos: «Eu em verdade, Senhora, que não trocaria o ser triste duas horas por quantos pra-

gavam mais Garcilaso que Boscão, e ambos lhe saem das mãos virgens; e tudo isto por vos meterem em consciência que se não achou pera mais o Grão Capitão Gonçalo Fernandes. Ora pois desengano-
 5 -vos, que a mor rapazia do mundo foram altos espri-
 tos; e eu não trocarei duas pescoçadas da minha
 etc., depois de ter feito a trosquia a um frasco,
 e falar-me por tu e fengir-se-me bêbada, porque o
 não pareça, por quantos sonetos estão escritos polos
 10 troncos das árvores do Vale Luso, nem por quantas
 Madamas Lauras vós idolatrais.

zeres há na vida». Os excessos do petrarquismo, que o Poeta critica pela boca de *Duriano*, eram assim, como mais tarde o seriam os do Romantismo, convenção que ia da expressão à atitude, suscitando tristezas como as do futuro *homem fatal*, que se orgulhava delas como de *fatal presente do Céu*.

1. *Vid.* vol. II Pág. 28. Garcilaso e Boscan são dois poetas contemporâneos e amigos, ambos petrarquizantes, o primeiro considerado por Camões como *doce e brando*, o segundo como conhecedor de todos os segredos da alma enamorada.

4. É Gonçalo Fernandez de Córdoba, (1453-1515) conhecido pelo *Gran Capitán* e celebrado em toda a literatura espanhola como o popular conquistador dos reinos de Granada e Nápoles.

5. *Rapazia* é o mesmo que *rapaziada*. *Duriano* opõe aos falsos petrarquistas com seus convencionalismos duas *pescoçadas* ou, como diríamos hoje, *cabeçadas* da sua própria amada, com suas liberdades de boémia.

7. O mesmo que *tosquia*. *Vid.* p. 123, v. 24. *Depois de ter emborcado uma garrafa. Minha, etc.*, talvez pudesse escrever-se *minha Etcétera*, tomando esta palavra como designação da *namorada* ou *amante*.

10. *Vale Luso* é adulteração de *Valchiusa*, designação italiana de *Vaucluse*, perto de Avinhão, lugar celebrado por Petrarca como teatro dos seus amores com *Madama Laura*, ou melhor, dos seus métricos suspiros por ela.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Filodemo

Tá tá! não vades àvante, que vos perdeis.

Duriano

Aposto que adivinho o que quereis dizer?

Filodemo

Quê?

Duriano

Que se me não acudíeis com batel, que me ia
5 meus passos contados a herege de amor.

Filodemo

Oh! que certeza tamanha, o muito pecador não se
conhecer por esse!

Duriano

Mas oh! que certeza maior de muito enganado
esperar em sua openião! Mas tornando a' nosso por-
10 pósito: que é o pera que me buscais? que, se é cousa
de vossa saúde, tudo farei.

Filodemo

*Como templaré el destemplado? Quem poderá dar
o que não tem, Senhor Duriano? Eu quero-vos dei-
xar comer tudo: não pode ser que a natureza não*

faça em vós o que a razão não pode. O caso é este:
(Dir-vo-lo-ei; porém é necessário que primeiro a
alimpeis como marmelo, e que ajunteis pera um
canto de casa todos esses maus pensamentos; por-
5 que, segundo andais mal avinhado, danareis tudo
aquilo que agora lançarem em vós). Já vos dei conta
da pouca que tenho com toda a outra cousa que não
é servir a Senhora Dionisa; e posto que a' desigual-
dade dos estados o não consinta, eu não pretendo
10 dela mais que o não pretender dela nada, porque
o que lhe quero, consigo mesmo se paga; que este
meu amor é como a ave Fénix, que de si só nasce,
e não de outro nenhum interesse.

Duriano

Bem praticado está isso; mas dias há que eu não
15 creio em sonhos.

Filodemo

Porquê?

Duriano

Eu vo-lo direi: porque todos vós outros os que
amais pela passiva, dizeis que o amor fino como
melão não há-de querer mais de sua dama que

12. É sabido que esta fabulosa ave, que a poesia
quinhentista herdou da literatura clássica, era única no
mundo, e, como não podia reproduzir-se, renascia das
próprias cinzas.

amá-la; e virá logo o vosso Petrarca, e o vosso
Petro Bembo, atoadado a trezentos Platões, mais
safado que as luvas de um pagem de arte, mos-
trando rezões verisímeis e aparentes, pera não que-
5 rerdes mais de vossa dama que vê-la; e ao mais
até falar com ela.

Pois inda achareis outros escodrinhadores de
amor mais especulativos, que defenderão a justa
por não emprenhar o desejo; e eu faço-vos voto
10 solene, se a qualquer destes lhe entregassem sua
dama tosada e aparelhada entre dous pratos, eu
fico que não ficasse pedra sobre pedra. E eu já de
mí vos sei confessar que os meus amores hão-de ser
pela activa, e que ela há-de ser a paciente e eu
15 agente, porque esta é a verdade. Mas, contudo, vá
V. M. co a história por diante.

Filodemo

Vou, porque vos confesso que neste caso há muita
dúvida antre os Doutores. Assi que vos conto que,
estando esta noite com a viola na mão, bem trinta
20 ou quarenta léguas pelo sertão dentro de um pen-

2. Pietro Bembo é poeta petrarquista italiano do século XVI, muito imitado pelos petrarquistas seus contemporâneos. *Atoado* é metáfora tirada da vida marítima, onde significava *levado à toa* (o barco ligado por um cabo ao que o rebocava). Platão, com sua teoria do amor, era, como é sabido, o filósofo a cada passo aproveitado pelos petrarquistas. *Vid.* I volume da Lírica, redondilhas *Sóbolos rios que vão*, pág. III-III3.

20. O Ms. de Luís Franco, entre outras divergências da lição que seguimos, insere *meu pensamento*, em vez de *um pensamento*.

samento, senão quando me tomou à treição Solina; e antre muitas palavras que tivemos, me descobriu que a Senhora Dionisa se levantara da cama por me ouvir, e que estivera pela greta da porta espreitando quase hora e meia.

Duriano

Cobras e tostões, sinal de terra. Pois ainda vos eu não fazia tanto àvante.

Filodemo

Finalmente, veio-me a descobrir que me não queria mal, que foi pera mi o maior bem do mundo; que eu estava já concertado com minha pena a sofrer por sua causa, e não tenho agora sujeito pera tamanho bem.

Duriano

Grande parte da saúde é pera o doente trabalhar por ser são. Se vos leixardes manquecer na estrebaria com essas finezas de namorado, nunca chegareis onde chegou Rui de Sande. Por isso boas esperanças ao leme! que eu vos faço bom que às duas enxadadas acheis água. E que mais passastes?

16. Era um fidalgo do tempo de D. João II, poeta palaciano do *Cancioneiro* de Resende, avô do amigo do Poeta, Lopes Leitão. Tornava-o célebre o seu temperamento amoroso, e fazia parte de certo grupo chamado dos *fiéis de amor*. D. Carolina Michaëlis escreve sobre ele em *Zeitschrift für Romanische Philologie*, VII, p. 429.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Filodemo

A maior graça do mundo: veio-me a descobrir que era perdida por vós; e assi me quis dar a entender que faria por mi tudo o que lhe vós mereceis.

Duriano

Santa Maria! Quantos dias há que nos olhos lhe
5 vejo marejar esse amor! Porque o fechar de janelas que essa mulher me faz, e outros enojos que dizer poderia, *no son sino corredores del amor*, e a cilada em que ela quer que eu caia.

Filodemo

Nem eu quero que lho queirais, mas que lhe façais
10 crer que lho quereis.

Duriano

Não... quant'a dessa maneira me ofereço a romper meia dúzia de serviços alinhavados às pandere-
tas, que bastem assentar-me em soldo pelo mais
fiel amante que nunca calçou esporas; e se isto não
15 bastar, *salgan las palabras mas sangrientas del cora-*

12. Quer dizer: prestar serviços executados sem perfeição, como se tosquiavam às *panderetas* os animais, cu seja, deixando manchas de cabelo menos rente. Nesta fala de *Duriano*, o Poeta, segundo era de uso desde os trovadores, aplica a exprimir o propósito de vassalagem amorosa a linguagem própria da vassalagem que impunha o serviço militar, entre outros.

zón, entoadas de feição, que digam que sou um Mancias, e pior ainda.

Filodemo

Ora dais-me a vida. Vamos ver se por ventura aparece, porque Venadoro, irmão da Senhora Dionisa, é fora à caça; e sem ele fica a casa despejada; e o Senhor Dom Lusidardo anda no pomar todo o dia; que todo o seu passatempo é enxertar e dispor, e outros exercícios de agricultura, naturais a velhos. E pois o tempo nos vem à medida do desejo, vamos-nos lá; e se puderdes falar, fazei de vós mil manjares, por que lhe façais crer que sois mais desperdiçado de amor que um Brás Quadrado.

Duriano

Ora vamos, que agora estou de vez, e cuido de hoje fazer mil maravilhas, com que vosso feito venha à luz.

2. *Mancias* ou *Macias*, chamado por antonomásia o *Enamorado*, é o trovador galego dos começos do século XV, célebre pela lenda da sua paixão e pela sua morte trágica no castelo de Arjonilla.

10. *Fazei de vós mil manjares* o mesmo é que *dizei-lhe mil coisas galantes, fazei-lhe mil promessas sedutoras*.

12. *Brás Quadrado* é o protagonista de um auto espanhol, do mesmo nome, atribuído no título a Vicente Alvares, que, afinal, é apenas o seu editor.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Vão-se e entra Dionisa e Solina, e diz

- Dionisa* Solina, mana!
Solina Senhora!
Dionisa Trazei-me cá a almofada;
5 Que a casa está despejada,
 E esta varanda cá fora
 Está melhor assombrada.
 Trazei a vossa também
 Pera estarmos cá lavrando.
10 Enquanto meu pai não vem,
 Estaremos praticando,
 Sem nos estorvar ninguém.
- Solina* Este é o mesmo lugar
 Onde estava o bem logrado,
15 Tal que, de muito enlevado,
 Se esquecia do cantar,
 Por se enlevar no cuidado.
- Dionisa* Vós, mana, sois mui ruim!
 Logo lhe fostes contar
 Que me ergui polo escutar.
20 *Solina* Eu o disse?!
 Dionisa Eu não o ouvi?
 Como mo quereis negar?
- Solina* E pois isso que releva?
 Que se perde nisso agora?
25 *Dionisa* Que se perde?! Assi, Senhora,
 Folgareis vós que se atreva
 A contá-lo lá por fora?
 Que se lhe meta em cabeça
 Algũa párvua tenção?

- Que faça, se vem à mão,
Algũa cousa que pareça?
Solina Senhora, não tem rezão.
- 5 *Dionisa* Eu sei mui bem atentar
Do que se há-de ter receio,
E do que é pera estimar.
- Solina* Não é o demo tão feio
Como alguém o quer pintar;
E não se espera isso dele,
10 Que não é ora tão moço.
E Vossa Mercê assele
Que qualquer segredo nele
É como ãa pedra em poço.
- 15 *Dionisa* E eu que segredo quero
Co um criado de meu pai?
Solina E vós, mana, fazeis fero?
Ao diante vos espero,
Se adiante o caso vai.
- 20 *Dionisa* O madraço! quem no vir
Falar de siso co ela...
Então vós, gentil donzela,
Folgais muito de o ouvir?
Solina Si, porque me fala nela;

2. *Cousa que dê nas vistas, que provoque escândalo.*

23. *Nela*, neste passo como em outros — e na estrofe seguinte ocorre mais de um — refere-se à pessoa de *Dionisa*, à *sua mercê* dela. O tratamento na terceira pessoa tem aqui a sua explicação — já está dito.

Vai Solina dizendo:

5 Que cousa somos mulheres!
 Como somos perigosas!
 E mais estas tão viçosas
 Que estão à *boca, que queres?*
 E adoecem de mimosas!
 Se eu não caminho agora
 A seu desejo e vontade,
 Como faz esta senhora,
10 Fazem-se logo nessa hora
 Na volta da honestidade.

15 Quem a vira o outro dia
 Um pouquinho agastada,
 Dar no chão com a almofada,
 E enlevar a fantasia,
 Toda noutra transformada!
 Outro dia lhe ouvirão
 Lançar suspiros a molhos,
 E com a imaginação
 Cair-lhe a agulha da mão,
20 E as lágrimas dos olhos.

4. É expressão corrente no tempo para significar a satisfação de todos os caprichos. *As mimosas que estão à «boca, que queres?»* são as de quem se adivinham as intenções para as satisfazer.

10. Entenda-se: *logo voltam a dar-se ares de grave honestidade, quando lhe não satisfazem desejo e vontade*. A expressão é metafórica e é sugerida pela frase *fazer-se na volta do mar*, o que quer dizer; mudar de rumo, distanciando-se da costa.

5 Ouvir-lhe-eis à derradeira
A Ventura maldizer,
Porque a foi fazer mulher.
Então diz que quer ser freira,
E não se sabe entender.
Então gaba-o de discreto,
De músico e bem disposto,
De bom corpo e de bom rosto.
10 Quant'a então eu vos prometo,
Que não tem dele desgosto.

15 Despois, se vem a atentar,
Diz que é muito mal feito
Amar homem deste jeito;
E que não pode alcançar
Pôr seu desejo em efeito.
Logo se faz tão senhora,
Logo lhe ameaça a vida,
Logo se mostra nessa hora
Muito segura de fora,
20 E de dentro está sentida.

25 Bofé, segundo vou vendo,
Se esta postema vier,
Como eu suspeito, a crescer,
Muito há que dela entendo
Ao fim que pode vir ter.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Vai-se Solina e entra Duriano e Filodemo, e diz

Duriano

Ora deixai-a ir, que à vinda lhe falaremos; entretanto cuidarei o como hei-de fazer; que não há mor trabalho pera ãa pessoa que fengir-se.

Filodemo

Dar-lhe-eis esta carta; e fazei muito com ela que
5 a dê à Senhora Dionisa, que me vai nisso muito.

Duriano

Por mulher de tão bom engenho a tendes?

Filodemo

E porque me perguntais isso?

Duriano

Porque ainda ontem entrou pelo A, B, C, e já
quereis que leia carta mandadeira. Fá-la-eis cedo
10 escrever matéria junta.

9. O mesmo que *carta missiva*, de onde, por simplificação, apenas *missiva*, o que quer dizer — carta com mandados ou recados.

10. *Frases inteiras e não palavras isoladas; composição com desenvolvimento.*

Filodemo

Não lhe digais que vos disse nada, porque cuidará que por isso lhe falais; mas fengi que de puro amor a andais buscando a tempos que façam à vossa tenção.

Duriano

- 5 Deixai-me vós a mi com o caso, que eu sei melhor as pancadas a estes vintes que vós; e eu vo-la farei hoje vir a nós sem gafas; e vós entretanto acolhei-vos a sagrado, porque ei-la lá vem.

Filodemo

Olhai lá: fazei que a não vedes, e fengi que falais
10 convosco, que faz a nosso caso.

Duriano

Dizeis bem. (*Yo sigo tristeza, remédio de tristes: la terrible pena mia/no la espero remediar.* Pois não devia assi de ser, polos santos Evangelhos! mas

6. Lembre-se a expressão *dar no vinte*. Vid. p. 79.

7. *Sem gafas*=*sem ganchos*; portanto *sem necessidade de a prender a gancho, de praticar violência*.

10. *Que assim convém ao nosso caso*.

11. São versos alheios. Lembra o Dr. M. B. que D. João Manuel termina uma copla com estes: *la terrible pena mia / No la espero remediar*. Os dois primeiros são em redondilha menor: *Yo sigo tristeza / Remédio de tristes*.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

muitos dias há que eu sei que o amor e os cangrejos andam às vessas. Ora, enfim, *las tristezas no me espanten, porque suelen aflojar cuando mas duelen*).

Entra Solina e vai-se Filodemo, e diz

Solina, com a almofada.

5 Aqui anda passeando
Duriano, e só consigo
Pensamentos praticando.
Daqui posso estar notando
Com quem sonha, se é comigo.
10 *Duriano* Ah! quão longe estará agora,
Minha Senhora Solina,
De saber que estou bem fora
De ter outra por senhora,
Segundo o amor determina!

15 Porém se determinasse
Minha bem-aventurança
Que de meu mal lhe pesasse,
Até que nela tomasse
Do que lhe quero vingança!...
20 *Solina* (Comigo sonha por certo.
Ora quero-me mostrar,
Assim como por acerto:
Chegar-me-ei mais ao perto,
Por ver se me quer falar.)

Sempre esta casa há-de estar
 Acompanhada' de gente,
 Que não possa homem passar!
 5 *Duriano* À treição vindes tomar
 Quem já feridas não sente?
Solina Logo me a mi parecia
 Que era ele o que passeava.
Duriano E eu mal adivinhava
 10 Que me viesse este dia,
 Que há tantos que desejava.

Se uns olhos por vos servir,
 Com o amor que vos conquista,
 Se atreveram a subir
 Os muros de vossa vista,
 15 Que culpa tem quem vos vir?
 E se esta minha afeição,
 Que vos serve de gíolhos,
 Não fez erro na tenção,
 Tomai vingança nos olhos,
 20 E deixai o coração.

Solina Ora agora me vem riso.
 Assi que vós sois, Senhor,
 De siso meu servidor?
Duriano De siso não, porque o siso
 25 Me tem tirado o amor.

19-20. *Tomar vingança nos olhos*, que se atreveram a contemplar o objecto amado, e poupar-lhe o *coração* é preceito que pode cumprir-se, privando o olhar do espectáculo que o enamora, mas não se opondo a que o coração continue amando.

23. *A sério*.

Porque o amor, se atentaís,
Num tão verdadeiro amante
Não deixa siso bastante;
Se não de siso chamais.
A doudice tão galante.

5

Solina Como Deus está nos Céus,
Que, se é verdade o que temo,
Que fez isto Filodemo.

Duriano Mas *fê-lo o demo*; que Deus
10 Não faz mal tanto em extremo.

Solina Bem. Vós, Senhor Duriano,
Porque zombareis de mim?

Duriano Eu zombo?!

Solina Eu não me engano.

15 *Duriano* Se eu zombo, inda em meu dano
Vejaís vós mui cedo a fim.

Mas vós, Senhora Solina,
Porque me quereis mal?
Sou mofina.

20 *Solina*
Duriano

Oh! real!
Assi que minha mofina
É minha inimiga mortal.

4. Entenda-se: *Se não dais o nome de siso a doudice...*

9. Neste jogo de palavras, e adiante no jogo de transformar *mofino* em *me fino*, está um traço do carácter de *Duriano*, já patente na sua crítica aos petrarquizantes do tempo; também se exprime a atitude de quem, zombeteiramente, representa a farsa combinada com *Filodemo*.

- 5 Dias há que eu imagino:
 Quem vos amar e servir,
 Não há amador mais fino;
 Mas sinto que de mofino
 Me fino sem no sentir.
- Solina* Bem derivaís: quant'a assi
 A popa o dito vos veio.
- 10 *Duriano* Vir-me-á de vós, porque creio
 Que vós falais dentro em mi,
 Como espirito em corpo alheio.
 E assi que em estas piós
 A cair, Senhora, vim;
 Bem parecerá entre nós,
 Pois vós andais dentro em mim,
 15 Que ande eu também dentro em vós.
- Solina* É bem. Que falar é esse?
- Duriano* Dentro na vossa alma, digo,
 Lá andasse e lá morresse!
 E se isto mal vos parece,
 20 Dai-me a morte por castigo.
- Solina* Ah mau! Como sois malvado!
- Duriano* Mas vós como sois malvada,
 Que de um pouco mais de nada
 Fazeis um homem armado,
 25 Como quem 'stá sempre armada!

6. *Bem derivaís* é o comentário de *Solina* à *derivação* que de *mofino* faz *me fino*.

7. *Vid.* a mesma expressão na linha 12 da pág. 216.
 Tem assim o sentido de *vir a propósito, favoravelmente*.

11. *Vid.* nota ao v. 10 da pág. 86.

- Dizei-me, Solina, mana...
- 5 *Solina* Que é isso? Tirai lá a mão!
Oh! vós sois mau cortesão.
- Duriano* O que vos quero me engana,
Mas o que desejo não.
Aqui não há senão paredes,
As quais não falam nem vêem.
- 10 *Solina* Está isso muito bem.
Bem! E vós, Senhor, não vedes
Que poderá vir alguém?
- Duriano* Que vos custam dous abraços?
- Solina* Não quero tantos despejos.
- 15 *Duriano* Pois que farão meus desejos,
Que querem ter-vos nos braços,
E dar-vos trezentos beijos?
- Solina* Olhai que pouca vergonha!
I-vos de i, boca de praga!
- Duriano* Eu não sei certo a que ponha
Mostrardes-me a triaga,
20 E virdes-me a dar peçonha.
- Solina* Ora ide rir à feira,
E não sejais dessa laia.
- Duriano* Se vedes minha canseira,
Porque lhe não dais maneira?
- 25 *Solina* Que maneira?
- Duriano* A da saia.

9. A interjeição *Bem!* implica outro atrevimento de *Duriano*.

25-26. A palavra *maneira* ocorre aqui com trocadilho. *Maneira* também significa *abertura lateral da saia*.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- Solina* Por minha alma [hei]-de vos dar
Meia dúzia de porradas.
- Duriano* Oh! que gostosas pancadas!
Mui bem vos podeis vingar,
5 Que em mim são bem empregadas.
- Solina* Ó diabo que o eu dou!
Como me doeu a mão!
- Duriano* Mostrai cá, minha afeição,
Que essa dor me magoou
10 Dentro no meu coração.
- Solina* Ora i-vos embora asinha.
- Duriano* Por amor de mi, Senhora,
Não fareis ãa cousinha?
- Solina* Digo que vades embora.
15 Que cousa?
- Duriano* Esta cartinha.
- Solina* Que carta?
- Duriano* De Filodemo
A Dionisa, vossa ama.
- 20 *Solina* Dizei que tome outra dama,
E dê os amores ao demo.
- Duriano* Não andemos pola rama.
Senhora (aqui pera nós):
Que sentis dela com ele?
- 25 *Solina* Grandes alforjes sois vós!
Pois i-lhe dizer que apele.
- Duriano* Falai, que aqui estamos sós.

6. Ó contracção de *ao*.

25. *Alforjes* é metáfora que neste passo significa
pessoas de levar e trazer, *inconfidentes*.

- Solina* Qualquer honesta se abala,
Como sabe que é querida.
Ela é por ele perdida:
Nunca noutra cousa fala.
- 5 *Duriano* Ora vou-lhe dar a vida.
Solina E eu não lhe disse já
Quanta afeição lhe ela tem?
- Duriano* Não se fia de ninguém,
Nem crê que pera ele há
10 No mundo tamanho bem.
- Solina* Dir-vos-ia de mim lá
O que lhe eu disse zombando?
- Duriano* Não disse, por S. Fernando!
- Solina* Ora ide-vos.
- 15 *Duriano* Que me vá?!
E mandais que torne? Quando?
- Solina* Quando eu cá vir lugar,
Vo-lo mandarei dizer.
- Duriano* Se o quiserdes buscar,
20 Não vos deve de faltar,
Se não faltar o querer.
- Solina* Não falta.
- Duriano* Dai-me um abraço
Em sinal do que quereis.
- 25 *Solina* Tá! que o não levareis.
Duriano De quantos serviços faço
Nenhum pagar me quereis?!
- Solina* Pagar-vos-ão algũa hora,
Que isso a mi também me toca;
30 Mas agora i-vos embora.
- Duriano* Essas mãos beijo, Senhora,
Enquanto não posso a boca.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Vai-se Duriano, e fala Solina com Dionisa, que lhe traz a almofada. E diz

- Solina* Já Vossa Mercê dirá
 Que estive muito tardando.
- Dionisa* Bem vos detivestes lá.
 Bofé, que estava cuidando
5 Em não sei quê.
- Solina* Que será?
 Aqui somos. (Quant'a agora
 Está ela trasportada.)
- Dionisa* Que rosnaís vós lá, Senhora?
- 10 *Solina* Digo que tardei lá fora
 Em buscar esta almofada.
- Dionisa* Que estava ela agora só
 Consigo fantesiando?
15 Bofé, que estava cuidando
 Que é muito pera haver dó
 Da mulher que vive amando.
 Que um homem pode passar
 A vida mais ocupado:
20 Com passear, com caçar,
 Com correr, com cavalgar,
 Forra parte do cuidado.
- Mas a coitada*
 Da mulher sempre encerrada,
 Que não tem contentamento,
25 Não tem desenfadamento,
 Mais que agulha e almofada?

Então isto vem parir
Os grandes erros da gente,
Em que já antigamente
Foram mil vezes cair
5 Princesas de alta semente.

Lembra-me que ouvi contar
De tantas afeiçoadas
Em baixo e pobre lugar,
Que as que agora vão errar
10 Podem ficar desculpadas.
Solina Senhora, a muita afeição
Nas princesas de alto estado
Não é muita admiração;
Que no sangue delicado
15 Faz amor mais impressão.

Mas deixando isto à parte,
Se me ela quiser peitar,
Prometo de lhe mostrar
Ua cousa muito de arte,
20 Que lá dentro fui achar.
Dionisa Que cousa?

Solina Causa de espirito.
Dionisa Algum pano de labores?
Solina Inda ela não deu no fito?
25 Cartinha sem sobrescrito,
Que parece ser de amores.

24. Vid. nota ao v. 23 da pág. 160.

Dionisa Essa é a boa ventura?
Solina Bofé, que mo pareceu.
Dionisa E essa donde nasceu?
Solina No meu cesto da costura:
5 Não sei quem ma ali meteu.
Dionisa Mostrai-me; não hajais medo,
Mana. Eu que vos descobri...
Solina E se ela vem pera mi?
Logo quer ver meu segredo?
10 Não a veja: vá-se di.

Ei-la aí.
Dionisa Cuja será?
Solina Não sei certo cuja é.
Dionisa Si, sabeis.
15 *Solina* Não sei, bofé!
Dionisa Ora a carta mo dirá.
Solina Pois leia Vossa Mercê.

Abre Dionisa a carta, e lê-a.

«Se pera merecer minha pena me não falta mais
que viver contente dela, já logo ma podeis consen-
20 tir; pois que de nenhũa outra cousa vivo triste,
senão por não ser pera tão doce tristeza. Se tendes
por ofensa cometer tamanha ousadia, por maior a
devíes ter, se a não cometesse; que amor acostu-
mado é fazer os extremos à medida das afeições, e
25 as afeições à medida da causa delas. Pois logo, nem
o meu amor pode ser pouco, nem fazer menos: se

este [não] bastar pera consentirdes em meu pensamento, baste pera me dardes o que pelo ter mereço; e senão, muitas graças ao Amor, que me soube dar um cuidado, que, com tê-lo, se paga o trabalho
5 de sofrê-lo».

Solina Quanta parvoíce diz!
Dionisa Ora' muito boa está!
Como vós, mana, sois má!
10 Não sejais vós tão biliz,
Que bem vos entendo já.
Cuja é?

Solina E eu que sei?
Dionisa Pois quem o sabe?
Solina O demo.
15 *Dionisa* Certo que é de quem temo;
Que os ditos que nela achei
São todos de Filodemo.

Este homem, que atrevimento
É este que foi tomar?
20 Qual será seu fundamento,
Que mil vezes me faz dar
Mil voltas ao pensamento?
Não entendo dele nada.
Mas inda que isto é assi,
25 Disso que dele entendi,
Me sinto tão alterada,
Que me arreceio de mi.

9. *Beliz* ou *bihz* = *esperto, agudo*. É palavra de origem árabe.

5 Eu inda agora não creio
 Que é verdade este amor;
 Mas praza a Deus, se assi for,
 Que inda este meu receio
 Se não converta em temor.

Solina *Já vós, já sedes
 Peixes nas redes.*

10 Senhora, quem mais confia,
 Mais asinha a cair vem.
 Natural é o querer bem;
 Que o amor na alma se cria,
 Sem o sentir quem o tem.

15 Filodemo, no que ouvi,
 Tem-lhe sobeja afeição;
 E posto que o creia assi,
 Ou eu sonhei ou ouvi,
 Que era de alta gèração.
 Logo na filosomia,
 Nas manhas, artes e jeito,
 Mostra mui grande respeito:
 Nem tão alta fantesia
 Não se põe em baixo peito.

6-7. Versos alheios, citados por Gil Vicente, na *Barca do Inferno*:

*Vós me veniredes a la mano
 A la mano me veniredes
 Y vos veredes
 Peixes nas redes.*

21-22. *Nem... não...* é construção arcaica, semelhante à francesa.

Dionisa Tudo isso cuido e vi
Mil vezes miudamente;
Mas estas mostras assi
São desculpas pera mi,
5 E não pera toda a gente.
Solina O seu moço vejo vir
A nós, seu passo contado.
Este é muito pera ouvir,
Que diz que me quer servir
10 De amores espediçado.

Entra Vilardo, e diz

Vilardo Senhora, o Senhor seu pai,
Mesmo de Vossa Mercê,
Já lá pera casa vai.
Por isso, Senhora, andai,
15 Que ele me mandou num pé;
E diz que fosse jantar
Vossa Mercê mesmamente.
Solina E já veio do pomar?
Dionisa Oh! quem pudera escusar
20 De comer, nem de ver gente!

10. *Esperdiçado de amores* (ver v. 11 da p. 158)
é o mesmo que *amorudo*, com amor em excesso.

12. Camões, discretamente embora, salpica de um
ou outro modismo popular as falas das personagens do
povo. Aqui a palavra *mesmo*, e mais adiante, na mesma
estrofe, o advérbio *mesmamente*.

Nenhũa cor de verdade
 Tenho do que me ele manda.
Vilardo Se ela sem vontade anda,
 Eu lhe emprestarei vontade,
 5 Empreste-me ela a vianda.
Solina Vá, Senhora, por não dar
 Mais em que cuidar à gente.
Dionisa Irei, mas não por jantar;
 10 Que quem vive descontente
 Mantém-se de imaginar.

Vilardo Pois também cá minhas dores
 Me não deixam comer pão;
 Nem come minha afeição
 15 Senão sopadas de amores,
 E mil postas de paixão.
 Das lágrimas caldo faço,
 Do coração escudela;
 Esses olhos são panela
 20 Que coze bofes e baço,
 Com toda a mais cabedela.

Vão-se todos e entra Monteiro em busca de Venadoro, que se perdeu na caça. E diz

Monteiro Perdeu-se por esta brenha
 Vanadoro, meu Senhor,
 Sem que novas dele tenha:
 25 Queira Deus que inda não venha
 Desta perda outra maior.

1-2. Ele refere-se a *Filodemo*: *Dionisa* não crê que a carta que ele lhe manda tenha alguma cor de verdade.
 18-20. Vid. pág. 89, 13 e 14.

5 Contra esta parte daqui
 Despós um cervo correu;
 Logo desapareceu.
 Como de vista o perdi,
 O gosto se me perdeu.

10 Eu e os mais caçadores
 Corremos montes e covas;
 Falámos com lavradores
 Dste vale, e com pastores,
 Sem acharmos dele novas.
 Quero ver nestes casais
 Que cobre aquele arvoredó,
 Se acharei pastores mais,
15 Que me dêm alguns sinais
 Que me possam tornar ledó.

Chama pelos pastores do casal e responde-lhe um pastor.

 Hou dos casais! Hou de lá!
 Ah! pastores, não falais?
20 *Pastor* Quién sois, ó lô! Que buscais?
 Monteiro Ouvis? Chegai pera cá!
 Pastor Dicid vos lo que mandais.

2. *Despós* o mesmo que *após*, que é, aliás, a forma do Ms. de L. Franco.

10. Assim na ed. de Hemburgo. Na 1.^a ed. *Sem dele acharmos novas.*

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Fala o Bobo, seu filho do pastor

Bobo No vayais adó os llamó,
Padre, sin saber quien es.

Pastor Porque?

Bobo Porque este es — sé yo —
5 Aquel ladrón que hurtó
El asno del Portuguez.

10 Y se vais adó están,
Os juro al cuerpo sagrado
De San Pisco y San Juan,
Que también os hurtarán,
Que sois asno más honrado.

Pastor Déjame ir, que me llamó.

Bobo No, por vida de mi madre;
15 Que si allá vais, muerto 'so,
Y desta vez quedo yo,
Sin asno, triste! y sin padre.

Monteiro Vinde, que vo-lo encomendo,
E em vossas mãos me ponho.

Bobo No vais, que dijo *en comiendo*:
20 — Encomiendoos al demonio!

Ao Monteiro

Pastor Y eso es lo que andais haciendo?
Déjame ir adó está,

Que no es cosa que me espante.

Bobo No quereis sino ir allá?
25 Pues echadle pan delante.
Puede ser amansará.

4. A oração — sé yo — é acrescentamento proposto por Storck.

- Pastor* Dios os guarde! Qué cosa es
Esa porque voceais?
- Monteiro* Dar-me-eis novas ou sinais
De um fidalgo português,
5 *Bobo* Se passou por onde andais?
Yo sóy hidalgo portuguez:
Que manda su Señoria?
- Pastor* Cállate! Oh! que nescio es!
- Bobo* Padre, no me dejarés
10 Ser lo que quisiere un dia?
- Ah! Santo Dios verdadero!
No seré lo que otros son?
Digo ahora que no quiero
Ser Alonsico, el vaquero.
- 15 *Pastor* Cállate ya, bobarrón!
- Bobo* Ya me callo: ahora un poco
He de ser lo que yo quisiere.
- Pastor* Señor, diga lo que quiere,
Porque este muchacho es loco,
20 Y muero porque no muere.
- Monteiro* Digo que se por ventura
Sabeis o que ando buscando:
Um fidalgo que caçando
Se perdeu nesta espessura,
25 Após um cervo andando.

20. Este verso, comum aos poetas do século XV, glosado pelos do *Cancioneiro* de Resende, tornou-o célebre sobretudo um soneto de S.^{ta} Teresa de Jesus.

21. O mesmo que — *Pergunto se porventura...* Na sintaxe do tempo a condicional *se* não dispensava o emprego da integrante *que*.

- 5 Tenho esta parte corrida,
Sem dele poder saber.
Trago a alegria perdida;
E se de todo a perder,
Perca-se também a vida.
- 10 *Bobo*
Pastor Porque só polo buscar
Tenho trabalhos assaz.
(Yo no puedo callar más.
Como no puedes callar?
Quítate allá para tras!)
Cuanto por aquesta tierra,
No siento nueva ninguna.
- 15 *Monteiro*
Pastor Oh! trabalhosa fortuna!
Mas detrás daquesta sierra
Hallaréis, por dicha, alguna;
- 20 *Monteiro* Que unas choças de vaqueros
Portuguezes allí están;
Y aí muchas veces van
Cazadores cavalleros:
Puede ser que lo sabrán.
- Pastor* Quero-me ir lá saber.
Bobo Ficai-vos a Deus, pastor.
Dios os livre de dolor.
Y a nos dé siempre comer
25 Pan y sopas, que es mejor.

5. Na *Écloga* IV terminam sempre por verso semelhante a este as falas do pastor *Frondoso*.

22. Foi de frases como esta que, por simplificação, nos ficou a expressão corrente — *Adeus!*

5 Pastor Mirad lo que os notifico:
 Bobo En aquel valle, acullá,
 Pastor Anda paciando un burrico,
 Hidalgo, manso y bonico;
 Puede ser que ese será.
10 Bobo Calla, y acaba de andar.
 Pastor Yo ando.
 Quieres callar?
 Bobo Bobo que tan poco sabe!
 Bobo No decis que ande y acabe?
 Ando, y no quiero acabar.

Vão-se todos e entra Florimena, pastora, com um pote, que vai à fonte, e diz

15 Florimena Por este fermoso prado,
 Tudo quanto a vista alcança
 Tão alegre está tornado,
 Que a qualquer desesperado
 Pode dar certa esperança.
 O monte e a sua aspereza
 De flores se veste ledó;
 Reverdece o arvoredó.
20 Sòmente em minha tristeza
 Está sempre o tempo quedó.

25 Junto desta fonte pura,
 Segundo a muitos ouvi,
 De altos parentes nasci.
 Foi como quis a Ventura,
 Mas não como eu mereci.

25. *Ventura*, no sentido etimológico — coisas boas ou más que hão-de vir, hão-de acontecer — tem aqui o sentido de *Fado*, *Sorte*.

5 O dia que fui nascida,
Minha mãe do parto forte
Foi sem cura falecida;
E o dia que me deu vida
Lhe dei eu a ela a morte.

10 Do mesmo parto nasceu
Meu irmão, que entre os cabritos
Comigo também viveu;
Mas, assi como creceu,
Creceram nele os espíritos.
Foi-se buscar a cidade;
Teve juízo e saber;
Eu fiquei, como mulher,
E não tive faculdade
15 Pera poder mais valer.

20 A um pastor obedeço
Por pai, que de outro não sei;
E pola mãe que matei,
A ãa cabra conheço,
De cujo leite mamei.
Mas, porém, já que este monte
Me obriga, e meu nascimento,
Quero, pois quer meu tormento,
Encher a talha na fonte
25 Que cos olhos acrecento.

*Enquanto finge que enche a talha, entra Venadoro,
e diz*

Venadoro Pois que me vim alongar
Dos caminhos e da gente,
Fortuna, que o consente,
Se devia contentar
5 De me ter tão descontente.
Porém, segundo adivinho,
Por tão espesso arvoredor,
Por tão áspero rochedo,
Quanto mais busco o caminho,
10 Tanto mais dele me arredo.

O cavalo, como amigo,
Já cansado me trazia,
Mas deixou-me, todavia;
Que mal pudera comigo
15 Quem consigo não podia.
Quero-me aqui assentar
À sombra, nesta ervinha,
Porque canso já de andar;
Mas inda a fortuna minha
20 Não cansa de me cansar.

Junto desta fonte pura
Não sei quem cuido que está;
Mas no coração me dá
Que aqui me guarda a Ventura
25 Algũa ventura má.
Ou ganhado ou bem perdido,
Faça, enfim, o que quiser,
Que eu o fim disto hei-de ver;
Que já venho apercebido
30 A tudo quanto vier.

5 Oh! que fermosa serrana
 À vista se me oferece!
 Deusa dos montes parece;
 E se é certo que é humana,
 O monte não na merece.
 Pastora tão delicada,
 De gesto tão singular,
 Parece-me que em lugar
 De perguntar pola estrada,
 10 Por mim lhe hei-de perguntar.

15 Atéqui sempre zombei
 De qualquer outra pessoa
 Que afeiçoada topei;
 Mas agora zombarei
 De quem se não afeiçoa.
 Serrana, cuja pintura
 Tanto a alma me moveu,
 Dizei-me: Por qual ventura
 Andareis nesta espessura,
 20 Merecendo estar no Céu?

Florimena Tamanho inconveniente
 Andar na serra parece?
 Pois a ventura da gente
 Sempre é mui diferente
 25 Da que, ao parecer, merece.
 Venadoro Tal resposta é manifesto
 Não se aprender entre as cabras;

27. É esta a lição do Ms. de Luís Franco, melhor do que a da 1.^a Ed.: *Não se parecer co'as cabras.*

Pois não vos parece honesto
Saberdes matar co gesto,
Senão inda com palavras.

5 No mato, tudo é rudeza:
Há tal gesto e discrição?
Não no creio.

Florimena Porque não?

Não suprirá natureza
Onde falta criação?

10 *Venadoro* Já logo nisso, Senhora,
Dizeis, se não sinto mal,
Que do vosso natural
Não era serdes pastora.

Florimena Digo, mas pouco me vale.

15 *Venadoro* Pois quem vos pôde trazer
A conversação do monte?

Florimena Perguntai-o a essa fonte;
Que as cousas duras de crer,
Um as faça, outro as conte.

20 *Venadoro* Esta fonte, que está aqui,
Que sabe do que dizeis?

Florimena Senhor, mais não pergunteis,
Porque outra cousa de mi
Sabei que não sabereis.

1-3. Entenda-se: Não vos parece próprio da vossa elevada categoria matar apenas com o gesto; também quereis matar com palavras — aptidão mais reveladora de altura de espírito.

16. Conversação o mesmo é que convivência.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

De vós agora sabei
O que não tendes sabido:
Se quereis água, bebei;
Se andais por dita perdido,
5 *Venadoro* Eu vos encaminharei.
Senhora, eu não vos pedia
Que ninguém me encaminhasse;
Que o caminho que eu queria,
Se o eu agora achasse,
10 Mais perdido me acharia.

Não quero passar daqui;
E não vos pareça espanto,
Que em vos vendo me rendi;
Porque, quando me perdi,
15 *Florimena* Não cuidei de ganhar tanto.
Senhor, quem na serra mora
Também entende a verdade
Dos enganos da cidade.
Vá-se embora, ou fique embora,
20 Qual for mais sua vontade.

Venadoro Oh! lindíssima donzela,
A quem Ventura ordena
Que me guie como estrela!
Quereis-me deixar a pena,
25 E levar-me a causa dela?!
E já que vos conjurastes
Vós e Amor pera matar-me,
Oh! não deixeis de escutar-me!
Pois a vida me tirastes,
30 Não me tireis o queixar-me!

Que eu, em sangue e em nobreza
O claro Céu me extremou;
E a Fortuna me dotou
De grandes bens e riqueza,
5 Que sempre a muitos negou.
Andando caçando aqui,
Após um cervo ferido,
Permitiu meu Fado assi,
Que, andando dos meus perdido,
10 Me venha perder a mi.

E porque inda mais passasse
Do que tinha por passar,
Buscando quem me ensinasse
Por que via me tornasse,
15 Acho quem me faz ficar.
Que vingança permitiu
A Fortuna num perdido!
Oh! que tirano partido,
Que quem o cervo feriu,
20 Vá como cervo ferido!

Ambos feridos num monte,
Eu a ele, outrem a mi.
Ua diferença há aqui:
Que ele vai sarar à fonte,
25 E eu nela me feri.
E pois que tão transformado
Me tem vossa fermosura,
Um de nós troque o estado:
Ou vós pera o povoado,
30 Ou eu pera a espessura.

Florimena Dos arminhos é certeza,
Se lhe a cova alguém sujar,
Morar fora antes de entrar;
De estimar muito a limpeza,
5 Pola vida a vai trocar.
Também quem na serra mora
Tanto estima a honestidade,
Que antes toma ser pastora,
Que perder a castidade,
10 A troco de ser senhora.

Se mais quereis, esta fonte
Vos descubra o mais de mim:
O que ela viu, ela o conte;
Porque eu vou-me pera o monte,
15 Porque há já muito que vim.

Vai-se Florimena, e diz

Venadoro Ó linda minha inimiga,
Gentil pastora, esperai!
Pois a tanto amor me obriga,
Consenti-me que vos siga:
20 Vá o corpo onde alma vai.

E pois por vós me perdi,
E neste estado Amor me pôs
Os olhos com que vos vi,
Pois os deixastes sem mi,
25 Oh! não os deixeis sem vós!

1-5. Assim se julgava deste animal, por isso aproveitado pela Heráldica, segundo o exprime a empresa: *Prius mori quam foedari*=antes morrer do que ficar manchado.

11-13. Pág. 184, v. 22-24.

5

Porque a Fortuna me disse
Que nas serras onde andais,
Em estes extremos tais,
Não era bem que vos visse
Pera não ver de vós mais.

10

E pois Amor se quis ver
Da livre vida vingado,
Em que eu soia viver,
Faça em mi o que quiser,
Que aqui vou ao jugo atado.

Vai-se Venadoro após de Florimena, e entra D. Lusidardo, seu pai, que quer ir em sua busca, e o monteiro e Filodemo, e diz

15

D. Lusidardo

Oh! Santo Deus verdadeiro,
A quem o mundo obedece!
Meu filho não aparece,
Ou que me dizeis, monteiro?

Monteiro

Digo-lhe que me entristece;
Que eu corri por esses montes
Bem quinze léguas ou mais,
E busquei polos casais,
Por serras, montes e fontes,
Sem ver novas nem sinais.

20

25

Toda a gente que levou,
Buscando-o muito cansada,
Polo mato anda espalhada;
Mas ainda ninguém tornou
Que soubesse dele nada.

Lusidardo Oh! fortuna nunca igual!
Quem me fará sabedor
De meu filho e meu amor?
Que se é muito grande o mal,
5 Muito mor é o temor.

Quem tolhe que não achasse
Algum leão temeroso
Nalgum monte cavernoso,
Que sua fome fartasse
10 Em seu corpo tão feroso?
Quem há que saiba, ou que visse,
Que das montanhas erguidas
Algum monstro não saísse,
E com seu sangue tingisse
15 As ervas nelas nascidas?

Oh filho! vais-me a lembrar
Quantas vezes vos mandava
Que leixásseis o caçar!
Não cuidei de adivinhar
20 O que Fortuna ordenava.
Eu irei, filho, buscar-vos
Por esses montes, por i,
Ou a perder-me, ou cobrar-vos;
Que morte que quis matar-vos,
25 Quero que me mate a mi.

Onde fostes fenecido,
Seja também vosso pai;
Ser-me-á acontecido,

7. *Leões* na Península, só aprisionados em jaula ou em abusiva liberdade poética...

5 Como a virote que vai
Buscar outro que é perdido.
Vós só haveis de ficar,
Filodemo, encarregado
Pera esta casa guardar;
Que de vosso bom cuidado
Tudo se pode fiar.

10 Ide-vos a fazer prestes,
Mandai cavalos selar;
Pois achá-lo não pudestes,
Ir-me-eis mostrar o lugar
Onde da vista o perdestes.

Vão-se e entra o Bobo com o vestido de Venadoro, que lhe tomou Venadoro o seu por se vestir de pastor, e diz, cantando,

15 *Bobo* *Los muchachos del Obispo*
No comen cosa mimosa,
Ni zanca d'araña, ni cosa mimosa.

Fala

20 De su sayo colorado
Tan lozano me vestió,
Que yo ya no soy yo,
Ya por otro estoy trocado,
Que este sayo me trocó.

1. Pessoa que se manda a recado, e a designação derivar-lhe-á da rapidez de *virote* (seta) com que lhe cumpre desempenhar-se da missão.

11. Assim na 1.^a ed. Noutras: *Ir-me-ei buscar o lugar.*

5 Oh! que asno portuguez,
Que loco por Florimena,
Deseó zamarra ajena,
Y dame por enterés
Una zamarra tan buena!

10 Como yo vi la bovilla
Andar con él en questiones,
Y parársele amarilla,
Díjele: — Florimenilla,
Andáis en dongolondrones?
Él me dijo: — Matalote,
No tengáis dello desmayo.
Y en esto, como un rayo,
15 Tomóme mi capirote,
Y dióme su capisayo.

Capirote, en buena fé,
Si vós, cuando en mi entrastes,
Capisayo vos tornastes,
Que yo por eso cantaré,
Pues así me mejorastes.

Canta

*Lyrio, lyrio, lyrio loco,
Con qué? Con capiroxada.*

25 *Por hablar con la golosa
De amores, mirad la cosa!
Zamarilla tan hermosa,
Que me han dado tan honrada,
Con qué? Con capiroxada.*

10. *Capirote é uma pequena samarra.*

Fala

Yo entonces respondí:
 Señor, dame pan y queso;
 Mas despues que lo entendí,
 Dixe a ella: Dale un beso,
 5 Que él me dió zamarra a mí.
 Ahora me mirarán
 Cuantos a la eglesia fueren;
 Y aquellos que no me quieren,
 Ahora me rogarán.

10 Sabéis porque no querré?
 Porque estoy ahidalgado;
 Y quando fuere rogado,
 Cantando responderé,
 Que ya estoy otro tornado.

Canta e baila

15 *Soropicote, picote, mozas,*
Ahora quiero amores con vosotras.

Entra o Pastor e diz

	<i>Pastor</i>	Hijo Alonsillo!
	<i>Bobo</i>	Hijo Alonsillo!
	<i>Pastor</i>	No me quieres escuchar?
20	<i>Bobo</i>	Pues déjame suspirar.
	<i>Pastor</i>	Escúchame ahora, asnillo, Lo que te quiero mandar.

7. Storck admite que a estrofe, mutilada, se completaria com a intercalação, a seguir a este, dum verso como — *Y pasmados estarán.*

5 Vete al Valle de las Rosas,
Y di á Anton del Lugar
Que si puede acá llegar,
Porque tengo muchas cosas
Que importan para le hablar.

10 Porque es aqui llegado
A este valle un hombre honrado,
Mancebo de casta buena,
Que amores de Florimena
Le traen loco y penado.
Dice que quiere casar
Con ella, que su tormento
No le deja reposar;
Y que venga festejar
15 Tan dichoso casamiento.

Bobo Decid, padre, tambien vos,
No quereis casar comigo?
Casemos ambos adós.

20 *Pastor* Vé, y haz lo que te digo.
Bobo Responde, padre, por Dios.
Pastor Vé luego, y vuelve apresado.
Anda. No quieres andar?

Bobo Pues que me habeis empujado,
Juro a mí de desandar
25 Todo cuanto tengo andado.

Pastor Trabajoso es este insano!
Nunca hace lo que quereis.

Bobo Ora no os apasioneis,
Mi padrecico lozano,
30 Que burlaba, y no lo veis?

3. Vid. nota ao v. 21 da pág. 181.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pastor Vête dahi!
Bobo Héme aqui,
Pastor Vé donde te díxe.
Bobo Ya vengo.

5. Oh! que padraсто que tengo,
Que asi me manda por ahi,
Siendo camino tan luengo!

Vão-se, e entram Dionisa e Solina.

Dionisa Oh! Solina, minha amiga,
10. Que todo este coração
Tenho posto em vossa mão!
Amor me manda que diga,
Vergonha me diz que não.
Que farei?
Como me descobrirei?
15. Porque a tamanho tormento
Mais remédio lhe não sei,
Que entregá-lo ao sofrimento.

20. Meu pai muito entristecido
Se vai pela serra erguida,
Já da vida aborrecido,
Buscando o filho perdido,
Tendo a filha cá perdida!
Sem cuidar,
Foi a casa encomendar
25. A quem destruir-lha quer:
Olhai que gentil saber,
Que vai comigo leixar
Quem me não leixa viver.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- Solima* Senhora, em tanto desgosto
Não posso meter a mão;
Mas, como diz o rifão,
Mais vale vergonha no rosto,
5 Que mágoa no coração.
E bofé! se eu tanto amasse,
E visse tempo e sezão,
Sem seu pai, sem seu irmão,
Que a nuvem triste tirasse
10 De cima do coração!...
- Dionisa* Ah mana! que tenho medo,
Que se eu em tal consentisse,
Que logo o mundo sentisse,
Porque nunca houve segredo,
15 Que, enfim, se não descobrisse.
Solima Se eu tantas dobras tivesse
Como quantas houve erradas,
Sem que o mundo o soubesse,
A fé que eu enriquecesse
20 E fosse das mais honradas.
- Dionisa* Sabeis que tenho em vontade?
Solima Que podeis, Senhora, ter?
Dionisa Falar-lhe, só pera ver
Se é por ventura verdade
25 O que dizeis que me quer.

7. *Sezão* significa *oportunidade*.
9. Subentenda-se: *juro que...*
11. *Vid.* nota ao v. 4 da pág. 84.

- 5 *Solina* Bofé, mana, dizeis bem,
E eu o mandarei chamar,
Como pera lhe rogar
Que um anel que lá me tem,
Que mo mande consertar.
- 10 *Dionisa* Dizeis mui bem.
Solina Vou-me lá
Chamar o seu moço à sala;
E se este parvo vem cá,
Com ele um pouco rirá,
Que sempre amores me fala.
Vilardo, moço!
- 15 *Vilardo* Quem chama?
Solina Vem cá, moço; eu te chamo.
Que é de teu amo?
- 20 *Vilardo* Ah que dama!
Perguntais-me por meu amo,
E não por um que vos ama?
- 25 *Solina* E quem é esse amador,
Que quer ter comigo passo?
Será ele algum madraço?
Vilardo Eu sou o mesmo, que o amor
Me quebra pelo espinhaço.
E mais vós sabeis de mi,
Se eu a dizê-lo me atrevo,
Que desque esses olhos vi,
Que yo ni como, ni bebo,
Ni hago vida sin ti.

20. Ter passo ou passejar é o mesmo que ter galan-
tarias.

22. Sou eu mesmo.

E mais pera namorado
Não sou ora tão madraço.
Solina Sois muito desmazalado!
Vilardo Mas antes, de delicado,
5 Caio pedaço a pedaço.
E mais eu sofrer não posso
Que me façais tanto fero,
Que estou já posto no osso,
Porque sou vosso e revosso,
10 Por vida de quanto quero.

Solina Feros? Está cheia a rua.
Ora estou bem aviada!
Vilardo Cupido, por vida tua,
15 Que a não faças tão crua,
Pois que te não faço nada!
Amor, Amor, más te pido,
Que quando se for deitar,
Que le digas al oido:
Devíeis-vos de lembrar
20 Neste tempo de um perdido.

6. Depois deste verso é diferente a lição do ms. de Luís Franco: *Que um arranjo dos Céus / Que me corta carne e osso, / Porque sou vosso e revosso / Plo santo dia de Deus.*

7. *Fero* é adjectivo substantivado, e significa neste passo *aspecto severo*.

II. Entenda-se: *De feros* (ou fanfarrões) *está...* — quer *Solina* dizer, jogando com a palavra *fero* que *Vilardo* acaba de empregar, com sentido diferente. A 1.^a ed. pontua: *Feros, está a rua...*

16-16. *Vid.* Gil Vicente. Na tragicomédia de *D. Duar-*
dos é assim um dos solilóquios do herói:

*Amor, amor, mas te pido
Que quando se for deitar
Que le digas al oido:
Señora, la vuestra huerta
Y no mas.*

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

- Solina* E tu fazes já còprinhas?
Ainda tu trovarás?
- Vilardo* Quem? eu? por estas barbinhas,
Que se vós virdes as mínhas,
5 *Solina* Que digais que não são más.
Ora, pois me quereis bem,
Dizei-me ãa.
- Vilardo* Ei-la aqui,
E veja o saibo que tem;
10 *Solina* Porque esta trovinha assi,
Saiba que é trova do assém.

Diz o Moço a trova:

- 15 *Passarinhos, que voais
Nesta menhã tão serena,
Sabei que só minha pena
Pode encher mil cabeçais.*

- Solina* O refão está salgado.
Essa pena te dou eu?
- Vilardo* Vós e Amor, que, de malvado,
Me tem melhor empenado,
20 *Solina* Que nenhum virote seu.

11. *Assém* é o lombo da vaca ou boi, o que há de melhor nesta carne; de onde ser *do assém* significa, por metáfora, *ser excelente*. Diz hoje no mesmo sentido: *É carne da perna*.

15. *Cabeçais* são almofadas para a cabeça.

20. *Virote* é o mesmo que *seta*, a que se aplicam penas para facilitar o sulcar do espaço. De onde o trocadi-lho de *Vilardo*. O Amor tem-no *empenado* (mortificado), como *empena* (aplica penas) as setas que arremessa.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Solina
[*Vilardo*] Pois se me ouvíreis cantar!
E tu és também cantor?
Canto melhor que um açor.
Quereis que vos venha dar
Musiqueta de primor?

E que vos mande tanger
Muito melhor que ninguém?
Já isso quisera ver.

Solina
Vilardo 10 Querer-me-eis, se o eu fizer,
Algum pedaço de bem?

Solina
Vilardo Querer-te-ei trinta pedaços.
E esse querer dará fruto
Que me tire destes laços?

Solina
Vilardo 15 E que fruto?

Dous abraços.
Solina Esse fruto custa muito.

Vilardo Esse é o amor que em vós há?
Pesar de minha mãe torta!

20 *Solina* Ora i, chamaí logo lá
Vosso amo, que venha cá
Logo, que é cousa que importa.

Vilardo Logo?

Solina Logo nessas horas.

Vilardo Não estarei aqui mais?

25 *Solina* Não. Ainda aí estais?
Vós haveis mester esporas.

Vilardo Irei, porque mo mandais.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Vai-se Vilardo e Solina, e entra o pastor e Venadoro com ele, feito pastor, e diz o

Pastor Más de un mez es ya pasado
Que en esta sierra andais;
Y es caso mal mirado
Que andeis guardando ganado
5 Por una que tanto amais.
Y si os determinais
En querer casar con ella,
Juro a mí que nada erráis;
Y si eso es para habella,
10 En vano cabras guardais.

Ya me distes vuestra fé
(Sábenlo estas tierras todas):
Yo con ella me engañé,
Que luego mandar llamé
15 Quien festejase las bodas.
Y agora decis con pena,
Que es dura cosa casar:
Pues volveos nora buena,
Que no habeis de engañar
20 Con palabras Florimena.

Venadoro Quem há-de ter coração
Pera tamanho temor?
Que em mim pegando estão,
De ãa parte a Rezão,
25 E doutra parte o Amor.
Também vejo que perdê-la
Será minha perdição;

Que bem me diz a afeição,
Que pouco faço por ela,
Pois não desfaço em quem sam.

Pastor Digoos, si por bajeza
Decis que no os conviene,
Daros hé una certeza:
Que en sangre y en nobleza,
Tanto como vos la tiene.

Venadoro Pastor, digo que daqui
Farei tudo que quiserdes;
E se mais quereis de mi,
Digo que vos dou o si
Pera tudo o que fizerdes.

Pastor Dios os dé su bendición;
Y pues que casais con ella,
Yo os afirmo en conclusión,
Que aun de vos y mas della
Verná gran generación.
Yo me voy por ella, hijo,
Tomadla así mal compuesta;
Verná quien haga la fiesta;
Que en placer y regocijo
Nos festeje esta floresta.

3. Vid. nota ao v. 1 da pág. 113.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Vai-se o pastor e fica Venadoro falando só, e diz

Venadoro Ó ribeiras tão fermosas,
Vales, campos pastoris,
Porque vos não revestis
De novas flores e rosas,
5 Se minha glória sentis?
Porque não secais, abrolhos?
E vós, águas, que, regando
Os olhos is alegrando,
Correi, que também meus olhos
10 De alegres estão manando.

Ah! pastora, em quem espero
Poder viver descansado!
Contigo guardarei gado,
Que já eu sem ti não quero
15 Nenhũa alteza de estado.
Diga o que quiser a gente,
Tudo terei nũa palha,
Porque está craro e evidente,
Que não há honra que valha
20 Contra a vida descontente.

*Entram três pastores bailando e cantando de terreiro,
diante do pastor que traz Florimena, e diz o*

Pastor Pues el amor os obliga
A que hagáis tan buena liga,
Tomando a Dios por testigo,
Daquí os la entrego, amigo,
25 Por mujer y por amiga.

19. Honra tem aqui o sentido de *distinção social*,
glória.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Venadoro Consentis nisto, Senhora?

Florimena Senhor, em tudo consento.

Venadoro Oh! grande contentamento!

Florimena Saiba que nunca tegora

5 Lhe houve enveja ao tormento.

Pastor Ansí lo decís, bobilla?

Oh! mala dolor os duela!

Pero no es maravilla

Quien consiente ansí la silla,

10 Consienta también la espuela.

Tornam a bailar e cantar, e acabado, entra D. Lusidardo e o monteiro, que andam em busca de Venadoro. E diz

D. Lusidardo Três dias há já que ando

Por esta larga espessura

A Venadoro buscando;

E o que dele vou achando

15 É que mo esconde a Ventura.

Monteiro Senhor, cuido que lá vejo

Uns lavradores cantar.

Lusidardo I diante perguntar.

Monteiro Comprido é seu desejo,

20 Se a vista não me enganar.

Lusidardo Como assi?

Monteiro Ele não vê

Aquele pastor loução

Com ãa moça pola mão?

13. A nossa lição é a do ms. de Luís Franco. A da 1.^a ed. é: *É como quer a Ventura.*

- Se Venadoro não é,
Nem eu o monteiro sam.
- Pastor* Quién veo allá asomar,
Que se viene a nuestras bodas?
- 5 *Bobo* No los dejemos llegar,
Que nos vernán a robar,
Juro a mí, las migas todas.
- Lusidardo* Oh! Venadoro, meu filho!
És tu este?
- 10 *Venadoro* Tal estou,
Que cuido que este não sou.
- Lusidardo* Certo que me maravilho
De quem tanto te mudou!
Como estás assi mudado
- 15 *Venadoro* No rosto e no vestido?
Ando já noutro trocado,
Tanto, que fiquei pasmado
De como fui conhecido.
- Bobo* E se Vossa Mercê vem
20 Pera me levar daqui,
Mais há-de levar que a mi;
E há-de ser quem me tem
Todo transformado em si.
- 35 *Bobo* Eso porque lo entendéis?
Por las migas por ventura?
Voto a tal no llevaréis:
Por más y más que andéis,
No hareis tal travesura.

2. Vid. nota ao v. 1 da pág. 113.

Venadoro Esta fermosa donzela
 Em mi teve tal poder,
 Que folguei de me perder;
 Pois, enfim, vim achar nela
 5 O que não cuidei de ser.
 Tanto em mi pôde este amor,
 Que a tenho recebida;
 E se o erro grave for,
 Aqui quero ser pastor:
 10 Deixe-me ter esta vida.

Lusidardo É certo tal casamento?!
Venadoro Tenha-o por cousa segura.
Lusidardo Oh! grande acontecimento!
 Dest'arte sabe a Ventura
 15 Aguar um contentamento!
Pastor Óigame, Señor, a mí,
 Como hombre sabio, discreto,
 Porque acaeciό así,
 Y lo que supo hasta aquí
 20 Lo puede tener por cierto.

Muchos años son corridos
 Que en esta fuente abierta,
 En estos valles floridos
 25 Hallé dos niños nacidos,
 Y a su madre casi muerta.
 Los niños chicos crié,
 (Y desto cierto me arreo)
 Y a la madre sepulté;
 Y despues un gran deseo
 30 De saber esto tomé.

5 Como yo fuese enseñado
De chico a la mágica arte
Por mi padre, que es finado,
Muy conocido y nombrado
Soy por tal en toda parte.
Yo con yervas de la sierra,
Animales y otras cosas
Haré, si el arte no se yerra,
Que descendan a la tierra
10 Las estrellas luminosas.

15 Soy, en fin, certificado
Que la madre de los dos
Fué princeza de alto estado,
Y por un caso nombrado
La traxo a esta tierra Dios.
El macho, como creció,
Deseoso de otro bien,
A la Corte se partió:
La hembra es esta por quien
20 Vuestro hijo se perdió.

25 Y si más quiere, Señor,
De mi arte, prestamente
Dello le haré sabedor;
Mas ha de ser de tenor
Que no lo sepa la gente.
Lusidardo Mas vamo-nos, se quereis,
Que não soffro dilação,
A minha casa; e então
Lá disse me informareis,
30 Que é caso de admiração.

5 E vós, filho, não cuideis
Que a glória de vos achar
Não é tanto de estimar,
Que em qualquer 'stado que esteis,
Não folgue de vos levar.

Vão-se todos e, vendo vir a Filodemo, diz

Solina Eis Filodemo lá vem:
Asinha acudiu ao leme.

Dionisa Isso é de quem quer bem;
Mas não sei se o viu alguém,
10 Porque quem espera teme.

Filodemo Agora me quisera eu
Daqui cem mil léguas ver.
Folgara eu assi de ser,
15 Porque este cuidado meu
Fora mais de agardecer;
Que quando por acidente
Da fortuna desastrado
Fosse apartado da gente
Num deserto, onde sòmente
20 Das feras fosse guardado;

Eu por ferro, fogo e água
Buscar minha morte iria;
A voz rouca, a língua fria,
Tamanho mal, tanta mágoa
25 As montanhas contaria.
Lá, mui contente e ufano
De mostrar amor tão puro,
Poderia ser que o dano,
Que não move um peito humano,
30 Que movesse um monte duro.

21. Nas eds. anteriores ocorre *E* em vez de *Eu*
A lógica parece exigir a correcção que propomos. A lição
de Jurom. é: *Lá por ferro...*

Dionisa Nesse deserto apartado
De toda a conversação,
Merecieis degradado
Por justiça, com pregão
5. Que dissesse: *Por ousado*.
E eu também merecia
Metida a grave tormento,
Pois que, como não devia,
Vim a dar consentimento
10 A tão sobeja ousadia.

Filodemo Senhora, se me atrevi,
Fiz tudo o que Amor ordena;
E se pouco mereci,
Tudo o que perco por mi,
15 Mereço por minha pena.
E se Amor pôde vencer,
Levando de mi a palma,
Eu não lho pude tolher;
Que os homens não têm poder
20 Sobre os afeitos da alma.

E ainda que pudera
Resistir contra o mal meu,
Saiba que o não fezera;
Que pouco valera eu,
25 Se contra' vós me valera.
Não deve logo ter culpa
Quem se venceu de armas tais.
Assi que, nisto e no mais,
Tomo por minha desculpa
30 Vós mesma que me culpais.

5 E se este atrevimento
Com tudo for de culpar,
Acabai de me matar;
Que aqui tenho um sofrimento
Que tudo pode passar.
E se esta penitência,
Que faço em me perder,
Algum bem vos merecer,
Fique em vossa consciência
10 O que me podeis dever.

15 *Dionisa* Que dizeis a isto, Senhora?
Eu que vos posso dizer?
Já não tenho em mi poder,
Segundo me sinto agora,
Pera poder responder.
Respondei-lhe vós, Solina,
Pois a vós me entreguei.
Solina Bofé, não responderei:
Veja ela o que determina.
20 *Dionisa* Não no vejo, nem no sei.

Solina Pois eu também não sei nada.
Dionisa Porquê?
Solina Do que eu fezer,
Se depois se arrepender,
25 Dirá que eu fui a culpada.
Dionisa Eu só quero a culpa ter.

11. Este verso parece ser pergunta de *Solina* e não de *Filodemo*.

19. *Vid.* nota ao v. 11 da pág. 2. Na 1.^a ed. ocorre *ele*.

- 5 *Solina* Senhora, por não errar,
 Não quero que fique em mim.
 Esta noite no jardim
 Ambos podem praticar
 Como isto venha a bom fim.
- 10 Lá poderão ajustar
 Entre ambos o parecer;
 Que eu não me hei nisso de achar,
 Que não quero temperar
 O que outrem há-de comer.
- Dionisa* Vós vedes a torvação,
 Que lá nessa casa vai?
- Solina* Dá-me cá no coração
 Que é vindo o Senhor seu pai
 Com o Senhor seu irmão.
- 15 *Dionisa* Filodemo, i-vos embora;
 Falai depois com Solina.
- Solina* Vamos-nos também, Senhora,
 Receber seu pai lá fora,
 Não venha sentir a mina.
- 20

*Vão-se todos e entra Vilardo e Doloroso, que vêm dar
 ãa música a Solina com os músicos. E diz logo*

Vilardo

Assi que te contava, Doloroso, destas em que
 sempre andam rogindo as sedas.

1-2. Entenda-se: Não quero, pelo receio de errar,
 ficar sem uma resolução.

20. Mina é metáfora por verdade que se esconde e
 que há-de explodir com espanto.

21. O diálogo em prosa aqui iniciado não o insere
 o ms. de L. F. até à linha 10 da p. 216.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Doloroso

Avante, que bem sei que o não dizeis polas sedas de Veneza.

Vilardo

Já sabeis que esta nossa Solina é tão celestina, que não há quem a traga a nós?

Doloroso

5 Logo parece moça brigosa, que por dá cá aquelas palhas, dará e tomará quatro espaldeiradas; e ao outro dia quem há-de cuidar que ãa mulher de sua arte há-de querer bem a um parvo como ti? Porque estas tais são como homens sesudos: se de noite se
10 acham em algum arruído, onde possam fugir sem serem conhecidos, fâcilmente o fazem; e ao outro dia quem há-de cuidar que um homem tão honrado havia de fugir? Outros dizem: Bem pode ser, porque noite escura é capa de judeus e de envergo-
15 nhados.

Vilardo

Mui gentil comparação é esta. Mas assi que te dezia, o outro dia, assi zombando lhe pormeti de lhe dar ãa música, e já chamei outros dous meus amigos, que logo hão-de vir aqui ter conosco.

3. *Vid.* nota 17 da p. 146.

17. *Pormeti*, como na 1.^a ed. Sobre tal forma do verbo construiu o Poeta o jogo verbal que se pode ver no v. 11 da pág. 66 do I vol. da *Lírica*.

Doloroso

Que tal é a música que determinas de lhe dar?
Não seja de siso; porque será a maior parvoíce do
mundo, porque não concerta com a parvoíce que
tu finges.

Vilardo

- 5 A música não é senão das nossas; mas faço-te
queixume, que nem com um cão de busca pude
achar ãas nêsporas por toda esta terra.

Doloroso

- Nem nas acharás senão alugadas; mas eu não sou
de openião que teus amores te custem dinheiro. Ora
10 já lá aparecem os outros companheiros, e eu tam-
bém ajudarei de telhinha ou de assovio; e vem-me
isto à popa, porque daqui iremos à porta da minha
padeirinha, porque ando com ela num certo reque-
rimento.

Vilardo

- 15 Vossas Mercês vêm ao próprio; boa seja a vinda.
As guitarras vêm temperadas?

7. *Nêsporas* — campainhas sem badalos.
11. *Telhinha* é uma espécie de castanholas feitas
de dois pedaços de louça ou telha.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Os dois músicos

Tudo vem como cumpre. Mandai vegiar a Justiça entretanto.

Vilardo

Ora sus: fazei como se temperásseis cabeça de pescada com seu fígado e bucho, e canada e meia,
5 que nunca meu pai fez tamanho gasto na sua missa nova.

Neste passo se dá a música com todos quatro. Um tange guitarra, outro pentem, outro telhinha, outro canta cantigas muito velhas, e no melhor diz

Vilardo

Estai assi quedos, que eu sinto quem quer que é.

Doloroso

Justiça, polo corpo de tal! Ora sus, aqui não há outro valhacouto que nos valha, que pôr os pés ao
10 caminho e mostrar-lhe as ferraduras.

Rubrica. Pentem—instrumento músico muito grosseiro, provavelmente de som produzido pela passagem dum pau pelos dentes de um outro.

Vão-se todos e entra o Monteiro, e diz

Monteiro

Como é gracioso este mundo, e como é galante! E quão gracioso seria quem o pudesse ver de palanque com carta de alforria ao pescoço, porque não pudessem entender nele meirinhos, almotacéis da
 5 limpeza, trabalhos, esperanças, temores, com toda a outra cabedela de enfadamentos! Ora notai bem de quantas cores teceu a Fortuna esta manta de Alentejo: perdeu-se Venadoro na caça: eis a casa toda envolta como rio; o pai enfadado, a irmã triste, a
 10 gente desgostosa; tudo, enfim, fora do couce; e o galante aposentado nos matos com os trajos mudados como camaleão decepado dos pés e das mãos, por ãa serranica de Alentejo! E veio o caso a sair de maneira fora da madre, que a recebesse por mu-
 15 lher; e rapa óleo e crisma de quem é, e renega as alembanças de seu pai, pois tanto tomou ao pé da letra o que Deus disse — *Por esta deixarás teu pai e mãe*. E atentai isto, por me fazer mercê: cuidareis que este caso era *solus peregrinus*. Sabei que os não
 20 dá a Fortuna senão aos pares, como quedas. Dionisa, mais mimosa e mais guardada de seu pai que bicho de seda, moça sem fel como pombinha, que nos anos não tinha feito inda o enequim; mais fer-

10. Hoje diríamos com o mesmo sentido e semelhante metáfora *fora dos gonzos*.

15. Isto é: *Tira os sinais da própria personalidade*.

19. *Solus peregrinus* — *único e estranho*.

23. *Enequim* = *sinais de puberdade*.

mosa que ãa menhã de S. João, mais mansa que o
rio Tejo, mais branda que um soneto de Garcilaso,
mais delicada que um pucarinho de Natal; enfim,
que por meia hora de sua conversação se poderá
5 sofrer ãa pipa com cobra e galo e dòninha, como a
parricida, com tanto que dissesse o pregão o porquê;
porque vos não fieis em castanhas (não sei se o
diga, se o cale, que de magoado me trava' pola
manga a fala da garganta; mas, contudo, não há
10 quem se tenha): seu pai a' achou esta noite no jar-
dim com Filodemo, mais arrependida do tempo que
perdera, que do que ali perdia. Eu, coitado de mi,
que meta os dentes nos cabeçais, se desejar ave de
pena.

Aqui entra Duriano, e diz como cantando.

Duriano

15 *Ti ri ri, ti ri rão.*

Monteiro

Que é isso, Senhor Duriano? Que descuidos são
esses? Onde é cá a ida agora?

4. *Por meia hora de convívio, de intimidade com Dionisa poder-se-ia sofrer o tormento do parricida — uma pipa com cobra e galo e dòninha — instrumentos de tortura — contando que o pregão denunciasse a causa do tormento.*

13. *Vid. nota ao v. 15 da pág. 202. Os cabeçais são cheios de penas,*

Duriano

Vou assi como parvo, porque o melhor é não saber homem nada de si.

Monteiro

Que dizeis a vosso amigo Filodemo, que assi se soube aproveitar do tempo que ficou só em casa?

Duriano

- 5 Eu que hei-de dizer? Digo que descreio desta minha capa, se não é isto caso pera sair com ele a desafio.

Monteiro

Porquê?

Duriano

Porque não basta que lhe dê a Fortuna gostos tão
10 medidos sobre o funil, que lhe põe nos braços Dionisa, a mais fermosa dama que nunca espalhou cabelos ao vento, senão ainda, pera o assegurar em sua boa ventura, lhe vem a descobrir que é filho de não sei quem, nem quem não.

10. Desbordando do funil, com abundância.

Monteiro

Esses são outros quinhentos. Cujo filho dizem que é? que eu ouvi já sobre isso não sei que fábulas.

Duriano

Dir-vo-lo-ei; pasmareis, que não é menos que príncipe, e pior ainda: Nunca ouvistes dizer de um
5 irmão do Senhor Dom Lusidardo que, agravado de el-Rei, se foi pera os Reinos de Dinamarca?

Monteiro

Tudo isso ouvi já.

Duriano

Pois esse galante, em satisfação de muitas mercês que El-Rei de Dinamarca lhe fizera, meteu-se de
10 amores com ãa sua filha, a mais moça; e como era bom justador, manso, discreto, galante, partes que a qualquer mulher abalam, desejou ela de ver geração dele; senão quando — livre-nos Deus! — se lhe começou de encurtar o vestido, que estas cidras não

1. Frase feita, usada em Portugal como em Espanha, significando: *Isso é outra enormidade*. Lembra a expressão moderna de sentido parecido. *Isso foi um trinta e um*. Esses em vez de isso (que me contas) por atracção da palavra *quinhentos*.

14. No ms. de L. Franco e na ed. de Juromenha vem a palavra *cidras* substituída por *sirgos*. A metáfora tem o mesmo significado. Aquela fruta ou este verme não se desenvolvem em menos tempo do que é necessário à gestação dum filho.

se desistem em nove dias, senão em nove meses; foi-lhe a ele então necessário acolher-se com ela, porque não colhessem a ela com ele. Acolheu-se em ãa galé; e vede-la princesa em ãa *galera nueva*, /
 5 *con el marinero / a ser marinera*. Finalmente, vindo navegando todo esse Oceano Germânico, Bancos de Frandes, Mar de Inglaterra, e trazidos à costa de Espanha, não nos quis a Ventura deixar gozar do repouso que nela buscavam: deu-lhe súbitamente
 10 tamanha tormenta, que sem remédio deu a galé à costa, onde, feita pedaços, morreram todos desastrosamente, sem escapar mais que a princesa com o que trazia na barriga, a quem parece que a Fortuna guardava pera dar o descanso, que a seu pai e mãe
 15 negara. Saiu finalmente a moça na praia, tal qual o temeroso naufrágio deixaria ãa princesa mais delicada que um arminho; e indo assi a pobre mulher pola terra estranha e despovoada, e sem quem a encaminhasse por donde, depois de ter perdido tanto
 20 a esperança de ter algum remédio, deram-lhe as dores de parto junto de ãa fonte, aonde em breve espaço lançou duas crianças, macho e fêmea, como visagras. E como a fraca compreensão da delicada mulher não pudesse sustentar tantos e tão desacostu-
 25 mados trabalhos, fàcilmente deu a vida, que tanto havia que desejava de dar, deixando vivos aqueles dous retratos dela e de seu pai, que por causa de

4-5. *Vid.* as redondilhas camonianas no I vol., pág. 10-11.

23. *Visagras* é o mesmo que *dobradiças*, e a comparação resultou das palavras *macho* e *fêmea*, que são designações das duas peças que constituem este objecto.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

seus nascimentos a vida lhe tiraram, como acontece a víboras. E como as crianças fossem destinadas ao que vedes, não faltou um pastor que as criasse, que ali veio ter, dando a mãe a alma a Deus. De maneira: que, por não gastar mais palavras, o macho
5 é vosso amigo Filodemo, e a fêmea é a serrana Florimena, mulher que é já de Venadoro.

Monteiro

Estranhas cousas me contaís! Assi que logo de seu pai herdou Filodemo namorar a filha do senhor que
10 serve; não haverá logo por mal o Senhor Dom Lusidardo tomar por genro e nora, quem acha por sobrinhos.

Duriano

Sabei que chora de prazer com eles, que já diz que acha que Filodemo se parece natural com seu
15 irmão e Florimena com sua mãe.

Monteiro

Dai-me a entender como se creu tão de ligeiro o Senhor Dom Lusidardo de quem isso contou.

Duriano

No caso não há dúvida, porque o pastor que lá achastes lhe certificou todo o caso; e fez ao pastor
20 muitas mercês, e manda fazer muitas festas solenes. Venadoro, casado com sua mulher e prima, e Filodemo, que o mesmo parentesco tem com a Senhora Dionisa, estão fora de crer tamanho contentamento: cuidam que zombam deles.

24. Na 1.^a ed. *cuido... dele.*

Monteiro

Ora deixa-me ir a ver o rosto a esse velhaco de Filodemo; pois de meu matalote se me tornou Senhor. Creio que vem o Senhor Dom Lusidardo. Dessimulemos.

Entra Dom Lusidardo com Venadoro, que traz Florimena pola mão, e Filodemo traz a Dionisa. E diz

5 *Lusidardo* Quem não ficará pasmado
De ver que por tal caminho
Tem a Ventura ordenado
Filodemo, meu criado,
Vir ser meu genro e sobrinho!

10 Quem não pasmará agora
De ver a Ventura minha,
Que tem tornado nũa hora
Florimena, ãa pastora,
Ser minha nora e sobrinha!

15 Dêm-se graças ao Senhor,
Cujo segredo é profundo,
Pois que vemos que quis pôr
A Ventura e o Amor
Por prazeres deste mundo.

20 Vão-se todos e fenece a presente obra.

FINIS. LAUS DEO

2. *Matalote* significa *companheiro no mar* e, por extensão, *companheiro no sentido genérico*.

CARTA I (¹)

Escrita de Ceuta

Esta vai com a candeia na mão morrer nas de
V. M.; e, se daí passar, seja em cinza, porque não
quero que do meu pouco comam muitos. E se,
todavia, quiser meter mais mãos na escudela, man-
5 de-lhe lavar o nome, e valha sem cunhos.

*La mar en medio y tierras he dejado
De quanto bien, cuitado, yo tenía.*

*Cuan vano imaginar, cuan claro engaño
Es darme yo a entender que, com partirme,
10 De mi se ha de partir un mal tamaño!*

(¹) Esta carta foi publicada pela Ed. de 1598.

1. *Candeia* é o mesmo que *vela* (Vid. nota ao v. 2 da pág. 20) Porque deseja o Poeta que o destinatário la carta a queime ou, se a alguém dela der conhecimento (se quiser mais mãos na escudela), a mostre sob anonimato — lavando o nome do autor? Pensa Juromenha que por tal processo quereria Camões evitar se lhe apropriassem os plagiadores do que escrevia, na mira do lucro ou da glória, mas é evidente que apenas o facilitaria o cuidado em lavar o nome — que outro nome podia substituir...

5. Metáfora tirada das moedas. Valha a carta por sua substância, como a moeda por seu metal, independentemente do cunho que é, na carta, o nome do autor.

6-7. Estes versos são de Garcilaso (Soneto V). Foi Camilo Castelo Branco que o indicou, in-*Poesias e prosas inéditas de Fernão Rodrigues Soropita*, p. 178.

8-10. Este terceto é o 10.º da *Écloga II* de Garcilaso, como o indicou Storck.

Nota: Entre as linhas 7 e 8 insere a *Miscelânea* de Juromenha e adversativa *Mas*, ligando dois versos de poemas diferentes.

Quão mal está no caso quem cuida que a mudança do lugar muda a dor do sentimento! E se não, diga-o *quien dijo que la ausencia causa olvido*. Porque, enfim, *en la tierra queda, e o mais a alma*
 5 *acompanha*. Ao alvo destes cuidados jogam meus pensamentos à barreira, tendo-me já, pelo costume, tão contente de triste, que triste me faria ser contente; porque *o longo uso dos anos se converte em natureza*. Pois o *que é pera mor mal, tenho eu pera*
 10 *mor bem*. Ainda que, pera viver no mundo, me debruo de outro pano, por não parecer coruja entre pardais, fazendo-me um pera ser outro, sendo outro pera ser um; mas *a dor dissimulada dará seu fruto*, que a tristeza no coração é como a traça no pano.

1-2. Storck viu nesta frase — *Que a mudança de lugar muda a dor ao sentimento* — dois versos setessilábicos de proveniência que não apurou, e como tais os dispôs e traduziu. Talvez sejam. Mas também é possível que a frase saísse da pena do Poeta espontaneamente conforme a uma estrutura rítmica, pois até a prosadores a cada passo isto acontece.

3. *Quien dijo etc.*, (aliás *dize*, no original) é o começo de um soneto de Boscan.

4-5. A frase em itálico, incluindo — *Porque enfim* — assim como a seguinte — *e o mais a alma acompanha* — dispô-las Storck como versos, supondo a estrutura da 1.^a *la tierra queda*, em vez de *en tierra queda*... Entre *jogam e meus pensamentos* insere a *Miscelânea* de J. há muito.

6. *Barreira*=paredes em que se colocam os alvos.

7-13. Eis os versos de *Crisfal*, de Cristóvão Falcão, transcritos com ou sem modificações pelo Poeta

*O longo uso dos anos
 Se converte em natureza.*

... ..
*O que é pera maior mal
 Tenho eu pera maior bem.*

... ..
*Anda a dor dissimulada,
 Mas ela dará seu fruto.*

*E por tão triste me tenho
Que, se sentisse alegria,
De triste, não viveria.
Porque a tal sorte vim,
5 Que não vejo bem algum
Em quanto vejo,
Que não nasceu pera mim;
E por não sentir nenhum,
Nenhum desejo.*

10 Porque cousas impossíveis, é melhor esquecê-las
que desejá-las. E por isso

*Só tristeza ver queria,
Pois minha ventura quer
Que só a ela
15 Conheça por alegria,
E que, se outra ver quiser,
Moura por ela.*

Pouco sabe da tristeza quem, sem remédio pera
ela, diz ao triste que se alegre; pois não vê que
20 alheios contentamentos a um coração descontente,
não lhe remediando o que sente, lhe dobram o que
padece. Vós, se vem à mão, esperais de mim pala-
vrinhas joeiradas, enforcadas de bons propósitos.
Pois desenganai-vos, que, dês que professei tristeza,
25 nunca mais soube jogar a outro fito. E, por que
não digais que sou gente fora do meu bairro, vedes,

16. É a lição da *Miscelânea* de Jucomenha.

23. Entenda-se: *presas a bons propósitos*, como
entre dentes de forquilha.

vai ãa volta feita a este mote, que escolhi na manada dos enjeitados; e cuido que não é tão dedo queimado que não seja dos que el-Rei mandou chamar; o qual fala assim:

5 *Não quero e não quero
Jubão amarelo.*

*Se de negro for,
Melhor me parece.
Quanto me aborrece*
10 *Toda a alegre cor!
Cor que mostra dor
Quero, e não quero
Jubão amarelo.*

Parece-vos que se pode dizer mais? Não me res-
15 pondais: Quem gabará a noiva? Porque assentai
que fui comendo e fazendo, ou assoprando, que não
é tão pequena habilidade. E, por que vos não pa-
reça que foi mais acertar que querê-lo fazer, vedes,
vai outra do mesmo jaez, contanto que se não vá
20 a pasmar:

1-2. Por na manada dos enjeitados entenda-se: nos numerosos versos que tenho desperdiçado.

2-3. Dedo queimado o mesmo é que coisa desajetada.

3. Referência a D. João III, que se teria interessado pelo mote que o Poeta cita.

6. *Jubão* ou *jibão* (também se escrevia *gibão*) era a peça de vestuário que se usava por debaixo do *pelote*, como hoje o colete por sob o casaco.

*Perdigão perdeu a pena,
Não há mal que lhe não venha.*

5 *Em um mal outro começa,
Que nunca vem só nenhum;
E o triste que tem um
A sofrer outro se of'reça;
E, só pelo ar, conheça
Que basta um só que tenha,
Pera que outro lhe venha.*

10 Que graça será esperardes de mim propósitos, em
cousa que os não tem pera comigo? Pois, ainda que
queira, não posso o que quero; que um sentido
remontado, de não pôr pé em ramo verde, tudo lhe
sucede assim; e cada um acode ao que lhe mais doi;
15 e mais eu, que o que mais me entristece é ter con-
tentamento, pois fujo dele, que minha alma o abor-
rece, porque lhe lembra que é virtude viver sem ele.
Que já sabeis que mágoa é: vê-lo-ás e não o paparás.
Por fugir destes inconvenientes,

20 *Toda a cousa descontente
Contentar-me só convinha,*

2. Vid. *Cantigas* de C. Falcão: *Nunca sinto um mal vir só...* Camões glosa o mesmo ditado nas *Redondilhas* (vid. I vol.). Supõe Storck que seja ao mesmo Jorge da Silva, que parece ter-lhe inspirado a glosa ali publicada, que o Poeta enviou esta carta. Só ele teria razão para *pasm*ar, se o amigo pela segunda vez glosasse o mote que lhe lembrava o delito e a prisão por ele sofrida. (Vid. nota à mesma cantiga, nas *Redondilhas*, p. 314).

*De meu gosto;
Que o mal de que sou doente,
Sua mais certa mèzinha
É desgosto.*

- 5 Já ouviríeis dizer: *Mouro que não podes haver, dá-o pela tua alma*. O mal sem remédio, o mais certo que tem é fazer da necessidade virtude; quanto mais, se tudo tão pouco dura como o passado prazer. Porque, enfim, *allegados son iguales / los que viven por*
10 *sus manos / y los ricos*, etc. A este propósito, pouco mais ou menos, se fizeram ãas voltas a um mote de enche-mão, que diz por sua arte, zombando mais, que não de siso, que toda a galantaria é tirá-la de onde se não espera, o qual crede que
15 tem mais que roer do que um praguento. Portanto *recuerde el alma adormida*, e mande escumar o entendimento, que, de outra maneira, *de fuera dormi-redes, pastorcico*. E o meu, Senhor, diz assi:

5-6. É a alteração do ditado: *Mouro que não podes haver, forra-o pela tua alma*. Na 1.^a ed. ocorre *Mouro a que...*

10-11. *y los ricos* ocorre na *Miscel.* de J. Tudo isto é proveniente de J. de Manrique.

12. *De enche-mão* o mesmo que *de mão-cheia*.

16. Mais outro verso das coplas de Manrique, assim mesmo começadas. Em outras estrofes desta mesma carta se sente o eco deste poeta espanhol, dos mais lidos no tempo.

17-18. É o verso de uma cantiga espanhola, já utilizada por Camões nos *Disparates da Índia*. (Vid. *Redondilhas* pág. 97).

18. Entenda-se: *o meu mote, Senhor...* Em todas as eds. se tem escrito: *E o meu senhor diz assim*. A pontuação que adoptamos é de Dona C. Michaëlis.

*Dava-lhe o vento no chapeirão,
Quer lhe dê, quer não.*

*Bem o pode revolver,
Que o vento não traz mais fruto;
5 E mais vento é sentir muito
O que, enfim, fim há-de ter.
O melhor é melhor ser
Que o vento no chapeirão,
Quer lhe dê, quer não.*

10 Ua cousa sabeí de mim: que queria antes o bem
do mal, que o mal do bem; porque muito mais se
sente o porvir, que o passado; e a morte, até matar,
mata. Não sei se sereis marca de voar tão alto;
15 porque, pera tomar a palha a esta matéria, são
necessárias asas de nebri. Mas vós sois homem de
prol, e desculpa-me a conta em que vos tenho. E a
que de mim vos sei dar, é que

*Esperança me despede,
Tristeza não me falece,
20 E tudo o mais me aborrece.
Já que mais não mereceu
Minha estrela,
Só a tristeza conheço,
Pois que pera mim nasceu
25 E eu pera ela.*

11-12. Prefere o Poeta as consequências boas do mal às consequências más do bem, porque mais atenta no futuro em que elas se sentem, do que no presente, em que se pode sofrer o mal ou gozar o bem.

13. Na *Eufrosina* diz J. F. de Vasconcelos, a propósito de *Crisander*, que é grande marca.

14. Tomar a palha a alguma pessoa ou coisa é ser-lhe superior, dominá-la pelo entendimento.

No mundo não tem boa sorte senão quem tem por boa a que tem. E daqui me vem contentar-me de triste. Mas olhai de que maneira:

5 *Vivo assi ao revés,
Tomando por certa vida
Certa morte,
Com que folgo em que me pês,
Pois minha sorte é servida
De tal sorte.*

10 Ua cousa sabeis: que o mal, inda que às vezes o vejais louvar, não há quem o louve com a boca que o não tache com o coração.

15 *Ajuda-me a sofrer
Vida tão sem sofrimento
E tão sem vida,
Ver que, enfim, fim hão-de ter
Desgosto e contentamento,
Sem medida*

Atentai que não são maus confeitos de enforcado
20 pera os que estão com o barão na garganta, cuidar que o bem e o mal, ainda que sejam diferentes na vida, são conformes na morte; porque vemos

12. *Tache* = *censure*.

14. Na *Miscel.* de Jurom.: *Vida tal sofrimento*, que D. C. Michaëlis restitui: *Vida [com] tal sofrimento...*

19. Na *Eufrosina* ocorre com o mesmo sentido a expressão *confeitos de enforcado* — mimos que se dão aos condenados à morte.

5 *Que não há tão alta sorte,
Nem ventura tão subida
Ou desastrada,
A quem o assopro da morte
Não sopra o fogo da vida,
E torne em nada*

10 *A seu fim todas cousas vão correndo;
Nem há cousa que o tempo não consuma,
Nem vida que de si tanto presuma,
Que se não veja nada em se vendo.*

15 *Que o mais certo que temos
É não termos nada certo
Cá na terra,
Pois pera seus não nascemos;
Se o seu nos dá incerto,
Nada erra.*

20 Quero-vos dar conta de um soneto sem pernas, que se fez a um certo recontro que se teve com este destruidor de bons propósitos, e não se acabou, porque se teve por mal empregada a obra; cujo teor é o seguinte:

4. Na ed. de 1598 o verso é: *A quem não assoprou a morte.*

6. É a *Miscel.* de Jurom. que acrescenta este verso. Noutras eds. ocorre *Tão desejada*. Nenhum vem na primeira.

17. As *pernas* são os dois tercetos que faltam ao soneto. A *Miscel.* de Jurom. tem *penas*, em vez de *pernas*.

18-19. O destruidor de bons propósitos é o Amor.

*Forçou-me Amor, um dia, que jogasse;
Deu as cartas, e [ás] de ouros levantou;
E, sem respeitar mão, logo trunfou,
Cuidando que o metal que me enganasse,*

5 *Dizendo, pois trunfou, que triunfasse,
A ãa sota de ouros que jogou;
Eu então, por burlar quem me burlou,
Três paus joguei, e disse que ganhasse.*

Príncipes de condição, ainda que o sejam de san-
10 gue, são mais enfadonhos que a pobreza; fazem,
com sua fidalguia, com que lhe cavemos fidalguias
de seus avós, onde não há trigo tão joeirado que não
tenha algũa ervilhaca. Já sabeis que basta um frade
ruim pera dar que falar a um convento. Duas cousas
15 não se sofrem sem discórdia: companhia no amar,
mandar vilão ruim sobre cousa de seu interesse.
Não se pode ter paciência com quem quer que lhe
façam o que não faz. Desagardcimentos de boas
obras destroem a vontade pera não fazê-las a amigo,
20 que tem mais conta com o interesse que com a ami-
zade; rezai dele, que é dos cá nomeados.

Grande trabalho é querer fazer alegre rosto
quando o coração está triste; pano é que não toma

4. Neste verso repete-se a conj. integrante *que*,
como, já o temos observado, o permitia a syntaxe do tempo.

9. Na ed. de Jurom. começa aqui outra carta.

14. Na *Miscel.* de Jurom. — ..de um convento.

14-15. Foi a edição de Hamburgo que modificou este
passo, que era: *Três cousas [...] companhia, namorar,
mandar, etc. na Miscel. de Jurom. é esta a lição: Três
cousas não sofrem companhia sem discórdia: mandar;
namorar; vilão ruim...*

19-21. Na *Miscel.* de Jurom.: . *fazê-las. Amigo [..]
rezam dele, porque é...*

nunca bem esta tinta; que a Lũa recebe a claridade
do Sol, e o rosto do coração. Nada dá quem não dá
honra no que dá; não tem que agradecer quem, no
que recebe, a não recebe; porque bem comprado
5 vai o que com ela se compra. Não se dá de graça
o que se pede muito. Estai certo que quem não tem
ũa vida tem muitas. Onde a razão se governa pela
vontade, há muito que praguejar e pouco que lou-
var. Nenhũa cousa homizia os homens tanto consigo
10 como males de que se não guardaram, podendo.
Não há alma sem corpo, que tantos corpos faça sem
alma, como este purgatório a que chamais honra;
onde muitas vezes os homens cuidam que a ganham,
aí a perdem. Onde há enveja, não há amizade;
15 nem a pode haver em desigual conversação. Bem
mereceu o engano quem creu mais o que lhe
dizem que o que viu. Agora, ou se há-de viver no
mundo sem verdade, ou com verdade sem mundo.
E pera muito pontual, perguntai-lhe de onde vem;
20 vereis que *algo tiene en el cuerpo, que le duele*.

Ora temperai-me lá esta gaita, que nem assi, nem
assi achareis meio real de descanso nesta vida; ela
nos trata sòmente como alheios de si, e com razão:

9. *Homiziar* significava *provocar inimizade por homicídio ou outro delito* (*homízio*, de *homicidium*).

8. *Sem mundo* = *sem convívio*.

20. É um decassílabo não sabemos de que autor. A seguir a este verso, acrescenta a *Miscel.* de Juromenha:

«Tomei o pulso a todos os estados da vida, e nenhum achei em perfeita saúde: porque a dos clérigos, pera remédio a vejo tomar mais a vida que salvação da alma; a dos frades, inda por baixo dos hábitos, tem uns pontinhos, que quem tudo deixa por Deus, nada havia de querer do mundo; a dos casados é boa de tomar e ruim de sustentar e pior de deixar; a dos solteiros, barca de vidro, sem leme, que é bem ruim navegação. Ora temperai-me...».

Pois sòmente nos é dada
 Pera que ganhemos nela
 O que sabemos.
 Se se gasta mal gastada,
 5 Juntamente com perdê-la
 Nos perdemos.

Enfim, esta minha senhora, sendo a cousa por
 que mais fazemos, é a mais fraca alfaia de que nos
 servimos. E se queremos ver quão breve é,

10 Ponderemos e vejamos
 Que ganhamos em viver
 Os que nascemos:
 Veremos que não ganhamos
 Senão algum bem fazer,
 15 Se o fazemos.

E por isso, respeitando

Que o porvir tal será,
 Entesouremos;
 Porque [ao certo] não sabemos
 20 Quando a morte pedirá
 Que lhe paguemos.

Nunca vi cousa mais pera lembrar e menos lem-
 brada que a morte; sendo mais aborrecida que a
 verdade, tem-se em menos conta que a virtude. Mas

16. Storck propõe a correcção: *E por isso respei-*
temos, fazendo desta frase o 1.º verso da estrofe, e tradu-
 zindo em conformidade. Na *Miscel.* citada também é verso
 que se integra na estrofe — *E por aqui respeitando...*,
 rimando com: *Porque não sabemos quando / A morte nos*
pedirá.

20. Na 1.ª Ed. ocorre ...*nos pedirá*...

contudo, com o seu pensamento, quando lhe vem à vontade, acarreta mil pensamentos vãos; que tudo pera com ela é um lume de palhas. Nenhã cousa me enche tanto as medidas pera com estes que vivem
5 na mor bonança, como ela; porque quando lhe menos lembra, então lhe arranca as amarras, dando com os corpos à costa; e, se vem à mão, com as almas no Inferno, que é bem ruim gasalhado.

E pois todos isto temos,

10 *Não nos engane a riqueza,
Porque tanto esmorecemos,
Trás que vamos;
Já que temos a certeza
Que, quando mais a queremos,
15 A deixamos.*

*Gastamos em alcançá-la
A vida; e quando queremos
Usar dela,
Nos tira a morte logrâ-la;
20 Assi que a Deus perdemos
E a ela.*

Porque já ouviríeis dizer: *Ninho feito, pega morta*. Que me dizeis ao contentamento do mundo, que toda a dura dele está enquanto se alcança? Porque, acabado de passar, acabado de esquecer. E com

3-4. Na *Miscel. cit.*: *E como nenhã cousa encha tanto as medidas como com estes que viveram na mor bonança com ela...*

9. A frase — *E pois todos isto temos* (ou *vemos*, como se tem corrigido) foi separada da estrofe por Storck, alteração que parece justificada.

razão, porque, acabado de alcançar, é passado; e maior saudade deixa do que é o contentamento que deu. Esperai, por me fazer mercê, que lhe quero dar ãas palavrinhas de propósito:

5 *Mundo, se te conhecemos,*
 Porque tanto desejamos
 Teus enganos?
 E, se assi te queremos,
 Mui sem causa nos queixamos
 10 *De teus danos.*

Tu não enganas ninguém,
 Pois a quem te desejar
 Vemos que danas;
 Se te querem qual te vêem,
 15 *Se se querem enganar,*
 Ninguém enganas.

Vejam-se os bens que tiveram
 Os que mais em alcançar-te
 Se esmeraram;
 20 *Que uns, vivendo, não viveram,*
 E outros só com deixar-te
 Descansaram.

E se esta tão clara fé
 Te aclara teus enganos,
 25 *Desengana;*
 Sobejamente mal vê
 Quem com tantos desenganos
 Se engana.

1-2. ...porque alcançado e passado tudo é um.
 E acabado de passar, mais saudade... in-Miscel. de Jurom.

5 *Mas como tu sempre mores
No engano em que andamos
E que vemos,
Não cremos o que tu podes,
Senão o que desejamos
E queremos.*

10 *Nada te pode estimar
Quem bem quiser estimar-te
E conhecer-te;
Que, em te perder ou ganhar,
O mais seguro ganhar-te
É perder-te.*

1. *Mas como tu te acomodes* — é a lição de algumas eds., entre as quais a de 1932. Storck traduz segundo a alteração.

7. Esta estrofe vem errada em várias edições. A lição presente é a que parece mais conforme à estrutura da estrofe. Na de 1598 é:

*Nada te pode estimar
Quem bem queira conhecer-te
E estimar-te...*

Na Miscel.

*Nada te pode estimar
Quem bem quiser estimar-se
E conhecer-te;
Que pois perder-te é ganhar,
Mais seguro é ganhar-se
E perder-te.*

5 *E quem em ti determina
Descanso poder achar,
 Saiba que erra;
Que, sendo a alma divina,
Não a pode descansar
 Nada da terra.*

10 *Nascemos pera morrer,
Morremos pera ter vida,
 Em ti morrendo.
O mais certo é merecer
Nós a vida conhecida,
 Cá vivendo.*

15 *Enfim, Mundo, és estalagem
Em que pousam nossas vidas
 De corrida;
De ti levam de passagem
Ser bem ou mal recebidas
 Na outra vida.*

20 *Afuera, afuera, Rodrigo, que eu, se muito for por
este caminho, darei em enfadonho. Inda que me pa-
reça já me não livrará privilégio de cidadão do
Porto. E, pois me vendo a vós, sofri-me com*

5-6. Na *Miscel.*: *Nada a pode contentar / Cá na terra.*

19. Verso do *Romancero General*, de Duran, n.º 744

21-22. A burguesia do Porto tinha, no século XVI, pri-
vilégios que a de outras cidades não conhecia, por exem-
plo, o de usar armas defensivas e ofensivas, seda e guarni-
ções de ouro e prata no vestuário, etc.

meus encargos. E por que não digais que sou herege de Amor, e que lhe não sei orações, vedes, vai ãa: *Di, Juan, de que murió Blas?* com um pé à portuguesa e outro à castelhana; e não vos espanteis da
5 libré, que eu em qualquer palmo desta matéria perco o norte. E os suplicantes dizem assim:

— *Di, Juan, de que murió Blas,
Tan niño y tan mal logrado?*
— *Gil, murió de desamado.*

10 — *Dime, Juan, quién le engañó,
Que con Amor se engañase,
Pensando que el bien hallase
Adonde el mal cierto halló?*
15 — *Despues que el engano vio,
Que hizo, desengañado?*
— *Gil, murió de desamado.*

20 — *Travou com ele pendença,
Em ter razão confiado;
Mas Amor, como é letrado,
Houve contra ele a sentença;
E com aquela diferença,
Disse entre si o coitado:*
— *João, morro eu de desamado.*

3-4. As estrofes (voltas ou pés) ao mote são, na verdade, uma em espanhol outra em português.

23. É de Störck a correcção deste verso que em outras eds., incluindo a de 1932, vem assim: *Gil, morreu de desamado*. Mas bem se podia admitir: *Gil, morro eu de desamado*, invocando o próprio nome, como em solilóquio.

Quem tem razão tão cerrada
 Que não saiba, sendo rudo
 E sem respeito,
 Que, sem Deus, é tudo nada,
 5 E nada, com ele, tudo
 Sem defeito?

E sendo isto assi tão certo,
 Como todos confessamos
 E sabemos,
 10 Não troquemos pelo incerto
 O em que tão certo estamos,
 Pois o vemos.

A tudo isto podeis responder que todos morremos
 do mal de Faetão, porque *del dicho al hecho, va*
 15 *gran trecho*. E de saber as cousas a passar por elas,
 há mais diferença que de consolar a ser consolado.
 Mas assi entrou o Mundo, e assi há-de sair; muitos
 a repreendê-lo e poucos a emendá-lo. E com isto
 amaino, beijando essas poderosas mãos ãa qua-
 20 trínqua de vezes, cuja vida e reverendíssima pessoa
 nosso Senhor, etc.

14. *Faetão* ou *Faetonte*, é, na Mitologia, o filho de *Apolo* ou do *Sol*, que, governando mal o coche de seu pai, foi fulminado por *Júpiter*, despenhando-se no rio *Eridano* (*Pó*).

14-15. É ditado espanhol, correspondente ao português — *da mão à boca se perde a sopa*.

20. *Quatrínqua* é, no jogo da garatuza, o mesmo que *catorzado* — quatro ases, quatro reis, etc.

C A R T A I I (¹)

(DA INDIA)

Desejei tanto ãa vossa, que cuido que pola muito
desejar a não vi; porque este é o mais certo costume
da Fortuna: consentir que mais se deseje o que mais
presto há-de negar. Mas por que outras naus me
5 não façam tamanha ofensa, como é fazerem-me sus-
peitar que vos não lembro, determinei de vos obri-
gar agora com esta; na qual pouco mais ou menos
vereis o que quero que me escrevais dessa terra.
Em pago do qual, de antemão vos pago com novas
10 desta, que não serão más no fundo de ãa arca pera
aviso de alguns aventureiros que cuidam que todo
o mato é orégãos, e não sabem que cá e lá más
fadas há.

Despois que dessa terra parti, como quem o fazia
15 pera o outro mundo, mandei enforcar a quantas
esperanças dera de comer até então, com pregão
público: *Por falsificadoras de moeda*. E desenganei
esses pensamentos, que por casa trazia, por que em
mim não ficasse pedra sobre pedra. E assi posto
20 em estado que me não via senão por entre lusco e

(¹) Vem na Ed. de 1598.

15-16. A metáfora *enforcar esperanças* já a conhecemos
das *Redondilhas*. Vid. I vol. cantiga — *Enforquei minha
esperança*, pág. 67.

fusco, as derradeiras palavras que na nau disse
 foram as de Cipião Africano: *Ingrata patria, non*
possidebis ossa mea. Porque quando cuido que, sem
 5 pecado que me obrigasse a três dias de Purgatório,
 passei três mil de más línguas, piores tenções, dana-
 das vontades, nascidas de pura enveja, de verem *su*
amada yedra de si arrancada y en otro muro asida...
 Da qual também amizades, mais brandas que cera,
 se acendiam em ódios que disparavam lume que me
 10 deitava mais pingos na fama que nos couros de um
 leitão. Então ajuntou-se a isto acharem-me sempre
 na pele a virtude de Aquiles, que não podia ser cor-
 tado senão polas solas dos pés; as quais de mas
 não verem nunca, me fez ver as de muitos, e não
 15 enjeitar conversações da mesma impressão, a quem

2-3. Esta frase — *Ingrata Pátria, não possuirás os*
meus ossos — é attribuída a Públio Cornélio Cipião, o
 Africano. *Vid.* Tito Lívio, Livro XXXVIII — Cap. LIII.

5. A imaginação de Juromenha, seguida pela de T.
 Braga, attribuiu a este número valor biográfico. 3.000 dias
 são 8 anos e 80 dias, tempo que, somado ao decorrido em
 Ceuta, seria o da duração da permanência do Poeta em
 Lisboa, entre a saída de Coimbra e a partida para Goa, de
 onde escreve. Como a data desta partida é conhecida —
 1553 — o abandono de Coimbra seria em 1542...

6-7. São dois versos de Garcilaso — *Éclga* I:

Vendo mi amada yedra
De mi arrancada en otro muro asida...

12. Diz a Mitologia que *Aquiles*, tendo sido, ao nas-
 cer, mergulhado pela mãe em água que o tornou invulne-
 rável, só podia ser ferido pelo calcanhar por onde a mãe
 lhe pegou, e por isso não tinha sido molhado. É este passo
 da carta um dos fundamentos sobre que os biógrafos atri-
 buem a Camões a destemidez de *Trinca-fortes*, alcunha por
 que Chiado parece designá-lo.

fracos punham mau nome, vingando com a língua o que não podiam com o braço. Enfim, Senhor, eu não sei com que me pague saber tão bem fugir a quantos laços nessa terra me armavam os acontecimentos, 5 como com me vir pera esta, onde vivo mais venerado que os touros de Merceana, e mais quieto que na cela de um frade pregador.

Da terra vos sei dizer que é mãe de vilões ruins e madrasta de homens honrados. Porque os que se cá 10 lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre água com[o] bexigas; mas os que sua opinião deita á *las armas, Moriscote*, como a maré corpos mortos à praia, sabeí que, antes que amadureçam,

3. Neste passo nitidamente afirma o Poeta que a sua partida para a Índia foi voluntária determinação sua e não pena em que lhe fosse comutada a de prisão, pela agressão de servidor do rei em dia de Corpo de Deus.

6. Qual a explicação desta expressão — *touros de Merceana*? Storck julgou-a alteração de *contas* (rosário) de *merceeira* ou *merceeria* (a *merceeira* era mulher que a troco de esmola — *mercê* — se ocupava em rezar pelas almas dos mortos, e a *merceeria* a instituição que nisso consistia). Não nos parece que seja necessário recorrer à hipótese dessa alteração, posto que não difícil, para compreender a frase. Soldado em repouso de guarnição, não era muito audaciosa a sua comparação (vimos nos autos outras igualmente fortes) com touro na lezíria, venerado na majestade da sua força. A Aldeia Galega de Merceana, por outro lado, era no tempo localidade de importânoia que depois perdeu. Nela fundara D. Leonor, mulher de D. João II, sumptuosa igreja e D. Manuel lhe deu foral em 1513. Era apanágio das rainhas de Portugal. Sobretudo, situada junto das Lezírias, seriam afamados os seus touros.

8-9. De outros poemas de Camões já sabemos o conceito em que ele tem a capital do nosso Estado indiano e a vida que nela decorria.

12. É verso de romance espanhol.

se secam. Já estes que tomavam esta opinião de valentes às costas, crede que nunca

*Riberas del Duero arriba
Cavalgaron Zamoranos,
5 Que roncas de tal soberbia
Entre sí fuesen hablando;*

E quando vêm ao efeito da obra, salvam-se com dizer que se não podem fazer tamanhas duas cousas, como é prometer e dar.

10 Informado disto, veio a esta terra João Toscano, que, como se achava em algum magusto de rufiões, verdadeiramente que ali era *su comer las carnes crudas, su beber la viva sangre*. Calisto de Sequeira se veio cá mais humanamente, porque assi o pro-
15 meteu em ãa tormenta grande em que se viu. Mas um Manuel Serrão, que, *sicut et nos*, manqueja de um olho, se tem cá provado arrezoadamente, porque fui tomado por juiz de certas palavras de que ele fez desdizer a um soldado, o qual, pela postura de
20 sua pessoa, era cá tido em boa conta.

Se das damas da terra quereis novas, as quais são obrigatórias a ãa carta como marinheiros à festa de S. Frei Pero Gonçalves, sabei que as portuguesas

10. Não podemos dizer quem fosse João Toscano

12-13. As duas frases em itálico são dois versos de romance espanhol. Calisto de Siqueira mereceu referência a Diogo do Couto, que o considera o maior espingardeiro do mundo, dele contando bravuras.

16. Quem é este Manuel Serrão, que, como o Poeta — *sicut et nos* = *assim como nós* — era cego de um olho? Não o sabemos. O que importa fixar é que o passo constitui prova de autenticidade da carta.

todas caem de maduras, que não há cabo que lhe
 tenha os pontos, se lhe quiserem lançar pedaço.
 Pois as que a terra dá? Além de serem de rala,
 fazei-me mercê que lhe faleis alguns amores de Pe-
 5 trarca ou de Boscão; respondem-vos ãa linguagem
 meada de ervilhaca, que trava na garganta do en-
 tendimento, a qual vos lança água na fervura da
 mor quentura do mundo. Ora julgai, Senhor, o que
 sentirá um estômago costumado a resistir às falsi-
 10 dades de um rostinho de tauxia de ãa dama lisbo-
 nense, que chia como pucarinho novo com a água,
 vendo-se agora entre esta carne de salé, que nenhum
 amor dá de si. Como não chorará *las memorias de*
in illo tempore! Por amor de mim, que às mulheres
 15 dessa terra digais de minha parte que, se querem
 absolutamente ter alçada com baraço e pregão, que
 não receiem seis meses de má vida por esse mar, que
 eu as espero com procissão e pálio, revestido em
 pontifical, aonde est'outras senhoras lhe irão entre-
 20 gar as chaves da cidade, e reconhecerão toda a obe-
 diência, a que por sua muita idade são já obrigadas.

1-2. É de difícil inteligência esta frase, que parece
 alegorizar, em termos que lembram os da Volta ao Mote
 — *Se vossa Dama nos dá...* (I vol. pág. 82). *Vid.*, no
 fim deste volume, a nota a esses versos.

4-5. *Vid.* nota 1 e 10 da pág. 151.

11. *Vid.* pág. 218, o modo como o *Monteiro* gaba
Dionisa.

15-16. Entenda-se: *se querem ser senhoras com real*
soberania...

Por agora não mais, senão que este Soneto que aqui vai, que fiz à morte de D. António de Noronha, vos mando em sinal de quanto dela me pesou. Ua Êcloga fiz sobre a mesma matéria, a qual também trata algũa cousa da morte do Príncipe, que me parece melhor que quantas fiz. Também vo-la mandara pera a mostrardes lá a Miguel Dias, que, pela muita amizade de D. António, folgaria de a ver; mas a occupação de escrever muitas cartas pera o Reino me não deu lugar. Também lá escrevo a Luís de Lemos em resposta de outra que vi sua: se lha não derem, saiba que é a culpa da viagem, na qual tudo se perde. — *Vale.*

8. Alude ao soneto *Em flor nos arrancou, já tão crecida*, dedicado à morte do jovem D. António, o filho dos Condes de Linhares, a quem também é consagrada, como ao príncipe D. João, a Êcloga I, a que o Poeta se refere neste mesmo passo — o que tudo leva a crer na autenticidade da carta.

7-11. Quem eram estes Miguel Dias e Luís de Lemos? Ignoramo-lo.

CARTA III (1)

De Lisboa, a um seu amigo

Ua vossa me deram, a qual, pelo descostume, me pôs em tamanho espanto como contentamento, em saber novas de quem tanto as desejava; mas nem com esta vos forrarei do esquecimento que de mim
5 tivestes em me não escreverdes antes de vos irdes.

Entre algũas novas que mandastes, vi que me gabáveis a vida rústica, como são: águas claras, árvores altas, sombrias, fontes que correm, aves que cantam e outras saudades de Bernardim Ribeiro,
10 *quae vitam faciunt beatam*. Não vos nego a enveja

(1) Publicada a primeira vez e comentada por Xavier da Cunha no *Boletim das Bibliotecas e Arquivos Nacionais* de 1904, pág. 26 e segs. Foi também encontrada em um códice posteriormente adquirido pela Biblioteca Nacional. Entre os dois autógrafos há discrepâncias, que foram notadas pelo Prof. J. M. Rodrigues, em artigo publicado na revista *Lusitânia*, V e VI, 1925. Uma delas localiza o destinatário na *boa Coimbra*.

9. Diz Xavier da Cunha (*An. das Bibliot. e Arq. Nac.*: 1904, p. 29. «Torna-se perfeitamente crível que pelas mãos do Autor d'Os *Lusíadas* haja passado algum exemplar da *Primeira e segunda parte do livro chamado as saudades de Bernardim Ribeiro*. (1.^a ed. de Ferrara, em 1554, de Évora, 1557-58)». Camões já estava na Índia — objecta o Prof. Costa Pimpão — quando o livro se publicou, do que conclui que a época da redacção da carta não pode ser a proposta pelo Prof. J. M. Rodrigues — «o tempo decorrido entre a vinda de Ceuta e a grave desordem que levou o Poeta à cadeia, em 1552». A não ser que a obra de Bernardim, aliás póstuma, tenha sido conhecida antes de publicada e sido designada pelo *Livro das Saudades* pelos leitores muito antes que pelo ed. ebo-rense — que bem podia dar-lhe aquele título pelo facto de ser já corrente. Um ms. da novela, recentemente des-

que dela vos tenho, nem o pouco conhecimento que dela tendes, pois me dizeis que vos enfada já.

A troco destas novas, vos darei outras desta terra, tão contrárias dessas, como esta vos dirá.

5 Primeiramente digo que cá vivem os homens na mão do mundo, o que não fazem os de lá; porque, se lá tendes conta com visitar fazenda, enxertar árvores, dispor cravos, ir ver se a lagarta rói a vinha, rir das rústicas palavras dos pastores, ouvir
10 uns não fingidos amores, os de cá hão-de ter conta com enxertar suas vidas de maneira que floream suas obras, porque a lagarta das más línguas não roa a vinha das vidas alheias, e trazer sempre aparadas as palavras pera falar com quem se preza
15 disso, cousa que eu tenho por grande trabalho, — andar à discrição de amores fingidos, que os pastores lá não têm.

E, pera verdes, digo que há cá dama tão dama que, pelo ser de muitos, se a um mostra bom rosto,
20 porque lhe quer bem, aos outros não mostra ruim, porque lhe não quer mal.

Em comparação desta, digo que criou Nosso Senhor o camaleão na arte [de tomar a cor] de qual-

coberto e estudado pelo Prof. Eugénio Asênsio, é assim intitulado: *Saudades de Bernardim Ribeiro, que foi autor delas*. Presume Asênsio que tal ms. é anterior a 1550.

1-2. Ler o antepenúltimo parágrafo desta carta, que, tal como este, dá expressão a um ideal de vida que põe a alma de Camões muito acima das facécias por que nestas páginas se exprime o seu espírito.

10. No apógrafo: *os de que ande ter conta*.

21. É sabido que no tempo a syntaxe não estabelecia a diferença de *lhe* para *lhes*.

23. Houve certamente salto na cópia, omitindo palavras que podem muito bem ser as que vão entre parêntesis rectos.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

quer lugar onde o põem. Ao redor de cada ãa destas
vereis estar ãa dúzia de parvos, tão confiados que
cada um jurara que é mais favorecido que todos.
Uns vereis encostados sobre as espadas, os chapéus
5 até os olhos e a parvoice até os artelhos, cabeça
entre os ombros, capa curta, pernas compridas;
nunca lhes falta ãa conteira dourada, que luz ao
longe. Estes, quando vão pelo sol, miram-se à som-
bra; e, se se vêem bem dispostos, dizem que teve
10 muita razão Narciso de se namorar de si mesmo.
Estes, no andar, carregam as pernas pera fora, tor-
cem os sapatos pera dentro, trazem sempre Boscão
na manga, falam pouco, e tudo saudades, enfado-
nhos na conversação pelo que cumpre à gravidade
15 de amor. Nestes fazem alcoviteiras seus ofícios,
como são: palavras doces, esperanças longas, reca-
dos falsos. Ou vos falam pela greta da porta: como
vos não falou, estava mal disposta, sentiu-a sua mãe.

5-6. No apógrafo vem: *Cabeça entre os ombros capa curta...* Será *co a beca*, em vez de *cabeça*? A *beca* — diz Moraes — «uma espécie de murça curta ou estola, ou antes capirote ou capelo como o dos doutores». Seria, na verdade, estranho que o Poeta apontasse como traço característico dos parvos terem a *cabeça entre os ombros*...

13. As mangas usavam-se largas e podia em seu forro trazer-se o que hoje trazemos nas algibeiras. A Boscão já conhecemos. *Vid.* nota 4-5 da pág. 247.

18. *Como me não falou*, no apógrafo. O Poeta dá exemplo de habituais recados falsos com que as alcoviteiras iludem os amantes.

Porque esta é a isca com que Celestina apanhava *las cien monedas* a Calixto, com sua sobrenfusa.

Outras damas há cá que, ainda que não sejam tão fermosas como Helena, são altivas, como são
5 ãas beatas de São Domingos e outras que conver-
sam os Apóstolos. Estas se geraram de viúvas ho-
nestas e de casadas que têm os maridos no Cabo
Verde; assim que, ãas por casar e outras por lhes
Deus trazer os maridos, de cuja vinda elas fogem,
10 nunca lhes escapam as quartas-feiras em Santa Bár-
bora, as sextas em Nossa Senhora do Monte, os sá-
bados em Nossa Senhora da Graça, dias do Espírito
Santo.

Uas dizem que jejuam a pão e água, outras que
15 não comem cousa que padeça morte, e destas há
algũas de estofa que fazem ir ãa nau à Índia em três
dias. Grandes capelos e hábitos de sarja, contas na
mão e o olho ladrão; e haja eu perdão, porque de-
baixo lhe achareis mantéus debruados, gravins la-
20 vrados, jubões de holanda, alvos e justos.

1. *Vid.* nota ao v. 17 da pág. 146.

2. *Calixto* era o enamorado de *Melibea*, na trágico-comédia *Celestina*. A ele a proxeneta intrujava, extorquindo-lhe cem moedas para a conquista de *Melibea*.

2. A *sobrenfusa* será provavelmente o que se dá para além do que já foi dado e que, no caso de *Celestina*, foi uma *cadenilla de oro*, além das cem moedas já dadas por *Calixto*.

4. No apógrafo com *Helena*. *Helena* é a mulher de *Menelau*, o mitológico rei de Esparta, raptada por *Páris*, o que deu origem ao cerco de Tróia, para onde o raptor a tinha levado.

6. Era aos Jesuítas que por antonomásia se dava, no tempo de Camões, a designação de *apóstolos*.

16. *Algũa estofa*, no apógrafo.

19. *Gravins* ou *garavins* eram coifas ou toucados.

Estas não se servem com músicas suaves nem vestidos lustrosos, mas com grossas peitas, cruzados amarelos, que *por dinero baila el perro*; porque palavras sem mais *in vanum laboraverunt*.

5 Os Cupidos destas não são dos bem vestidos, que namoram com palavras, mas uns de capuzes frisados e de pelotes de petrina ao olivel do umbigo, sem pantufos. Estes medram por sisudos e dissimulados, afora as contas.

10 Também cozem neste forno frades de São Francisco, que andam com as calças desatacadas e os lombos recheados, e assi os de Santo Elói, que têm que dar, ainda que o Dr. Martim Vaz do Casal diz que são anexos a mulheres fidalgas, pela comuni-
15 cação e conversação das confissões, e eu digo que jogam de tôdalas armas, porque *todos somos del merino*.

Quanto é ao que toca a estoutras damas de aluguer, há muito que escrever delas. Alguns dirão
20 que, como quer que nestas não há aí mais que pa-

3. Ditado espanhol.

4. No apógrafo — *in manum...* É erro. O Poeta emprega a mesma frase no *Prólogo* de *El-Rei Seleuco*. Quer dizer: *palavras leva-as o vento*, são inúteis para as damas a que alude, cujos favores só por alto preço se compram.

7. *Pelotes de cinturão ao nível do umbigo*. *Olivel* é palavra que resulta da aglutinação do artigo o com *livel*, (< *libellu*), a primeira forma de *nível*.

10. A mesma metáfora emprega-a o Poeta na pág. 261, linha 15.

12. No apógrafo *santa loia*.

16-17. *Vid.* expressão idêntica nos *Disparates da Índia*. (I vol. pág. 95).

gar e andar, não pode haver engano. Neste jogo digo que é ao contrário, porque vereis estar um rosto que é a castidade de Lucrecia luxuriosa, ãa testa de alabastro, uns olhos de mordifuge, um nariz de manteiga crua, ãa boca de pucarinho de Estremoz; mas, *o pueri, latet...* E se vos disserem que estas pelam os que as têm, assentai que é fábula, porque eu vi muitos não ter nada de seu, e agora os vejo com mulas e cavalos.

10 De algũas conseguintes vossas amigas vos darei novas.

Maria Caldeira matou-a o marido. Grande perda pera o povo, porque reparava muitas órfãs e adubava os pagodes de Lisboa, afora outras obras de 15 grandes respeitos. E, por que esta senhora não visse muito tempo no outro mundo só, se partiu pera lá Beatriz da Mota, vossa amiga.

3. *Lucrecia* é a dama romana mulher de Colatino, célebre por sua fidelidade ao marido e pelo suicídio trágico para vingar o ultraje que forçada fizera à honra conjugal.

4. *Morde-e-fuge* — olhos que fixam deslumbrando e logo se desviam.

5. A metáfora do pucarinho é grata a Camões. *Vid. pág. 219.*

6. *O pueri, latet...* (*anguis in herba?*): *meninos, está escondida (a cobra na erva?)*. Ou seja: *sob tão formosas aparências, oculta-se algo de perigoso.*

10. *De algumas vossas amigas que se seguem...*

13. *Reparar* tem o sentido irónico de *socorrer*. Bem se compreende por que preço as órfãs comprariam tal socorro...

Deste dilúvio houveram algũas destas damas medo e edificaram ãa torre de Babilónia, onde se acolheram; e vos certifico que são já as línguas tantas, que cedo cairá, porque ali vereis Mouros, Judeus, 5 Castelhanos, Leoneses, frades, clérigos, casados, solteiros, moços e velhos.

A esta torre chamaram *Acolheita*, pela fortaleza dela. Mas o filósofo João de Melo lhe pôs nome o *Rompeu*, porque é de três paus, a saber: de Francisca Gomes, a Tarifa, e Antónia Brás, afora a bola, 10 que é Maria da Rosa. Eu o crismei há poucos dias e lhe pus o nome de *Mal-cozinhado*, porque sempre achareis nele que comer, quer bem, quer mal.

E tudo o destas senhoras é brando, rostos novos e 15 canos velhos. São boas pera ninfas de água, porque não deitam mais que a cabeça de fora.

2. Não é preciso dizer o que seria a *Torre de Babilónia* ou *Babel* que estas *ninfas de água doce* edificariam, para prazer da sociedade vária e cosmopolita a que o Poeta alude.

8. Julgou Xavier da Cunha ser este filósofo o Dr. João de Melo e Sousa, que o Poeta poderia ter conhecido em Coimbra e também se dedicava às musas. *Nihil obstat...*

9. Deveria estar no original *Aleo* — a vara com que se jogava a choca e o próprio jogo.

12. Num códice ms. da Biblioteca Nacional — *Estatística de Lisboa* — referente ao ano de 1552 (N.º 679 dos Reservados) encontrou Xavier da Cunha esta informação relacionável com o *Mal-cozinhado*: «Também há nesta cidade outra maneira de vida: que estão junto da Ribeira dez cabanas em que estão contino homens e mulheres com braseiros de fogo assando sardinhas e peixe de toda a outra sorte, segundo o há na Ribeira. Donde comem homens e negros trabalhadores que ganham na Ribeira e os que se embarcam pera fora nas barcas e barqueiros...».

A rezão por que se comem estas mais que as outras em Lisboa, é que, afora seus rostinhos, servem de foliões, que cantam e bailam tão bem que não hão enveja aos que El-Rei mandou chamar.

- 5 E o pagode que se faz sem estas é da seita dos Epicuros, que punham a bem-aventurança em comer e beber; mas eu digo que o faziam, porque estas não foram em esse tempo.

Nestas casas acharão continuamente muitos Cupi-
10 dos valentes, dos quais suas alcunhas são *Matadores*, *Matistas*, *Matarins*, *Matantes* e outros nomes derivados destes, porque sempre os achareis com cascos e rodela — *cum gladiis et fustibus* — como se Nosso Senhor houvesse de padecer outra vez.

- 15 Confesso-vos que estes me fazem fazer o mesmo. Estes, na prática, dir-vos-ão que

*Sus arreos son las armas,
Su descanso es pelear.*

11. A palavra *Matista* será inventada pelo Poeta, para aumentar a ladainha dos termos derivados de *matar*. *Matariz*, plural *matarizes*, é registada por Merais, com o significado de *brigão*. *Matante* abona-a Bluteau: «Nos ranchos de vadios que andam de noite é o mais prezado de valente».

13. Expressão tirada dos Evangelhos de S. Mateus e S. Lucas, referida à turba capitaneada por Judas, que prendeu Jesus.

17-18. De um romance espanhol,

Mas sei-vos dizer que, se

*Na paz mostram coração,
Na guerra mostram as costas,
Porque aqui torce a porca o rabo.*

5 Como vos parece, Senhor, que se pode viver entre estes, que não seja melhor essa vida que vos enfada, essa quietação branda, com um dormir à sombra de
10 ãa árvore e ao tom de um ribeiro, ouvindo a harmonia dos passarinhos, em braços com os *Sonetos* de Petrarca, *Arcádia* de Sannazzaro, *Éclogas* de Vergílio, onde vedes aquilo que vedes?

Se a vós, Senhor, essa vida vos não contenta, vinde trocar pela minha, que eu vos tornarei o que for bem.

15 E não vos esqueçais de escrever mais, porque ainda me fica que responder. Cujas mãos beijo.

2-4. *Vid. Disparates da Índia* I vol. pág. 96. Com razão chama Aquilino Ribeiro a atenção para o facto de tais versos ocorrerem nesta Carta, de data que precede a da partida de C. para a Índia, e em composição que na Índia se supõe escrita. Desenvolvimento muito posterior da ideia satírica neles expressa, ou elaboração do poema antes da partida para o Oriente?

5-14. Camões não podia viver contente nesta baixa boémia. Assim o mostra este final da carta, onde exprime o seu ideal de vida, com tanta elevação como o faz na *Elegia I*.

CARTA IV ⁽¹⁾

De Lisboa a um seu amigo, em que lhe dá novas da cidade

Quanto mais tarde vos escrevo, tanto mais me ficais devendo; e se ãa vossa vale três das minhas, é necessário que faça quatro. E quanto às novas que me na vossa pedis, aguardei, pondo à parte a muita
5. necessidade que de vós me faz ter, que já não quero que as façais por mais amizade. Sabereis que eu ando não de paz, mas de guerra, *laus Deo*; e porque o ladrar sem morder, nesta terra, é como buxa de papel, que dá grande estouro e não leva pelouro;
10 grandes mãos de ferro, capuzes de lâminas, maças de Hércules e golpes de Amadis, tudo contra o pobre de Camões.

Simão Rodrigues paga soldos aos maiores mata-dores desta terra, os quais já de *in illo tempore* lhe

(¹) Publicada na *Lusitânia* de 1925 (Fascículo Camoniano). Foi encontrada em um ms. adquirido em Inglaterra pela Biblioteca Nacional.

10. *Capuzes de lâminas* devem ser capuzes cobertos ou reforçados de lâminas de ferro, como as *couras de lâminas* o eram. Os *capuzes* — capa com peça a cobrir a cabeça — eram entre os Mouros também usados na guerra.

12. Repare-se neste elemento de identificação da autoria da carta.

13. Simão Rodrigues, (ou Simão Ribeiro, a que mais adiante se alude?), como outros nomes que nesta carta ocorrem, no têm sido identificados, nem valeria muito a pena o esforço que o tentasse. Seria pormenorizar a vida boémia do Poeta, que não é certamente a que mais pode interessar-nos.

tinham cozinhado a morte. Este soldo se paga no Tesouro, s. em talhadas de marmelada e púcaros de água fria, com uns debruns da vista da senhora sua
5 irmã. Que, ainda que esta mercadoria seja defesa pelo senhor da fortaleza, nestas viagens da China, mais se ganha no furtado que no ordenado.

Vosso comboço Denis Boto foi espancado nesse Ressio ãa boca da noite, e não se sabe donde veio
10 este desastre mais que quanto os homens alcançam por sua lança; mas não é pera espantar se isto de longe se guarda por quem por amores de Lia dá isto; e mais se há-de passar. E por que este senhor não cuidasse que era *solus peregrinus in Jerusalem*, lhe
15 fez companhia daí a uns dias Gaspar Borges Corte-Real, à porta de Pero Vaz. Dizem que com um pau o sacudiram como oliveira. Cuidou ele que as pedras não falavam, e disse que dera de comer a seus

8. *Comboço* ou *comborço* = *rival*. A palavra usava-se mais geralmente no feminino e com significação injuriosa de amante de homem casado.

12. A propósito de *Lia*, personagem bíblica, veja-se o Soneto do Poeta — *Sete anos de pastor Jacob servia...* Se *Lia*, neste passo, não é nome de contemporânea, significará provavelmente a expressão *amores de Lia* amores casuais, como os de Jacob com esta judia, introduzida por Labão no seu leito para substituir Raquel, que ele tinha ganho por contrato.

15. Este Gaspar Borges e Pero Vaz são os mesmos que figuram no documento publicado por Juromenha (*Obras de L. de C.*, vol. I, pág. 166), referente à briga que levou o Poeta ao Tronco da cidade. É certo que, no documento, figura o agredido com o nome de *Gonçalo* e não *Gaspar*; mas é possível a identificação, atendendo a que o pai deste último se chama Gonçalo Gonçalves Borges Corte Real, pelo que ao filho se poderia muito bem abreviar o nome em *Gonçalves Borges*, facilmente convertido pelo tabelião em *Gonçalo Borges*.

companheiros com as orelhas que tirara; mas São Lucas afirma que só São Pedro tirou ãa a Malco na prisão de Cristo.

É certo que cuidastes que esta cantiga que era a
5 duo; pois desenganai-vos, que um mouro da estre-
baria do Carneiro lhe levou as contrabaixas outra
noute, mas cuido que não levou mais que duas ou
três cargas, porque as outras eram já gastadas, com
as figuras acima escritas.

10 Parece-me que já agora querereis que troque
as bolas, tocando outras histórias. Tratando algũas
cousas das ninfas de água doce, sou contente, por-
que sei que há pedaço que me aí aguardais.

Dizem que Francisca Gomes que já não amassa
15 no forno aonde soía, porque veio outro mercadante,
competidor, e fez a cama fora do leito, chorando.
Gabai-me este stratagemma, que é de ambas as ban-
das como tafecira.

2-3. O evangelista S. Lucas refere o episódio da
agressão de Malco por S. Pedro, que com um golpe de
espada lhe arrancou uma orelha, na noite que precedeu
a crucificação. Camões diz por esta forma, facetamente,
que as bravatas de Gaspar Borges Corte Real não eram
verdadeiras.

4. Já por mais de uma vez notámos este uso sin-
tático da repetição da conjunção integrante *que*.

14-15. *Vid.* pág. 253, linha 10. Como se vê, em mais
de um passo, a identidade do autor desta e da carta
anterior parece manifesta.

15. *Mercadante* = *mercador*. Entenda-se: *mercador*
de carinhos que se vendem.

18. *Tafecira*, *taficira* ou *tafaceira* é género de te-
cido indiano, pintado de cores ou listras e ramos, como as
chitas — diz Moraes. O que o Poeta fixa no tecido é o ser
de *ambas as bandas* (servir do direito e do avesso?), tal
como Francisca Gomes, traindo a favor de um competidor
e chorando o que havia traído, *fazendo a cama fora do*
leito, ou seja, dormindo fora do coito habitual.

A senhora Isabel Barbosa, com a outra senhora, deixou a casa pera Isabel Nunes, crendo que faria a sua vinda mais cedo; mas já não virá até que paira, salvo se vier também o amante cantante, que
5 por nome não perca.

Bajana fez grande festa aos soldados de cima, caindo da sela como Lúcifer da cadeira, e, depois da caída, foi salteado pelos franceses, aonde, por partido, lhe deixaram as armas; mas a verdade é
10 que ele se remeteu a certas cantigas de volta, das que tinha feito, mas não lhe valeu, que aquele privilégio tinha quebrado já em Orfeu, que se escreve que foi moído com as feridas.

Parece-me que já terei merecido os mil bens, e
15 porém, não quero que me digais que vos não meço sobre o funil; tomai mais esta minha algozaria: a terceira ninfa, Antónia Brás, foi levada à galera *Nueva*, aonde foram atados seus cabelos de ouro ao pé do mastro.

20 *Aonde, com triste som,
Lhe cantaram a mangana;
E, com esta dor profana,
Gritos dava de pasion
Aquella Reina troiana.*

4. *Paira* é conjuntivo do verbo *parir*. *Cantante* será nome próprio?

15-16. *Medir sobre o funil* — Vid. nota 10 da pág. 220.

16. *Algozaria* é acto de algoz, crueldade.

21. *Mangana* é o mesmo que *magana* = tocata antiga — diz Moraes.

23-24. Romance castelhano?

5 *Um talabarte zunia*
 Na dama, porque foi peca;
 Ela, com a dor, dizia:
 Atentai, mano Fonseca,
 La terrible pena mía.

Ao outro dia, esperámos que a cidade fosse posta em armas, mas estorvou-lhe o rifão que está na regra de viver em paz, que diz dos arruídos; mas a puta leu outra regra que está mais abaixo, que
 10 diz: *Atenta bem o que fazes, não te fies de rapazes.* E dêz que caiu no entendimento dela, disse ao seu homem:

— Não me sirvais, cavalheiro: i-vos *con Dios*, que eu mudarei o vinte a parte onde não digam os
 15 de Alfama que não tenho guardador. De modo que já hão deixado os três cupidos o Aleu.

E se vos enfadardes de ler tanto, não acordeis o cão que dorme, mas sofrei mais estas duas regras, nas quais vos darei conta de mim, já que ma vós
 20 não dais:

Dizem que é passado nesta terra um mandado pera prenderem a uns dezoito de nós; e porque nestas pressas grandes sem vós não somos nada, saíbeí que deste rol vós sois o primeiro, como sem-
 25 pre fostes em tudo. A razão dizem que é por um homem fidalgo, que dizem que foi espancado ãa

-
1. *Talabarte* = cinturão.
 5. Romance castelhano?
 14. *Vid.* nota ao v. 6 da pág. 165.
 16. *Vid.* nota 9 da pág. 255.
 23. *Pressas* = apertos, dificuldades.

noite de São João pelo Senhor João de Melo, e ele saberá se é assi.

O Senhor António de Rêsende beija as mãos a V. M. O mesmo faz Pero Ribeiro Serpe.

5 Depois de ter escrito, soube que não foi Afonso de Bajana o que deixara a espada, senão que fugira, e a espada foi de Simão Ribeiro. Tanto monta.

10 Trazei de lá estudado um conluio que faça a Brás Antónia; porque, pedindo-lhe sobre aposta seu corpo, me fez perder, cousa de que ando muito magoado, e desejoso de vos ver nesta terra. — *Vale.*

1, 3, 4, 5, 6, 7. Ignoramos quem sejam as pessoas aqui mencionadas pelo Poeta. É, porém, evidente que é gente de elevada categoria social. Eram os Marialvas do tempo, o que melhor explica andar o Poeta envolvido com eles na mesma baixa boémia. Degradava-se moralmente, perante o confessor, mas não socialmente perante os que tinham *telhados de vidro*...

Nota às Cartas: Juromenha acrescenta às Cartas I e II — únicas insertas nas eds. anteriores — ainda duas cartas inéditas, aquela que publicámos no I vol. dirigida a D. Francisca de Aragão, e três fragmentos de outras. Todos estes inéditos foram sem fundamento sério atribuídos a Camões — apenas porque se encontraram anónimos em ms., onde figuravam, entre outros, alguns poemas do Poeta. Vid. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 7, pág. 434-438. É numa das que não publicamos, dirigida a D. Francisco de Almeida — um dos convivas do banquete... de trovas, que o Poeta, na Índia, ofereceu aos amigos, e ao tempo da carta, segundo inferma Juromenha, capitão-general da comarca de Lamego — que ocorre a frase célebre: «E assim acabarei a vida, e verão todos que fui tão afeiçoado à minha Pátria, que não sòmente me contentei de morrer nela, mas de morrer com ela.»

VARIANTES DO «AUTO DOS ENFATRIÕES»

Pág. 4

- 11 *Aos homens de trazer.* Eds. posteriores à de 1587.
[por erro de interpretação.

Pág. 12

Oh! que estranhar afeição Ed. de 1587.

Pág. 18

- 3 *Que outro meo ganha o jogo* Ibid.

Pág. 36

- 10 *Pues luego de quién soy yo?* Eds. posteriores à de
[1587.

Pág. 38

- 1 *Pues sabe que te aliégó* Ed. de 1587.

Pág. 39

- 2 *Yo el mio acrescentava* Ibid.

Pág. 52

- 10 *Que eu armarei tal salida* Ed. de 1587.

Pág. 63

- 16 *Tão velhaco é como a ti* Eds. poster. à de 1587.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 64

10 *Me não querem abrir* Ed. de 1587.

Pág. 76

3 *Que por mi causado são* Ibid.

NOTAS E VARIANTES DO «AUTO DE EL-REI SELEUCO»

Pág. 80

- 3-4 ...*que são muito e valem pouco?* Ed. de 1644-45.

Pág. 87

- 9 ...*Senhor, assi a fiz e a escrevi na memória...* Eds.
[posteriores à de 1645.

Pág. 97

- 8 *Lhe vem sabê-lo ou de quê?* Ed. de 1645.

Pág. 107

- 4 *O terço do meu destino* Ibid.

Pág. 110

- 5 , *Mas Amor foi tão madraço* Ed. das *Rimas*, de 1595.

Pág. 117

- 16 *Que vienes dessa ficion* Ed. de 1645.

Pág. 118

- 19 *Mula viene ensillar mejor* Ibid

VARIANTES DO «AUTO DE FILODEMO»

Pág. 131

- 7 *Triste do que vai passando.* Ms. de L. Franco.

Pág. 132

- 24 *Dando-me a Fortuna o dedo* Ibid.

Pág. 133

- 5 *Os não posso crer em mi* Ibid.

Pág. 134

- 12 *Voto a Deus...* Ibid.

Pág. 135

- 9 *Este vosso de criado*
10 *Tornar-se-vos em cativo.* Ibid.
14 *Que a mi me dê na vontade*
15 *Andar de todo abalado.* Ibid.

Pág. 136

- 2 *Vós, Senhora, que comeis* Ibid.
10 *Das cores fazer alardo* Ibid.

Pág. 138

- 3 *Pois que tão alto imagino* Ibid.

Este verso, ou nesta forma ou na da ed. de 1587, que reproduzimos no texto, falta nas eds. posteriores.

- 7 *Pode ser meu fundamento* Ed. de 1587.

A lição do nosso texto é também a do Ms. de Luís Franco.

Pág. 140

- 3 *Pera cura...* Ms. de L. Franco e eds. post. à de 1587.
11 *Certo é minha...* Eds. post. à de 1587.

A lição do nosso texto é a desta ed. e do Ms. de L. Franco.

Pág. 141

Depois do v. 17 vem no mesmo Ms.:

Solina *Pois dissei, por vossa vida:
 Vós que podeis querer dela?*
Filodemo *Eu não quero mais que querê-la,
 Que vida tão bem perdida,
 O ganhá-la está em perdê-la.
 Porque os pensamentos meus
 Tenho por tanta ousadia,
 Que, se acerto algum dia
 Pôr os meus olhos nos seus,
 Me parece inda heresia.*

- 19 *Que sou amador...* Ibid.

Pág. 143

- 12 *Não há nehũa invencível* Ibid.
21 *Pelo tempo o sabereis* Ibid.

Pág. 144

- 25 *Que lhe tenho em afeição* Ibid.
28 *Senhora, mal me julgais* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 145

- 15 *Estarmos tanto aqui sós* Ibid.

Pág. 146

- 8 *E levar-me.....* Ed. de 1587.

O nosso texto reproduz a lição das eds. posteriores e a do Ms. de L. Franco.

- 14 *Que não poderei fazer*
15 *Que algum pouco bem lhe queira* Ms. de L. Franco.

Pág. 147

- 9 *Só por ele se levanta,*
10 *Por ele se deitará.* Ibid.

12 *Que Dionisa tão bela* Ibid.

15 *De homem que não é pera ela* Ibid.

Pág. 148

- 9 *E voto a Deus...* Ibid.

Pág. 149

- 13 A seguir a este verso, vem:

Por ele, se vê-lo quer, Ms. de L. Franco.

Pág. 150

- 5 *Vou e vou muito ligeiro* Ibid.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 151

- 12 *Onde vós subis. Ibid.*
13 *Uns que me muito manenconiam,
uns mancebos muito bem... Ibid.*

Pág. 152

- 6-7 *...duas pescoçadas da minha beny, ni cẽ... Ibid.*
8-9 *por que pareça que o não está... Ibid.*
10 *Val Chiusa... Ibid.*
11 *...idolatrais, que se vem à mão... ibid.*

Pág. 153

- 9-10 *...embirrar em sua opinião.*

Filodemo

Se não tivera por maior ofensa o que faço ao meu pensamento em vos contradizer, que tê-lo secretamente, gastara ãas poucas de palavras convosco; mas ainda eu não tenho as minhas em tão má conta que as queira tão mal empregadas.

Duriano

Já falamos por meu pensamento. Ai, eramá! Pesa-me que creis um homem de bom saber e boa conversação, mas prazera a Deus que me chorareis e que vos porá no caminho da verdade. E tornando ao nosso propósito...

Pág. 154

- 4 *...canto de estrebaria..... Ibid.*
14 *...está isso; mas ao outro perro com esse osso criei,
dias há..... Ibid.*
18 *...dizeis que o amador..... Ibid.*

Pág. 155

- 7 .. outros inquisidores Ibid.
8 defenderão a vista... Ibid.
9-10 ...e eu faço voto a Deus... Ibid.
- 12 (Depois de *pedra sobre pedra*): *nem lugar sagrado em que se possa dizer missa daí a mil anos, nem lugar tão privilegiada em que a fúria da justiça não buscasse até os escaninhos...* Ibid.
- 19-20 ...estando esta manhã com a viola nas mãos perto de la amaraosa torre, senão quando me toma de treição Solina, e entre algũas práticas que tivemos, certificou-me que a Senhora Dionisa se alevantara da cama pera me escutar. Ibid.

Pág. 156

- 6 Estivemos praticando três horas e finalmente... Ibid.
9 o maior mal do mundo... Ibid.
10 Concertado com meu pensamento Ibid.

Pág. 157

- 1 Ua graça muito grande...
8 ...que eu caia, porque este fugir-me água não é senão fazer-me sede dela. Contudo, se vos a vós cumprir, será necessário que me transforme noutro, porque neste que agora sam (sou) é impossível eu querer-lhe nenhum bem. Ibid.

Pág. 158

- 10 ...falar, fala o demo de vós, porque lhe façais crer que não há maior amor que em Brás Quadrado. Ibid.
- 13 ...vamos, que eu me estou concertando na sela pera fazer maravilhas. Ibid.

Pág. 163

- 20 .está podrida Ibid.
- 24 Bons dias há que eu entendo
- 25 O furo que ela há-de ter Ibid

Pág. 165

- 5 Deixai-me vós a mi o cargo, que eu sei melhor as
pancadas que vós, e eu a farei hoje este dia sem ne-
gaça vir a nós... Ibid.
- 10 ...convosco alguns pensamentos que façam ao caso.
[Ibid.]

Pág. 166

- 9-17 Este trecho é substituído por este outro em prosa:
*Quão longe estará agora a Sr.^a Solina de cuidar que já
canso de cuidarem como meus cuidados não cansam.
Se esta rapariga da fortuna, minha senhora, em paga
de tantos danos, consentisse que pudesse meu desejo
deitar ãa âncora em vossa fermosura, eu tomaria de
vós vinganças de fogo e sangue. Ibid.*

Pág. 167

Depois do v. 5 vem no Ms. de L. Franco o seguinte

Pois que aqui estamos sós,
Vós e eu, minha fim,
Mal vo-lo demande Dios,
Porque vós fugis de mim
E eu de mim pera vós.

- 20 E deixai-me o coração Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 170

- 10 *Que pode aqui vir alguém Ibid.*
15 *E dar-vos oito mil beijos.*
16 Solina *Não sejais tão sem vergonha Ibid.*

Pág. 171

- 3 *Oh que divinas pancadas!*
4 *Dai-mas, que em outro lugar*
5 *Vos serão remuneradas. Ibid*

23 *Aqui pera entre nós Ibid.*

Pág. 172

- 14 *Ora i-vos. Ibid.*

Pág. 173

- 8 *..trespassada Ibid.*
18 *O tempo mais ocupado.*
19 *Com pescar e cavalgar,*
20 *Com correr e com saltar Ibid.*

24 *Que pera seu passatempo Ibid.*

Pág. 175

- 24-25 ...*as medidas das afeições e as afeições às medidas*
 [da causa dele... Ed. de 1587.

O nosso texto é conforme a lição do Ms. de L. Franco.

- 26 *Nem o que vos quero... Ibid.*

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 180

- 10 *Sem dele sabermos novas* Ibid.
11 *Que encobre...* Ibid.
17 *Ouvis, pastor?*
Pastor *Que mandais?* Ibid.
18 *Quién sois vós que bozeais?* Ibid.

Pág. 181

- 21*Andais ordendo* Ibid.

Pág. 182

- 14 Depois deste verso traz o Ms. de L. Franco os seguintes:
Pastor *Pues que quie's ser?*
Bobo *Burrón*
Pastor *Callate agora, ynorantel*
Bobo *Quieroos decir dos palabras:*
Digo que, si soy posante,
Soy cabrón des oy adelante.
Quierome andar con las cabras. Ibid.
25 *Após um veado...* Ibid.

Pág. 183

- 1 *Tenho esta serra.....* Ibid.
19 *Portugueses cavalleros* Ibid.
21 *Ficai-vos com Deus, pastor* Ibid.

Pág. 186

- 16 *A sombra desta arborcinha* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 187

- 5 *A serra mal a merece* Ibid.

Pág. 192

- 22 *... nunca cansada* Ibid.

Pág. 193

- 26 *Onde fordes fenecido*
27 *Será também vosso pai.* Ibid.

Pág. 194

- 6 *... bom recado* Ibid.
13 *Los moçuelos del obispo*
14 *Nunca comen ni soca ri boca*
15 *Ni çanca de aranha, ri rabo de mosca* Ibid.

Pág. 195

- 2 *Que luego por Florimena*
3 *De si el seso enagena* Ibid.
21 *Lino, lino, lino*
22 *Con que capirotada*

Pág. 196

- 8 *Y aquellas .*
9 *Boto a Dios, me rogarán.* Ibid.
16 *Aora no quiero casar con vosotras* Ibid.
20 *Deyadme sorropicar* Ibid.

Pág. 197

- 5 *De importancia que hablar*
24 *Boto a Dios se desandar* Ibid.
29 *Mi padre, yo soy loçano* Ibid.

Pág. 199

Depois do verso 5 vêm no Ms. de Luís Franco as seguintes estrofes:

De que serve assim gastar
A vida em tantas paixões?
Não mais que por sustentar
Estas vãs opiniões
Que o vulgo foi inventar.
Honras grandes, nome eterno,
De que servem ou que são?
Nenhũa outra cousa dão,
Que pera as almas inferno
E dores no coração.

Quem não pertende morar,
Hipócrita, em ãa ermida,
Quem não há-de jejuar,
Disciplinar-se e chorar
Pera fengir santa vida,
Porque não se logrará
Do tempo que tem nas mãos,
Ou porque sustentará
Honras falsas, nomes vãos,
A custa da vida má?

Certamente que me espanto
Desta opinião errada,
Como está tão arreigada
Que, custando a vida tanto,
Enfim, enfim não é nada.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

De lá nasceram as guerras,
Os danos e mortes de gente,
Por ela só se consente
Correr mares, buscar terras,
Pola sustentar sòmente.

Por esta nossa inimiga
Vereis logo o mundo vão
Ter em má opinião
A mulher que o Amor obriga
A natural afeição.
Assi que é meu pensar,
Quem estas verdades mede,
Pois no mundo quer viver,
Deve certo de fazer
O que lhe a vontade pede.

Se me nisto replicaís
Que ofendo as leis dos Céus,
Os que as honras sustentais
Dizei-me: servis a Deus?
Mas errai-lo muito mais.
Ora, Senhora, este error
Consinto que seja culpa,
Nenhũa lhe podem pôr,
Porque tão sobejo amor,
Todos os erros desculpa.

Pág. 200

20 *Comigo paço* Ms. de L. Franco.

25 *Pois a dizê-lo...* Ibid.

Pág. 201

3 *Mai (mãe? mas?) como és desmazelado*
[Ibid.]

- 4 Vilardo Não são, mas são despenado Ibid

Depois do v. 5, traz o mesmo Ms esta variante:

*E mais eu sofrer não posso
Que um arcanjo dos Céus.
Que me corte carne e osso;
Porque sam vosso e revosso,
P'lo santo nome de Deus.*

- 11 Corto como espada nua Ibid.

- 20 Neste tempo tão perdido Ibid.

Pág. 202

- 1 Tu falas-me já coprinhas

- 2 Ainda hoje trovarás Ibid.

- 14 Bofé, que eu só tenho penas

- 15 Pera encher..... Ibid.

Pág 203

- 12 E eles hão-de dar fruto Ibid.

- 16 Não que isso custa já muito Ibid.

Pág. 204

- 5 Por ver a quien tanto amais Ibid.

- 8 Juro a Dios..... Ibid.

- 23 Que em mi pregando estão

- 24 Por ãa parte.....

- 25 Por outra parte . . . Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Pág. 205

- 23 *Quiero que arça la floresta* Ibid

Pág. 206

- 20 *Contra a vida de contente* Ed. de 1587.

A nossa lição é a do Ms. de L. Franco e das eds. posteriores à de 1587.

Pág. 207

- 6-10 Estes versos são no Ms. de L. Franco atribuídos ao Bobo. Também depois do v. 10 vêm nele os seguintes.

Pastor	<i>Pues sus! Canta, si mandais.</i>
Bobo	<i>Padre, no quiero cantar</i>
Pastor	<i>E porquê?</i>
Bobo	<i>Porque no me dais que tragar,</i> <i>Ni tan pouco me casais</i>
Pastor	<i>Canta, que algo te han-de dar</i>

- 15 *Ê que mo esconde a Ventura* Ibid.

Pág. 208

- 7 *Juro a Dios.....* Ibid.
26 *Boto a Deus...* Ibid.
28 *Ni que hajais mala ventura* Ibid.

Pág. 210

- 15 *...a esta sierra Dios* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 211

- 7 A seguir a este verso, ocorre no Ms.:
O corpo todo me treme
12 *Daqui a cem léguas ver Ibid.*
30 *Que movesse um peito duro Ibid.*

Pág. 212

- 25 *... me pusera Ibid.*

Pág. 213

- 3 *Mandai-me sacrificar Ibid.*
21 *Nem eu também..... Ibid.*

Pág. 214

- 4 *Ambos sós podem cuidar Ibid.*
6 *Lá poderão ajuntar Ed. de 1587 e Ms. de L. Franco.*

Pág. 218

- 10 A seguir a *seu pai* traz o Ms. de Luís Franco mais esta frase:

finalmente, fez quanto lhe a vontade pediu, tão enlevado ficou daquele primeiro impeto de amor.

- 19 *Solus peregrina (aliás peregrinus) in Jerusalem. Ms.*
[de L. Franco.]

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 219

4 *...pola ter meia hora nos braços dera meterem-me ao
outro dia com galgo e cobra em pipa como patrecida..*
Ibid.

10-11 *...no jardim em braços de Filodemo* Ibid

12 *...perdia. E um bargante como eu...* Ibid

Pág. 220

6 *...se não é isto razão liceta pera ninguém sair.* Ibid

10 *...à medida do desejo, que lhe põe...* Ibid

12 *...vento (como diz o outro)..* Ibid

Pág. 221

1-3 *...quinhentos. Contai-me isso, por vida vossa, par-
que eu já vi ter não sei quantas práticas sobre esse ne-
gócio.*

Duriano

*Eu vo-lo direi e vereis o mais estranho caso do
mundo.* Ibid.

14 *Começa a crescer a barriga e a encurtar o vestir...*
[Ibid.]

Pág. 222

4 *...e vedes la princezinha en la galera nueva...* Ibid.

8 *...não nos quis a Fortuna lograr...* Ibid.

10 *Tormenta, onde desaparelhada a galé.....* Ibid.

Pág. 223

- 24 ...Cuidam que é sonho e que zomba deles a Fortuna
ou que lhe faz o que D. Anrique de Vilhena fez a um
criado, quando fez crer que era papa. E o Snr. D. Lu-
sidardo diz que eles se parecem cuspidos com seu irmão.

Pág. 224

Depois do v. 15 vêm no mesmo Ms. os seguintes:

*Enfim, tudo se ordenou
Como Deus o permitiu
E de sorte os reservou (?)
Que se a Ventura os guiou,
O amor os descobriu*

- 18 *Sós a Ventura e o Amor*
19 *Por regedores do Mundo. Ibid.*

NOTAS E VARIANTES DOS POEMAS INSERTOS NO II VOLUME

É C L O G A I

Pág. 1

- 1 *Que grandes variedades...* Ms. de L. Franco.
8 *Tão diferentes vêm...* Ibid.
11 *Adornados andar vi...* Eds. corrig.

Pág. 2

- 5 *As pastoras enfim vi...* Ibid.
15 *E o gado, inda que a erva lhe falece,
Mais que da falta dela se emagrece.* Eds. corrig.
22 *Ao suave verão...* Eds. corrig.
E ao verão suave... Ms. de L. Franco.
23 *E se há cousa que saiba...* Eds. corrig.
26 *A porta vem bradando...* Ms. de L. Franco.

Pág. 3

- 3 *Ah! não te engane algum...* Eds. corrig.
Não se engane nenhum... Ms. de Luís Franco.
11 *E não seja prodígio...* Ibid.
15 *Com o valor antigo...* Eds. corrig.
20 *A outro jugo qualquer que se lhe of'reça* Ibid.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 4

- 6 *Adonde bebe o Hidaspe...* Ibid.
Até que bebe o Hidaspe... Ms. de L. Franco.
17 *E se atentares bem...* Eds. corrig.
20 *Que te está figurando...* Eds. corrig.

Pág. 5

- 5 *Pois o grande curral...* Ibid.
9 *Oh triste caso! Oh desastrada sorte* Ibid.
12 *Ó meu Tiónio...* Eds. corrig.
13 *Em lágrimas me banha rosto e peito* Ibid.

Pág. 6

- 3 *Canta-me desse caso...* Ibid.
9 *Como queres renove...* Ibid.
13 *Mas pois te move tanto...* Ibid.
Mas pois também te toca... Ms. de L. Franco.

Pág. 7

- 8 *Dos olhos destilando...* Eds. corrig.
10 *Está suavemente presentando* Ibid.
12 *Com sussurro agradável...* Ibid.
13 *As cândidas, pacíficas...* Ibid.
14 *Das ervas esquecidas...* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

20 *Sua mágoa espalhando... Ibid.*

24 *Ao mais saudoso... Ibid.*

Pág. 8

1 *E não se penduraram... Ibid.*

18 *A noite... Ms. de L. Franco. Eds. corrig.*

Pág. 9

4 *Tudo, qual vês... Ibid*

18 *Como em geral... Ibid.*

24 *E no rosto que Amor com fantasia Ibid*

Pág. 10

10 *Em longo esquecimento... Eds. corrig.*

18 *este tormento o sinalou Ibid.*

20 *Entendendo-o já bem... Ibid.*

Pág. 11

1 *Que donde... Eds. corrig.*

10 *No hispânico... Ibid.*

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 12

- 6 *Tal te pinto, ó Tiónio...* Ibid.
- 9 *Da congelada boca...* Ibid.
- 26 de flores rodeado Ms. de L. Franco
- É de Faria e Sousa a informação da nota à linha 11

Pág. 13

- 20 *As arenosas...* Ms. de L. Franco.

Pág. 14

- 4 se apresentam Eds. corrig.
- 11 *Porque, se eu...*
- 12 *De lá me soa...* Ibid.
- 14 *E se em contrário tu não...*
- 15 *Eu quero descobrir...* Ibid.

Pág. 16

- 3 *Uas regando...* Ibid.
- 13 *Este penhor...* Ibid.
- 16 *Até o remoto...* Ibid.
- 19 *O Tejo...* Ibid.

Pág. 17

- 1 *Mas que a ser...*
- 2 *As benignas estrelas...* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- 7 *Porém, qual. . Ibid.*
15 *Aquela deusa... Ibid.*

Pág. 18

- 3 *Danúbio enfreia, manda... Ibid.*
5 *Morreu-nos... Ibid.*

Pág. 19

- 17 *En el tercero... Ibid.*

Ê C L O G A I I

Pág. 21

- 3 *Que inda a noite.. Eds. corrig.*
4 *Ofrecia... Ibid.*
26 *Com que as ondas cresciam... Ibid.*
30 *Ao sonoro pranto...*
31 *.....enfreada Ibid.*

Pág. 22

- 1 *De tanta voz... Ibid.*
19 *Ou a causa que a ordena Ibid.*
20 *Quer que em paga da dor tome o sofrê-la Eds. de 1595 e 1598.*
29 *Pois somente nasci... Eds. corrig.*

Pág. 23

- 3 *Pois aqui têm .. Eds. corrig.*
24 *Tu mesma, ó bela ninfa... Ibid.*
28 *Me é penoso... Ibid.*

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 24

- 6 *Pasmo porque...* Ibid.
7 *Que inda comigo próprio...* Ibid.
10 *As flores...* Ibid.
14 *Do frio e doce Tejo*
15 *As águas se tornaram* Ibid.

Pág. 25

- 5 imaginando Ibid.
8 *Que este fantasiar, de onde penando* Ibid.
12 o triste manto Ms. de L. Franco
15 *Pois meu escuro...* Eds. corrig.

Pág. 26

- 4 e a clara fonte Ibid.
17 *Que matiza em ãa hora...* Ibid.
21 *Quão grande saudade...* Ibid.
25 *Quando em um só querer...*
26 *Porque quando um amava...*
27 *Logo eco respondia de afeição* Ibid.

Pág. 27

- 6 *Iam Zéfiro e Flora...* Ibid.
8 *Nas fontes cristalinas...* Ibid.
11 de tal gesto Ibid.
16 *De Adónis belo moço...* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 28

- 2 *Iam ninfas...* Ibid.
5 *Ordenadas das flores...*
6*espantadas* Ibid.
8 *Via-se a água das fontes...* Ibid.
21 *Cortou inda em agrão. Ah dura sorte!* Ibid.
23*jámais perdoas* Ibid.

Pág. 29

- 9 *Oh perversa inconstância e tão profana* Ibid.
12*ou eu que digo?* Ibid.

Pág. 30

- 9 *Nem águas desejava...* Ibid.
14 *Fosse do céu lançado...* Ibid

Pág. 31

- 1 *Ao Tejo claro e brando...* Ibid.
9 *Vou-me a ele chegando...* Ibid.
17 *Como a mi de mi mesmo...* Ibid.
20 *Que eu nestes braços...* Ibid.
23*ou quase insanas*
24 *Como a alçar-te...* Ibid.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 32

- 8 *Tanto, enfim, por seu dano...* Ibid.
13 *A forma, a condição ..* Ms. de L. Franco.
16 *De si a própria essência...* Eds. corrig.
24*da falsifica pastora* Ms. de L. Franco.

Pág. 33

- 2 *Falando como em sonho...*
3 *Ser vento o que cuidava...*
4 *Desta arte andava o sono...* Ms. de L. Franco.
8*do Centauro contentava* Ms. de L. Franco
10 *Como este...*
11*de enleado* Eds. corrig
15 *Este amor...*
16 *Amor não será amor...* Ibid.
21 *Temores, nojos, mortes...* Ibid

Pág. 34

- 3 *E donde é mais o risco...*
4 *Passava o tempo alegre e deleitoso* Eds. corrig. e
Ms. de L. Franco.
10 *Os álamos cresciam..* Eds. corrig.
11 *O amor que ele te tinha...* Ibid
12 *E sem rumor...* Ms. de L. Franco
26 *Que gastam...*
27 *.. muitos anos* Eds. corrig.

Pág. 35

- 3 *Por um só volver...*
4 *Em todo o povoado...*
5*se vêm presentes* Ibid

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

13 *É que outra hora... Ibid.*

15 *Sua inimiga... Ibid.*

22 *Nesta imaginação*

23 *.....Almeno? Perda grande! Ibid*

Pág. 36

6 *Almeno meu... Ibid.*

13 *.....dês que sou... Ibid*

Pág. 37

1 *Jamais pude...*

2 *Nem houve nunca em mim*

3 *Que não fosse trocado .. Ed. de 1598.*

3 *Nem pode nenhum grande entendimento*

Fugir do que lhe ordena sua estrela. Ms. de L. Franco.

5 *Sem que ao jugo me visse... Ed. corrig.*

7 *Lembra-me, amigo Agrário .. Ibid.*

14 *Na luta, na carreira... Ibid.*

22 *Non consentindo... Ms. de L. Franco.*

24 *.....tão puro afeito Eds. corrig.; efeito, ed. de 1595 e Ms. de Luís Franco.*

27 *.....está pagando Ed. de 1595*

Pág. 38

1 *.....se este enganoso*

2 *Amor é tão usado Eds. corrig.*

3 *E nunca amando foi... Ms. de L. Franco.*

6 *Te choram vales, montes... Eds. corrig.*

9 *O monte Etna... Ms. de L. Franco.*

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

- 15 parece, se entristecem Eds. corrig.
16 De todos teus amigos... Ibid.
17 Deixando a choça... Ibid.

Pág. 39

- 9 Se faziam.....
10 O intonso Apolo o vinha... Ibid.
17 Outro bem, outro amor... Ibid.

Pág. 40

- 8 Por causa de fortuna Ibid.
9 Nalgum tempo... Ms. de L. Franco.
13 Ou de onde... Eds. corrig.
16 Ou se já... Ibid.
20 Tornando pera trás... Ibid.

Pág. 41

- 1 As cabras por o mar... Ibid.
5 Deste amor tenho a fé, pera que insistes... Ibid.
7 Se tu dessa porfia... Ms. de L. Franco.
14 Por a montanha vires ir... Eds. corrig.
16 Com os vivos esp'ritos... Ibid.

Pág. 42

- 2 Por algum dia ver-te... Ibid.
7 fantasia falsa e nua Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

10 *Vou-me de ti...* Ms. de L. Franco.

12 *Esse contigo vá, porque comigo*

13 *Abasta bem que fique...* Ibid.

ÊCLOGA III

Nas eds. de 1595-1598 tem esta Êcloga o título: *De Almeno e Belisa, continuando com a passada*

Pág. 43

1 *Por quem o pastor triste...* Eds. corrig.

A lição do nosso texto é da ed. de 1595 e do Ms. de Luís Franco.

6 *Já acordado daquela...* Eds. corrig.

10 *Ali mais enfraquece o atrevimento* Ms. de L. Franco.

22 *Tirou da fraqueza coração* Eds. corrig.

Pág. 44

0*não posso escrever tanto* Ms. de L. Franco.

16 *Os ceus se esmaltam todos* Eds. corrig.

23 *Por o ar derramam...*

24*louva outro os raios belos* Ibid.

Pág. 45

3*Já, deste lugar*

4 *Ouvi soar os uales...* Ibid.

- 20 *Pois se houve culpa foi do firme amor* Ibid.

A lição do nosso texto é da ed. de 1595 e do Ms. de Luís Franco.

- 23 *Outro tão lindo viram...* Eds. corrig.

- 25 *Nesta alma minha...* Ibid.

Pág. 46

- 6 *Pois descoberto...* Ibid.

Normalmente as eds. corrigidas substituem o *que* causal por *pois*. Não vale a pena, de aqui em diante, notar esta variante.

- 8 *Quão grande mal...* Ibid.

- 23 *Mas já a face...* Ibid.

- 28 *Buscam seu ninho...* Ibid.

Pág. 47

- 12 *Bem que eu verei mudar...*

- 13 *Pois homens são...* Ibid.

Pág. 48

- 3 *Assi me está tornando o peito frio* Ibid.

- 6 *Tudo me falta quando estou presente* Ibid.

- 14 *Ou em árvore alguma...* Ibid.

- 18 tão rara fermosura Ibid.

- 20 *E a quem falta o despejo...* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 49

- 10 *Porque já não te lembra . Ibid.*
12 *..... Já me olhaste Ibid.*
16 *Porque a memória tão à pressa perdes Ibid.*
16 *Como tão prestes a memória perdes Ms. de L. Franco.*
17 *Do amor que me mostravas . Eds. corrig*
19 *E como te não lembras . Ibid.*

Pág. 50

- 1 *E escondendo-te logo na espessura Ibid.*
5 *Com que no templo de Diana santa Ms. de L. Franco.*

Pág. 51

- 7 *E pois de teu descuido e ousadia*
8 *Nasceu..... Eds. corrig.*
11 *De ver-me nunca mais... Ibid.*
16 *Assi se há-de ir tornando. Oh! sorte dura! Ibid*
26 *Consente-me também... Ms. de L. Franco.*
28 *Pois se a Fortuna sempre.. Eds. corrig.*

Pág. 52

- 7 *A sombra deste fúnebre cipreste Ibid.*

Pág. 53

- 3 *Pois nada comeriam... Ibid.*
7 *Dos que por aqui forem... Ibid.*

- 15 *De ninfas e pastoras* .. Eds. de 1595 e 1598. Ms. de L. F. *pastores*
- 19 *E em figura de cinza se acharão* Ed. de 1595.

Ê C L O G A I V

Esta Êcloga e a seguinte estão relacionadas nas mais antigas eds. pelas palavras da V: — *continuando com a passada*, ou — *prosseguindo a passada*. O que elas têm de comum é, isso sim, a alusão ao propósito da criação do poema épico. É ainda de notar — e já Faria e Sousa o observou — que esta Êcloga é imitação livre da Êcloga I, de Garcilaso.

- 23 *De idade cada qual...* Eds. corrig.

Pág. 54

- 4 *Que o pretenda cantar...* Ibid.
- 9 *Em vós tenho Calíope e Talia* Ibid.
- 14 *Com qualquer pouca parte* Ibid.

Pág. 55

- 9 *A cantar seus amores* Ibid.
- 22 *Um estava calado* Eds. corrig.
- 30*perdiam a dureza* Ibid.

Pág. 56

- 1 *Sòmente as que podiam* Ibid.
- 6 *De amor com tantos danos...* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- 23 *Quisesses que algũa hora...*
24 *Inda que, qual duríssimo... Ibid.*

Pág. 57

- 5 *... mais que a fonte pura Ibid.*
13 *Escureciam o ouro... Ibid.*
17 *Que outro goze da glória Ibid*

Pág. 56

- 2 *Que um tão constante...*
3 *E fé tão verdadeira Ibid.*
8 *Que a meu tormento só, só se devia Ibid.*
12 *O bem que te eu queria Ibid.*
23 *Ua contínua dor, um grão tormento Ibid.*
26 *Dos males que, cruel, tu me... Ibid.*

Pág. 59

- 6 *Não te criaste, não, entre a rudeza, Ibid.*
8 *.....tal fermosura Ibid.*
10 *Pois logo essa dureza Ibid.*
13 *De um verdadeiro amor...*
14 *A fé... Ibid.*
19 *Que a bruta natureza Ed. de 1595.*
21 *Do natural instinto Eds. corrig.*

Pág. 60

- 1 *Ah! Porque... Ibid.*

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 61

- 10 *Pois bem vês quanto eu tinha...*
11 *Esse amor que tu a outro...* Eds. corrig.
13 *Algũa sem-razão...* Ibid.
23 *Esse peito fermoso e delicado* Ibid.

Pág. 62

- 9 *Olhos que viram tua...* Ibid.
11 *Vontade que em ti estava...*
12 *Alma que essa alma tua...* Ibid.
15 *E que agora...* Ibid.
20 *O triste corpo em...* Ibid.

Pág. 63

- 13 *Pois os bens pera ti.....*
14 *Nasceram pera mi todos os danos* Ibid.
25 *De quem tanto...* Ibid.

Pág. 64

- 10 *A vida só me dá...* Ibid.
16 *Que esperará de ti quem te desama*
17 *Ou quem ao menos te ama* Ibid.
23 *Mas como poderá ser...* Ibid.

Pág. 65

- 2 *Pode abrandar dos montes a aspereza* Ibid.
7 *Que fará a fraca gente*
8 *Se ao humano.....* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

13 *E um mal em que o mal todo, enfim ..* Ibid.

16 *De ver o meu tormento...* Ibid

17 *Antes tudo, soberba.....* Ibid.

19 *Por nada me ficar.....* Ibid.

21 *A vida, a pesar meu.* Ibid

Pág. 66

6 *Pois nunca estás sem mi um só...* Ibid.

9 *Poderá já ausentar-te* Ibid.

É C L O G A V

Na ed. de 1598 traz a nota: *Feita do Autor na sua puerícia*; mas, como é dedicada a D. António de Noronha, e o filho dos Condes de Linhares não passava da meninice por 1540, quando o Poeta já andava perto dos 20 anos, ou este D. António é outro, por ventura D. Antão, filho de D. Garcia de Noronha, ou a palavra *puerícia* é exagero dos editores, por *juventude*. E é esta a hipótese tornada verosímil pela intenção, expressa nos vv. 5 e 6 da pág. 68, de realizar o poema épico.

Pág. 67

17 *A vós se dão.* Ed. corrig.

Pág. 68

12 *Há-de-me ouvir por vós...* Ibid.

17 *Em vossas mãos...* Ibid.

18 *Porque ao futuro vivam...* Ibid.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

20 *Pera mover as almas... Ibid.*

27*nãa árvore escrevia Ibid.*

Pág. 69

3. *Não pode ser que fosse... Ibid.*

5 *Ou quiçã que és.....*

6 *Ou tens da natureza..... Ibid.*

8 *Só de mármore tornar-te.. Ibid.*

9 *Já, já com minha voz..... Ibid.*

10 *A gente mais austera..... Ibid.*

20 *E vias a fé minha limpa... Ibid.*

21*houveras já piedade... Ibid.*

23 *Mas nunca achou igual... Ibid.*

25 *Um bronze abrandara... Ibid.*

27 *Se descera do Inferno ao Pólo ardente*

28 *A piedade movera..... Ibid.*

Pág. 70

1 *Pois se ãa gota...*

3 *Tantas lágrimas minhas... Ibid.*

5 *Na testa fonte viva tenho de água Ibid.*

7 *E no peito de fogo viva... Ibid.*

11 *Se queres ver..... Ibid.*

13 *Quando grita e rumor grande...*

14 *Porque fogo se ateia... Ibid.*

16 *Água ao fogo gritando... Ibid.*

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

21 *Quando vemos que stá.....* Ibid

27 *... enquanto vai dando..* Ibid

Pág. 71

2 *E enfim lhe chega a noite.*

3 *.....o navegante* Ibid.

7 *Mas eu de meu cuidado..* Ibid

9 *De ouvir meu dano...* Ibid.

19 *Os indómitos, feros annais,*

20 *Sem humano sentir, mostram sentido*

21 *Mas em ti..* Ibid.

Pág. 72

2 *Apascentar meus olhos..* Ibid

4 *Que era o pastor de ti.* Ibid.

6 *Algum breve descanso...* Ibid

18 *Não pasce já algum gado...* Ibid.

23 *.....ouvindo gritos* Ibid.

24 *As cabras pasto e leite...* Ibid.

27 *.....quando a dor me obriga* Ibid.

Pág. 73

4 *.....meus olhos; nada vêem* Ibid.

8 *Falta água ao pasto e sentem de água a falta* Ibid.

9 *As cândidas, pacíficas ovelhas*

10 *Bem conhecem também que o ceu lhes falta* Ibid.

13 *A terra nos produz duros abrolhos* Ibid.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

15 *Se restituir lhe queres a alegria.* Ibid.

18 *Torna, torna, meu sol.....*

19 *Farás a noite escura claro dia* Ibid.

25 *Causado de ver...* Ibid.

29 *Claro sol, como a ausência...* Ibid.

Pág. 74

1 *Mas tu, esquecida.....* Ibid.

4 *Não menos que do vale te apartaste* Ibid.

7 *Onde o meu erro viste ou desvario* Ibid.

19 *De um raminho saltando a outro raminho*

20 *Mostra que por amor suspira e chama,*

21 *Enquanto no secreto amado ninho*

22 *Não acha aquele que só busca e ama,*

23 *No canto, a nós alegre, triste chora,*

24 *Porque teme perder a quem namora.* Ibid.

26 *.....leão, sempre outra fera* Ibid.

28 *Que o conversar no peito seu lhe gera* Ibid.

Pág. 75

8 *Ali onde anda e vive...* Ibid.

11 *Temor a quem pera feri-lo vinha* Ibid.

13 *Pois se a fera insensível...* Ibid.

15 *Porque a ti não te abranda um fogo...* Ibid.

19 *Mais pura...* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- 21 *Pode ser se me viesses...*
22 *Ver liquidar... Ibid.*

Pág. 76

- 3 *Um esperar...*
4 *E nunca poder ver-te... Ibid.*

13 *Em ti só desconheço...*
14 *.....pedra ou ferro totalmente Ibid.*

16 *Das águas e das chamas do meu peito Ibid.*

Pág. 77

- 1 *Se já da alma..... Ibid.*

7 *.....vontade tão cativa Ibid.*

15 *Pois o nó que me enlaça..... Ibid.*

22 *Que deixe o amar-te nesta e essa outra vida*

Eis a estrofe que Juromenha informa encontrar-se no Ms. de Faria e Sousa:

*Não podeis impedir, Ninfa excelente,
Com dar-me a morte, o ser de mim amada;
O corpo sentirá ter-vos ausente,
Como carne que da alma está apartada.
Porém a alma, que vive eternamente,
Em vós por leis de amor é trasladada.
Amada, pois, sereis desta em eterno,
Ou já no Céu esteja ou no Inferno.*

Pág. 78

- 4 *E ainda então vereis... Ibid.*

12 *As circunstantes silvas...*
13 *Condoidas das mágoas.....*
14 *.....na face reclinado Ibid.*

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

- 16 Não via que já o Sol.
17 Berrando andava..... Ibid.
24 Ao som dele..... Ibid.
26 Por não se descuidar... Ibid.

ÉCLOGA VI

Pág. 79

Muitas eds. trazem *Alicuto* em vez de *Alieuto*, mas esta forma é a que mais se ajusta à origem grega do nome — *Halieutes* = pescador.

- 9 E já silvestres..... Ibid.
11 do fundo pego Ibid.

Pág. 80

- 12 Mas se, agora..... Ibid.

Pág. 81

- 4 brio e manha
5 Do Olimpo fez descer... Ibid.
7 a menor parte Ibid.
13 Saberão bem cantar, em nada vãs,
14 De Alieuto as contendias e de Agrário Ibid.

Pág. 82

- 24 caindo escuras Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Pág. 83

- 7 *Muito não tinha prosseguido... Ibid.*
23 *De irados ventos . . . Ibid.*
28 *Ouvindo Agrário Ibid*

Pág. 84

- 2 *Por um pastor..... Ibid*
9 *Dos teus flóridos..... Ibid.*
15 *.....se receia Ibid.*
28 *Porém se com verdade o louvo... Ibid.*
32 *Bem vulgarás . . . Ibid.*

Pág. 85

- 2 *Alvoroço antes há, por mais que veja Ibid.*
8 *.....vendo estou juntar-se Ibid.*
25 *Eis já mil..... Ibid.*
28 *As bem sonantes liras se tocavam Ibid.*

Pág. 86

- 7 *.....a capela de loureiro Ibid.*
13 *.....sacras aras..... Ibid.*

Pág. 87

- 5 *.....e deus agora*
6 *É do mar; e Proteo Ibid.*

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

- 9*que cá se adora* Ibid.
10*Se se resguarda,*
11 *Vê-se que os moços.....* Ibid.

Nota aos três versos finais da pág. 87:

Eis o latim do texto de R. Textor, traduzido na nota ao verso 12 da pág. 305: *Se quaecumque cepissent, reliquisset; quae vero non cepissent, adhaere. Significabant enim sese purgare pediculis, quorum captos in aquis reliquissent, non captos adhaerent in vestimentis.*

Pág. 88

- 6 *Com tanto gosto já te presenteí* Ibid.
14 .. . *vou arrancando* Ibid.

Pág. 69

- 3 *Que ao mundo mostra.....* Ibid.
6 *Se alguém vê, se alguém ouve o sibilante* Ibid.
17 *Que em terra lhes faz ver...*
18 *As aves, as boninas, a verde hera* Ibid.

Pág. 90

- 5 *O navegar por ondas...*
6*com que o Sol se enfria* Ibid.
8 *Como o ver-te, se em tanto chego a ver-me* Ibid.

Pág. 91

- 29 *O monte pastoril.....* Ibid.

Ê C L O G A V I I

Pág. 92

5 *A silvestres deidades. Ibid.*

9 *Em quem..... Ibid.*

Pág. 94

3 *Fazem o verde monte... Ibid.*

7 *.....ao derredor pisadas Ibid.*

14 *A cecém pura... Ibid.*

18 *Escondendo-a..... Ibid.*

27 *A quem este lugar... Ibid.*

Pág. 95

15 *E tanto por extremo... Ibid.*

25 *De ãa os louros cabelos..... Ibid.*

27 *E com mil nós Ibid.*

Pág. 96

8 *.....e mais Elisa Ibid.*

24 *Que aos próprios duros montes... Ibid.*

Pág. 97

17 *Da cilada dos dous..... Ibid.*

19 *Manifestando claro o escondido*

20 *Todas ãa alta grita.....*

21 *Que o monte pareceu ser destruído*

22 *Assi despidas logo se lançaram Ibid.*

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

- 20 *A rápida água* Ibid
29 *Nas asas novo alento...*
30 *Veloz rompendo o ar, fugir procura* Ibid

Pág. 98

- 1 *Desta arte as deusas tímidas, deixando* Ibid.
10 *Desta sorte, sentindo.....* Ibid.
22 *Olhai a serpe oculta...*
23 *Quem o rigor não perde ..* Eds. corrig.

Pág. 99

- 17 *Digo, Ninfas, que minto,*
18 *Pois mal pode haver nunca...*
19 *Negar-vos essa rara...* Ibid.
26 *Me não prive da vida...* Ibid.

Pág. 100

- 2 *Por o mundo tem feito...* Ibid.
17 *Como? 'E não vos correis...*
18 *De haver em vós tão duras condições?* Ibid.
23 *Antes ao puro Amor...* Ibid.

Pág. 101

- 14 *Entre as plantas do prado...* Ibid.

Pág. 102

- 13 *Costume é seu tomar vingança...* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Pág 103

- 2 *Dũa ciência agreste* Ibid
11 *Lá no Cáucaso horrendo* . Ibid
15 *Que de humanas os rostos só mostrais* Ibid
18 *Água, pedra, árbor, flor, ave, alma dura* Ibid

Pág 104

- 5 *Assi também...* Ibid.

A nota ao v. 1 desta página deve ser assim modificada: «...região do Peloponeso habitada por pastores, cuja vida, na ficção dos poetas antigos, decorria na felicidade da inocência e do amor tranquilo».

Pág. 105

- 1 Na 1.^a ed. *Se entre...*
4 *Lá no monte Ida...* Eds. corrig.
8 *Por escusar a pena a quem amava* Ibid.

Pág. 106

- 3 já o sojiga Ibid.
5 *Olhai a quanto a crua dor obriga!*
6 *Por vingar-se, assi irada, transformando*
7 *O foi em pedra.* Ibid.
12 *Do que inda agora...* Ibid.
15 *O sangue dos amantes...*
16 *Testemunha de Tisbe a sepultura.* Ibid.

GOLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 107

- 5 *Lembraí-vos da verde árvore... Ibid.*
13 *Pois da alta... Ibid.*

Pág. 108

- 4 *Que os horrores a tanto o constrangiam Ibid.*

Pág. 109

- 3 *Assi também daquela... Ibid.*
5 *Que vos direi de Filis... Ibid.*

Pág. 110

- 7 *E à tua clara luz... Ibid.*

Pág. 111

- 1 *As penas... Ibid.*
6 *Donde lhes veio o ir-se transformando Ibid.*
8 *.....vai chamando? Ibid.*

Pág. 113

- 7 *Mas os ventos indómitos soprando Ibid.*
17 *Ó Nereidas do Egeu...*
23 *Pois também teve Amor natural mando... Ibid.*

Pág. 114

- 6 *.....pois a adora. Ibid.*
11 *Se dos olhos... Ibid.*

ÓBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 115

- 5 *Mas como o triste Príncipe em si achara* Ibid.
7 *Os seus, desconhecendo-o ..* Ibid.
13 *Um cervo acude a ver (qualquer gritava)* Ibid.
18 *Oh Napeias esquivas...* Ibid.
25 *Aqui, fermosas Ninfas...* Ibid.
27 *De águas, de pedras, de árvores...* Ibid.

Pág. 116

- 8 *Que o rio, de contente,...* Ibid.
17 *.....me estão tirando* Ed. de 1595
20 *Aqui, sentido, o sátiro...* Ibid.
24 *Então Febo...* Ibid.
27 *A cândida Pastora...* Ibid.

ECLOGA VIII

Pág. 117

- 7 *.....um dia* Ibid.
11 *...em um só riso dessa boca* Ibid.
13 *Se ao teu esp'rito...* Ibid.

Pág. 118

- 2 *Minha tormenta só nunca sossega* Ibid.
6 *Enquanto o solar raio lhe não chega.* Ibid.
7 *Eu vendo aparecer...*
9 *Se os olhos cegos vi, vejo saudosos.* Ibid.
15 *Perante a Lua...* Ibid.
18 *Tu só foges de ouvir-me e te vás rindo.*
22 *Antes que o Sol no céu cerre ãa volta* Ibid.
26 *De ouro a areia...* Ibid.

Pág. 119

- 1 *Vento algum até gora o não salteia* Ibid.
3 *Amor, e o veda...* Ibid.
4 *Ele com suas mãos próprio ajudou*
5 *A escolher estas conchas, afirmando*
6 *Que o sol pera ti só as matizou.* Ibid.

Foram mais as seguintes Êclogas publicadas como de Camões:

Agora, Alcido, enquanto o nosso gado (1779)
Despois que o leve barco ao duro remo (1779)
Encheu do mar azul a branca praia (1779)
Parece-me, Pastor, se mal não vejo (1779)
Pascei, minhas ovelhas; eu, enquanto (1779)
Agora, já que o Tejo nos rodeia (1779)
De quanto alento e gosto me causava (1779)

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

As cinco primeiras são de Bernardes. A penúltima encontrou-a F. e Sousa num Ms. sem nome de Autor. Foi, como as anteriores, pela primeira vez publicada por Tomás de Aquino, extraída dos Ms. de F. e S. É atribuída a Bernardo Rodrigues. A última, extraída dos mesmos Ms., foi publicada na mesma edição *Obras de Camões*, de 1779.

A acreditar em F. e S., teria ela no Ms. em que a viu a indicação: *Écloga de Luís de Camões à morte de D. Catarina de Ataíde, Dama da Rainha*, indicação confirmada pelo Ms. de Luís Franco: *Écloga à morte de D. Catarina de Ataíde*. Por tal indicação F. e S. se julgou habilitado a resolver no nome de Catarina o anagrama *Natércia*, que ocorre nesta *Écloga*. Apesar da duvidosa autenticidade, aqui a damos aos leitores, por sua importância no que corre sobre a biografia amorosa do Poeta e porque a insere igualmente o Ms. de Luís Franco.

ÉCLOGA XX

De quanto alento e gosto me causava
A vista da manhã resplandecente,
Com que toda a tristeza se alegrava;
Que quando vinha o Sol claro e luzente,
Bem claro então em mi se conhecia
Ūa nova alegria diferente;
Tanto agora me ofende o novo dia,
Vendo que me não mostra a fermosura,
De que só me mantinha e só vivia,
E não me quis deixar triste ventura
Esperanças de mais tornar a vê-la.
Oh destino cruel! Oh sorte dura!
Oh querida Natércia! Oh Ninfa bela!
Em quem, enfim, mostrou a Natureza
O mais que se podia esperar dela!
Se lá no assento da maior alteza
Te lembras de quem viste cá na terra,
Pera te magoar sua tristeza,
Lembra-te de contínuo a cruel guerra
Que contínua me faz tua lembrança
Esquecido do gado, vale e serra.

Lembre-te que perdi a confiança
De ver os olhos teus, e juntamente
De todo o bem de amor toda a esperança.

Lembre-te que por ti de mi ausente
A cristalina fonte me é nojosa,
Com que já noutro tempo fui contente;

Que por ti a manhã clara e fermosa
Males cada momento me acrescenta,
Sendo-me em outros dias deleitosa.

Por ti o puro Sol me descontenta;
Com seu canto me ofende a Filomela;
Mas porque nele chora me contenta.

Por ti, Natércia pura, Ninfa bela,
Na verdura suave deste prado
Os males multiplico só com vê-la.

Por ti não curo já do manso gado:
Com o mesmo que então meu bem crescia,
Agora vai crescendo o meu cuidado.

Não sou já, já não sou quem ser soia;
Mudou-se a vontade coa ventura;
Mudou-se cos tormentos a alegria.

Trocou-se o claro dia em noite escura;
Nem é muito que tudo se mudasse,
Pois se mudou a tua fermosura.

Não via outro reparo que cuidasse
Poder aproveitar ao meu tormento,
Nem outra glória alguma em que esperasse.

Senão enquanto o triste pensamento
Se punha a contemplar tua beldade,
Sem se lembrar tão longo apartamento.

Agora que me falta a claridade,
Que de ver-te a minha alma recebia,
Ficando-me só dela a saudade,

Qual ficará ãa alma, que sabia
Sòmente desta glória contentar-se?
Glória de que gozar não merecia!

Qual poderá ficar quem, com lembrar-se
Mortalmente do bem que é já passado,
Só tem por melhor vida à morte dar-se?

E qual se pode ver quem um cuidado
Sustém, que é só da dor certa morada,
E nela vive só desesperado?

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Qual há-de ver-se, ó Ninfa delicada,
Ūa alma que te via; e em te vendo,
O fio lhe cortou a Parca irada?

A causa deste mal eu não a entendo:
Só entendo que perdida essa luz pura,
Por perdida a não ver, vivo morrendo.

Vejo que me roubou fortuna escura
Um bem por quem meu mal me contentava.
Lembra-te tu de tanta desventura.

Lembra-te tu, que só de ti esperava
Remédio aos males meus, e então verás
Qual ficou quem em ti só confiava.

Lembre-te adonde estou, adonde estás,
E que tudo sem ti cá me aborrece:
Desta arte o estado meu entenderás.

SILVANO.

Não sei por que razão nos amanhece
Este dia, dos outros diferente,
Com que toda a alegria se entristece.

O manso gado vejo, que contente
Buscando ia nos campos a verdura,
E nos rios a límpida corrente,

Agora triste orrar pola espessura,
Alheo de erva verde e de água fria:
Sinal de algũa grande desventura.

Suspensa está das aves a harmonia,
E em certo modo mostra que lá chora
A mesma sequeidão da penedia.

A cândida, rosada, bela Aurora,
Que sempre os altos montes vem dourando,
Com um palor mortal se mostra agora.

Está-se nestas ervas enxergando
Tão triste cor, que dela se conhece,
Que algum mal se nos vai aparelhando.

Enfim, vejo que tudo se entristece.
A causa ignoro. O Céu piedoso queira
Que menos seja o mal do que parece:

Porque, desde que habito esta ribeira,
Não me acordo de a ver tão carregada,
Nem de a ouvir murmurar desta maneira.

Não me acordo que visse outra alvorada
Tão confusa sair, como esta vejo,
De profunda tristeza acompanhada.

Agora aqui tomara quem sem pejo
A causa, se a soubesse, me ensinasse,
Pera satisfazer a meu desejo.

Porque não posso eu crer que resultasse
De algũa baixa causa um tal efeito,
Que até nos duros montes se enxergasse.

O coração cá dentro no meu peito
Me assegura que tanta novidade
Não traz a origem de comum respeito.

Mas por entre a confusa claridade,
Lá vejo vir Soliso com seu gado:
Dele espero entender toda a verdade

Mas não posso cuidar neste cuidado,
Que nos olhos não mostre onde me chega
A dor de o ver de dores traspassado.

Mas aquele que a amor cruel se entrega,
Não é muito que passe um tal tormento,
Porque todo mal dá, todo bem nega.

Enquanto este Pastor o pensamento
Logrou, sem que em amores o empregasse,
Senão só em buscar contentamento,

Festa não se fazia em que faltasse
A sua frauta, que ele assi tangia,
Que outra nunca se ouviu que lhe igualasse.

Já agora não é aquele que soía;
Vejo-o na condição todo mudado;
Mudada também dele está a alegria.

Não cura já do seu querido gado;
Aborrecem-lhe as plantas, ervas, flores;
Aborrece-lhe a gente e o povoado.

Não lhe lembram as festas dos pastores;
Apartando se vai pola espessura,
Elevado sòmente em seus amores.

Contenta-se da noite triste e escura;
Ódio tem com o Sol puro e luzente.
Quem viu nunca tamanha desventura?

ÓBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Com esta vai passando tão contente,
Que diz que quando o mal mais o atormenta,
Se gosto sentir pode, então o sente.

Neste bosque ãa Ninfa se aposenta,
Por quem ele na vida anda morrendo,
E é causa desta dor que lhe contenta.

E segundo o que dele agora entendo,
Se a vista não me engana o pensamento,
Ou de vã fantasia estou pendendo,

Quando fora maior o grão tormento
Que Soliso padece, não pudera
Igualar-se com seu merecimento.

Quero chegar-me a ele, enquanto espera
Que vá descendo o vagaroso gado;
Saberei dele o que saber quisera.

Venho, Soliso, a ti com um cuidado
Que todo me entristece; e com grão medo
De grão mal sobre nós incpinado.

Vês tu como está agora este arvored
Triste e pesado, lúgubre e sombrio?
Como o vento parece que está quedo?

Vês a comum corrente deste rio,
Que ora tanto se pára, ora anda tanto,
Deixando de seu curso o certo fio?

Vês como a Filomela deixa o canto,
Com que incita os pastores namorados,
E multiplica Progne o triste pranto?

E vês, enfim, por todos esses prados
Desmaiadas as ervas, que soíam
Viçoso pasto dar aos nossos gados?

Todos estes sinais, que não se viam
Nas auroras a esta antecedentes,
Algum dano mortal nos anunciam.

Eu não sinto o que seja: se o tu sentes,
Não te seja o dizer-mo mui penoso,
E entenderei por ti tais accidentes.

SOLISO.

Noutro tempo me fora deleitoso
Por extremo, Silvano, gosto dar-te;
Mas todo gosto agora me é nojoso.

Bem quisera poder comunicar-te
A causa deste horror; mas antes quero
Anojar-me a mi próprio, que anojar-te.
Porém já sinto o fado tão severo,
Que quanto mais me ponho a declará-lo,
Mais então de entendê-lo desespero.
E se acaso o entender, pera contá-lo,
Se quero começar, quer a ventura
A força de soluços atalhá-lo.
Que depois que me falta a fermosura
Daquela ilustre Ninfa, que contente
Pudera bem fazer a noite escura,
Foi-me faltando o espirito juntamente.
Em suspirar só gasto a noite e dia,
Sem me faltar de ver-me descontente.

SILVANO.

Novidade maior em mi seria
O espantar-me de ver-te estar queixando,
Que o ver em ti desejos de alegria.
Responde-me ao que te ia perguntando
Da causa desta singular tristeza.
Não gastes todo o tempo lamentando.

SOLISO.

Sempre em ti conheci ãa dureza
E austera inclinação, que bem declara
Quão conforme é teu nome à natureza.
Porque se o meu tormento te alcançara,
O mor bem pera ti, o mor mal fora,
E todo o mal maior te contentara.
Deixa que chore quem com gosto chora;
Deixa-me lamentar meu triste fado,
Que a um triste a hora de choro, é melhor hora.
Tu não trazes agora outro cuidado
Mais que buscar no vale a sombra fria,
Quando te ofende o Sol mais empinado.

Coitado de quem passa a noite e dia,
Porfiando em morrer, e a sorte dura
Em fugir-lhe co a morte só porfia.

Oh fermosa Natércia! A excelsa altura
Do glorioso Olimpo andas pisando,
E eu ausente da tua fermosura.

SILVANO.

Que é isso, que do Céu estás falando?
Parece-me que já não és Soliso,
Ou que de puro amar vás delirando.

SOLISO.

Quem já perdeu aquele doce riso,
Que siso produzia e dava vida,
Não é muito que perca a vida e siso.

SILVANO.

Declara-me que cousa tens perdida,
De que tanto te queixas: que ao que sinto,
Natércia destes vales é partida.

SOLISO.

Quão livre fala aquele que o tormento
Alheio vê de fora! Mas não sente
Onde chega tamanho sentimento.

A glória que eu perdi não me consente
Palavras naturais, razões espertas,
Que possam declarar a dor presente.

Mas nesse teu error vejo que acertas;
Porque com nenhum mal deve turbar-se
Quem só dele esperanças logra certas.

SILVANO.

A quem, Soliso meu, de declarar-se
Com outro, em casos tais, falta vontade,
Nunca faltam razões pera escusar-se.

Não sei donde te vem tal novidade,
Pois, negando-se agora o que te peço,
Suspeito que me negas a amizade.

Se pola que te guardo te aborreço,
Sabe que só um cego entendimento
As amizades faz perder o preço.

Eu te deixarei só com teu tormento;
Mas não sem dor, de ver que tanto a peito
Tomes um tão danoso pensamento.

SOLISO.

Outra é, certo, a razão; outro o respeito
Que negar-te me fez o que pedias:
Não creias que de ti tão mal suspeito.

Bem sei que o meu descanso pertendias,
E a mesma confiança faz negar-te
O que destes sinais saber querias.

SILVANO.

Não queiras mais, Soliso, prolongar-te;
Pois pende o gosto meu da tua vida:
Se corre risco, dá-me dele parte.

SOLISO.

De todo a sinto já desfalecida
Nas lembranças daquela breve história,
Que foi pera meus males tão comprida.

Já me vence a tristíssima memória
Da glória que presente me animava.
Quem pudera voar traz tanta glória!

Natércia, que estes montes alegrava
E que à casta Diana fez inveja,
E que com sua vista o Sol cegava;

Aquela a quem render-se só deseja
Aquele que de bela Mãe presume,
E a quem as armas dá com que peleja;

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Natércia, que no Mundo foi um lume,
Onde a beleza de maior estado
Incêndios aprendia por costume;

Natércia, por quem ando acompanhado
De mágoa tal, que só da morte dura
Espero o feliz fim de meu cuidado,

Ao Céu se foi co aquela fermosura
Que era mostra do Céu, glória da terra,
Que era o sujeito mór da mór ventura.

Já não fará no prado às almas guerra
Com a vista, senão com a lembrança
— Guerra em que o dano mais cruel se encerra.

Já de vê-la não tenhas esperança,
Que esta vida trocou de mal cercada,
Por outra, em que do bem não há mudança.

E a causa vês aqui de que a alvorada
Visses desta manhã tão diferente,
De outra qualquer, de ti mais ponderada.

Dizer-te o mais não posso, porque sente
Esta alma no que disse tal tormento,
Que esta memória apenas me consente.

O espírito já débil, sem alento,
No pouco que te tenho referido,
Nas asas se sustém do pensamento.

Oh Mundo! Qual é aquele tão perdido,
Que em ti crê, qual aquele tão insano,
Vendo-te todo em dano instituído?

Deixas passar um gosto de ano em ano,
Porque com nosso opróbrio e tua glória,
Nos faças mais patente o teu engano.

Sempre assi vai contigo a mór vitória,
Deixando-nos sòmente por herança
De um possuído bem triste memória.

Quem faz de ti algũa confiança,
Sabendo já que quem de ti confia,
De um engano penoso enfim se alcança?

Aquele da beleza novo dia
Cegaste, quando mais resplandecente
Triunfos mil de amor nos prometia.

De qual tigre cruel peito inclemente
Não se rompe de mágoa, morta aquela,
Que a tristeza mil vezes fez contente?

Quem, que vê eclipsada a vista bela,
Despois dê visto haver sua beldade,
E não sabe monrer por ir trás ela?

Como não te aplacou tão tenra idade
Ao cortar do seu fio, ó Parca dura,
Que agora o Mundo matas de saudade?

Deixai, deixai, pastores, a verdura;
As frautas deixai já e os mansos gados;
E chorai todos vossa desventura.

E vós, silvestres Faunos namorados,
Também chorar podeis, pois já perderam
O objecto mais gentil vossos cuidados.

Ninfas, a quem os deuses concederam
Destes sagrados bosques a morada,

E em quem tamanhas graças esconderam,
Se aquela piedade costumada,

De que mais vos prezais, não esquecestes,
Que sempre foi de vós tão venerada,

Se já de alheio dano vos doestes,
Do vosso próprio vos doe agora,
Pois com Natércia todo o bem perdestes.

Oh Náíades! Das águas saí fora;
E de vós água saia em mal tão forte,
Pois de vê-lo também o monte chora,

Oh Napeias! Chorai a triste sorte
Dos míseros pastores, a quem nega
O fado por mais pena o mortal corte,

Oh Dryas! Vós, a quem amor se entrega,
Tomai todo o cuidado deste pranto,
Pois sabeis ende a causa dele chega.

Deixai, ó Amadryas, entretanto
As plantas que guardais, por ajudar-me,
Pois deixa a Filomela o doce canto.

E vós, ó vida minha, pois curar-me
Já não podeis, deixai-me juntamente,
Porque lembranças tais possam deixar-me.

Mas se delas morreis, morro contente.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

O D E I

Pág. 121

- 3 *Tua cândida fronte...* Eds. corrig.
8 *Pois, Délia, do teu céu ..* Ibid.
15 *Já veio Endimião...*

Pág. 122

- 12 *E as drogas mais cheirosas...* Eds. corrig.
17 *Não temeram teu fero e agudo dardo* Ibid.

Pág. 123

- 15 *Triste de mi! Que alcanço por queixar-me...* Ibid.
17 *A quem já ergueu...* Ibid.
17 *A quem já ergui...* Ed. de 1598.
21 *E que isto só pretende...* Eds. corrig.

Pág. 124

- 2 *Mas eu sempre...* Ibid.
6 *Porque este em que me vejo* Ibid.
18 *Porque tem ordenado..* Ibid.

Pág. 125

- 1 *Secreta noute amiga a quem obedeço* Ibid.
3 *Meus queixumes me ouviste) te ofereço* Ibid.

O D E I I I

Pág. 127

18 *Oh! Quanto bem lembrados* Ibid.

Pág. 128

3 *Ai, males tão esquivos* Ibid.

7 *Já esta vida? Como tanto dura?* Ibid.

Pág. 129

5 *Aplacadas se viram...* Ibid.

12*que regendo está Plutão*

13 *Em descanso se achava* Ibid.

16 *De todo já admirada* Ibid.

Pág. 130

4 *E inda mais.....* Ibid.

9 *Lá na Hircânia.....* Ibid.

18 *Sobre as ondas.....* Ibid.

20 *Saindo todas, vinde ver...* Ibid.

22 *E cantando.....* Ibid.

Pág. 131

2 *E mais infeliz corpo...* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

O D E I V

Pág. 132

- 17 *E se mais tenho, mais entregarei* Ibid.
20 *Que de despojos mil soberba e rica* Ms. de Juromenha.

Pág. 133

- 20 *Vós me tomai.....* Eds. corrig.

O D E V

Pág. 135

- 3 *E com que.....* Ibid.
17 *Todas quantas pudera* Ibid.

Pág. 136

- 4 *Como se fossem mil e mil...* Ibid.

O D E V I

Pág. 137

- 1 *Pode um desejo intenso* Ms. de Jurom.
3 *Que a branda e a viva alma o fogo imenso* Ibid.
21 *Se de humanas.....* Ibid.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 138

- 24 *Que misturadas são...* Ibid.

Pág. 140

- 4 *Iguais.....* Eds. corrig.
4 *Igual à fermosura vossa houver* Ms. de Jurom.
5 *Eu a vi.....*
6 *Qual em presença vejo.....* Ibid.
13 *Que o dourado Tejo* Ibid.

O D E V I I

Pág. 143

- 5 *Nele, pera trepar...* Eds. corrig.

O D E V I I I

Pág. 146

- 14 *D'anos, letras e vária experiência* Ms. de Jurom

Pág. 147

- 3 *O qual, à luz saindo,*
4 *Dará na medicina um novo lume*
5 *E descobrindo irá.....* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

O D E I X

Nota — A rubrica desta Ode, segundo um Ms. é «*Da brevidade da vida*». Compare-se com a Ode IV do Livro VII, de Hcrácio.

Pág. 148

- 6 *Já a linda Citerca*
7 *Vem, do coro... .. Eds. corrig.*
10 *Das fermosas irmãs..... Ms. de Jurom.*
18 *.....a fresca fonte Ibid.*

Pág. 149

- 3 *O Outono vem entrando Eds. corrig.*
10 *Temerá o marinheiro a Oriente Eds. corrig.*
16 *Que se fez dos Troianos Ibid.*
19 *Ó Cresso poderoso Ms. de Jurom.*

Pág. 150

- 7 *Não dura nem por muito, nem por forte Ibid.*
12 *.....da morte eterna Ibid.*
15 *...escura sombra auerna Eds. corrig.*
17 *Ou com manha, ou com força valerosa Ibid.*

O D E X

Observa Storck ser esta Ode feita sob a sugestão da *Metamorf. XI, 217*, de Ovídio.

Pág. 151

- 2 *Nas peletónicas covas...* Eds. corrig.
12 *Por que não seja.....* Ibid.

Pág. 153

- 12 *De render a quem.....* Ibid.
16 *Aqueles cujos peitos* Ibid.
18 *Se viram mais sujeitos* Ibid.

O D E X I

Pág. 155

- 12 *Que os cumes das da terra...* Ibid.
15 *Um dia em que já Febo* Ibid.

Pág. 156

- 9 *A cega.....* Ibid.
12 *Faz que os homens creiam que é divino* Ibid.
15 *Na cristalina.....* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Pág 157

- 2 *As pérolas que escondem vivas rosas*
3 *Dos jardins..... Ibid.*
7 *O subtil mantimento Ibid.*
13 *Os fios derramados*
14 *Daquele ouro que o peito mais cobiça Ibid.*
17 *E donde com desejo Ibid.*

Pág. 158

- 5 *Viu-se assi cego e mudo Ibid*

O D E X I I

Pág. 159

- 2 *.....ribeiras deleitosas.*
4 *Cândidos lírios, rubicundas rosas Ibid.*
14 *Busca a casta titânica... Ibid.*
17 *.....ondado e louro Ibid.*
22 *O campo, brancas, roxas e amarelas Ibid.*

Pág. 160

- 8 *É das Nereidas cândidas... Eds. corrig.*
15 *Sucede à beleza..... Ed. de 1616.*

Pág. 161

- 11 *Em não ver-me ela só...* Eds. corrig.

Pág. 162

- 0 *Que nunca de luz nova é...* Ibid.
11 *Tudo mudável seja.....* Ibid.

A Ode XIII, que T. Braga, no encalço do Ms. de L. Franco, insere entre as Sextinas, é colocada por Storck entre as Canções, porque é do molde de algumas de Petrarca e Bembo.

Não inserimos a Ode *Fora Conveniente*, extraída por Juromenha do Ms. de Luís Franco, porque, além da duvidosa autenticidade camoniana, é banal e incorrecta. Nada acrescenta à glória do Poeta nem ao conhecimento que dele procuramos.

S E X T I N A

Pág. 167

Sextina publicada na Edição de 1616, variante da publicada na Edição de 1595, inserta na pág. 166. Sobre ela, nota o Editor: Esta (a da ed. de 1595) está impressa tão errada, que não parece do Autor, e foi emendada por ele por esta forma:

Foge-me pouco e pouco a curta vida,
Vai-se-me o breve tempo de ante os olhos,
E de viver me vai levando o gosto;
Choro pelo passado, mas os dias
Não se detém por isso de seu curso;
Passa-se, enfim, a idade e fica a pena.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Que maneira tão áspera de pena,
Que nunca um passo deu tão longa vida
Fora de trabalhoso e triste curso!
Se no processo meu estendo os olhos,
Tão cheios de trabalhos vejo os dias
Que já não gesto nem do mesmo gosto

Os prazeres, o canto, o riso e o gosto,
A continuação da grave pena
Mos levou, que não ponho culpa aos dias:
A culpa é do destino, porque a vida
Sempre celebrará os belos olhos,
Por mais que do viver se alongue o curso.

Sigam os ceus o seu natural curso,
A toda a gente dêem tristeza ou gosto;
Façam, enfim, mudanças; que meus olhos
Nunca verão no mundo senão pena.
[Nem descanso terei já nesta vida] ⁽¹⁾
Pera poder em paz passar os dias.

Vão sucedendo uns dias a outros dias;
Não perde o tempo nada do seu curso,
Perde somente a curta e breve vida.
Foge-lhe como sombra a idade e o gosto;
Vai-se-lhe acrescentando mágoa e pena,
De que são testemunhas os meus olhos.

Mas nunca da minha alma, claros olhos,
Vos poderão tirar os longos dias,
Cresça quanto quiser trabalho e pena;
Que, pois para de trás não torna o curso
Dos anos, isto só terei por gosto,
Pera poder passar o mais da vida.

Canção, já tive vida, já meus olhos
Me deram algum gosto; mas os dias,
Com seu ligeiro curso, mágoa e pena.

(1) Este verso falta na ed. de 1616; foi acrescentado na de D. António Álvares da Cunha, em 1669.

2.^a Variante, publicada por Juromenha, em 1861:

Quanto tempo ter posso da vida,
Sem ver aquela luz alegre e bela
Daqueles graciosos, lindos olhos?
Se há-de ser muito, venha a morte,
E, fera, sempre aparte deste corpo
A triste, namorada, infelice alma.

Quando fizeste os olhos seus desta alma
A luz, a guia, a glória, a fama, a vida,
Ordenaste que não vivesse o corpo,
Não vendo a vista amada, linda e bela;
Pois como já me tarda tanto a morte,
Se tanto há que não vejo os olhos belos?

Claros raics do Sol, fermosos olhos,
Que as chaves ambas tendes da minha alma,
Se não vos hei-de ver, leve-me a morte,
Que morte é, sem vos ver, a própria vida.
E pois que, não vos vendo, a morte é bela,
Não tenha ãa hora mais de vida o corpo.

Vai-se sustendo na esperança o corpo
De tornar inda a ver-vos, doces olhos,
Que, se não fora esta esperança bela,
A alma já o deixara, e ele a alma.
Pois se vós dele e dela sois a vida,
Que podem sem vós ter mais do que morte?

Vários modos sofrendo está de morte,
Entanto, este mortal e triste corpo;
E se temo perder de todo a vida,
É por temer perder-vos, lindos olhos.
Isto faz com que já de tdo a alma
Não se parta a buscar vida mais bela.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Serena luz, fermosa, clara e bela,
Que me dás juntamente vida e morte,
E pintaste com teus raios nesta alma
As raras perfeições do belo corpo,
Té que te torne a ver meus tristes olhos,
Não haverá em mim gosto de vida.

Morte sem vós é vida, e morte a vida,
Bela a tristeza nestes tristes olhos,
A alma carga pesada a o mortal,

A estas sextinas acrescenta Faria e Sousa mais 3:

A culpa de meu mal só têm meus olhos (1668)

Oh! triste, oh! tenebroso, oh! cruel dia (1668)

Sempre me queixarei desta crueza (1668)

Encontrou-as em Ms. sem nome de autor, mas julgou-as de Camões apenas por semelhanças de estilo e substância, o que não basta para justificar a sua inserção nesta edição.

OITAVAS (I)

O D. António de Noronha, a quem o poema é dedicado, será o filho dos Condes de Linhares? M. de Faria Severim, na biografia do Poeta, identifica-o com o fidalgo do mesmo nome que serviu em África com L. de Camões e foi mais tarde Vice-Rei da Índia.

Pág. 168

3 ou tão discreto eds. corrig.

20 Inda quando lhe visse... Ibid.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

Pág. 169

- 9 *...por desusada via* Ms. de Jurom.
20 *Exemplo tome dele..* Eds. corrig.

Pág. 170

- 2 *Que este uso da Fortuna...* Ed. de 1598.
2 *Deste uso da Fortuna.* Eds. corrig.
5 *das gentes inimigo* Ms. de D. Cccília de Por-
[tugal.
5 *dos homens inimigo* Ms. de Jurom.

Nota — Esta lição, que substitui *tão amigo* por *inimigo*, é mais consentânea com a ideia particular da estrofe e com o tom pessimista de todo o poema.

- 8 *Que um mal tanto sem ordem...* Ms. de Jurom.

Pág. 171

- 9 *E deixa aquele a quem do sono esperta*
10 *Um vão favor.....* Ms. de Jurom. e de D. Ce-
[cília de Portugal.
15 *Quente da inexausta hidropesia* Ms. de Jurom.
19 *governado* Eds. corrig.
23 *Um de vencer o mundo que mandou*
24 *E outro de saber tanto...* Ms. de Jurom.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 172

- 2*povos vários e esforçados* Eds. corrig.
4 *Se lerá de meus feitos celebrados* Ms. de Jurom.

Nota — Depois da 2.^a estrofe desta .pág., trazem esta outra os Mss. de D. Cecília de Portugal e do V.^{do} de Juromenha:

*O filho de David dirá: Fui rei,
Que quanto estudo baixo do alto céu
Com juízo sutil envestiguei,
Mas enfim, tudo vão me pareceu.
Mais do que tu confessas te direi
Que o seu grande saber de um cego ócio,
Cobriste com que o grande Deus negaste
De quem tantas ciências alcançaste.*

*Que monta mais mandar que ser mandado?
Que monta mais ser simples que sabido?
Que tudo, enfim, tem término forçado,
Se tudo está a trabalhos sometido.
Do mundo o temor vem (que exp'rimentado
Foi claro de Damocles e entendido)
De saber, como avisa Salomão,
Os trabalhos e a muita inclinação.*

- 17 *Pois quanto, dês que vive já apartada* Eds. corrig.
17 *Pois depois que do mundo está apartada* Mss. de
[D. C. de Portugal e Jurom.

Pág. 174

- 2 *Nas memórias da sábia* Ms. de Jurom.
7 *Que eram suas, das naus.....* Eds. corrig.
19*o antigo siso* Ibid.
22 ...*à saúde já passada* Ibid.
22 ...*à saúde desejada* Ms. de Jurom.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

Pág. 175

- 2 *Do trabalho a que o siso...* Eds. corrig.
4 *Que a louca presunção...* Ibid

9 *Por qual senhor algum eu me trocara,*
10 *Ou por qual algum rei de mais grandeza?* Ibid.

Pág. 177

- 10 *Mitigando o rigor do peito...* Ibid.
10 *.....o fermoso peito* Ms. de Jurom

13 *E enquanto por verão flores colhesse* Eds. corrig.

18 *Do insano Trasilau o doudo estado* Ibid.
19 *Mas que ali.....* Ibid.

Pág. 178

- 1 *Se um desejo impossível a alma cria* Ms. de Jurom.
12 *Que até da minha vida...* Mss. de D. C. de Portugal
[e Jurom.

OITAVAS (I I)

Pág. 179

- 7 *Que com vagante e ociosa...* Eds. corrig.
17 *.....porque a Verdade pode tanto* Ibid.
19 *Ao grão Dário.....* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 181

- 12 *Que nunca possas ser* Eds. de 1595 e 1598
16 *E dias há.* Eds corrig.

Pág. 182

- 17 *Se o successo.* Ibid.
18 *As obras que são boas e o desvio* Ibid.

Pág. 183

- 9 *Quanto de infâmia ao Príncipe.* Eds corrig.
11 *Tanto por glória grande deve ter-se* Ibid.
15 *Província com que o Império se aumentasse* Ibid
23 *. de ser tão inimigo* Ibid.

Pág. 184

- 15 *Onde os altos juízos se estimarem* Ibid.

Pág. 185

- 2 *Tão ingrato. . .* Ibid.
4 *O ser agora.* Ibid.
8 *. de quanto digo* Ibid.
16 *Se tirou co'o seu ferro.* Ibid.

Pág. 186

- 1 *Demóstenes, lançado. . .* Ibid.
2 *Populares — Ó Palas! — foi dizendo —*
3 *Que de três monstros.* Ibid.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

OITAVAS (III)

Pág. 187

- 1 *Já por ordem.....* Ibid
9 *E o que um preságio tal...* Ibid.
12 *Dos celestes tesouros* Ibid.

Pág. 188

- 3 *Nos ares, Deus querendo.....* Ibid.
19 *Crendo bem que as que vós despedireis* Ibid

Pág. 189

- 3 *Rei do Império, depois tão conhecido,*
4 *De Roma.....* Ibid.
19 *..... e leal mão* Ibid.

OITAVAS (IV)

Faria e Sousa nega que estas oitavas sejam de Camões, se bem afirme que o seu Autor *echava mano de uno y otro lance suyo*. A razão da sua recusa a aceitá-las como do Poeta é apenas o considerar os versos *criminosos*. Criminosa a petição e mais criminoso o regedor que a atendesse: *«porque mayor culpa es ser un hombre tan tonto, que una muger casada tan lasciva*. O moralista que neste lance substitui o crítico, está longe de ser melhor do que ele...

Em compensação, acrescentou três poemas em oitavas, mas apenas porque pelo estilo lhe pareceram de Camões. São eles:

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Cá nesta Babilónia donde mana (1685)

Depois que a clara Aurora a noite escura (1685)

De ãa ferosa Virgem desposada (1685)

Algumas eds., inserem o poema *Da Criação e Composição do Homem*, publicado na de 1616. Mas já D. Rodrigo Álvares da Cunha o considerou apócrifo e assim o julgou Faria e Sousa, que lhe não deu acolhida nas *Rimas Várias*.

Teófilo Braga acrescentou um pequeno poema, numa única citava: *Quem ousará soltar seu baixo canto*, extraída do Ms. de Luís Franco. É como segue:

ESTÂNCIA A S. JOÃO

*Quem ousará soltar seu baixo canto,
Após teu alto voo, água divina,
Se tu, além do Sol, subiste tanto,
Que ver outro mais claro foste dina?
Encheste no seu raio puro e santo
Olhos de nova luz, de alta doutrina.
Teu casto e brando peito então encheste,
Quando no Senhor adormeceste.*

A atribuição a Camões baseia-se numa nota à margem com a indicação: «*Cam. não anda*», ou seja: *Camões, não anda impressa nas suas Rimas*. Vem no Códice entre uma Elegia expressamente atribuída a D. Manuel de Portugal e o Soneto — *Ah! minha Dinamene, assi deixaste*.

ELEGIA I

Pág. 199

- 8 *Que nunca lhe passasse.....* Eds. de 1595 e 1598.
12 *Que sepulta qualquer.....* Eds. corrig.
15 *Do passado as lembranças...* Ibid.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Pág 200

- 2 *Não midas....* .. Ibid
9 o lembrar-se Ibid.
14 *Mas como o quer ..* Ms. de L. Franco
23 *Na dura Scítia e no mais duro dela?* Eds. corrig.
25 dũa tigre hircana Ibid

Pág. 201

- 7 *Porque o bem.....* Ibid
14 *Em almas saudosas....* .. Ibid.

Pág. 202

- 22 *Ou já por ver.....*
23 *Ou já por colher.....* Ibid

Pág. 203

- 21 *E todo o largo.....* .. Ibid.

Pág. 204

- 13 *Vendo a morte presente* Ibid.
15 *Oh! a quão bom lugar minha alma iria* Ms de Luís
[Franco
18 *Em quem algũa vez.....* Eds. corrig.
24 honrada sepultura Ms. de L. Franco.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 205

- 2 *E nos próprios...* Eds. corrig.
4 *Ua ilha.....* Ibid.
18 *as ondas frias* Ibid.
26 *da água pura* Ibid.

Pág. 206

- 5 *sono repousado* Ibid.
6 *A grã cobiça de ouro.....* Ibid.
8 *cor de Assíria tinto* Ibid.
16 *Ali lhe mostra.....* Ibid.

Pág. 207

- 13 *meu rudo canto* Ms. de L. Franco.

ELEGIA II

Pág. 208

- 1 *Aquela cujo peito em flama ardido* Ms. de Jurom.
4 *Despois que Amor...* Ibid.
19 *um mal já acostumado* Eds. corrig.

- 20 *Mas em minha alma.....*
 21 *A grave dor.....* Ms. de Jurom.

D. António é a lição das duas primeiras eds. Mas *D. Carolina Michaëlis* provou in — *Zeitschrift für Romanische Philologie* que se trata de *D. Antão de Noronha*. *Juromenha* e *Storck* pensam do mesmo modo, bascados em que o Poeta não poderia fazer as confidências deste poema a um rapazito de 11 ancs, que tal seria a idade de *D. António*, quando *Camões*, pelos seus 22 anos, se encontrava em África. Cumpre acrescentar que no Ms. de *Luis Franco* vem a rubrica: *De Ceita, a um seu Amigo*.

Pág. 209

- 7 *De furibundas ondas poderoso* Eds. corrig.
 9 *Lugar onde se esconda.....* Ms. de Jurom.
 12 *Sempre com som profundo suspirando* Eds. corrig.
 19 se a novidade
 21 *Poderiam mudar.....* Ibid.
 24 *A estrangeira progénie, a estranha...* Ibid.

Pág. 210

- 6 *Mais força se lhe vinha.....* Ibid.
 8 *No ar deixando a vida.....* Ibid.
 11 *Nem com as armas já tão continuadas* Ms. de Jurom.
 12 *De amorosas lembranças...* Eds. corrig.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

- 17 *De terrestres estrelas...* Ms. de Jurom.
17 *Em variadas cores* Eds. corrig.
18 *O monte, o campo, o vale...* Ibid.
20 *Que até duros penedos.....* Ibid.

Pág. 211

- 2 *Porque aos olhos.....* Ibid.
7 *Não basta examinar-me.....* Ibid.
9 *Sem que também me tente* Ibid.
10 *Trazeis um brando espírito...* Ibid.
12 *.....e esquivaças* Ms. de Jurom.
16 *Já quieto me achava.....* Eds. corrig.
18 *Que tirasse desejos.....* Ibid.

Tercetos que o Ms. de Juromenha acrescenta neste passo:

*Mas vós, ó caro, fiel e doce amigo,
Que de amor fero, livre e seus erros
Nunca vistes as mágoas que aqui digo;
Assi nunca as vejais, nem seus ardores
Abrazem nem congelem vosso peito
Com desejo, com súbitos temores.
Não passeis nunca aquele passo estreito
De serdes desamado e mal querido,
Vendo-vos, sem remédio, ser sujeito.
Que a este amigo vosso, amigo fido,
Não negueis um papel que o todo seja
Mais cheio de antre-linhas que polido.
No qual só da minha alma novas veja
Que lá ficou vagueando nessa terra
Com quem mais que a mim ama e deseja.*

- 25 *E se nos brandos peitos...* Eds. corrig.
30 *Que alguma delas me fará contente* Ibid

Pág. 212

- 16 *De Tântalo as maçãs não fugirão*
17 *E as fichas...* Ms. de Jurom

ELEGIA III

Pág. 213

- 8 *Aos montes já, já aos rios...* Eds. corrig.
11 *E aquela ordem com que discorria* Ibid.

Pág. 214

- 2 *A vida com quem morro.....* Ibid.
4-7-10 *Aqui em vez de Ali* Ibid.
16*dourada e bela* Ibid.
21 *Por seu descanso tem.....* Ibid.
24 *Que pouco acordo logra.....* Ibid.

Pág. 215

- 5 *Estendo estes meus olhos.....* Ibid.
8 *E sem graça e sem flor os campos...* Ibid.
10*e rico Tejo* Ibid.
23*livre e ledó* Ibid.
30 *Esta alma assi impaciente...* Ibid.

Pág. 216

- 1 *Quem ás portas tartáreas a chegasse* Ms. de L. Franco
5 *A pena com que vai e que a atormenta* Eds. corrig
7 *Essa imaginação, enfim, me aumenta* Ibid.
9*se contenta* Ibid.

ELEGIA IV

As duas primeiras edições inserem estes tercetos sob o título — *Capítulo*. Deriva-lhes o nome, segundo Faria e Scusa, dos *remates*, ou sejam os versos de construção simétrica 24, 27 (pág. 217), 3 e 6 (pág. 218), e, desta mesma pág., os versos 15, 18, 21 e 24.

- 10 *Tanto a inflamar-me vem...*
11 *E tanto a engrandecer-me...* Ibid.

Pág. 218

- 1*lindo, humano* Ibid
10*só co' a memória* Ibid.
22 *Se, enfim, os meus esp'ritos.....*
23 *A merecer não chegam.....* Ibid.
25 *A causa, pois.....* Ibid.

ELEGIA V

Pág. 219

- 17 *No largo mundo.....* Ibid.
19 *Disse assi: Quando Apolo...* Ibid.

Pág. 220

- 14 *Pacificar.....* Ibid.
18 *Com suaves razões e ponderosas* Ibid.
22 *Como também mil vezes concordaram*
23 *As armas com as letras.....*
24 *A muitos na milícia* Ibid.

Pág. 221

- 2 *.....o estudo deixam grande espaço* Ibid.
5 *Aquela rege e ensina; est'outra fere* Ibid.
12 *Que é um Leonis.....* Ibid.
19 *Daqui nos exercícios.....* Ibid.

Pág. 222

- 4 *E logo que este Reino.....* Ibid.
14 *Por seu claro valor se lá tornasse*
15 *E dos indicos mares.....* Ibid.
19 *Aqui só pode ser.....* Ibid.
26 *A of'recer-vos, Senhor claro e famoso* Ibid.
31 *Pois se só.....* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

ELEGIA VI

Esta Elegia é intitulada na sua 1.^a edição — *A Paixão de Cristo, Nosso Senhor*. Inspirou-a o poema de Sannazzaro — *De morte Christi Domini ad mortales lamentatio* e ainda, do mesmo Autor, a *Lamentatio sopra il corpo del Redentor del Mondo*.

Pág. 223

- 8 *Da Lũa na mudança.....* Eds. corrig.

Pág. 224

- 3 *Por mais que o dificulte humano atino* Ibid.
14 *Pondera-o com discurso repousado* Ibid.
22 *Não dos átomos leves...* Ibid.
26 *Pois este imenso Deus por ti padece* Ibid.

Pág. 225

- 6 *E não por causa natural, secreta* Eds. corrig.
10 *Não vês que cai o monte, a terra treme?* Ibid.
17 *Por falso e violador da sacra Lei* Ibid.
26 *Te dás aos soltos homens...* Ibid.

Pág. 226

- 12 *Diante quem pasmada...* Ibid.
15 *Cuspido, arrepelado.....* Ed. de 1616

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

- 18 *A açoutes rigorosos dessangrado* Eds. corrig
25 *As venerandas barbas...* Ibid.
30 *Da vitória...* Ibid.

Pág. 227

- 8 *Dos Padres são que o Limbo têm escuro* Ed. de 1616.
14 *Pois muito mais...* Ed. corrig.
19 *Mas qual será o humano...* Ibid.
24*não sinalasse* Ed. de 1616.
26 *Convertendo-se em fontes e regando*
27 *Aquelas faces belas e excelentes!*
28 *Quem a ouvira com vozes...* Ibid.
31*o puro rosto.....* Ibid.

Pág. 228

- 11*as puras tetas.....* Ibid.
21 *A grave causa dela.....* Ibid

Pág. 229

- 8*tão viciosos* Ibid.
17 *A confessar um Deus.....* Ibid.

ELEGIA VII

Pág. 230

- 11 *Me deu mal...* Ed. corrig

ELEGIA VIII

Storck, e D. Carolina Michaëlis com ele, duvidou da autenticidade desta Elegia, mas sobretudo pelo critério subjectivo do gosto. Publicamo-la, com reserva embora, porque há nela traços que o Poeta poderia subcrever, ao lado de outros que a cópia podia ter deformado.

Pág. 233

- 1 *Que tristes novas ou que novo dano*
2 *Que inopinado mal.....* Eds. corrig.
9 *Que alegre se embarcou na triste...* Ibid
13 *.....escudo ou peito...* Ibid.

Pág. 234

- 1 *Não as fortes palavras...* Ibid.
3 *Que tímidos as costas lhe mostravam* Ibid.
5 *Rotos por partes mil e traspassados* Ibid.
9 *Dos duros inimigos.....* Ibid.
14 *Imatura e inocente já fazia* Ibid.

Fixera é a lição da Ed. de 1668. Altera o esquema rimático que exige *fazia*. Mas assim mesmo lá vem.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

- 17 *E como débil flama.....*
18 *O radical humor... Ibid.*
24 *A solta, àquele a dá...*

Falta este terceto na ed. de 1668:

*Mas se de tal valor foi morte dina,
A ausência que do gosto nos salteia,
A perpétua saudade nos inclina.* Eds. corrig.

Mas também faltam nas eds. corrig. os tercetos que vão do n.º 25 da pág. 234 até 27 da pág. 235. Insere-os a ed. de 1668.

Pág. 236

- 7 em tudo raro Eds. corrig.
9 *Nem de risco sujeito a algum reparo* Eds. corrig.
13 *Também tu, moço Idálio, assiste quedo* Ibid.
16 *Pois os fermosos.....* Ibid.

Pág. 237

- 3 *Agua não só, do dano recompensa* Ibid.
9 *Que deles o discurso lance fora* Ibid.
11 *Hão-de lançar de si toda a memória.*
12 *De exemplos claros, sólidos respeitos*

Falta nas eds. corrig. o terceto que vai do v. 13 ao v. 15.

- 17 *Ó claro D. Filipe.....* Eds. corrig.
22 *Que mal a Natureza determina* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

25 *Imanidade estúpida, dizia* Ibid.

27 *Ê não sentir efeitos...* Ed. de 1668.

Pág. 238

Os versos do n.º 4 até 9 da pág. 239 são omissos nas outras eds., mas inserem elas este terceto, que não vem na de 1668:

*Em vós um sofrer alto se exp'rimente
Qual nos fortes varões foi conhecido,
Como em estranha, em lusitana gente.*

Pág. 239

11 *Como de ilustre tûmulo carece* Eds. corrig.

13 *Mas consola-me, enfim...* Ibid

Pág. 240

8 *Adora quem o tem...* Ed. de 1668.

10 *Mas aíl que terror súbito...* Eds. corrig.

15 *Aos fortes, lusitânicos arneses* Ibid.

17 *Ou fraqueza?* Ibid.

21 *E os corações ardentes* Ibid.

Pág. 241

9 *Já em públicos lugares, já em secretos* Ibid.

18 *Mostrando-lhes o ventre, em terror tanto...*

19 *Pois do dano fugia, vendo-o vizinho* Eds. corrig.

30 *Trocaste cada chaga em clara estrela* Ibid.

7 Falta este verso nas eds. corrig. Insere-o a de 1668.

A Elegia IX é de duvidosa autenticidade, ao menos para D. Carolina Michaëlis. Inserimo-la, porque lhe não falta beleza. Podia ser de Camões.

Correm ainda atribuídas a Camões as Elegias seguintes:

- I *A Aónio que de amor solto fugia* (1685)
- II *Ao pé de ãa alta faia* (1685)
- III *A vida me aborrece, a morte quero* (1685)
- IV *Belisa, único bem desta alma triste* (1685)
- V *De peña en peña muevo las pasadas* (1668)
- VI *Duvidosa esperança, certo medo* (1616)
- VII *Entre rústicas serras e fragosas* (1685)
- VIII *Eu só perdi o verdadeiro amigo* (1861)
- IX *Ganhei, Senhora, tanto em querer-vos* (1861)
- X *Ilustre e nobre Silva, descendido* (1668)
- XI *Juízo extremo, horrífico e tremendo* (1668)
- XII *La sierra fatigando de continuo* (1668)
- XIII *Não porque de algum bem tenha esperança*
[(1668)]
- XIV *Nunca um apetite mostra o dano* (1668)
- XV *Quem poderá passar tão triste vida* (1861)
- XVI *Saiam desta alma triste e magoada* (1668)
- XVII *Se obrigações de fama pesam tanto* (1616)

Não as inserimos, porque:

A I está cheia de erros. Diz dela F. e S.: «Yo bien creo que son suyos (os versos), mas no como estan escritos [...] Bien pudera yo repararla (a Elegia), pero entonces seria menos suya que mia. Ay clausulas tan imperfectas que no se dexan entender...».

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

A II, chamada no Ms., segundo o seu primeiro editor, F. e S., *Vergel de Amor*, é construção artificialíssima, onde há tercetos destes:

*As minhas (armas) vêm a ser ãa afeição
Que são os puros cravos misturados
Co a vontade sujeita, que é limão*

.....
*Marmeleiro-me dá arrependimento
Por a salva, que é gosto, tomarei
Coentro oposto ao meu contentamento*

Para cada planta ou flor, seu símbolo sentimental — e percorre-se toda a flora do vergel nesta fria revisão de catálogo, sobre a qual o próprio F. e S. confessa: *no es cosa de mucha importancia*. Da III poderia F. e S., que a publicou, fazer o mesmo juízo, apesar de não ser tão destituída de beleza. Atribui-a aos 17 ou 18 anos do Poeta e exprime a sua admiração porque Camões, no platonismo do amor que o inspira, *empeçasse por donde suelen acabar los viejos*. A IV julga-se ser de Francisco de Andrade, num dos Mss. utilizados por F. e S., onde em vez de *Belisa* figura *Felícia*. Não obstante, diz: «De que en esta que pongo por de Camões ay cosas que son inegavelmente suyas nadie lo poderá negar». Inserem-na como do Poeta igualmente os Mss. de Luís Franco e Cancioneiro de Fernandes Tomás. Da V, muito obscura, sem a habitual fluência camoniana, tal como da X, tão prosaica; da XII; da XIV, de tão arrevesada construção, e ainda da XVI — e isto posto não hajam sido publicadas antes de 1668 nem atribuídas a qualquer outro autor — afirma D. Carolina Michaëlis (*Zeitschrift für Romanische Philologie*, V vol., pág. 68) não haver nem provas intrínsecas nem extrínsecas que as inculquem de Camões. Este juízo parece não poder estender-se tão seguramente à XVI, onde é possível encontrar certas aparências de estilo camoniano. Mas é tão frágil a prova extrínseca de pertencer ao Poeta, baseada apenas sobre a atribuição de Alvares da Cunha!...

Quanto à VI, foi reconhecida como intencional e grosseiro decalque da III Elegia de Diogo Bernar-

des — *Incertas esperanças, certo medo*. O próprio F. e S. não a publicou, por julgá-la apócrifa. A VII, tal como a II, foi encontrada em Escalona por F. e S. num Ms. do século XVI, juntamente com um sermão português, uma descrição do Dr. João de Barros sobre a comarca de Entre-Douro-e-Minho, e várias poesias, *las más dellas malas*. Mas a todas estas indicações não junta ele a mínima relativa às circunstâncias que lhe fizeram considerar o poema de incontestável autoria camoniana. É esta Elegia que Manuel Severim de Faria, na *Vida do grande Luis de Camões*, dá como uma das traduzidas pelo Pceta? Ou antes como tal considera as Oitavas IX publicadas por Juromenha (11-243-362)? É difícil sabê-lo, porque o assunto é o mesmo. Aliás, tais oitavas não é seguro que sejam de Camões. O Ms. de L. Franco insere-as, mas sem indicação de que seja ele o Autor.

A VIII, dedicada à morte de D. Álvaro da Silveira, foi encontrada por Juromenha, mas não diz este com quais garantias de autenticidade. É sem méritos literários e abusa de formas de que só conhecemos um exemplo em Camões: *aquestes, daquete, n'aquisto*. A IX que vem no Ms. de Luís Franco, é variante da Elegia — *Aquele mover de olhos excelente*, recolhida por Soropita. A XI é tradução livre de versos por seu turno traduzidos dos que refere Santo Agostinho terem sido compostos em grego pela sibila *Eritrea* — um acróstico sobre as palavras que naquela língua significam *Jesu Christo, filho de Deus*. A XIII é imitação livre de Diogo Bernardes. Incluiu-a Álvares da Cunha, sem a mínima cautela crítica, entre os poemas de Camões. A XV, encontrada — diz Juromenha — no seu Ms. do século XVII, é nitidamente paráfrase alheia ao Soneto — *Alma minha gentil que te partiste*. Da XVII, em louvor de D. Maria Figueiroa, filha de Mestre Belchior, médico em Damão, duvida F. e S. que seja de Camões, porque «si bien ay en ella erudicion (quer dizer comparações mitológicas e históricas) y algunas que la hazen parecer suya, estou cierto en que él la repudiara en aquel estado que alli (no Ms.) tiene». F. e S. tem razão, mas sobretudo quanto à parte em que mais abunda o que ele chama *erudição*...

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

C A N Ç Ã O I

Pág. 260

- 4 *O marmóreo colo*..... Ed. de 595
4 *O marmórco colo, o brando*... Ms. de L. Franco.

Pág. 261

- 3 *Algum herege*... Ms. de L. Franco.
8 *Que da vista me perco, peço nisto?* Ibid.
10 *Porém como resisto*..... Eds. corrig.
13 *Armando-me*... . Ibid.

Pág. 262

- 23 *Mas ah! que não se ganha* Ibid.
25 *E de enleada assi minha esperança* Ibid.
28 *Sabe, canção, que só porque não vejo* Ibid.

C A N Ç Ã O I I

Pág. 263

- 11 *Que é erro em tantos erros o concerto* Ms. de L.
[Franco.
14 *...de Amor o desengano* Eds. corrig.
24 *...causas de matar-me* Ibid.
26 *A este abismo*.....
27 *Nunca soberbo foi meu pensamento* Ibid.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 264

- 3 *Que eu pague por seu doudo.....* Ms. de L. Franco.
11 *Que eu a meu mando.....* Ms. de L. Franco.
12 *Mas como lhes esteve ali presente*
13 *E entenderam.....* Eds. corrig.

A lição do nosso texto é a da ed. de 1595, igual à do Ms. de L. F.

- 16 *Morto de sede estou posto em um rio* Ibid.
16 *De dvida sede morto estou no rio* Ms. de L. Franco.
19 *.....se em beber porfio* Eds. corrig.

Pág. 265

- 7 *E porque.....* Ibid.
13 *E assi ganho e assi perco.....* Ibid.
23 *Afora este penar.....* Ibid.

Pág. 267

- 4 *Bem como o avaro.....*
5 *O achado dum tesouro.....* Ibid.
8 *Vai o sítio cavar com que sonhava* Ibid.
13 *O Amor assi me faz.....* Ibid.
15 *Não sentiriam tanto.....*
16 *Se ignorassem.....* Ibid.
17 *... que já não sei que diga* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

CANÇÃO III

Pág. 268

- 2 *As portas do Oriente...* Eds. corrig.

Pág. 269

- 2 *Que ou donde quer que eu ande ou donde esteja*
[Ibid.]
- 11 *Com os cabelos de ouro*
12 *Que nenhum ouro iguala, se os remeda* Ibid.

Pág. 270

- 18 *Como o Sol faltar sói à redondeza* Ibid.
- 23 *... ..tão largo...* Ibid.

Pág. 271

- 1 *.....feita em hora extrema* Ibid.

CANÇÃO IV

Pág. 271

- 8 *E mansamente até o mar.....* Eds. corrig.
- 12 *Ali se me mostraram...* Ibid.
- 15 *Testa de neve e de ouro...* Ibid.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 272

- 1 *De um dia em outro dia...* Ibid.
3 *Tempo longo passei...* Ibid.
5 *...se empregava* Ibid.
10 *O fim pudesse ver eu alguma hora* Ibid.
15 *Já perdida a esperança* Ibid.
20 *Até no derradeiro* Ibid.
23 *E com que defender-me...* Ibid.

Pág. 273

- 4 *Tu, Canção, estarás...* Ibid.
8 *Com choro suspirando* Ibid.

C A N Ç Ã O V

Pág. 274

- 5 *Não trabalhoso e grave*
6 *Mas doce e leve a vós, minha Senhora* Ms. de Jurom
10 *E então eu, que sempre ando*
11 *.....humilde e escuro* Eds. corrig.
15 *Pintara a minha pena e o vosso gesto* Eds. corrig.
15 *.....meu tormento em vosso gesto* Ms. de L. Franco.
15 *.....meu tormento o vosso gesto* Ms. de Jurom.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Eis a lição do Ms. de Juromenha do verso 16 em diante:

*Pintara os olhos belos,
Verdes e graciosos,
Debaixo de arcos negros e delgados;
Os ondados cabelos,
Louros, largos, fermosos,
Agora ao vento soltos, ora atados;
Os dentes que cercados
Estão, de sangue e riso,
As perlas imitando;
A testa onde, cequando (sic)
A vista está; o carão delgado e liso;
A cor, a graça, o riso;
O seguro repouso honesto e brando,
Que Deus na terra deu
Pera sinal de paz no mundo seu.*

21 *A quem o Sol os raios seus baixou* Eds. corrig.

Pág. 275

2 *Que o querê-la louvar é já escusado* Ibid.

7 *Que em vós se esmerou mais...*

8 *Mas eu, de gente em gente* Ibid.

11 *E sòmente.....* Ibid.

20 *E quando porventura.....* Ibid.

Pág. 276

2 *De tudo o que eu cantasse...* Ibid.

2 *Daquilo que alcançasse* Ms. de Jurom.

12 *E o suspirar que traz a alma consigo* Eds. corrig.

20 *E de o poder achar...* Ibid.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

- 21 *Enfim, determinar-me...* Ms. de Jurom.
23 *E que este meu tormento*
24 *Não darei por nenhum contentamento* Ibid.

Pág. 277

- 1 *E em doce voz.....* Eds. corrig.

O remate desta Canção é diferente do Ms. de Juromenha. Ei-lo:

*Bem me pesa, Canção, que de ornamento
Tão pobre vás e nua;
Por seres minha não, porque és sua.*

C A N Ç Ã O V I

Pág. 278

- 3 *Ua ilha nas partes.....* Eds. corrig.
6 *Os campos inverdece ..* Ms. de Jurom.

Pág. 279

- 6 *O que não pôde ver tão triste vida* Ms. de L. Franco.
18 *Pois eu nunca fui tanto.....* Eds. corrig.
28 *Só pode recear.....* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 280

- 12 *Tão brando ou pouco irado* Ibid.
17 *Da sorte que acontece* Eds. corrig.
20 *Que o médico advertido*
23 *Esperanças, desejos e ousadia* Eds. corrig.

CANÇÃO VII

Pág. 282

- 8 *Tomara eu de amor* Ed. de 1595
19 *Um Amor enganoso.....* Eds. corrig

Pág. 283

- 9 *Causava um admirável.. . . .* Ibid.
11 *Ali as gárrulas aves, levantando*
12 *Vozes não ordinárias, em seu canto,*
13 *Como eu no meu desejo se encendiam.* Ibid
15 *De inflamadas.....* Ibid

Pág. 284

- 2 *Porém só nisto o tive.* Ibid
7 *.... ..por troco . . .* Ibid.

CANÇÃO VIII

Pág. 286

- 4 *Vendo que me condena* Eds. corrig.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 287

- 5 *De que vãmente já me enriquecia* Ibid.
7 *Pois com a ter de vós...* Ibid.
9 *Ser verdade mais pura*
10 *Do que de Arábia o ouro reluzente* Ibid.
12 *Essa condição dura*
13 *Em branda se mudara facilmente* Ibid.
13 *Mudáveis e não mudáveis é a lição das Eds. de 1595*
[e 1598.
14 *Eu, vendo-me inocente,*
15 *Senhora, neste caso...* Eds. corrig.
19 *Se, enfim, não receara...* Ibid.

Pág. 288

- 1 *Porque antes que me prive*
2 *A dor de meus sentidos* Ibid.
15 *(Que é o que mais espero)*
16 *Inda a penas maiores* Ibid.
18 *Por mais que venham...* Ibid.
20 *Que não pode mandar-me a própria morte* Ibid.
22 *Crer tanta crueldade...* Ibid.

CANÇÃO IX

Pág. 289

- 5 *Nem corre claro rio...* Eds. corrig.
16 *O cabo se descobre com que a costa* Ibid.
20 *A roda, a ruda.....* Ibid.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 290

- 8 *De trabalho, de dor* ... Ibid.
24 *Oh! vede...* ... Ibid
28 *Em improvisos choros e em suspiros* Ibid

Pág. 291

- 12 *gemendo amanso* Ibid

Pág. 292

- 9 *E (posto que já tarde)* ... Ibid
11 *E lá entre si.....* ... Ibid
15 *E que tão rica* Ibid.
18 *Logo que vos figura.* ... Ibid

Pág. 293

- 17 *Canção, porque não mouro* Ibid.

C A N Ç A O X

Pág 294

- 16 *E pois já de acertar...* ... Eds. corrig.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Pág. 295

- 8 *Que outra dor é por si* Ibid.
- 13 *De lhes deixar poder...* Eds. corrig.
- 17 *Estrelas infelices destinado...* Ms. de Jurom.
- 16 *Nem trouxe livre arbitrio nem mo deram* Ms. de
[Jurom.]

Pág. 296

- 23 *Que muito se gloriava...* Ibid.

Pág. 297

- 2 *Teve Amor sem que fosse...* Ibid.
-
- 4 *...que ao fervente* Ibid.
- 13 *Que todo o fantasiar.....* Ibid.

Pág. 298

- 30 *Que converter fazia.....* Eds. corrig.

No nosso texto ocorre, por erro de revisão:

Que fazia converter.....

Corrija-se para:

Fazia converter.....

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Pág. 299

- 13 vãmente derramados Eds. corrig.
15 *Que então de siso.....* Ms. de Jurom.
17 *Com que criei.....* Eds. corrig.
28 *De Marte que nos olhos...* Ibid.

Pág. 302

- 7 *A vista, a neve, a rosa, a fermosura* Ibid.
13 *O débil coração.....* Ibid.

CANÇÃO XI

Pág. 303

Escreve Juromenha:

«Em um Ms. encontrei esta graciosa Canção ao restabelecimento da saúde da sua amante; ao mesmo assunto escreveu umas redondilhas». Não sabemos qual o grau de probabilidade de que ela seja do Poeta. Inserimo-la, porque tem a seu favor este selo camoniano — a beleza e a graça.

Além destas Canções, correm ainda atribuídas a Camões as seguintes:

- I *A vida já passei assaz contente* (1685)
II *Bem aventurado aquele que, ausente* (1860)
III *Crecendo vai meu mal, de hora em hora* (1860)
IV *Nem roxa flor de Abril* (1616)
V *O pomar venturoso* (1668)
VI *Por meio d'úas serras mui fragosas* (1668)
VII *Que é isto? Sonho? Ou vejo a Ninfa pura?*
[(1668)]
VIII *Quem com sólido intento* (1668)

Da I diz o próprio F. e S., que a encontrou num Ms. sem nome de autor: «La Cancion está escrita con mucha limpieza. Pero el estilo no es de mi Poeta». A II foi

extraída por Juromenha de um Ms. do Século XVII e por ele publicada, mas não diz se a viu attribuída a Camões. Errada como está e com estrutura estrófica — em cada estrofe uma cascatazinha de versos trissilábicos — fora dos moldes seguidos pelas suas Canções de autenticidade incontestada, não vale a pena inseri-la. O mesmo diremos da VI, publicada por Faria e Sousa e Alvalres da Cunha. O primeiro, impressionado por semelhante recorte estrófico, invocou para o explicar a influência do espanhol Gil Polo, continuador da *Diana*. Mais correcta do que a II, nada empresta à glória do Poeta, nem dele nos diz coisa que valha a pena fixar. A III veio à luz na edição de Juromenha, que a encontrou no Ms. de Luís Franco. Faltam-lhe versos. Se é do Poeta, é dos seus momentos menos felizes. Além de que nela nos surpreendem termos jámais encontrados nas *Rimas*, em versos sem o mínimo cunho camoniano:

*E no tempo brumal o céu espelhado
Não está sempre ofuscado;
E às vezes o mar manso tem tormenta,
Mas escassa-se o vento, a fúria assenta.*

A IV vem na ed. de 1616. Também está fora dos moldes camonianos, que são os de Petrarca e Bembo. Falta-lhe naquela edição o envio final, que só mais tarde se acrescentou, e com forma estranha. Se é de Camões, pertence à época juvenil dos ensaios.

As Canções V, VII e VIII são com razão consideradas apócrifas. O próprio F. e S. as insere sem convicção. Diz tê-las encontrado num Ms. entre poemas de Camões, «mas no que tengan por encima su nombre. Antes de hallar estes Mss. las vi impresas en un libro intitulado *Miscelânea*, de Miguel Leytão, que sin proposito alguno juntó en él versos de diferentes Autores, sin nombrarlos... Creo que son de mi Poeta, y si fueren de otro, imitavale muy bien». Admite D. Carolina Michaëlis que sejam do próprio Leitão de Andrada, posto as publique sem qualquer indicação de autoria, à semelhança do que o Poeta faz em suas cartas, quando nelas dá a conhecer versos próprios. (*Vid. Zeitschrift für Romanische Philologie*, 7. pág. 151).

CORRECÇÕES E ADITAMENTOS AO PRESENTE VOLUME

Além de alguns erros que o leitor facilmente corrigirá, cumpre,

Na pág. 201, nota 11, cortar a palavra *Entenda-se*;

Na pág. 249 (1) l. 5, corrigir *autógrafo* para *apógrafo*.

Na pág. 247, nota 1-2, acrescente-se que por *pontos* se pode entender os que, entre alguns povos bárbaros, cosiam a vagina da menina, para garantir a virgindade da noiva.

CORRECÇÕES E ADITAMENTOS AO VOLUME I

Na pág. 28, l. 17, corrija-se *pudesse* para *pusesse*; na pág. 165, l. 10, *tenho* para *tendo*.

As interpretações expostas em nota na pág. 68, acrescente-se a de Storck, no presente volume, pág. 126, em nota ao verso 17.

AO VOL. II

Corrija-se, na pág. 113, l. 3, *e triste* para *o triste*; na pág. 280, nota 28, 1595 para 1598; na pág. 237, l. 25, *diria* para *dizia*; na pág. 266, nota 23, 29 para 129.

O verso 30 da pág. 298, deve ser: *Fazia converter estes furores*

Na pág. 126 acrescente-se à nota: *nem na de 1598*.

Na pág. 29, l. 16, talvez se deva escrever *ser divino* (verbo e predicativo) em vez de *Ser Divino (Deus)*. A frase, assim, significaria que o *Tempo não sente nem entende* a instabilidade, que impede que se seja divino.

ÍNDICE

PREFÁCIO	VII
AUTO DOS ENFATRIÕES	I
AUTO DEL-REI SELEUCO	77
AUTO DE FILODEMO	128
CARTA I	225
CARTA II	243
CARTA III	249
CARTA IV	259
VARIANTES DO AUTO DOS ENFATRIÕES ...	265
VARIANTES DO AUTO DEL-REI SELEUCO ...	267
NOTAS E VARIANTES DO AUTO DE FILO- DEMO	269

NOTAS E VARIANTES DOS POEMAS INSERTOS NO II VOLUME:

Éclogas	285
Odes	325
Sextina	332
Oitavas	335
Elegias	341
Canções	357
CORRECÇÕES E ADITAMENTOS	369

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA



LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORIA LISBOA